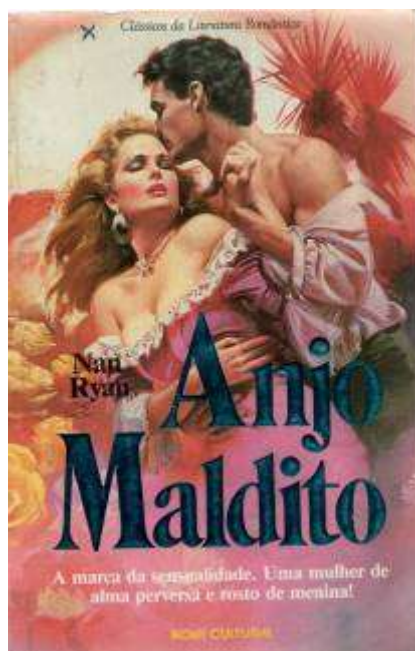


ANJO MALDITO

Desert Storm

NAN RYAN



"Uma trama amorosa ambientada no século XVIII. "

ANGIE, UMA MULHER MARCADA DE AMOR.

TRAÍDA

Por um homem desprezível, que lhe prometera um casamento sem sexo, mas que a desejava e pretendia mais, muito mais...

SEDUZIDA

Por um conquistador irresistível, o mais ousado dos homens, num instante de doce abandono...

HUMILHADA,

Identificada como uma prostituta de luxo à procura de um marido rico...

**UM REDEMOINHO DE PALXÕES INTENSAS, NAS TERRAS ÁRIDAS
DO TEXAS. O DELÍRIO DOS SENTIDOS NA DESCOBERTA DE UM AMOR
MAIS FORTE QUE O ÓDIO.**



CAPITULO I

— Ir para o Texas!

— Foi o que eu disse.

— Mas papai — Angie protestou, horrorizada —, o senhor não pode querer que eu me case com um homem que nunca vi, mais velho que o senhor e que, ainda por cima, mora no Texas!

— Estou fazendo isso para o seu bem — declarou Jeremiah Webster com toda a frieza. — Você devia sentir-se grata por um homem tão rico e religioso como Barrett McClain estar disposto a aceitá-la como esposa.

Apertando as mãos no colo, Angie viu o pai levantar-se da cadeira de balanço e caminhar para junto da lareira, onde o fogo crepitava alegremente.

— Foi só por amor a Deus e pela amizade que tem por mim que Barrett concordou com esse casamento — ele continuou, com um sorriso de satisfação. — Com a educação que lhe dei, você será uma boa esposa para o meu amigo. É a vontade de Deus, Angie. Estou às portas da morte e tenho rezado muito pela sua segurança, depois que eu partir. A carta que Barrett me enviou, aceitando casar-se com você, foi uma resposta dos céus.

Angie não conteve uma careta, apesar de raramente se opor ou questionar as ordens do pai. Tempos atrás, as surras freqüentes, ministradas por Jeremiah Webster, tinham-na deixado quase sem vontade própria. Desde a infância, aprendera que era muito mais fácil concordar com tudo que ele dissesse. Discordar, como ela descobrira pelo método mais doloroso, sempre desencadeava um castigo rápido e severo.

Angie não odiava o pai, pois sabia que, apesar de tudo, ele a amava. Até entendia por que ele a fazia pagar pelos pecados da mãe. O retrato amarelado que vira dela mostrava que ambas tinham a mesma compleição clara, cabelos de um loiro quase branco e feições parecidíssimas. O próprio pai lhe dissera que seus olhos eram tão verdes e brilhantes quanto os da mãe, acrescentando, com desgosto, que a esposa os usara para flertar, bajular e mandar as almas de muitos homens diretamente para o inferno. Deste dia em diante, Angie tivera o cuidado de sempre conservar os olhos baixos, jamais flertando com os rapazes que dela se aproximavam. Além de não desejar mandar a alma deles para o diabo, não queria que o pai a acusasse de um gesto tão horrível.

Angie crescera sob a vigilância severa do pai e aprendera a aceitar a vida sem queixas. Muitas vezes sentia curiosidade pelas coisas que não tinha, mas jamais demonstrava. Aos dezoito anos, quase se envergonhava de seu corpo sinuoso, de mulher feita, e não fazia idéia do que os rapazes da cidade viam nela. Mas não podia

deixar de notar que, aos domingos, na igreja, eles tinham dificuldade de tirar os olhos de seus seios e dos longos cabelos loiros.

Há muito tempo Angie desistira de pedir roupas novas ao pai, conformando-se com as de segunda mão, que lhe davam algumas senhoras da cidade. Às vezes, aparecia na igreja usando vestidos soltos, sem forma, tão grandes que pareciam a ponto de escorregar de seus ombros delicados. Mas os piores eram os pequenos e apertados, que tanto revelavam de seu corpo. Jeremiah Webster, no entanto, jamais parecia notar nada, e ela escondia seu desespero, suportando tudo com a cabeça erguida e o coração pesado de infelicidade.

Angie não se lembrava da mãe, que a abandonara quando ainda era criança. Desde essa época, ficara apenas sob os cuidados do pai, um homem extremamente religioso. Aceitando a solidão como parte de seu destino nesta vida, ela cuidava da casa e o ouvia documente, hora após hora, enquanto ele lia em voz alta, sem se cansar, a bíblia da família.

A idéia de outras moças de sua idade freqüentar bailes e passeando de carruagem pelas ruas de Nova Orleans jamais ocorrera a Angie. Ela sabia que, no seu caso, tais coisas estavam fora de cogitação. Além do mais, não acreditava que um rapaz pudesse ter interesse em visitá-la. A fama de Jeremiah Webster, de educador severo e homem da bíblia, já se espalharam pela cidade, e embora muitos rapazes se entusiassem ao vê-la, nenhum tinha coragem de pedir permissão para cortejá-la.

Quando Angie se tornara mocinha, um garoto mais audacioso cometera o erro de tomá-la pela mão, depois do serviço religioso de domingo à noite, a levá-la para trás da igreja. Sussurrando que ia beijá-la, ele já se inclinava para frente, quando fora empurrado para o lado, com toda a violência. Reconhecendo Jeremiah Webster, o garoto nada dissera, fugindo o mais depressa possível. Angie não tivera tanta sorte. Acusando-a de se comportar como uma prostituta, o pai a arrastara para casa, onde a punira duramente por seus pecados. A notícia do incidente logo se espalhara, pondo fim à vida social de Angie.

Com o passar do tempo, Angie aprendera a sufocar seus sonhos de um dia ter roupas bonitas, freqüentar festas e ser beijada ao luar. Ouvira, muitas vezes, que tais coisas eram pecado, e sabia que suas chances de experimentar esses prazeres eram muito remotas. Assim, aceitara o fato de que estava destinada a cuidar do pai, saindo apenas para ir à igreja. Mesmo nessas ocasiões, não tinha contato com os outros jovens.

Explicando que ouvira as moças da cidade rir e cochichar durante o serviço religioso, o pai a proibira de sentar-se junto delas, levando-a com ele para os bancos centrais.

Acostumado a ser documente obedecido pela filha, Jeremiah Webster não pôde deixar de se admirar ao vê-la questionar sua decisão de casá-la com o melhor amigo que já tivera. Sentiu-se desapontado quando ela o acusou de não considerar

seus sentimentos, pois só queria lhe dar segurança. E não conteve uma sensação de choque, quando ela se levantou e aproximou-se dele, numa atitude de desafio, fitando-o com firmeza.

— Eu tenho feito o possível para ser uma filha respeitadora, papai, mas desta vez o senhor está me pedindo demais. Não vou me casar com esse homem velho, totalmente estranho, que o senhor escolheu para mim. Não é possível que o senhor pretenda me obrigar a fazer uma coisa que não quero!

— Você vai fazer exatamente o que eu lhe disser — Jeremiah gritou, vermelho de raiva. — Minha paciência com você chegou ao fim, mocinha! Estou às portas da morte e mereço alguma paz. Foi por minha causa que você nasceu, e é meu dever providenciar para que tenha uma vida digna. Não posso ir para o túmulo, sabendo que poderá terminar como... como a sua... Não vou deixar que se perca, depois de tantos anos de uma educação cuidadosa. Entendeu bem, Angie? Não vou permitir que acabe como a sua mãe!

— Por que o senhor tem tanta certeza de que vou me perder? — Colocando as mãos na cintura, Angie aproximou-se mais do pai. — Não *posso* levar a culpa pelo que minha mãe foi. Além disso, eu sou sua filha, papai. Não sou uma pecadora nem tenho a intenção de me perder. Deve haver outra solução para mim, que não seja me casar com esse velho. Posso me empregar numa casa de família ou então... Eu sou inteligente, papai, talvez até consiga um lugar de preceptora...

— De jeito nenhum! Você vai se casar com Barrett McClain, o mais cedo possível! Partiremos dentro de uma semana, por isso é melhor começar a empacotar suas coisas. Antes que ocupe o lugar que é meu por direito, lá em cima, você já será a Sra. Barrett McClain. Agora, saia daqui. Você me cansou, e eu quero descansar.

Muito pálido Jeremiah deixou-se cair sobre a cadeira de balanço e fechou os olhos. Como já fizera tantas vezes antes, Angie censurou-se por aborrecer o pai, um homem tão doente e bem-intencionado. Ansiosa, como sempre, para agradá-lo, aproximou-se timidamente e, ajoelhando-se junto dele, murmurou:

— Desculpe, papai. Eu não queria aborrecer o senhor. Sou mesmo uma filha ingrata e egoísta. Perdoe-me. — Prendendo a respiração, ela colocou uma das mãos sobre a do pai, afagando-a com ternura. — O senhor é que sabe o que é melhor para mim. Vou tentar ser uma boa esposa para o seu amigo, o sr. McClain.

Com um suspiro, o pai abriu os olhos sem vida e fitou-a.

— É em você que estou pensando, Angie.

— Eu sei, papai. — Angie sorriu para ele. — E lhe agradeço por arrumar esse casamento. Espero merecer toda a bondade do Sr. McClain.

Jeremiah puxou a mão que ela afagava.

— Já é tarde e estou cansado.

Antes que ele conseguisse se levantar, Angie já estava de pé, procurando ajudá-lo.

— O senhor precisa descansar, papai. Vou levá-lo até seu quarto.

Vagarosamente, eles percorreram o corredor estreito, em direção ao quarto nos fundos da casa. Esforçando-se para suportar o peso do pai, Angie abriu a porta empenada e conduziu-o até a cama, onde esperou que ele se ajeitasse para tirar-lhe os sapatos.

— Precisa de mais alguma coisa, papai? Quer que eu vá buscar um copo de leite, leia alguma coisa ou...

— Eu só quero dormir.

Nada de "boa noite", "obrigado", ou "eu amo você, Angie". Mas, enfim, isso nunca existira.

— Boa noite, papai.

Angie fechou a porta do quarto atrás de si e foi para a cozinha. Depois de tirar a mesa do jantar, lavou os pratos, secou-os e guardou-os no armário. Também varreu o chão e ajeitou as cadeiras em volta da mesa, antes de se dar por satisfeita e procurar seu quarto, junto ao do pai.

Os últimos raios do sol de abril iluminavam o aposento, através da janela aberta. A esfera vermelha já sumira no horizonte, mas ainda se refletia nas nuvens baixas, pintando-as em tons de rosa e escarlate. Angie apertou os braços em torno do corpo e respirou fundo, cheia de admiração pela natureza que enchia seu mundo de tanta beleza. Uma beleza tão grande, que chegava a doer.

Durante um longo tempo ela continuou onde estava absolutamente imóvel, sem querer perder um segundo do maravilhoso espetáculo. Só quando os ruídos da noite se espalharam pelo ar e os últimos traços de cor sumiram no horizonte, começou a se preparar para dormir. Não estava com sono e teria preferido sentar-se na varanda da frente, aproveitando o ar fresco do anoitecer. Mas seu pai inúmeras vezes a alertara contra um passatempo tão tolo, dizendo que não ficava bem uma moça sentar-se do lado de fora de sua casa, sozinha, à vista de todos que passavam como se estivesse anunciando alguma coisa.

Mesmo não concordando com isso, Angie evitava a varanda, só indo até lá quando ele se sentia bem o suficiente para acompanhá-la.

Jeremiah Webster também considerava um desperdício intolerável usar os lampiões a óleo para outra coisa que não fosse ler a Bíblia. Assim, Angie não tinha muita escolha, a não ser ir para a cama. Dependurando o vestido limpo, mas surrado, num prego atrás da porta, ela fechou as cortinas da janela e terminou de se despir. Uma anágua e calções de musselina, já bastante gastos, eram suas únicas roupas

íntimas. Sendo esbelta por natureza, ela não precisava de espartilho, mas teria sido gostoso possuir uma camisola de renda ou uma combinação. No entanto, como dizer ao pai que estava se tornando uma mulher e precisava de roupas de baixo mais apropriadas a sua idade?

Angie simplesmente não podia. E as boas senhoras da igreja, que lhe davam todas as roupas que vestia, nunca tinham pensado em fornecer-lhe roupas de baixo. O mesmo acontecia com as camisolas. Ela não tinha nenhuma. Por isso, ia para a cama todas as noites tão nua quanto nascera. Sabia que estava cometendo um pecado horrível ao dormir assim, mas não tinha outra escolha.

Com o vestido dependurado atrás da porta, e os calções e a anágua esticados sobre uma cadeira, Angie levantou as cobertas e ajoelhou-se debaixo delas. Juntando as mãos sob o queixo, fechou os olhos e recitou suas orações, com a esperança de que o bom Deus a atendesse, embora estivesse vergonhosamente nua.

— Meu Deus, ajude-me a melhorar para não desapontar mais papai. Dê-me forças para enfrentar o que vier e... Se for possível, livre-me desse casamento com um estranho. — Ela fez uma pequena pausa, depois terminou, depressa: — Perdoe meus pecados e abençoe meu pai. Em nome de Jesus, amém.

Angie tornou a abrir as cortinas, antes de se deitar. A brisa primaveril agitou a renda gasta, dando-lhe vontade de empurrar o lençol de cima para os pés da cama. Em vez disso, no entanto, puxou-o até o queixo, protegendo-se da leve brisa, que poderia brincar pecaminosamente, com seu corpo.

Muitas noites, mal adormecia, Angie começava a sonhar. Nesses sonhos, sempre estava um homem que nunca vira e que se sentava a seu lado, com o rosto bonito inclinado para o seu e os olhos cheios de amor. E ele a acariciava, os dedos deslizando intimamente, devagar e com ternura, por todo o seu corpo. Começava nos ombros, descendo pelos seios e passando pela cintura, enquanto ela tentava aproximar-se ainda mais dele. O homem sorria o tempo todo, sem tirar os olhos dos seus, escorregando os dedos firmes por sua cintura, chegando ao ventre e descendo cada vez mais...

Nesse ponto, Angie sempre acordava com um sobressalto, sentindo-se culpada por ter uma mente tão pecaminosa, a ponto de só lhe proporcionar sonhos depravados.

Naquela noite, no entanto, Angie ficou acordada muito tempo, pensando no que a esperava. Sentia-se muito desanimada. Desanimada e com medo do futuro. Jovem e ingênua, ela encarava a idéia de se casar com terror. Aos dezoito anos, nunca fora cortejada, nunca se sentara de mãos dadas numa varanda, nunca fora beijada no banco de trás de um *buggy*, e nunca participara de conversas juvenis com outras garotas, sobre o que acontecia na noite de núpcias.

No entanto, dentro de alguns meses seria a esposa de um homem dez anos mais velho que seu pai. Barrett McClain tinha exatamente cinquenta e oito anos.

Pessoas tão velhas ainda... Seria possível que ele esperasse dormir com ela? Com certeza, não. Seu pai jamais a entregaria a um homem assim. Barrett McClain era um devoto, temente a Deus, como seu pai. O sr. McClain ia se casar com ela só para que tivesse uma lar, depois da morte do pai. Sem dúvida era um homem bom, que não pretendia exercer seus direitos de marido. Era bobagem se preocupar com isso.

Angie relaxou um pouquinho. Sua vida com Barrett McClain não seria muito diferente daquela que levava com o pai. Na certa ele esperava que mantivesse a casa limpa, cuidasse das roupas dele, preparasse as refeições e o acompanhasse à igreja. Com o tempo talvez até aprendesse a gostar do Sr. McClain, o que muito ajudaria a preencher o vazio que a morte do pai, com toda certeza, deixaria em sua vida.

Lágrimas inundaram os olhos verdes de Angie.

Pobre papai! Pobre, pobre papai! Que garota egoísta e de coração duro era ela, deitada ali, pensando apenas em si mesma, quando ele estava às portas da morte.

Pobre papai!

CAPÍTULO II

Barrett McClain sentou-se à mesa, no pátio sul da *Tierra dei Sol*. De imediato, uma criada mexicana aproximou-se para servi-lo.

— Só quero uma xícara de café, Dolores. E enquanto a Srta. Emily não vier, pode esperar lá dentro.

— *Si*. — Com um sorriso no rosto moreno, Dolores fez uma reverência e desapareceu no interior da casa da fazenda.

O sol acabava de surgir no horizonte. Todas as manhãs, Barrett McClain levantava-se antes do amanhecer. Fazia isto desde a infância e continuaria a fazer enquanto vivesse.

Os longos anos de trabalho duro, levantando-se cedo e dormindo cedo, tinham se transformado no padrão de sua vida. Atualmente rico e poderoso, Barrett não tinha mais necessidade de trabalhar tanto quanto antes, e mesmo assim continuava a administrar, com mão de ferro, a enorme fazenda no sudoeste do Texas. Com quinhentos mil acres de terra, quarenta mil cabeças de gado de raça, setecentos cavalos, cem vaqueiros, quinze empregados domésticos e uma casa espaçosa, sua propriedade era uma das maiores do Texas, constituindo-se num verdadeiro império.

Barrett McClain gostava de sentar-se no pátio sul, em meio ao silêncio da manhã, e correr os olhos pela vasta extensão de terra, que era sua. Sob o bigode branco e bem aparado, seus lábios finos sempre se curvavam num sorriso. Tudo

aquilo era seu. Tudo. Desde as terras que se estendiam para muito além do horizonte, até o mais gordo bezerro, o mais forte vaqueiro, a mais bela peça de mobília e o mais delicado copo de cristal. Tudo e todos pertenciam a ele. E logo outra belíssima possessão se juntaria ao que já tinha.

Barrett McClain tomou um gole de café e olhou em torno, assegurando-se de que estava sozinho. Sorrindo, colocou a xícara sobre a mesa e enfiou a mão no bolso do casaco, retirando uma pequena fotografia. Quase com ternura, ele a colocou sobre a toalha de linho branco, contemplando a moça sorridente ali retratada. Nunca vira um rosto tão lindo. Nem os cabelos presos na nuca, num coque apertado, conseguiam diminuir-lhe a beleza. Na verdade, o penteado severo até servia para realçar-lhe os traços delicados, mostrando a perfeição dos olhos grandes e brilhantes, do nariz pequeno e arrebitado, do queixo oval, dos lábios cheios e do pescoço longo e gracioso. Ela estava sentada, com as mãos no colo e a saia cobrindo os pés que, com certeza, eram pequenos e bem-feitos. Os ombros também eram esbeltos, formando um quadro delicioso com a cintura fina e os seios arredondados.

Sorrindo tolamente, Barrett McClain passou o indicador pela foto, murmurando num tom apaixonado:

— Ah, minha menina! Será que você tem idéia do quanto é bonita? Mal posso esperar para provar seu corpo delicioso. Deve ter sido por vontade de Deus que mantive minha amizade com seu pai, durante todos esses anos. Agora, quando ele tanto precisa, posso estender a mão a vocês dois. — Barrett riu baixinho, antes de acrescentar: — E como vou estender a mão para você, minha pequena! Se bem conheço. Jeremiah Webster, ele a educou da forma certa. Você deve ser tão pura e inocente quanto um bebê. Mas não tenha medo, minha linda, estou mais que ansioso para transformá-la numa mulher.

A idéia lhe era tão agradável, que o fez sentir uma pontinha de culpa. Mas isso logo desapareceu, e ele disse para o ar, com certa irritação:

— Não haverá pecado nisso. Estaremos casados, e será meu dever mantê-la satisfeita, para que ela não se sinta tentada a fazer algo que possa comprometer sua alma imortal!

Com os olhos brilhando de alegria, Barrett meneou a cabeça branca várias vezes. Como sempre, conseguiu se convencer de que o que pretendia fazer era certo e santificado. E se, por acaso, o que era certo e santificado ainda lhe trouxesse prazeres terrenos, melhor.

— Bom dia, Barrett.

A voz suave da cunhada trouxe-o de volta à realidade. Agarrando a fotografia com ar de culpa, Barrett enfiou-a no bolso e se levantou.

— Bom dia, Emily.

Ele sorriu cortesmente e puxou a cadeira para que ela se sentasse, voltando

então à sua.

— Havia alguém aqui com você, Barrett? Tive a impressão de ouvir vozes — Emily York comentou, tocando a campainha de prata para chamar os criados.

— Não. Dolores é que estava aqui, um minuto atrás.

— Deve ter sido isso, então. Ah, aí está ela! Bom dia, Dolores. Esta manhã, vou preferir um prato de leite e cereais.

Colocando sobre a mesa as frutas que trazia artisticamente arrumadas numa fruteira de cristal, Dolores inclinou-se para servir café à patroa.

— Quer acrescentar mel e passas?

— Não, só creme e uma colher de açúcar.

Quando a mexicana desapareceu no interior da casa, Emily voltou-se para o cunhado.

— Recebeu mais alguma notícia da chegada dos Webster, Barrett?

Barrett McClain dissera à irmã da falecida esposa que um amigo em dificuldades lhe pedira ajuda. Ao longo do tempo, ele falara com frequência de Jeremiah Webster, embora não o visse há mais de vinte anos, desde 1865, o fim da Guerra de Secessão dos Estados Unidos.

Fora durante aqueles tempos sangrentos de tragédia que os dois homens se conheceram e fizeram amizade. Barrett, dez anos mais velho que Jeremiah, havia sido o oficial-comandante do amigo, no bravo Terceiro Regimento da Louisiana. Juntos, eles tinham visto batalhas ferozes, partilhado sonhos e falado de Deus. Para Jeremiah, Barrett admitira que a esposa que o esperava no Texas, uma linda mulher de cabelos escuros e olhos azuis, não era tão religiosa quanto deveria. Muitas vezes ela não comparecia aos serviços dominicais por pura preguiça. Pecos, seu único filho era uma criança difícil e voluntariosa:

Aparentemente, herdara as más qualidades da mãe, sendo necessário puni-lo, com frequência, pelos modos desrespeitosos que tinha.

Jeremiah Webster meneara a cabeça num_gesto de entendimento, penalizado pelo amigo. Na sua opinião, não podia haver nada pior que ser vítima de uma mulher sem moral irrepreensível. E fora isso que dissera ao amigo, acrescentando que talvez fosse melhor Barrett abandonar a esposa.

— Bem que eu gostaria — replicara Barrett. — Mas não posso, por causa do menino.

Na verdade, havia outra razão para ele não. Abandonar a esposa. A fazenda no Texas, da qual ele tanto falara para Jeremiah, pertencia única e exclusivamente a ela. Com a morte precoce do pai, treze anos atrás, a linda Kathryn York tornara-se

uma das mulheres mais ricas do Texas. Na época, ele já a cortejava, a um mês após a morte de John York, casara-se com ela.

— Você é um bom homem, Barrett McClain — dissera Jeremiah Webster contemplando o amigo com admiração.

— Vou rezar por você, pela sua esposa e pelo seu filho.

— Obrigado, Jeremiah. — Barrett ficara emocionado. — E eu rezarei para que a mulher de sua vida seja tão pura de coração e devota quanto você.

— Esse é o único tipo de mulher por quem posso me apaixonar

— Jeremiah afirmara com ênfase, sem saber que a mulher que o destino lhe reservava faria a de Barrett McClain parecer uma santa.

— Barrett? — repetiu Emily, notando que ele estava distraído.

— Recebeu mais alguma notícia dos Webster?

— Recebi um telegrama, ontem. — Brincando com o lado esquerdo do bigode branco, Barrett tentou esconder a excitação. — Na próxima quinta-feira, Jeremiah e a filha tomarão o barco que vai de Nova Orleans a Galveston. De lá, irão de trem até Marfa. Se tudo correr bem, estarão aqui no dia primeiro de maio.

Emily tomou um gole da xícara de porcelana, e perguntou:

— Quantos anos tem a filha desse seu amigo, Barrett? Ela é da idade de Pecos ou mais velha?

Barrett enfiou a mão no bolso do casaco, tirando um cigarro.

— Você se importa que eu fume, Emily?

— Claro que não. — Ela sorriu com doçura. — Já ouvi você falar dessa moça muitas vezes, mas nunca fiquei sabendo que idade ela tem.

— Infelizmente, a Srta. Webster é muito nova. Mas isso não tem remédio, tem? Ela precisa da minha ajuda, e eu a ajudarei.

— Que idade?

— Dezoito!

Tomado pela raiva, Barrett teve vontade de gritar que aquilo não era da conta dela, mas se conteve. Havia muitos anos, Emily e ele viviam sob uma trégua não muito firme, se bem que tremendamente necessária. Após a morte de Kathryn, ele precisara de alguém para tomar conta de Pecos, e ela, solteira e sem dinheiro, tinha necessidade de um lar e segurança.

Que eles não gostavam um do outro, todos sabiam. Durante aqueles anos, Emily lhe dedicara um ódio profundo e silencioso. Ela nascera no quarto principal do primeiro andar e nunca vivera em outro lugar. Dez anos mais nova que a irmã, Emily tinha catorze anos quando o pai morrera. Ela atribuíra a sua pouca idade o fato do

pai ter deixado tudo que tinha para Kathryn, exigindo apenas, em seu testamento, que a filha mais velha cuidasse da mais nova. John York também havia declarado, nesse testamento, estar certo de que a filha mais velha daria à irmã o que lhe era de direito, assim que Emily atingisse a maioridade.

Kathryn provavelmente teria feito isso, se não tivesse se casado com Barrett McClain. Quando Emily atingiu idade suficiente para reclamar sua parte na herança do pai, Barrett já estava no comando de tudo, e ela jamais conseguira que ele lhe desse uma resposta clara e precisa, quando tocava nesse assunto.

Naturalmente, Barrett sempre lhe assegurava que só precisava pedir para ter tudo o que queria e precisava. Não havia motivos para preocupação. Ela confiava nele, não confiava? Afinal, todos naquela região do Texas sabiam o quanto Barrett McClain era bom. Ele não ia à igreja todos os domingos? E não rezava sempre? E não estava sempre pedindo à esposa e ao filho, e também à própria Emily, que o acompanhassem aos serviços dominicais e lessem com ela a Bíblia, para serem puros de mente e alma?

Emily jamais entenderia como Barrett McClain convencera Kathryn a deixar tudo para ele, em seu testamento. Mas fora isso que acontecera. Ao morrer, aos trinta e sete anos, Kathryn deixara a irmã, de vinte e sete anos, e o filho, de onze, completamente sem dinheiro. Barrett McClain herdara tudo e ainda tivera a audácia de aparentar surpresa, ao ouvir a leitura do testamento. Comentando que essa era a vontade de Deus, Barrett garantia a Emily que ela teria um lar em *Tierra dei Sol*, enquanto desejasse. Emily, que nunca fora muito independente ficara. Não tinha capacidade de ganhar a vida fora e ainda por cima amava o sobrinho como se fosse seu próprio filho.

Com os anos, a amargura que ela sentia em relação à situação fora diminuindo. Bastava-lhe saber que, com a morte de Barrett, seu adorado sobrinho herdaria tudo. Só isso lhe importava.

Agora, no entanto, Emily sentia que a herança do sobrinho podia estar em risco. Sentada ao lado do cunhado, ouvindo-o falar de seu próximo casamento com uma garota de dezoito anos de idade, ela se arrepiou da cabeça aos pés. Pecos na certa ficaria furioso quando soubesse da novidade.

Calmamente, ela disse:

— Eu sei que você quer ajudar um velho e bom amigo, Barrett, mas não acha que está indo longe demais com essa história de casamento? Dezoito anos! Ela é uma criança, Barrett! Você não pode se casar com uma garota de dezoito anos.

Barrett tragou e soltou vagarosamente a fumaça do cigarro, como se o que a cunhada dissera não o afetasse em absoluto.

— Ela pode ser jovem, Emily, mas Jeremiah me garantiu que é muito eficiente. Desde que a mãe os abandonou, vem tomando conta de tudo, na casa.

Jeremiah também me disse que Angie... ahn, a garota... é muito eficiente na cozinha, na limpeza e...

— E o que tem isso a ver com esse casamento? — Emily interrompeu-o, indignada. — Você tem uma casa cheia de criados, Barrett. Dificilmente ela terá que desempenhar qualquer tarefa doméstica, não é?

— Tem razão, mas... É que...

— Barrett, por que você não traz essa menina para cá e simplesmente a deixa viver conosco? Não há a menor necessidade de se casar com a coitadinha e...

— Estou chocado com você, Emily York! — Barrett tentou parecer tão indignado quanto a cunhada. — Está realmente sugerindo que uma moça solteira viva comigo, sem as bênçãos da igreja? Todos ficariam escandalizados, e com razão!

— Isso é ridículo, e você sabe. Eu moro aqui, ela estaria muito bem protegida de qualquer falatório. Não haveria nada de errado se essa criança vivesse sob o seu teto. Ninguém pensaria...

Sentindo o sangue subir-lhe ao rosto, Barrett apagou o cigarro na xícara de café e inclinou-se por sobre a mesa.

— O que você me diz de Pecos?

— O que tem Pecos?

— Ele também mora aqui, durante uma parte do ano. E poderia... Se sentir tentando a... As pessoas fariam!

Emily apoiou os cotovelos sobre a mesa, unindo os dedos sob o queixo.

— Você sabe muito bem que Pecos passa mais tempo fora do que aqui. Além disso, ele não dará a menor atenção a essa garota, a menos que ela seja extraordinariamente... Bonita. — Emily fez uma ligeira pausa, depois perguntou: — Ela é Barrett?

— Como é que eu vou saber? Eu nunca a vi, e você sabe disso!

— Hum... Eu só pensei que talvez o pai a tivesse descrito, numa das cartas que lhe mandou. Ou mesmo lhe enviado uma fotografia.

Barrett quase perdeu a compostura. Seu primeiro impulso foi mentir, mas não o fez.

— Jeremiah me mandou mesmo uma fotografia da filha. É meio embaçada, mas ela me pareceu sadia e de feições agradáveis.

Num gesto lento, Emily baixou as mãos para o colo. Pelo jeito do cunhado, sabia que a moça devia ser bonita. Uma onda de medo assaltou-a. Se a garota era realmente bonita, poderia muito bem convencer o tolo do Barrett a lhe deixar tudo que tinha depois que se casassem.

Tão decidida quanto Barrett a manter a compostura, Emily tentou convencê-lo novamente de que não devia casar-se, usando seu tom de voz mais agradável:

— Barrett, eu sei que você é um bom homem e quer fazer o que for melhor pelo seu amigo. Por favor, não se sinta obrigado a casar-se com essa menina. Já é muita generosidade recebê-la nesta casa. O povo de Marfa sabe que tipo de homem você é, e ninguém verá nada de mal no fato de ter aqui a filha de seu velho amigo depois que ele morrer. Não quer pensar melhor no que vai fazer? Eu o ajudarei no que puder, juro! Pelo menos deixe a moça viver conosco uns seis meses, antes de se casar com ela!

Barrett estendeu a mão para uma colher de prata, pondo-se a brincar com ela.

— Teve notícias de Pecos, ultimamente? — perguntou.

— Não. Há várias semanas que não ouço nada dele. Mas você conhece Peco, qualquer dia ele aparece.

— Exatamente! E antes que ele apareça, pretendo me casar com Angie Webster. Não quero que Pecos...

— Alguém falou em mim? — indagou uma voz grave e alegre, vinda da outra extremidade do pátio.

Emily e Barrett voltaram-se ao mesmo tempo. Um homem alto e sorridente caminhava para eles. Seus cabelos, de um preto azulado, brilhavam ao sol, e seu corpo esbelto movia-se com a graça de um felino, cada passo acompanhado pelo som tilintante de uma espora de prata. A camisa branca e folgada que ele usava estava aberta até o meio do peito, expondo-lhe os pêlos escuros e crespos. Um cinturão de couro preto e macio pendia-lhe dos quadris, e o cabo brilhante de seu revólver refletia os raios do sol, cegando temporariamente o atônito Barrett McClain.

Junto à mesa, o homem alto e esbelto parou, exibindo os dentes muito brancos num sorriso aberto. Inclinando-se então para Emily York, envolveu-lhe o rosto com os dedos longos e morenos, beijando-a na testa e perguntando num tom alegre:

— Como vai a minha garota favorita?

Com um sorriso de boas-vindas iluminando-lhe as feições, Emily ergueu os braços e segurou as mãos dele.

— Pecos! Você voltou!

CAPITULO III

Foi com muita tristeza que Angie Webster fechou a porta do único lar que tivera em toda a vida. A casa pequena, na Rua dos Sicômoros, fora praticamente todo o seu universo desde que nascera. Muitas vezes se aborrecera com seus

confinamentos forçando entre quatro paredes, mas a idéia de deixa-las para sempre e ir para uma terra distante, onde se casaria com um homem que nunca vira, era apavorante.

Hesitante, com a mão na maçaneta, Angie correu os olhos pelo hall de entrada, agora vazio. Seus olhos ardiam de vontade de chorar, e ela quase fechou a velha porta diante de si, recusando-se a sair.

— Deixe de moleza, Angie! Está na hora de irmos. Ouvindo a voz áspera do pai, ela saiu, fechou a porta e desceu apressada os velhos degraus da varanda.

— Bom dia, Sr. Davis — disse Angie, sorrindo com meiguice para o vizinho da casa em frente, que prometera levá-los até o cais.

— Bom dia, Angie.

Tomando a mão que ele lhe estendeu, ela se acomodou na carruagem alta, onde seu pai já se achava, com as valises. Ouviu as molas da carruagem gemerem, quando Bert Davis subiu.

— Prontos? — ele perguntou, segurando as rédeas.

— Prontos — Jeremiah confirmou.

— Angie? — Bert olhou para o rostinho triste e, num tom mais suave, indagou: — Podemos ir, Angie?

Com as mãos trêmulas escondidas sob as pregas do velho vestido azul-marinho, Angie mordeu os lábios e confirmou com um gesto de cabeça. Entendendo seu desespero, Bert estalou a língua, tocando a velha égua.

Ele também estava triste. Com a esposa, Pearl, era vizinho dos Webster havia quinze anos, e ainda se lembrava muito bem do dia em que chegara. Acabava de ajudar Pearl a descer da carruagem, quando a criança mais linda que já vira atravessara correndo a rua, com os cabelos claros brilhando ao sol de julho. Aos três anos de idade, Angie Webster era uma menina absolutamente adorável.

— Eu sou Angie. Quem são vocês? — gritara, jogando-se nos braços dele e rindo, deliciada, ao ser erguida no ar.

Sem filhos, os Davis se apaixonaram de imediato pela garotinha. Infelizmente, no entanto, seu amor tivera de ser mantido a distância. Naquele dia de julho, quinze anos atrás, Jeremiah Webster não tardara a sair de casa, aproximando-se apressado dos estranhos que admiravam sua filha. Com uma expressão severa, ele os cumprimentara friamente, tirando Angie dos braços de Bert. Depois de uma rápida apresentação, tornara a atravessar a rua e entrar em casa.

Os Davis ainda olhavam, surpresos, para a casa do outro lado da rua, quando ouviram os gritos apavorados da menina. Espancando-a com um cinto, Jeremiah Webster dizia-lhe, aos berros, para nunca mais falar com estranhos, desobedecê-lo ou sair de casa.

Bert sentira-se responsável por aquele castigo tão severo e dissera à esposa:

— Eu vou até lá.

— Eu também — replicara Pearl.

Juntos, eles cruzaram a rua e bateram na porta dos Webster. Jeremiah sorrira-lhes amavelmente e os convidara a entrar. Dos fundos da casa vinha o som dos soluços abafados da garotinha.

— É um prazer receber sua visita — Jeremiah disse, como se não ouvisse o choro da filha. — Essa menina é uma provação constante para mim. Sou um homem de Deus e tento ser tão paciente quanto o Jó da Bíblia, mas não é fácil. Angie tem de aprender a me obedecer. Eu não permito, nem jamais permitirei que minha filha ande pela casa dos vizinhos. Se vocês querem me ajudar, farão o possível para que ela nunca mais tenha vontade de ir a sua casa.

— Ora, seu... — Bert Davis começara vermelho de raiva. Mas a esposa, segurando-o pelo braço, impedira-o de continuar.

— Nós entendemos Sr. Webster — Pearl replicara. — A culpa de tudo foi nossa. Nós vimos sua filhinha e a chamamos. Por favor, não a castigue mais. Não vai acontecer de novo. Agora, se j nos dá licença, temos de ir.

Pearl e Bert Davis mantiveram sua palavra. Pearl era uma pessoa intuitiva e compreendera logo que Jeremiah Webster era um homem duro e mal orientado, cujo modo de pensar não poderia ser modificado.

— A única coisa que podemos fazer, Bert — ela dissera, olhando com tristeza para o marido, é não chamar a atenção da menina para nós. Nunca.

— Você acha que o simples fato de lhe dizermos alô, deste lado da rua, pode fazer com que ela sinta vontade de nos visitar e seja depois castigada?

— Isso mesmo. Jamais poderemos aproveitar a companhia da nossa pequena vizinha, assim como jamais teremos um filho nosso.

— Ah, minha querida... — Bert Davis murmurara, abraçando a esposa com ternura.

Assim, em seus dezoito anos de vida, Angie Webster nunca estivera na casa dos Davis e não fazia idéia do quanto os vizinhos a amavam. Por trás das cortinas, o casal a vira passar de criança precoce, de três anos, a uma moça adorável, de dezoito. Por trás dessas mesmas cortinas, Pearl, com os olhos cheios de lágrimas, < viu Angie descer os degraus da casa em frente e subir na carruagem, ajudada por Bert. Sacudida por soluços, ela os viu desaparecer na esquina, em silêncio despediu-se da linda garota, que nunca j mais teria a oportunidade de encontrar.

A tristeza de Angie cedeu lugar ao excitação, quando eles chegaram ao cais. Ela nunca tinha visto o Rio Mississippi, embora sua casa fosse perto o bastante para ouvir, de lá, os apitos dos navios que chegavam e saíam. Com o olhar brilhante,

tentou seguir tudo. O que acontecia no local. Enormes guindastes colocavam fardos de açúcar nos cargueiros a vapor; homens brancos e negros, nus j da cintura para cima, gritavam e cantavam, contraindo os músculos fortes sob o peso das cargas que levantavam, carregando-as sobre as costas escorregadias de suor.

De repente, Angie ouviu o pai censurá-la com aspereza.

— O que é isso, menina? Uma moça educada não olha desse modo para um homem nu. Você me envergonha, Angie Webster!

— Eu... Desculpe papai.

Angie virou a cabeça para o outro lado, excitada demais para se deixar afetar pelas palavras dele. Bert Davis ajudou-a a descer da carruagem e, juntos, os três foram descendo em direção ao embarcadouro. Angie caminhava entre os dois homens, de repente, levou a mão à boca, abafando o riso. A poucos metros dali, um garotinho negro sapateava alegremente, agradecendo com uma profunda reverência, quando os transeuntes lhe jogavam moedas.

Angie teve a impressão de que o rio era um lugar encantado. Em todo canto, via coisas novas e fascinantes. Vendedores empurravam carrinhos, oferecendo flores deliciosamente perfumadas, lagostas do Golfo e sorvetes.

Os olhos verdes de Angie se iluminaram, quando ela se aproximou do vapor de passageiros que iam tomar. Na prancha de embarque subiam dois casais jovens e bem vestidos, rindo com alegria. As moças giravam no ar sombrinhas delicadas, que protegiam suas peles brancas como leite e combinavam com seus vestidos de seda, feitos de acordo com a última moda de Paris. Mãos enluvadas agarravam-se possessivamente aos braços dos rapazes que usavam belíssimos casacos e calças justas, bastante reveladoras.

— Vou me despedir agora — disse Bert Davis, parando junto à prancha de embarque.

Jeremiah apertou a mão do vizinho.

— Obrigado por ter nos trazido.

— Foi muita gentileza sua — Angie acrescentou, com um sorriso que fez o coração do bom homem apertar-se.

— Adeus, Angie. Boa sorte em sua nova vida — Bert desejou. Sua vontade era beijá-la, mas limitou-se a apertar-lhe a mão.

Angie retribuiu o aperto e sorriu para o homem que, durante todos aqueles anos, não fizera mais que cumprimentá-la uma vez ou outra. Sentiria falta de vê-lo entrar em casa todas as tardes, exatamente às 5:57 h. E também sentiria falta de ver Pearl saindo para a varanda, todas as tardes, exatamente às 5:55 h., para esperar o marido.

Quando Angie pisou no convés do vapor, com o pai segurando-a firmemente

pelo cotovelo, foi tomada por uma sensação deliciosa. Sem dúvida, a viagem através do Golfo seria uma maravilha. O vapor estava cheio de viajantes de todas as idades e, disfarçada-mente, ela lançou olhares interessados aos rapazes em volta.

Os mais audaciosos não esconderam a admiração que sentiam por ela. Mesmo com seu vestido velho e gasto, Angie chamava a atenção. E seu coração, que minutos atrás pesava de tristeza, agora batia alegre, excitado com a aventura.

A animação de Angie diminuiu depressa, quando o pai apertou seu braço com mais força e sugeriu que descessem para suas Cabines. Recusando-se a esconder sua decepção, ela se virou e fitou-o, com os olhos verdes flamejando.

— O senhor não pode estar falando sério, papai! É a primeira vez que entro num navio. O senhor não pode querer que eu desça, antes de ter a chance de ver alguma coisa e conhecer outras pessoas!

— Se você se esqueceu da razão desta viagem, eu não me esqueci. Estou levando a futura esposa do meu amigo ao encontro dele. Conhecer outras pessoas! Pensei que você já soubesse como se comportar, mas vejo que não. Em vista disso, não tenho outra escolha a não ser deixá-la em sua cabine, pelo resto da viagem. Não era essa a minha intenção, mas você me decepcionou, como de costume, e causou sua própria punição. Vou providenciar para que nossas refeições sejam servidas em minha cabine. — Olhando para os enormes olhos tristes, que o fitavam, Jeremiah acrescentou: — Sinto muito, Angie, mas prometi a meu amigo que ele teria uma esposa pura e pretendo cumprir o que disse.

Angie abriu a boca para protestar, mas logo a fechou. Não ia adiantar. Ele nunca a ouvira e não começaria agora. Além do mais, não tinha vontade de servir de espetáculo para os jovens alegres e as famílias felizes que vira no convés.

Desanimada, de ombros caídos, Angie se deixou levar para a pequena cabine que ocuparia. Uma escotilha minúscula, tão alta que ela teria de ficar na ponta dos pés para olhar para fora, seria sua única alegria durante a viagem até Galveston, no Texas.

— Vou trancar a porta e guardar a chave no meu bolso, Angie. Na hora das refeições, virei buscá-la. Se por acaso eu estiver muito doente para isso, mandarei que tragam uma bandeja com a comida.

Dizendo isso, Jeremiah fechou abruptamente a porta da cabine.

Angie ouviu o barulho da chave girando na fechadura e separando-a dos companheiros de viagem. Separando-a dos rapa-

26

zes simpáticos e das garotas bonitas, das músicas, das flores e das danças no salão principal, do cheiro do mar e da sensação da névoa sobre sua pele. Como sempre, Angie Webster estava sendo afastada da vida.

CAPITULO IV

Barrett McClain sentiu o sangue subir-lhe ao rosto ao ver o filho junto à cadeira de Emily, com um sorriso zombeteiro nos lábios. Pecos sempre aparecia quando menos era esperado... Ou menos desejado. Torcendo para que aquela visita fora de hora fosse curta, Barrett forçou um sorriso e disse com voz calma:

— Que bom ver você, filho! Eu não sabia que estava em Marfa. Pecos deixou-se cair na cadeira ao lado da tia, piscando para

ela, com ar bem-humorado.

— Na verdade, eu estava no México. — Ele fixou os sorridentes olhos cinzentos no pai. — Mas fui tomado por um estranho pressentimento. Algo me disse que eu deveria voltar imediatamente a *Tierra dei Sol*, e foi o que fiz. Aconteceu alguma coisa? Foram as suas orações que eu ouvi pai? O senhor estava rezando para que eu voltasse?

Pecos riu, sem tirar os olhos do pai. Barrett McClain não achou graça.

— Não acha que é um pouco cedo para piadas? Não sei o que veio fazer aqui, mas...

— Ora, papai! Não ficou contente em me ver? Pensei que o senhor...

— Chega, Pecos — Barrett exclamou, irritado com a zombaria ~ do filho. — Não sei que motivo você tem para viver me provocando!

— Calma, Barrett — intercedeu Emily. — O rapaz passou semanas fora daqui. Não dá para você...

— Não tem importância, tia Em. Ao que parece, cheguei em má hora. — Pecos sorriu para a tia, antes de voltar a fitar o pai. — Posso saber por que o senhor não me quer em casa agora?

Barrett ignorou a pergunta.

— Por quanto tempo pretende ficar, Pecos? Semicerrando os olhos, Pecos serviu-se de uma xícara de café.

— Se o senhor me disser por que não me quer aqui, talvez eu lhe diga quando vou embora.

Sem conseguir se controlar, Barrett deu um murro no braço da cadeira em que se achava.

— Se você ficar para sempre ou for embora agora, para mim não faz a menor diferença! Mas vou lhe dizer uma coisa, e uma vez só: não quero ouvir uma palavra sua contra a minha decisão! Dentro de alguns dias teremos hóspedes em *Tierra dei*

Sol. Jeremiah Webster, meu velho amigo, está doente e às portas da morte. Ele e a filha vêm para cá. Depois da morte do pai, a filha continuará conosco.

— Como assim? Essa mulher vai trabalhar aqui? Ou vai ficar como hóspede permanente? Uma filha para você e uma irmã para mim? É isso?

— Ela ficará como minha esposa — explodiu Barrett, zangado com o filho, por fazê-lo sentir-se tolo e culpado.

Pecos virou-se para a tia. O rosto dela, muito pálido, tinha uma expressão preocupada.

— Pecos, meu querido... — começou Emily, com medo do que ele pudesse dizer ou fazer.

Mas ele sorriu, recostando-se na cadeira. E, como sempre, fazendo o que menos se esperava dele, comentou num tom pensativo:

— Uma mamãe nova em folha. Que maravilha! Espero que ela me conte histórias e me embale na hora de dormir, quando eu me sentir inquieto.

— Você tem que zombar de tudo? — indagou Barrett, furioso. — Eu lhe comunico que pretendo me casar de novo e você faz piadas? Não tem nada de peso a me dizer?

Num tom ainda baixo e calmo, Pecos interrompeu o pai.

— Faria diferença, se eu tivesse? O senhor nunca pediu a minha opinião em nada. Agora, faça o que achar melhor. Case-se com uma mulher que nunca viu. Para mim, não faz a menor diferença. — Levantando-se, ele beijou a tia e murmurou: — Vou cumprimentar Reno, depois vou me lavar e dormir um pouco. Quer almoçar comigo, quando eu acordar?

— Com prazer, querido.

Fitando novamente o pai, Pecos perguntou:

— Quando é que a tímida noiva e seu orgulhoso papai vão chegar?

— Daqui a algumas semanas — contou Barreti, fazendo o possível para não perder a compostura. — Até lá, você já terá se cansado da *Tierra dei Sol* e ido embora.

— Hum... — O rapaz cocou distraidamente a barba por fazer e sorriu. — Passei tanto tempo fora de casa, ultimamente, que talvez resolva ficar e conhecer minha nova mamãe.

Com um riso zombeteiro, ele girou nos calcanhares e se afastou seguido pelo olhar fulminante do pai.

Reno Sanchez virou-se na cama estreita, tentando se levantar. Seus olhos escuros abriram-se por um instante, mas logo se fecharam. Um dos braços

escorregou para fora da cama, enquanto roncos suaves escapavam de sua boca entreaberta.

— Reno, seu vagabundo, abra a porta! — uma voz de homem ribombou, quebrando o silêncio do pequeno quarto.

Os olhos escuros abriram-se novamente. Reno passou a língua pelos lábios, esfregou os olhos e levantou a cabeça, ainda sonolento.

— Vá para o diabo, seu gringo de boca mole! — gritou em resposta, pensando que era um dos vaqueiros da fazenda.

— Se eu tiver que...

Mas interrompeu-se bruscamente, quando a porta abriu-se com estrondo e o intruso entrou, sorrindo.

— Levante-se, dorminhoco! — Pecos exclamou, arrancando os lençóis da cama.

Rindo também, Reno levantou-se de um salto e agarrou a calça, que estava sobre um banquinho.

— Pecos, seu filho da mãe! Quando foi que chegou? Já vestido, Reno abraçou o amigo.

— Agora mesmo. Mas que droga, Reno! Sua gente não consegue fazer nada, porque está sempre se abraçando. Tire essas mãos de mim!

Sem se ofender, Reno sorriu com afeto para o homem que mais admirava, o dente de ouro faiscando à luz da manhã.

— Que coisa, Pecos! Eu estou feliz por vê-lo. — Ele tornou a abraçar o amigo, que desta vez agüentou firme, mas não escondeu o alívio, ao ser solto. — Quer uma xícara de café?

— Você não tem *Bourbon*

Pecos correu os olhos pelo quarto de adobe, que há anos era o lar de Reno.

Reno nascera em *Tierra dei Sol*, cinco anos antes de Pecos. Filho de um vaqueiro e uma das criadas da casa ficara órfão aos catorze anos de idade. Seu pai, um homem de sangue quente, envolvera-se com uma das ajudantes da cozinheira da fazenda e cometera o erro de satisfazer sua paixão numa noite em que achava que a esposa e o filho dormiam. Mas ela estava acordada e seguira até o celeiro, onde o vira com a outra.

Tomada pelo ciúme, Connie Sanchez pegara o punhal, que sempre levava consigo, e o enterrara nas costas do marido. Mas se arrependera de imediato e, gritando mais alto que a garota apavorada que tentava se levantar, jogara-se sobre o marido, implorando-lhe que falasse com ela. Raul Sanchez, no entanto, estava morto.

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Connie arrancara o punhal das costas

dele. Enquanto a outra ainda gritava, deitara-se ao lado do marido morto e, com uma punhalada certa no coração, tirara a própria vida.

Reno Sanchez acordara com os gritos. Já sabendo o que havia acontecido, vestira-se o mais depressa possível e corra para o celeiro. Fora o primeiro a chegar.

Ajoelhando-se junto aos pais, tentou ouvir seus batimentos cardíacos. Não havia nenhum. De olhos secos, levantou-se e cobriu-os com uma das cobertas dos cavalos.

— *Dios* tenha piedade de suas almas — murmurou, fazendo o sinal da cruz.

Depois disso deixou o celeiro, não mais um garoto. E à luz da lua, prometeu a si mesmo jamais quebrar os votos sagrados do matrimônio. Também não permitiria que o desejo físico arruinasse sua vida ou a de outro ser humano.

Reno cumpriu sua promessa. Apesar de ser um homem amoroso e de sangue quente, jamais perdeu o controle de suas emoções. Casou-se uma vez e foi fiel à esposa. Desde que enviuvou não se apaixonou por outra mulher. Provavelmente jamais se apaixonaria, pois tivera a melhor e não queria outra.

Pecos estavam com nove anos, na época em que Reno perdeu os pais. Querendo ouvir todos os detalhes da tragédia, foi à cabana dos Sanchez, alguns dias depois do duplo funeral. Quando Reno não lhe deu nenhuma informação espontânea, Pecos não hesitou em fazer-lhe perguntas diretas, pois, afinal, o mexicano não passava de um empregado da fazenda.

— O que foi que houve, mexicano? — indagou. — Seu pai estava pulando a cerca com a ajudante da cozinheira?

Com um olhar feroz, Reno jogou-se sobre Pecos, agarrando-o pelo colarinho.

— Seu garotinho estúpido e mimado! Nunca mais fale assim comigo. Meus pais estão mortos. Como eles morreram, não impor; ta. Eu amava os dois e vou arrancar-lhe a cabeça, se ouvir você j falando deles assim novamente. Agora, dê o fora daqui! Esta é a minha casa.

Pecos, assustado, obedeceu sem hesitar. Mas viu as lágrimas no rosto orgulhoso de Reno Sanchez. Nesse dia, decidiu ser amigo dele. Levou algum tempo andando atrás do garoto mais velho e, no fim, disse-lhe, com franqueza, que gostaria de ser seu amigo. Reno não o gostaria disso?

Reno riu, então, despenteando o garoto mais novo.

— *Si*, Pecos — assegurou. — Podemos ser amigos para sempre, desde que você não se esqueça de que não ligo a mínima para f o fato de o seu sobrenome ser McClain. Está bem assim?

— *Si*, Reno. — Pecos sorriu para ele. — E por que você haveria de ligar?

Depois daquele verão, dezoito anos atrás, Pecos McClain e Reno Sanchez tornaram-se tão unidos quanto dois irmãos. Passavam a maior parte de seu tempo

livrem juntos, cavalgando, caçando, nadando e deitados sob a luz das estrelas, sonhando com um futuro cheio de viagens e aventuras.

Quando Barrett McClain o censurava por isso, Pecos dizia-lhe não ligar a mínima para o fato de o sobrenome de Reno ser Sanchez. Nessas ocasiões, ele era invariavelmente castigado com surras severas, por sua linguagem e desrespeito. Mas de nada adiantava, pois Pecos decidira ser como seu amigo Reno: ele mesmo selecionaria as pessoas com quem desejava passar seu tempo e não mudaria de opinião, por mais que o pai o surrasse.

Sentando-se à cavaleiro numa das cadeiras do velho amigo, Pecos observou-o servir o café. Acrescentando uma dose de *Bourbon* a sua xícara, tomou um gole e sorriu.

— Você devia ter ido comigo nesta viagem, Reno. Não vai acreditar, mas encontrei a mulher dos meus sonhos, em Paso.

Paso dei Norte, na fronteira entre o Texas e o México, era um lugar excitante, onde rapazes aventureiros podiam encontrar, com facilidade, os prazeres que queriam. Todos os salões, restaurantes e casas de jogos da cidade ficavam abertos vinte e quatro horas por dia, a semana inteira. Lá, era fácil saciar todos os desejos e provar até mesmo os frutos mais proibidos. Pecos McClain era um de seus freqüentadores mais conhecidos, sendo respeitado e temido por jogadores e visitantes, além de muito procurado pelos dois tipos de mulher que existiam na cidade.

— Como é essa sua garota? — Reno perguntou ansioso para ouvir as histórias do amigo. — Mas, antes de qualquer coisa, me dê um cigarro.

— Que droga, Reno! Você nunca compra cigarros? — Apesar da aspereza na voz, Pecos sorria. Tirando o maço do bolso, ele o jogou sobre a mesa, recostando-se melhor na cadeira. — Encontrei essa garota na minha última noite lá. Eu tinha dormido a tarde inteira e resolvi tomar um banho e procurar companhia feminina.

— Ah, *sí!* Aposto que você...

— Vai me deixar contar ou não?

— Claro. Desculpe ter-lhe interrompido.

— Ótimo! Depois de um banho, eu me vesti e fui para a praça, procurando um lugar para ir. Foi quando me vi diante do *Hurri-cane Gussie's*. Eu tinha ouvido dizer que a cantora de lá era linda, loira, com uma pele que parecia porcelana e um corpo de tirar o fôlego de qualquer um.

Pecos interrompeu-se, esfregando os cansados olhos cinzentos. Reno esperou que ele continuasse o que logo aconteceu.

— Mesmo achando que aquilo tudo era exagero, resolvi entrar. No bar, pedi uma garrafa de uísque e me encostei no balcão. Exatamente quando eu estava me

servindo, o pianista começou a tocar, as cortinas de veludo vermelho se abriram e uma mulher surgiu no palco. Todos começaram a gritar "Angel, Angel", enquanto eu a fitava de boca aberta, como um bobo. Ela era linda, Reno! E o nome, "anjo", parecia feito de encomenda para ela.

— O que aconteceu, então? Essa Angel também gostou de você?

— Gostou. Os olhos dela, verdes como esmeraldas, percorreram o salão e foram parar em mim. O tempo todo, ela cantou com os olhos nos meus. E só canções de amor! Quando terminou, foi ao meu encontro, e nós procuramos uma mesa discreta. Pedimos champanhe, para acompanhar a refeição, e Angel me fez muitas promessas, entre beijos deliciosos. Completamente fascinado, sugeri que subíssemos, e ela concordou. Abraçados, meio "altos" e excitados, começamos a subir a escadaria. Estávamos no meio, quando um inglês louco atravessou o salão correndo, com um revólver na mão. Ele gritava que Angel lhe pertencia e que ninguém mais a tocaria, além dele,

— *Dios!* — Reno exclamou, impressionado.

— Eu empurrei Angel para um lugar seguro e procurei meu revólver. Mas antes que eu pudesse tirá-lo do coldre, o inglês já tinha apertado o gatilho. — Pecos meneou a cabeça. — Sabe onde ele mirou? No meio das minhas pernas!

— Uau! E ele...

— Não, eu ainda sou um homem. Graças a Deus, o sujeito ti-' nha péssima pontaria. A bala passou por mim e foi se enterrar no corrimão da escada.

Reno sorriu, fitando o amigo com admiração.

— Você é mesmo um sujeito de sorte, Pecos!

— Não tanto quanto você pensa. O maldito xerife ouviu o tiro e veio correndo, com um rifle de carga dupla. Ele nos meteu na cadeia, sem fazer uma pergunta sequer, e, em vez de passar a noite na cama de Angel, passei-a atrás das grades. — Rindo, Pecos inclinou-se para a frente e apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Na manhã seguinte, tive de pagar vinte e cinco dólares de fiança para sair. — Ainda rindo, ele se levantou. — Eu vou dormir um pouco, meu velho. Só passei por aqui, para cumprimentar você. O que acha de sairmos esta noite e irmos a Marfa?

Levantando-se, Reno acompanhou Pecos até a porta.

— 5/'. Podemos visitar Georgina e Lupe. Lupe tem sentido a sua falta, Pecos.

— Vamos ver. Lupe é bonita, mas não é Angel. Por Deus, Reno, se aquela mulher não fosse uma prostituta, eu me casaria com ela!

— Está brincando, não é?

— Não estou, não. — Pecos sorriu, levando a mão ao ombro do amigo. — Já soube da novidade? Meu pai resolveu se casar de novo.

— Eu ouvi dizer. Não é uma boa coisa para você, é?

— Nem tanto. Você sabe como o meu velho é pão-duro. — Pecos fitou a casa da fazenda, depois sorriu com indolência. — Essa fulana na certa é uma solteirona magra e seca, sem o menor charme. Acho que para tirar um centavo que fosse do meu pai, uma mulher teria de ter a beleza da minha Angel.

CAPÍTULO V

Muito triste com seu confinamento na cabine úmida do vapor, Angie despiu-se e deslizou para baixo do lençol áspero. Seu pescoço estava duro, de tanto se esticar para ver a paisagem, através da escotilha. Um suspiro escapou-lhe dos lábios e ela lutou para não se deixar dominar pela auto piedade. Afinal, no dia seguinte o vapor atracaria em Galveston, no Texas, e o pai teria de livrá-la daquela prisão.

Com essa esperança no coração, Angie fechou os olhos e logo adormeceu. Pouco depois, o moreno desconhecido entrou em seus sonhos. Como de hábito, ele puxou o lençol que cobria seu corpo nu, fitando-a com uma expressão terna e afetuosa. Com um toque firme e gentil, pôs-se a acariciá-la, passando os longos dedos em seu rosto, em seu pescoço, nos ombros, braços e... Lábios quentes apossaram-se dos seus, e ela não conteve um suspiro, antes de prosseguir em direção ao ventre. Uma deliciosa sensação de bem-estar dominou-a, e ela arqueou o corpo, gemendo de contentamento. Dedos de fogo percorreram seu ventre, enquanto um olhar luminoso prendia o seu. Suspirando e estirando os braços, completamente confiante, ela o viu descer a mão por seu ventre, avançando cada vez mais, e prendeu a respiração... Ansiosa... Cheia de desejo... Ardendo por dentro...

— Srta. Webster! — chamou uma voz, enquanto batidas forte ressoavam na porta.

Angie, ainda meio adormecida, respondeu num tom sonolento:

— Não... Angie... Pode me chamar de Angie...

— Srta. Webster! — a voz insistiu mais alto. — Srta. Webster, é o seu pai. Ele piorou muito. É melhor se apressar.

Com o coração batendo forte, Angie voltou à realidade e saltou da cama.

— Estou indo — gritou em resposta, vestindo-se depressa.

Já pronta, fazendo o possível para não se deixar levar pelo pânico, abriu a porta. Deu com um homem alto e de rosto sério.

— Venha comigo, senhorita. — Ele a conduziu por uma passarela estreita e se deteve diante da cabine de Jeremiah Webster. — O médico está com o seu pai. Agora, com licença que preciso voltar ao meu trabalho.

Sabendo que precisava ser forte, pelo bem do pai, Angie respirou fundo e bateu.

O médico logo surgiu e lhe fez sinal de que precisavam conversar a sós. Saiu para o corredor gelado e fechou a porta atrás de si.

— Sinto muito, minha filha — disse, com uma expressão bondosa nos olhos azuis —, mas seu pai está morrendo. Creio que nem chegará vivo a Galveston. Ele está chamando por você. Se quiser, pode ir lhe fazer companhia. Eu ficarei esperando, para o caso de precisar de mim.

Angie sentiu as lágrimas chegando.

— Não há nada que o senhor possa fazer por ele, doutor? O médico meneou a cabeça branca, penalizado.

— Fiz tudo que podia, minha filha.

— Eu sei. É só que... — Ela piscou para afastar as lágrimas. - Obrigada por ajudar. Eu vou ficar com ele.

— Se precisar, é só me chamar.

Na ponta dos pés, Angie entrou na cabine. De olhos fechados, o muito pálido, seu pai mal parecia vivo. Uma onda de amor e ternura assolou-a; lutou para dominar a emoção, puxou uma cadeira e sentou-se junto à cama.

— Papai — sussurrou. — Sou eu, Angie.

Jeremiah virou a cabeça, e um lampejo de reconhecimento brilhou em seus olhos cansados e lacrimosos. Estendeu a mão magra, que Angie tomou entre as suas, com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Não, Angie. Não há tempo para isso. Você tem de prestar atenção ao que vou dizer.

— Claro, papai.

— Eu quero que você saiba que... que eu a amo, minha filha. Você é uma menina tão bonita! Eu sempre tive muito orgulho da sua beleza e inteligência.

Os olhos cor de esmeralda se dilataram. Angie não podia acreditar que estivesse, afinal, ouvindo as palavras que tanto desejara ouvir.

— Acha mesmo que sou bonita, papai? — perguntou, com a voz embargada.

— Acho. Se nunca lhe disse, foi porque tive medo de que você... Existem coisas que você não sabe, coisas que eu não podia...

— Que coisas, papai? Não pode me dizer agora?

— Você tem uma... — Jeremiah tossiu, de modo rouco e doloroso. — Não há mais tempo, Angie. Preste atenção e prometa que vai fazer o que eu quero.

— Prometo, papai — ela respondeu de imediato, ansiosa para agradá-lo.

— Quero que jure que vai se casar com o meu bom amigo, Barrett McClain. Jure, Angie!

— Eu juro, papai. Se é isso que o senhor quer, eu juro que me caso com o Sr. McClain.

— É isso sim, minha querida. Sabendo que você ficará sob os cuidados dele, posso ir em paz para o repouso eterno. Ele é um bom homem, Angie. Tomará conta de você e a protegerá de todos os males.

— Eu sei. Vai ser melhor assim, não é papai?

— Vai. Eu a mantive a salvo deste mundo cruel e decadente, e Barrett McClain continuará o meu trabalho. Diga de novo que se casará com ele, Angie.

— Eu vou me casar com o sr. McClain, papai. E prometo obedecê-lo sempre, como é dever de uma boa esposa.

Jeremiah Webster morreu ao nascer do sol. Angie estava junto dele, quando o médico declarou-o morto e cobriu-lhe o rosto com o lençol. E continuou junto dele durante o resto da viagem. Quando as lágrimas cessaram, ouviu-lhe novamente a voz, pronunciando aquelas palavras surpreendentes:

"Você é tão bonita, Angie. Sempre tive muito orgulho da sua beleza e inteligência... Tão bonita... Tão bonita..."

Uma raiva estranha misturou-se com sua tristeza, e, em voz alta, ela perguntou:

— Por que, papai? Por que o senhor esperou tanto tempo? Por que nunca me disse que me amava? O senhor estava errado, papai. Devia ter me dito, e há muito tempo!

A zanga foi crescendo, e Angie não tentou sufocá-la. Era uma zanga saudável, que lhe lavava a alma e mostrava que não era a única a cometer erros. Sempre fora uma boa garota, e tinha o direito de estar decepcionada com o pai.

Cansada, ela se levantou da cadeira, dizendo:

— Vou tomar um pouco de ar fresco no convés, papai. Mas volto logo. Quando atracarmos, cuidarei do seu funeral. Não posso atravessar o Texas com o senhor, por isso Galveston será sua última morada. — Com a mão na maçaneta da porta, Angie virou-se e lançou um último olhar ao corpo do pai. — Eu prometi ao senhor que me casaria com Barrett McClain e vou cumprir minha promessa.

Angie aceitou o leque que lhe oferecia o homem gordo e barbado, sentado diante dela. Sentia-se como se estivesse há anos encerrada naquele trem superlotado e quente, serpenteando pelas terras sem fim do Texas.

— O senhor é muito gentil — disse, sorrindo para o companheiro de viagem. — Nunca pensei que pudesse ser tão quente, nesta época do ano. — Seu olhar voltou-se para a janela. — Tem certeza de que ainda estamos no Texas, senhor?

Havia dias ela tomara o trem em Galveston, um lugar baixo e de clima úmido, semelhante ao de sua cidade natal. Aos poucos, o cenário litorâneo fora cedendo lugar aos bosques verdejantes de Houston, tornando a se modificar ao entrarem na belíssima região das montanhas. A cada hora, a vegetação ficava mais esparsa, o ar, mais seco, e o trem, mais quente.

— Eu lhe garanto que ainda estamos no Texas, senhorita. E temos muito chão a percorrer, antes de alcançarmos a fronteira oeste do Estado da Estrela Solitária!

Angie fitou novamente o homem sorridente, cheirando a rum, que tomara o trem na última parada, uma cidadezinha pequena e silenciosa chamada Comstock.

— Eu vou descer antes disso, numa cidade chamada Marfa. Sabe se ainda falta muito?

— Não, só uns quatrocentos quilômetros.

— Quatrocentos quilômetros?! Eu tenho a impressão de que já viajei mais de dois mil quilômetros...

O homem riu, orgulhoso do tamanho de seu Estado.

— Não há mais que uns mil quilômetros, entre Galveston e Marfa. Sei que deve estar achando a viagem desconfortável, mas amanhã vai melhorar. Entraremos numa região mais elevada e menos quente.

— Tenho certeza de que sim. — Angie forçou um sorriso. Depois, vendo as gotas de suor que porejavam o rosto de seu companheiro de viagem, perguntou: — O senhor quer seu leque de volta?

— Não, pode ficar com ele. Falta pouco para eu chegar.

— O senhor não vai até Marfa, então?

— Eu desço na próxima parada.

— Sei...

Sonolenta com o calor do meio-dia, Angie logo dormiu, só acordando com a brechada abrupta do trem, algum tempo depois. Seu companheiro de viagem já estava sobre a plataforma de madeira, apertando a mão de dois vaqueiros. Escondendo um bocejo, ela se debruçou na janela, chamando:

— Senhor! Não quer o seu leque de volta? Ele se aproximou do trem.

— Não, pode ficar com ele. E boa sorte, em Marfa. Se algum dia voltar a Langtry, não deixe de me visitar, hein?

— Não deixo, não. Mas quem é o senhor?

O trem começou a se mover vagorosamente, e ele gritou, sorrindo abertamente:

— Sou o juiz Roy Bean, minha filha.

Quando o trem, afinal, chegou a Marfa, Angie não conseguiu dominar o desânimo. A cidade não passava de um agrupamento de estruturas de madeira, com um imponente fórum, alguns *saloons*, um estábulo, uma mercearia e a loja de um ferreiro. A não ser pelo fórum, tudo tinha um ar pobre, de coisa feita às pressas e sem cuidado.

Para uma garota que crescera numa rua ladeada por árvores, na melhor cidade às margens do Rio Mississippi, Marfa, no Texas, era uma pípula difícil de engolir. Situada numa região árida, onde a vegetação era constituída principalmente por cactos, a cidadezinha pareceu a Angie o fim do mundo. Com o coração apertado, ela desceu do trem e fitou as montanhas azuladas no horizonte, onde o sol já se punha.

— *Senorita Webster?*

— Isso mesmo — replicou, virando-se para o garoto alto e sorridente que se curvava diante dela.

— Sou José Rodrigues, *senorita*, e este é o meu pai, Pedro. — Ele indicou o homem sorridente a seu lado. — Estamos aqui para levar a *senorita* e seu pai a *Tierra dei Sol*, a fazenda do *senor* Barrett McClain.

Percebendo que Barrett McClain não estava ali e não sabia da morte de seu pai, explicou:

— Meu pai faleceu em Galveston. Obrigada por virem me buscar.

José, mais forte do que parecia, acomodou sua bagagem na carruagem aberta e depois lhe estendeu a mão, muito corado e sem jeito. Angie, sorrindo timidamente, deixou que ele a colocasse sobre o banco almofadado. Logo, os três estavam a caminho da fazenda.

— Pedro — Angie perguntou —, a fazenda... *Tierra dei Sol* é perto daqui?

— *Si*. Fica a vinte quilômetros, para o norte.

— Vinte quilômetros?! Mas isso não é... Muito perto.

— *Si*, é perto. Muito perto. José sorriu para ela.

— Para a *senorita*, vinte quilômetros pode ser longe, mas para nós, do Texas, não é.

Angie ajeitou melhor o chapéu.

— Ainda tenho muita coisa a aprender sobre o Texas, José. Vou precisar da sua ajuda.

Com a franqueza da juventude, José comentou:

— Acho que a *senorita* não vai ter dificuldade em arranjar ajuda. Não é

sempre que vemos uma garota tão bonita, por aqui.

Apesar de chocada com o comportamento dele, Angie gostou do elogio e sorriu.

— Obrigada, José — murmurou, muito corada.

E não pôde deixar de pensar que Barrett McClain provavelmente ficaria aborrecido, se soubesse que o rapaz, que mandara ao seu encontro, estava sentado a seu lado, dirigindo-lhe elogios. O sorriso morreu em seus lábios. Ela, Angie Webster, deixara seu lar, em Nova Orleans, para se casar com um homem que nunca vira. Passaria o resto de sua vida naquela terra árida e remota, com um estranho mais velho que seu pai. Angustuada, ela apertou as mãos no colo, olhando firme para a frente.

No brilhante céu azul, não havia o mais leve sinal de nuvens.

No horizonte, as montanhas majestosas erguiam seus picos, iluminados pelos últimos raios de sol. A distância, o futuro a esperava. Um futuro tão desconhecido e assustador quanto aquela região selvagem e inóspita, cuja vastidão representava a essência da liberdade e o horror do confinamento eterno.

Confinamento ou liberdade? O que lhe traria a terra estranha e nova? Seria uma prisioneira naquela região desolada, unida pelos laços legais do matrimônio a um homem velho e ciumento? Ou encontraria, afinal, a gloriosa liberdade de uma vida aventureira e sem restrições?

Seu coração bateu apressado, cheio de esperança. Sentou-se mais ereta e respirou fundo.

"Este será o meu lar", pensou, correndo os olhos pelo horizonte. "E eu serei feliz, aqui. Não vou mais olhar para trás, só para a frente. Encontrarei a liberdade, e não, o confinamento. Tenho certeza!"

CAPÍTULO VI

A carruagem continuou aos solavancos, levando Angie Webster de encontro ao seu destino. Exausta pela viagem, embalada pela monotonia do cenário e com os olhos quase se fechando, ela pensou no quanto seria bom chegar a *Tierra dei Sol* e passar o resto da tarde descansando.

De repente, um grão de areia entrou em seu olho esquerdo. Ela piscou, esfregando-o com a mão. Ao perceber o que acontecia, José enfiou a mão no bolso e tirou um lenço branco.

— Por favor, *senorita*, use o meu lenço.

— Obrigada, José.

Angie levou o lenço ao olho, mas, antes que pudesse livrar-se do grão inoportuno, sentiu outros grãos no rosto. Confusa, olhou em torno. O ar claro, de momentos atrás, fora turvado por uma nuvem de areia, que obscurecia todo o horizonte do lado norte. Ao mesmo tempo, um vento forte começara a soprar.

— José... Sr. Rodriguez... O que é isso? — perguntou assustada pelos rodamosinhos que se formavam diante deles.

José e Pedro puxaram os *sombreros* sobre os olhos, e o rapazinho explicou:

— É só uma tempestade de areia, *senorita*. Às vezes é desagradável ser apanhado no meio de uma.

— Tempestade de areia?! Você já tinha visto uma, antes? José sorriu, mas logo fechou a boca para não entrar areia.

A velocidade do vento continuou a aumentar, formando rodamosinhos cada vez maiores. Angie sentiu a areia tapar-lhe o nariz e a garganta. Seus olhos ardiam e a pele queimava. Protegendo o rosto com as mãos, os cabelos soltos e a saia esvoaçando, ela gritou:

— Isso é horrível, José! Nós vamos todos morrer. Não há nenhum lugar onde possamos nos esconder até a tempestade acabar?

— *Tierra dei Sol* é o lugar mais perto daqui, *senorita*. E nós não vamos morrer. Já estive em tempestades piores do que esta. — José tirou do pescoço um lenço de seda vermelha, que mostrou a Angie. — Vou amarrar este lenço sobre a sua boca e o seu nariz, para que a areia não entre neles. Está bem?

Angie concordou e, quando o rapazinho fez o que disse, sentiu-se muito melhor.

Pedro não disse uma palavra. Em meio às nuvens vermelho-amareladas de poeira, manteve os olhos escuros abertos e as mãos firmes nas rédeas, encorajando os cavalos assustados com palavras gentis. Barrett McClain confiara nele para levar a linda gringa, em segurança, até a fazenda, e ele a levaria. Sua única preocupação era com ela.

Em silêncio, cada um com seus pensamentos, eles avançaram em meio a uma das mais desagradáveis demonstrações da Mãe-Natureza. Pedro só pensava em levar a moça, sã e salva, a seu destino, mas os pensamentos de José corriam em outra direção. Não se conformava com o fato de uma moça linda como Angie, poucos anos mais velha que ele, ter concordado em se casar com um homem como Barrett McClain.

Angie, por sua vez, foi sentindo um nó formar-se em sua garganta, à medida que o tempo passava. Deixara a verdejante Louisiana para vir morar naquele fim de mundo, num lugar que já começava a odiar. Não havia nada ali. Nem árvores, nem flores, nem riachos, nem casas bonitas, nem ruas calçadas. Nada, por quilômetros e quilômetros de distância. Nada, a não ser aquele vento horrível e a areia cegante.

Era demais! Lágrimas inundaram seus olhos, escorrendo pelas faces e misturando-se com a areia que lhe feria a pele. Soluços de ' cortar o coração escaparam de seus lábios, atraindo a atenção dos dois homens.

Pedro fitou-a por um instante, depois voltou a se concentrar nos j cavalos. Não sabia inglês, por isso não estava em condições de oferecer consolo a Angie. José, no entanto, sentiu o coração apertar-se diante da angústia daquela moça linda, que estava tão longe de casa e fora de lugar naquela terra desolada, onde o sol e a areia atacavam-lhe a pele delicada.

Impulsivamente, esquecido de seu nível social, José passou o braço pelos ombros de Angie e puxou-a para si. Com o coração aos saltos, sentiu-a enterrar o rosto na curva de seu pescoço e envolveu-a com o outro braço, apertando-a de encontro ao peito.

— Ah, *senorita* — murmurou então, tão baixo que ela mal ouviu —, suas lágrimas partem o meu coração.

Maldita seja esta tempestade, que a faz tão infeliz. Mas nem sempre é assim. Também temos dias lindos, por aqui. O sol brilha e...

— Não é só a tempestade, José — Angie tentou explicar, com i voz abafada pelo choro.

— É... Fascinado, o garoto viu o vento soltar uma longa madeixa dos cabelos claros e soprá-la em torno do rosto de Angie.

— Eu sei — disse, com uma sabedoria muito além de seus dezesseis anos. — Eu entendo Angie. Você não quer...

Pedro o interrompeu. Falando um espanhol rápido, aconselhou i filho a não dizer mais nada. Angie não falava espanhol, mas percebeu a severidade no tom do mexicano e sentiu o corpo do garoto enrijecer, junto ao seu. Ergueu a cabeça, e de imediato José soltou-i. Obviamente, Pedro o tinha censurado por abraçá-la.

Através da areia que dançava em volta deles, Angie fitou os olhos escuros de José. Vendo neles apenas honestidade e bondade, riu fez algo completamente inesperado: passou os braços pela cintura do garoto, abraçando-o com força.

Completamente confuso José olhou para o pai. Pedro retribuiu com um sorriso, pois entendera o significado do gesto inocente de Angie. Por que ela ria, no entanto, não saberia dizer.

Angie continuou a rir, sem ligar para a areia que castigava sua pele e unia-se a suas lágrimas. Ria com espontaneidade, tomada por uma sensação deliciosa. Tão deliciosa, que ergueu a mão e arrancou o lenço vermelho do rosto. E seu riso contagiou os mexicanos, que se puseram a rir, também.

Em meio à tempestade de areia, os três risonhos viajantes, aproximaram-se dos portões de entrada de *Tierra dei Sol*. Nenhum deles enxergou os imponentes

pilares, que ostentavam uma placa com o nome da fazenda inscrito em letras garrafais. Mas Barrett McClain, na companhia de seus dois guarda-costas mais confiais, estava ali, à espera da futura noiva, e não pôde deixar de ouvir o riso alegre dos três.

Barrett McClain tentou enxergar através da areia. A primeira coisa que viu foi uma massa de cabelos loiros, soprados pelo vento. A segunda, dois braços morenos, envolvendo o corpo feminino. Um músculo contraiu-se em seu queixo, ao mesmo tempo em que a carruagem parava abruptamente. Mais que depressa, José Rodriguez soltou a sorridente Angie.

Mas já era tarde. Barrett engoliu as palavras ásperas que gostaria de dirigir ao atrevido garoto mexicano, lançou um rápido olhar para Angie e virou o cavalo, acenando para que Pedro o seguisse. Tomado por uma < mistura de excitação e zanga, disse a si mesmo que, na hora certa, cuidaria dos dois jovens a seu modo. Com Angie Webster, ele se casaria e a levaria para a cama. José Rodriguez, no entanto, seria despido e chicoteado pelo comportamento ultrajante.

Uma onda de satisfação percorreu Barrett, diante da idéia do que faria com a garota e o rapazinho. Sem dúvida, seu prazer seria enorme!

Cavalgando junto dele, Asa Grander e Punch Dobson já tinham percebido que a presença de Angie tornaria o trabalho mais difícil. O velho na certa castigaria José, pelo que vira. E se um gesto inocente como aquele despertara tanta raiva, nem era bom pensar no que aconteceria quando um dos vaqueiros se mostrasse inconveniente com a garota.

Antes que a carruagem parasse no pátio de *Tierra dei Sol*, José estava no chão. Angie estendeu os braços para ele, pensando que o garoto a ajudaria a descer. Mas foi Barrett McClain que a segurou pela cintura com mãos duras e possessivas, prendendo-a por um instante de encontro ao peito, antes de colocá-la no chão.

— Bem-vinda Angie. Eu sou Barrett McClain.

Sem esperar resposta, ele a empurrou para frente, e no momento seguinte estavam num hall espaçoso, protegidos da tempestade por uma pesada porta de carvalho maciço.

Angie tirou o lenço que ainda trazia sobre o rosto, e tentou se limpar.

— Você deve estar ansiosa por um banho, e é o que vai ter, criança. — Barrett aproximou-se dela, estudando-a com atenção.

— Eu... Sim, eu gostaria muito de um banho, senhor.

Sentindo-se terrivelmente deslocada, Angie abaixou a cabeça e não viu o modo como Barrett McClain corria os olhos por seu corpo. Mesmo tendo acabado de sair de uma tempestade de areia, ela estava linda, e foi com relutância que ele ergueu o olhar para seu rosto, perguntando num tom preocupado:

- Onde está o seu pai, criança? Timidamente, Angie fitou-o.
- Papai morreu em Galveston, Sr. McClain. Tive de enterrá-lo lá.
- Ah, mas que pena! — Barrett exclamou. E aproveitando a oportunidade inesperada, abraçou-a novamente.

Angie enrijeceu o corpo, resistindo à vontade de se afastar. Com o rosto apertado de encontro ao peito de Barrett, não viu a expressão de puro prazer que lhe iluminava as feições. Ao mesmo tempo, ele também não viu a de desgosto, que marcou as suas.

- Você sofreu demais, minha querida. — Apesar de não querer, Barrett soltou-a abruptamente. — Mas agora está a salvo. *Tierra dei Sol* é o seu lugar e tomaremos conta de você. Suas preocupações acabaram criança.

- Obrigada, senhor.

Angie descontraiu-se um pouquinho. Os olhos dele eram calorosos, apesar das mãos serem frias como gelo. Ele era velho, mas talvez isso facilitasse o relacionamento dos dois. Talvez esse homem baixo e de cabelos brancos pudesse ser o pai afetuoso que sempre quisera ter. Talvez ele estivesse disposto a protegê-la e mimá-la como se fosse uma filha, em troca de seu respeito e afeto filial.

- Quero apresentá-la a minha cunhada, Angie. Ela já está a nossa espera.

Barrett segurou-lhe a mão, e Angie quase cedeu à vontade de puxá-la de volta. Conseguiu se dominar, no entanto, e acompanhou-o até um enorme salão, de teto alto e mobília magnífica. A estrutura da casa era tão forte e bem-feita, que dali não mais se ouvia o vento.

- Angie, minha querida — cumprimentou-a uma mulher de voz suave e feições gentis, levantando-se de uma cadeira.

- Eu sou Emily York.

Angie gostou de imediato de Emily, que parecia jovem o bastante para ser filha de Barrett McClain. Sorrindo timidamente, tomou a mão que ela lhe oferecia.

- É um prazer conhecê-la, Srta. York.

- Nada disso, você vai me chamar de tia Emily! Se me chamar de outro modo, não respondo.

Sorrindo, ainda cheia de timidez, Angie sentiu que algo atraía seu olhar, do outro lado do espaçoso salão. Encostado ao batente de uma porta, com ar displicente, um homem alto e esbelto tinha os olhos fixos nela. Um arrepio percorreu-a da cabeça aos pés, pois ele a olhava como se soubesse exatamente como era, sem as roupas velhas que usava.

- E você não deve fazer cerimônia, Angie.

A voz de Emily York trouxe-a de volta à realidade.

— Eu... Obrigada, minha senhora.

Angie lutou para desviar os olhos do homem parado do outro lado da sala, mas não conseguiu. Nunca lhe passara pela cabeça que pudesse existir um homem tão bonito quanto aquele. Incapaz de se controlar começou a tremer quando o viu endireitar o corpo e caminhar em sua direção.

— Você está exausta, criança — Barrett McClain exclamou, notando seu tremor. — Vou chamar uma criada para acompanhá-la a seu quarto.

— Com certeza ainda lhe resta energia suficiente para conhecer o futuro filho.

O homem alto, de cabelos e olhos escuros, aproximava-se deles. Fitando-o como se não houvesse mais ninguém ali, Angie não notou a expressão desgostosa que surgiu no rosto de Barrett McClain.

— Meu filho se acha muito engraçado, Angie. — Possessivamente, Barrett passou um braço pelos ombros dela.

— Pecos esta é Angie Webster. Angie, este é meu único filho, Pecos.

Pecos parou tão perto de Angie, que ela, automaticamente, deu um passo para trás. Sem se alterar, com os olhos fixos nos dela, disse:

— Quando falou nela, pai, o senhor se esqueceu de dizer que era parecida com um anjo.

Ele assumiu uma expressão irônica ao pronunciar a palavra anjo, e Angie teve a distinta impressão de que essa ironia era dirigida contra ela. Uma impressão que foi confirmada quando o rapaz lhe estendeu a mão, dizendo:

— Não quer apertar a minha mão? Isso não vai lhe custar nada, vai?

Confusa por aquele comportamento estranho, Angie estendeu a mão para ele. Pecos cumprimentou-a com inesperada força, e, quando ela tentou puxar a mão, não permitiu.

— Realmente, pai, o senhor está de parabéns. — Riu, fitando-a com olhos zombeteiros. — Ela é um verdadeiro anjo e o levará ao paraíso, hein?

Muito vermelho Barrett McClain disse a Angie:

— Não ligue para esse grosseirão do meu filho, querida. — E voltando-se para Pecos, acrescentou furioso: — Solte a mão dela! Não vê que essa criança está exausta?

— Aposto que está, mesmo. — Pecos soltou a mão de Angie e se dirigiu, com passos indolentes, à porta por onde entrara. Lá, parou e voltou-se abruptamente, para dizer ao pai, com um sorriso zombeteiro: — Mal posso esperar pela hora do jantar. Eu estava pensando em ir à cidade, esta noite, mas mudei de idéia.

As três pessoas que o observavam tinham expressões completamente diferentes no rosto. Emily York fitava-o com um sorriso cheio de amor e aprovação,

contente por tê-lo em casa. Barrett McClain olhava-o com mal disfarçado ódio, furioso com o fato de ele ter decidido ficar em casa, aquela noite. Angie Webster expressava medo e confusão. Havia algo perigoso naquele homem moreno, tão bonito. Ela era bastante mulher não só para perceber esse perigo, como também para sentir-se atraída por ele.

Por sua vez, o homem que os fitava sabia o que pensavam. Seu riso profundo ecoou pelo salão, antes que ele se voltasse e saísse. Despertara em cada um deles a reação que queria, e sem o menor esforço.

Em seu quarto, Pecos jogou-se sobre a cama, apoiou a cabeça nas mãos entrelaçadas e disse alto:

— Quer dizer que a mocinha meiga e linda, com quem meu velho pai pretende se casar, não é outra além da minha bela Angel. Ah, Angel, Angel! Será que você já está em seu quarto, morrendo de medo de que eu a desmascare, antes de a noite terminar? —

Um sorriso entreabriu-lhe os lábios. — Talvez eu nunca conte a ele, Angel. Por enquanto, não pretendo lhe dizer nada. Pelo menos, até que nós dois recomeçemos de onde paramos.

O som de uma gostosa gargalhada espalhou-se pelo ambiente, enquanto, lá fora, a tempestade de areia continuava a rugir.

CAPITULO VII

Angie afundou até o queixo na enorme banheira de azulejos amarelos e azuis, cheia até a borda de água morna e perfumada. O lugar daquela casa era de abismar, e ela se sentia mais deslocada e infeliz do que nunca. Quando o pai lhe dissera que o amigo era rico, jamais imaginara algo assim.

A tempestade impedira-a de examinar o exterior da casa, mas pudera ver que era grande, com paredes maciças de adobe rosado. Por dentro, o chão era de madeira ou pedra polida, e os móveis, finos e elegantes. Não notara mais nada por causa daquele homem alto e moreno, chamado Pecos, que prendera completamente sua atenção com palavras estranhas e olhares enigmáticos. Fora com alívio que ela o vira sair e ouvira Barrett McClain perguntar, num tom gentil:

— Vou mandar Dolores levá-la ao seu quarto, criança. Ela vai preparar o seu banho e desfazer suas malas. Não quer descansar até a hora do jantar?

A mexicana sorridente que apareceu logo depois estava ansiosa para agradá-la. Com um sorriso para Barrett McClain e para a Srta. Emily, Angie seguiu-a até a ala da casa onde ficavam os melhores quartos.

— Aqui, *senorita* — dissera Dolores, abrindo a segunda porta do longo

corredor.

Angie não conteve a admiração. O quarto era maior que toda a sua casa, em Nova Orleans. Nunca vira coisa igual. Cobrindo o chão, havia um tapete azul e amarelo, tão espesso que abafava os passos por completo. A cama, enfeitada por uma colcha de organza amarela, era encantadora. Todos os móveis tinham sido polidos com óleo de limão, cuja deliciosa fragrância misturava-se ao perfume das rosas amarelas que enchiam os vasos de porcelana. Parecia um sonho!

— *Senorita!*

— Dolores a chamou, de um cômodo que dava para aquele. — Estou enchendo a banheira. Enquanto toma seu banho, vou desfazer suas malas.

— Não! Eu... Não se incomode com isso, senhora. Eu mesma desfaço as minhas malas.

— *A senorita* não está acostumada a ser servida por criados, está?

— Não, Dolores, não estou.

Angie não acrescentou que se envergonhava de não ter roupas de baixo e camisolas na sua bagagem, e que a única maneira de manter esse fato em segredo era desfazendo as malas, ela mesma.

— Ah, mas logo a *senorita* se acostuma! Não quer que eu lhe dê banho, também?

Angie recuou um passo,, horrorizada.

— Não, eu não sou um bebê!

Nesse ponto, Dolores se aproximou dela, rindo, e impulsivamente lhe dera um rápido abraço.

— Não, a *senorita* é uma linda moça. Agora entre na água, antes que esfrie. Vou arrumar sua cama para que descanse até a hora do jantar.

Sentindo-se no paraíso, Angie esperou que a mexicana fosse embora para se despir e entrar na banheira. Mas sua satisfação durou pouco, pois logo se lembrou do que tinha pela frente.

Estava agora ali, imersa na água quente até o queixo, detestando a idéia de ter de descer para o jantar. Sua vontade era entrar naquela cama maravilhosa e ficar até o dia seguinte. Não que estivesse sem apetite; na verdade, estava morrendo de fome. O único problema era que tinha medo de que o jantar fosse um acontecimento formal e não soubesse como se portar. Afinal, nunca, em toda a sua vida, comera fora de casa.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha ao pensar que Pecos McClain jantaria com eles. Rude e agressivo, ele era tão diferente do pai e da tia... Ela nunca imaginara que alguém pudesse tratar o próprio pai com tanto desrespeito. Sempre pensara que

todos os filhos obedeciam os pais, como fizera a vida inteira. No entanto, ao que parecia Pecos McClain não obedecia a ninguém.

Saindo da banheira, Angie secou-se com uma toalha amarela. Sentia-se limpa e relaxada, e não pôde deixar de corar ao vislumbrar seu corpo num espelho em frente. Tinha seios firmes, cintura fina e pernas longas e bem-feitas. Tomada por uma intensa sensação de culpa, correu para o quarto ao lado e deitou-se na cama, puxando os lençóis até o queixo. Quase de imediato, seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

O sonho aconteceu como sempre. Um homem bonito e moreno deitou-se a seu lado, na cama feita com lençóis amarelos. Um olhar acariciante encontrou o seu, enquanto dedos delicados puxavam o lençol, descobrindo seus seios, a barriga e as coxas. Prendendo a respiração, ela esperou pelo primeiro contato daqueles dedos com sua pele sensível. Quando, afinal, o que tanto desejava aconteceu, abriu os olhos com um suspiro, e fitou seu amante.

Angie sentou-se de um salto na cama, apertando os lençóis de encontro ao peito.

— Não! — disse em voz alta para o quarto vazio e às escuras. — Não! — repetiu, deixando-se cair sobre os travesseiros.

Completamente acordada, ela se encolheu na cama, cobrindo-se o melhor possível. Seus dentes batiam, apesar do calor do ambiente. Estava cansada ainda, mas não tinha coragem de fechar os olhos. Não queria dormir novamente, pois o sonho que costumava ser tão agradável transformara-se num horrível pesadelo. As feições de seu amante desconhecido, sempre meio borradas, haviam adquirido uma nitidez perfeita, e ela se vira frente a frente com o presunçoso e desaforado Pecos McClain!

Dúzias de velas enormes, em candelabros de prata, banhavam a sala de jantar com sua luz suave e amarelada. Copos de cristal, talheres de prata e pratos de porcelana brilhavam sobre a toalha de renda, enquanto rosas brancas flutuavam em lavandas cheias de água perfumada.

Em sua cadeira, Angie mantinha-se muito ereta. Seu vestido vermelho fora feito para uma mulher muito menor, e ela se sentia totalmente exposta, com um decote tão ousado. Apertando as mãos no colo, baixou os olhos para o prato e ouviu, com alívio, Barrett McClain dizer, da cabeceira da mesa:

— Inclinemos nossas cabeças e demos graças a Deus.

Sozinha daquele lado da mesa, Angie sentava-se à direita de Barrett. Diante dela estavam a Srta. Emily, que a fitava com bondade, e Pecos McClain.

Angie abaixou a cabeça.

— Obrigado, meu Pai, pelo alimento que vamos receber. Humildemente nós vos agradecemos, pois não somos dignos de tanta generosidade. Também vos

agradecemos meu bom Pai, por terdes trazido, sã e salva, esta sua filha a...

A prece continuou, sem interrupção. De olhos fechados, Angie tentava não pensar no homem diante dela. Os segundos foram passando, e, devagarzinho, ela abriu os olhos, embora continuasse de cabeça baixa. Sobre a toalha de renda, do outro lado da mesa, dedos longos e morenos brincavam com o saleiro de prata. Fascinada, ela os viu deslizarem da base para o topo do saleiro.

As mãos de Pecos eram longas, morenas e bem cuidadas, e por um instante, Angie pensou no quanto seria bom senti-las sobre seu corpo. Tomada pela culpa, corou.

No entanto, mesmo odiando-se por sua fraqueza, um minuto depois já era dominada pela vontade de contemplar Pecos rezando, de cabeça baixa e olhos fechados.

Disfarçadamente, Angie lançou um olhar para Barrett McClain e para a Srta. Emily. Ambos rezavam de olhos fechados e cabeça baixa. Voltando-se para Pecos, Angie quase deixou escapar uma exclamação de surpresa.

Pecos tinha a cabeça erguida, desrespeitosamente, e seu olhar cinzento procurava o dela. Mostrando os dentes muito brancos num sorriso, ele piscou maliciosamente. Ao mesmo tempo, sob a mesa, enfiou o pé entre os dela, tocando-lhe os tornozelos com o couro da bota e iniciando uma subida vagarosa.

Angie fechou bruscamente os olhos, e tornou a abaixar a cabeça. Barrett continuava com seus agradecimentos a Deus, e ela resolveu fazer sua própria prece, pedindo a Ele que jamais a deixasse a sós com aquele sujeito irresponsável e depravado, cujo pé brincava com suas pernas.

— Amém — disse Barrett, afinal.

Pecos teve a coragem de responder com outro "amém", e Angie atirou-lhe um olhar de censura. Rindo, ele puxou o pé.

— Puxa, essa oração foi tão longa que pensei que fôssemos morrer de fome!
— Os olhos sorridentes de Pecos passaram da boca para os seios de Angie. — Também não está com fome, Angel? Não tem a impressão de que seria capaz de comer qualquer coisa que não a comesse antes?

Sem saber como reagir, Angie engoliu em seco. Estava à beira das lágrimas, e foi com alívio que ouviu Barrett censurar o filho.

— Se não for para se comportar de forma civilizada à mesa, Pecos, é melhor ir jantar em seu quarto. Outra coisa: ou você chama Angie pelo nome, ou então de Srta. Webster. Não admito que continue a tratá-la de Angel, com tanta familiaridade!

— Você não se importa, não é, Angel? — Pecos nem se deu ao trabalho de olhar para o pai. — Além do mais, não vai ser por muito tempo. Logo eu a estarei chamando de "mamãe".

— Pecos — a Srta. Emily interferiu —, não...

A entrada de Dolores quebrou a tensão do momento. Apesar de zangado, Barrett conservou-se em silêncio, pois sempre detestara discutir diante dos criados. Pecos, por sua vez, continuou a contemplar Angie com um sorriso, enquanto imaginava quanto tempo ela ainda levaria para perder a compostura e se trair.

— Aceita um copo de leite, minha querida? — indagou Barrett, cuja atenção também estava em Angie.

— Aceito, sim. Obrigada.

Com uma jarra de prata nas mãos, Dolores foi enchendo os copos. Mas quando chegou ao de Pecos, ele a agarrou pela cintura, dizendo:

— *No, mi amor, no leche.* Quando eu era criança, tinha hábitos de criança, mas agora que sou homem, prefiro vinho durante o jantar. *Comprende*

— Ah, *si*, Pecos. — Com um olhar afetuoso para ele, a mexicana foi até o aparador e voltou com uma garrafa de vinho Madeira. Serviu-o de uma dose generosa e, já ia se afastando com a garrafa, quando recebeu ordem de deixá-la.

— Deixe a garrafa aqui, Dolores. Eu posso querer mais, e Angel adora vinho. Não é, meu bem? — Sem deixar de sorrir, Pecos estendeu a garrafa para Angie.

— Eu... eu não sei! — Angie exclamou infelicíssima. Assim que Dolores saiu, Barrett McClain explodiu:

— Eu não vou repetir o que já lhe disse, Pecos! Vamos ter um jantar agradável, com ou sem a sua companhia. Esta criança não bebe vinho, nem nunca beberá. Agora, faça o favor de começar a sua refeição.

Mais criados apareceram, com o restante dos pratos. Decidida a não dar atenção àquele rapaz tão rude e desconcertante, Angie aceitou uma porção de tudo que lhe ofereceram e logo estava com o prato cheio. Uma onda de vergonha assolou-a, mas ninguém parecia notar sua gulodice. A não ser Pecos.

— Não é melhor eu dar um pulo ao pasto e matar outro novilho, Angel? — ele brincou, levando o copo de vinho aos lábios.

— Já chega, rapaz! — Barrett McClain desceu o punho sobre a mesa, assustando Angie. — Não vou admitir que nossa convidada seja insultada por você. Vá comer em outro lugar!

Angie quase engasgou. Com os olhos repletos de lágrimas, olhou do pai para o filho, enquanto tentava, desesperadamente, engolir a comida que parecia ter ficado presa em sua garganta.

Sorrindo para ela, Pecos ergueu-se da mesa.

— Tome um gole de água, Angie. Seria horrível se a perdêssemos em sua primeira noite conosco. — Pegando a garrafa de vinho, ele beijou a tia e anunciou: —

Eu não estou com muita fome. Talvez Angel queira ficar com o meu prato.

Pecos saiu e, afinal, Angie conseguiu engolir a comida.

— Não ligue para ele, minha querida — pediu Barrett McClain, com uma expressão bondosa no rosto. — Pecos gosta de embarçar os outros. Graças a Deus, não teremos de suportar a companhia dele por muito tempo. Logo ele se cansará daqui e irá embora. É o que sempre acontece. Se você tiver sorte, pode ser que nem o veja mais.

Eram quase onze horas e Barrett McClain cabeceava de sono, quando a Srta. Emily disse:

— Já é tarde. Está na hora de irmos dormir.

— Eu estou um pouco cansada — Angie comentou, levantando-se com ela.

Imitando-as, Barrett estendeu a mão para a garota.

— É natural, minha querida. Durma até a hora que quiser, amanhã. Estamos muito felizes por tê-la conosco, em *Tierra dei Sol*. Quer que eu chame uma das criadas, para acompanhá-la?

— Não, obrigada. Não há necessidade.

— Nesse caso, boa noite. — Ele soltou a mão dela, com vontade de beijá-la, mas sem coragem para isso.

— Não quer que eu a leve até o seu quarto, Angie? — perguntou a Srta. Emily.

— Não, obrigada. Já aprendi onde ele fica.

— O corredor é bem iluminado, por isso não terá dificuldade em encontrá-lo. Meu quarto e o de Barrett ficam no andar de cima. Se precisar de alguma coisa, é só chamar. Boa noite, meu bem.

A srta. Emily e Barrett tomaram a escada de madeira, enquanto Angie enveredava pelo corredor que levava à ala direita da casa. Ao atingir o fim dele, no entanto, parou abruptamente. Alguém se esquecera de acender os lampiões a gás, presos à parede, e o local estava terrivelmente escuro.

Angie sentiu os cabelos arrepiarem-se na nuca. Amedrontada, pôs-se a caminhar, vagarosamente, em direção à segunda porta da ala. Tateava a parede com as mãos, e de repente tocou num corpo rijo, mas cheio de calor.

— Não grite, Angel.

O tom de Pecos era acariciante, e uma incrível ternura envolveu-a quando ele a tomou nos braços, acrescentando:

— Que tal começarmos de onde paramos?

No momento seguinte, a boca masculina cobria a sua.

CAPITULO VIII

No corredor às escuras de *Tierra dei Sol*, Angie Webster recebeu seu primeiro beijo. Muitas vezes imaginara um rapaz pedindo-lhe para beijá-la, recebendo sua tímida permissão e, então, encostando os lábios aos meus, levemente. Mas a realidade não foi nada do que esperava.

Pecos McClain não era um rapazinho tímido e jamais pedira a permissão de uma mulher para beijá-la. Se ele tivesse pedido a de Angie, ela teria negado e deixado de conhecer a maravilhosa emoção que sentia. Pecos pegou-a de surpresa, com os lábios entreabertos. Para choque de Angie, os dele também estavam assim. Tinham cheiro de vinho Madeira, eram macios e quentes, e ela já achava que desmaiaria de prazer, quando outra coisa aconteceu.,

Segurando-a pela cintura, Pecos empurrou-a, devagarzinho, para o quarto que recebera. Num dado momento, ele aumentou *sã*, pressão dos lábios, passando a língua pelo interior dos dela. Angie, surpresa, abriu um pouco mais a boca. Era exatamente isso que ele queria: obtendo passagem, invadiu-lhe a boca.

Angie gemeu baixinho, enquanto os joelhos se dobravam. Mas não se importou, pois Pecos a apoiava de encontro ao corpo. Na verdade, nada mais tinha importância, a não ser a emoção centralizada em seus lábios. Pecos ainda a beijava, com a boca enrijecida pela paixão e a língua procurando a sua. Percebendo, instintivamente, que aumentaria o prazer de ambos, se fizesse o mesmo, ela o imitou.

Um suspiro simultâneo escapou da boca dos dois. Pecos pressionou-a com mais força de encontro ao corpo, e Angie deslizou as mãos pelo peito dele, enlaçando-lhe o pescoço. Vagamente, ela percebeu que Pecos abria a porta de um quarto. Mas foi uma percepção muito vaga, pois os lábios dele ainda acariciavam os seus, e nada mais importava, a não ser a emoção nova e maravilhosa que a dominava.

Angie agarrou-se com mais força a Pecos. O prazer não se limitava mais apenas a seus lábios, mas espalhava-se por outras áreas e todo o seu corpo parecia arder em chamas. Sob o vestido, seus seios haviam se intumescido, e os mamilos estavam rígidos. Todo o seu corpo tremia como se estivesse febril. Mas o que mais a perturbava era aquele latejar estranho, em seu ventre, que lhe dava vontade de se apertar ainda mais ao corpo do homem irresistível que a tinha nos braços.

Quando, afinal, Pecos ergueu a cabeça, Angie abriu os olhos. Não sabia como, mas estavam em seu quarto e Pecos a empurrava de encontro à porta, enquanto girava a chave na fechadura.

— Pecos, por que... — começou, num tom baixo e ofegante.

— Benzinho — ele murmurou, beijando-a de novo.

Pecos abraçou-a de novo, descendo as mãos por suas costas até alcançar os quadris arredondados. O perfume dele chegou-lhe às narinas, e ela aspirou o cheiro de vinho e tabaco, deliciando-se com a sensação de estarem tão colados.

Pecos que nunca fora homem de se apressar, mesmo com as mulheres mais experientes, continuou a excitar Angie, com as mais variadas carícias. Quando a tinha quase febril de excitação, diminuía o ritmo, passando a beijá-la nas faces, na testa, nos cabelos e nas orelhas. No momento em que ela se acalmava, voltava-lhe à boca, beijando-a com agressividade, até vê-la reagir da mesma forma.

Não poderia haver ninguém mais faminto de amor, do que a garota inocente que, nos braços dele, aprendia a expressar sua paixão. E não poderia haver melhor professor, para ela, do que o homem que a tinha nos braços.

Em poucos minutos, Pecos transformou a garota inocente, que nunca beijara, numa mulher ardente, sem vergonha de seus sentimentos, que recebia cada nova carícia com indisfarçável prazer.

Mas Pecos não sabia disso. Para ele, a mulher que tinha nos braços era experiente e estava pronta para o ato final. Depois de mais alguns beijos, ergueu a cabeça e fitou-a, questionando-a com o olhar. Diante dele, estavam dois olhos verdes, cheios de paixão, e uma boca intumescida, molhada e entreaberta. De encontro a seu peito, mamilos rígidos pressionavam. Ela estava pronta, tinha certeza.

— Não vai mais me beijar, Pecos? — Angie quase implorou.

Sorrindo, ele deu um passo para trás e começou a desabotoar a camisa.

— Claro que vou, benzinho. Mas agora, por que não tiramos a roupa e não nos deitamos? A não ser que prefira tomar um banho antes. A banheira é grande o bastante para nós dois.

Os olhos verdes gelaram, e a boca macia de Angie assumiu uma expressão de choque. A sugestão fria de Pecos a trouxera de volta à realidade, e, pela primeira vez, desde que os lábios dele tocaram os seus, ela tomava consciência do próprio comportamento. Permitira a ele que acreditasse que poderia fazer com ela o que quisesse e agora o tinha diante de si, despindo-se com a maior falta de cerimônia.

— Não! — gritou.

Pecos fitou-a como se achasse que enlouquecera.

— Não? — repetiu, deixando a camisa deslizar para o tapete. — Como assim, não? Olhe Angel, se está com medo de que eu conte a meu pai, esqueça. Todo mundo tem o direito de ir atrás do que quer. Com esse rosto e esse corpo, você merece bem mais do que conseguia no Gussie's. Não sou contra o fato de você arrumar um lar aqui, além de umas peles e alguns diamantes. — Sorrindo, ele acrescentou: — Ora, se

você tem coragem de dormir com um homem velho o bastante para ser seu avô, acho que merece alguma recompensa.

Angie, totalmente confusa, não entendia nada do que ele falava. Ainda sorrindo, Pecos afastou-lhe o vestido dos ombros, e desceu a mão até alcançar o vale entre seus seios, antes de puxá-la para si.

— Relaxe, benzinho. Não sou seu inimigo nem pretendo ser, a menos que você queira ficar com tudo. Se isso acontecer, terá que se ver comigo.

Soltando-a, Pecos pôs-se a desabotoar a calça.

— Não! — Angie gritou, histericamente. — Não tenho idéia do que você está falando, mas quero que saia do meu quarto agora mesmo!

— Angel, querida, eu estou do seu lado. Não precisa fingir, comigo. — O sorriso zombeteiro voltou aos lábios dele. — É um grande golpe para mim, descobrir que você se esqueceu da noite que passamos juntos. Vou ter de refrescar sua memória.

— Estendeu a mão para ela, mas Angie afastou-a, zangada. — Está bem, está bem...

Pecos enfiou as mãos nos bolsos, e os olhos de Angie foram atraídos para a longa cicatriz que lhe cobria o peito como uma fita de cetim branco, começando abaixo do mamilo esquerdo e desaparecendo sob a calça. Uma vontade absurda de tocar aquela cicatriz assolou-a, enquanto ele continuava a falar num tom conciliador:

— Angie, três semanas atrás, nós nos encontramos no Hurricane Gussie's. Você poderia ter escolhido o homem que quisesse, mas o destino bondoso quis que me escolhesse. Acho que nunca lhe passou pela cabeça que o santarrão do Barrett McClain pudesse ter um filho que gostasse de se divertir. De qualquer modo, isso não é motivo para você se preocupar.

— Pecos fez uma pausa, atraindo o olhar de Angie para seu rosto. — Nós ceamos juntos e tomamos uma boa quantidade de vinho. Estávamos nos dirigindo ao seu quarto, quando um inglês, obviamente um dos seus... Admiradores apareceram brandindo um revólver. Dizendo que você lhe pertencia, ele atirou em mim. — Um sorriso divertido surgiu nos lábios masculinos. — Está conseguindo se lembrar, minha querida?

Angie fitou-o, confusa, e Pecos foi tomado por uma onda de admiração. Ela era uma atriz excelente! Tão boa, que o fazia ter vontade de esganá-la.

— Que droga, Angie! Você é uma vagabunda e eu sou um freguês. Quero o que você estava vendendo. Portanto, tire as roupas e deite-se nessa cama. Já lhe disse que não vou contar a ninguém! Posso ter muitos defeitos, mas fazer chantagem não é um deles. Não vou...

— Saia daqui! Você é louco ou está tentando me deixar louca! Meu nome é

Angie Webster. Vim de Nova Orleans para me casar com o seu pai, porque o meu pai morreu e me deixou desamparada. Nunca ouvi falar desse Hurricane Gussie'e, muito menos de um inglês brandindo uma arma. Está completamente enganado a meu respeito. Agora, saia daqui, se não quiser que eu grite até ficar rouca!

Num gesto de desafio, Angie apontou para a porta. Mas por dentro estava apavorada e torcendo para que o homem se retirasse, que a fitava sorrindo, não percebesse seu medo.

Pecos movimentou-se e, involuntariamente, Angie recuou. Mas de se limitou a pegar a camisa. Jogou-a sobre o ombro e caminhou para a porta. Angie já dava graças a Deus quando o viu parar e voltar-se em sua direção, com um sorriso cruel nos lábios.

— Vou lhe dar alguns dias de trégua, Angie. Não sei como você e seu pai puderam imaginar uma história tão boa quanto essa da garota inocente, que passou a vida inteira trancada, num lar cristão, em Nova Orleans, mas devo lhe dar os parabéns. Meu pai caiu como um patinho. — Pecos passou a mão pelo queixo, com ar pensativo. — Se bem que não deve ter sido difícil. Você é o que ele sempre pediu a Deus: moça, bonita e experiente na cama. — Um sorriso surgiu-lhe nos lábios, para desaparecer logo em seguida. — Doçura, o que estou lhe dizendo é que sei quem você é. Você trabalhava no Hurricane Gussie's, em *Paso dei Norte*, há pelo menos dois anos, e muitos fregueses passaram pela sua vida, desde que deixou de ser a inocente que está fingindo ser ainda. — Ele abriu a porta. — Durma bem, Angel. Quando estiver mais descansada, talvez possa me dar um preço pelo que quero.

Pecos saiu e Angie correu para a porta, batendo-a com força. Mas ainda ouviu-lhe o riso e, com o coração disparado, respirou fundo, tentando se acalmar. Não sabia por que ele a acusara de coisas tão horríveis, mas tinha o terrível pressentimento de que seria impossível convencê-lo de que estava errado. Aparentemente, ele vira uma garota muito parecida com ela, nesse tal de Hurricane Gussie's. Mesmo assim, não era possível que acreditasse que ela, Angie Webster, não passava de uma... Uma...

Atravessando o quarto, Angie jogou-se sobre a cama. Um soluço escapou-lhe dos lábios. Fora muito desavergonhada, permitindo que Pecos McClain a beijasse, sem fazer o menor gesto para impedi-lo. Comportara-se como a prostituta que ele a acusava de ser. Como poderia querer, agora, que ele acreditasse que era uma moça direita?

Com o rosto molhado por lágrimas de tristeza e vergonha, Angie levantou-se e tirou o vestido vermelho. Apagando a lâmpada de cabeceira, deitou-se entre os lençóis amarelos e pôs-se a rezar. Pediu perdão a Deus pelo que fizera e implorou-lhe que lhe desse forças para resistir a Pecos. Ao terminar, sentia-se um pouco melhor.

O pai a ensinara a sempre alimentar o espírito, pois o desejo da carne era pecaminoso e desnecessário. Angie concordava com ele. Dali em diante, pensaria nas

coisas sagradas, jamais se deixando levar pelos desejos da carne. Era uma moça de sorte por ter encontrado Barrett McClain, um homem bom e compreensivo. Ele a tomaria como esposa, só para que tivesse um lar e alguém que a protegesse pelo resto da vida.

O pai lhe dissera que Deus abençoaria sua união, e acreditava nele. Afinal, Barrett McClain era tão devoto quanto ela. E se, depois do casamento, tivesse de cumprir com alguns de seus deveres de esposa, isso também seria abençoado por Deus.

No fundo, no entanto, Angie acreditava que estaria sã e salva, casada com Barrett McClain, pois ele já era um homem de idade. Assim, pensando, ela se acomodou melhor na cama, ordenando a si mesma que se esquecesse do que acontecera com Pecos McClain. Mas não era fácil. Por de trás de suas pálpebras fechadas, o rosto sorridente de Pecos a provocava. Uma onda de desejo percorreu-a, quando recordou o calor dos beijos dele. Ainda se lembrava da textura dos cabelos escuros sob seus dedos, e do que sentira ao ouvi-lo dizer, pressionando o corpo contra o seu: Claro, benzinho. Mas, agora, por que não tiramos a roupa e nos deitamos..."

— Por favor, meu Deus, ajude-me a ser boa. Eu não quero pecar. Não quero! Se for possível, leve Pecos McClain para longe daqui...

Mas, mesmo enquanto rezava, Angie foi tomada pelo horrível pressentimento de que, quando Pecos deixasse *Tierra dei Sol*, já seria tarde demais.

CAPITULO IX

Pedro Rodriguez abriu os olhos, quando a primeira batida soou na porta do casebre. Seu filho José ainda dormia, sem fazer idéia do que o esperava.

Pedro ainda se lembrava bem do dia em que a esposa, Conchita, lhe dissera que estava grávida, aos quarenta e quatro anos. Pedro sentira-se feliz, apesar de já ter nove filhos. Aquela criança seria o conforto de sua velhice, bem como um irmão duplamente precioso para seus outros filhos. Realmente, fora o que acontecera, até o verão fatídico de 78, quando a família Rodriguez fora atingida pela epidemia mortal de *influenza*. Todos pereceram, a não ser Pedro e José, que há oito anos viviam sozinhos, dependendo um do outro em sua necessidade de amor e conforto.

Levantando-se da cama estreita, Pedro abriu a porta, com dedos frios e trêmulos. Diante dele estava o enorme Asa Grandier.

— Onde está o garoto?

— Por favor, *senor* Grandier, ele está dormindo. Ainda é muito cedo.

— O que é, papai?

José sentou-se na cama, esfregando os olhos. Mas antes que pudesse se levantar, Asa agarrou-o pelo ombro.

— Você vem comigo, garoto.

— Está bem, *senor* Grander. É só me deixar colocar a calça e as botas.

— Não é preciso.

O homenzarrão dirigiu-se à porta, arrastando o garoto, que estava apenas de camisa, atrás de si.

— Por favor, *senor* Grander — Pedro implorou, temendo pela vida do filho. — Eu sei por que está fazendo isso. Mas o garoto é inocente. Ele só abraçou a *senorita* para protegê-la da tempestade. Não foi por mal, *senor*!

— Sinto muito, meu velho. Como você, eu também cumprio ordens.

Do lado de fora, os primeiros sinais do amanhecer coloriam o horizonte. Punch Dobson, o outro guarda-costas de Barrett McClain, já os esperava montado em seu cavalo e, rapidamente, jogou um laço sobre José, prendendo-lhe os braços junto ao corpo.

— *Senor*, por favor! — Pedro implorou, agarrando Punch pela perna. — O garoto não tem culpa de nada. Ele ainda é um bebê.

— Bebê, hein? — Punch Dobson suspirou. — Pedro, é melhor o seu garoto aprender a ficar longe daquela moça. Eu mesmo prefiro enfiar a mão num ninho de cascavel a encostar um dedo nela.

— Por favor, não!

Com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Pedro tentou impedir que Punch se afastasse. Mas o brutamonte empurrou-o para o lado, esporeando o cavalo.

— Não, pai — José interferiu. — Volte para a cama e não se preocupe comigo. Vai dar tudo certo.

Soluçando de dar pena, Pedro agarrou-se ao filho. Punch colocou o cavalo a trote, obrigando-o a se apoiar no garoto, para não cair.

Vendo que o pai, que já tinha sessenta e dois anos, não agüentaria aquela marcha forçada, José gritou-lhe:

— Eu amo o senhor, meu pai. Não se preocupe comigo. — E empurrou-o para longe de si.

Pedro foi ao chão com um baque surdo. Quando recuperou o fôlego, seu filho não passava de um ponto no horizonte, correndo agilmente entre os dois homens montados.

Com os cabelos fustigando-lhe o rosto e a boca entreaberta, lutando para respirar, José corria sobre a terra seca. Não sabia para onde iam nem o que lhe

aconteceria, quando lá chegassem. Só sabia que, enquanto não perdesse a consciência, iria sobre seus próprios pés. Era um homem, e não deixaria que aqueles dois o arrastassem pelo chão.

O estranho trio logo deixou as construções de *Tierra dei Sol* para trás. Com os pulmões ardendo e as pernas doendo, José não via nada diante de si, a não ser uma *mesa* distante, onde os primeiros raios de sol incidiam. E foi para lá que se dirigiram.

José, piscando para afastar o suor e a areia dos olhos, viu-os logo: dois enormes troncos de cedro, separados e erguendo-se lado a lado, sobre a *mesa*. Ele já estivera ali muitas vezes, mas era a primeira vez que os via.

Asa Grander esporeou o cavalo, para subir por um dos lados da *mesa*. Punch Dobson, mostrando certa bondade, subiu mais devagar. Ainda assim, foi só com muito esforço que o garoto evitou de cair.

Tossindo, com os pulmões a ponto de estourar e com os pés sangrando, José deu graças a Deus por terem chegado ao destino. Estava pronto para o castigo planejado para ele, pois, em sua opinião, nada seria pior que correr, descalço, atrás de um possante cavalo.

Punch Dobson desmontou e, enrolando o laço, caminhou até José. Asa Grander juntou-se a eles. Nenhum dos dois homens falou, e José não fez perguntas. Quando o laço foi retirado, esfregou os braços feridos, sem que seu rosto jovem mostrasse a menor emoção. A camisa foi-lhe arrancada do corpo, mas ele continuou como estava, mordendo os lábios para impedir os dentes de baterem.

Asa amarrou dois pedaços de corda aos punhos de José, e com eles amarrou-o aos troncos de cedro. Assegurando ao companheiro, com um gesto, que o garoto estava bem preso, o guarda-costas adiantou-se até a beirada da *mesa*.

A espera começou. Em pé, com os punhos amarrados fortemente aos dois troncos, estirando os músculos de suas costas e braços, José esperou. Suas pernas doíam da corrida, mas ele as conservava bem afastadas para manter o equilíbrio. Envergonhado de sua nudez, mantinha os olhos fixos no horizonte, imaginando se veria mais algum nascer do sol, depois daquele. A criança em seu íntimo queria chorar e pedir ajuda, mas o homem o proibia. Se devia*) morrer nu, ao nascer do sol, por algum erro que cometera sem querer, morreria sem que lágrimas infantis molhassem seu rosto.

De repente, Asa Grander assumiu uma posição de alerta. Jogando fora o cigarro que fumava, Punch Dobson levantou-se. José sentiu o olhar de alguém em suas costas, e um arrepio percorreu-lhe a espinha. Achava-se exposto, vulnerável e amedrontado. Quando um dedo masculino tocou sua nuca, descendo pelas costas até as nádegas, ele se jogou para a frente.

Um riso deliciado espalhou-se pelo ar. De imediato, José soube quem estava rindo. Choque e medo apertaram seu coração. **Por** aquilo não esperava. Convencera-

se de que Asa Grander e **Punch** Dobson aplicariam seu castigo, sem que mais ninguém testemunhasse sua vergonha. Mas não seria assim.

José fechou os olhos, pensando no pai. Ao meio-dia, todos os que viviam em *Tierra dei Sol* saberiam que o filho de Pedro Rodriguez fora desnudado e punido pelo poderoso patriarca, dono de tudo que a vista podia alcançar. Logo, a notícia iria mais longe, e todos na cidade de Marfa saberiam que José Rodriguez fora espancado por... Por... Ele não sabia por quê. Só sabia que o pai se sentiria humilhado, e daí viria seu maior sofrimento.

Barrett McClain rodeou o garoto e sorriu, olhando-o no rosto. Uma ponta de excitação brilhava em seus olhos. José percebeu que o patrão estava gostando daquilo, e retribuiu o olhar friamente.

— Filho, você já deve saber que precisa ser punido.

— Será?

O sorriso sumiu do rosto de Barrett.

— Não se faça de engraçadinho comigo! Você sabe muito bem que precisa ser punido, por ter acariciado a moça com quem pretendo me casar.

— Eu nunca acariciei uma moça, em toda a minha vida — José respondeu, com sinceridade.

— Acariciou Angie Webster! Eu vi, e você vai pagar por isso.

— Barrett lançou um olhar furioso aos órgãos genitais do garoto.

— Veja, você tem o corpo de um homem! E aposto que estava querendo colocar seu membro na minha Angie, não é?

Os olhos de Barrett voltaram a fixar o rosto de José, que, apavorado, engoliu em seco.

— O senhor é um velho sujo e doente! Tenho pena da Srta. Angie. Não sei como conseguiu fazê-la acreditar que é um homem decente!

— Estou perdendo meu tempo. — Barrett McClain voltou-se para os guardacostas. — Dêem-me o chicote. Acho que mereço aplicar a primeira chicotada neste sujeitinho. — E dirigindo-se novamente a José: — Vamos ver se você é homem agora, maldito mexicano!

Rindo, se postou, atrás do rapaz. Estava tão perto, que José sentiu-lhe o calor do hálito, quando falou baixinho:

— Como o Senhor é chamado para punir suas crianças desobedientes, eu sou chamado para punir as minhas. Que a vontade Dele seja feita.

Olhando de cabeça erguida para o Sol magnífico, cujo calor banhava seu corpo, José disse uma prece:

— Tenha piedade da alma dele, meu Pai, e receba-me no Seu reino. Amém.

Enraivecido por aquelas palavras, Barrett McClain recuou alguns passos, ergueu o chicote acima de sua cabeça e, com um grito de alegria, desceu-o sobre as costas do garoto. Em seguida, entregou o chicote a Asa e retirou-se para a carruagem ali perto, de onde observaria, em conforto, o resto da punição.

Asa esperou que o patrão se acomodasse, para levantar o chicote. Sabia que Barrett McClain estava ansioso para ouvi-lo arrancar gritos de dor do menino, mas sua atenção foi atraída pela figura de um cavaleiro que se aproximava velozmente pelo deserto. Da carruagem, Barrett McClain olhou na mesma direção e murmurou baixinho, acidamente:

— Em nome de Deus, o que é que ele está fazendo aqui, tão cedo?

De uma distância de cinquenta metros, o cavaleiro gritou:

— Se esse chicote descer, você é um homem morto, Asa. Em segundos, o cavaleiro moreno e alto, montando um cavalo

negro, estava entre o homem com o chicote e o garoto amarrado aos troncos de cedro. O chicote foi arrancado das mãos de Asa, antes que ele pudesse reagir, e jogado a cerca de vinte metros de distância.

Usando uma faca, Bowie, o cavaleiro, virou-se na sela e cortou as cordas que prendiam o garoto. O corpo cansado de José inclinou-se para o chão, mas um braço forte enlaçou-o antes que caísse, puxando-o para o cavalo. O menino agarrou-se ao cavaleiro, que de imediato esporeou a montaria, e desceu a galope.

Por cima do ombro, o cavaleiro gritou para o menino na garupa.

— José, o que acha de mudar com seu pai para o México, para me ajudarem a procurar ouro na mina de *Lost Madre*?

José riu, completamente livre do medo de momentos atrás.

— Ah, *si*, Pecos. Seria fantástico!

Pecos sorriu, concordando, e o menino perguntou:

— Me diga uma coisa: por que é que seu pai estava tão zangado comigo?

O sorriso evaporou do rosto de Pecos.

— Compadre — ele gritou, contra o vento —, você acaba de aprender, pelo jeito mais difícil, que os homens que cruzam o caminho de Angel pagam um preço muito alto!

CAPÍTULO X

Angie acordou com um sobressalto. A princípio, sem saber onde estava,

permaneceu completamente imóvel. Mas logo tudo lhe voltou à memória, e ela corou, puxando o lençol até o queixo e lutando contra as emoções que a assolavam.

Sentia-se uma traidora. E Pecos? Será que já havia se levantado, para falar ao pai da maneira vergonhosa com que ela havia se comportado, na noite anterior? E se ela mesma fizesse isso? Não seria melhor se ela mesma procurasse Barrett McClain e lhe dissesse o que acontecera?

Claro que seria. Assim que trocasse de roupas, procuraria aquele senhor gentil e compreensivo e lhe contaria que o filho, bêbado e cheio de arrogância, a encurralara no corredor às escuras para abraçá-la e beijá-la nos lábios do modo mais repulsivo... Mais horroroso... Mais...

Angie suspirou.

Repulsivo? Horroroso? Não, os beijos de Pecos não tinham sido assim. Suspirando novamente, ela traçou o contorno dos lábios com dedos trêmulos, recordando o que sentira ao ser beijada. Sob os lençóis, seu corpo nu contraiu-se, e por um instante ela se entregou à lembrança do que acontecera. Arrepios de prazer percorreram sua espinha, e seus seios, de mamilos rijos, procuraram um contato maior com o lençol. Como gostaria de sentir novamente a boca masculina sobre a sua, tirando-lhe o fôlego e entorpecendo-a com um desejo que não compreendia muito bem. E o corpo dele, tão rijo e forte, pressionando o seu...

Angie agarrou o lençol com mais força, lembrando-se da sensação da pele masculina sob seus dedos. Sem perceber, começou a gemer baixinho, perdida no mundo maravilhoso dos sentidos que Pecos McClain lhe apresentara. Reviveu cada carícia recebida, começando do primeiro momento em que ele a tocara, ainda no corredor; repassou cada movimento, cada segundo de paixão, e o deslizar daquelas mãos por seus ombros, braços, cintura, até o instante em que o ouvira dizer, num tom despreocupado: "Por que não vamos para a cama?".

O desejo foi substituído pela vergonha e pela culpa. Levantando-se de um salto, ela correu para o banheiro. Precisava vestir-se e tomar café. E não contaria nada a Barrett McClain. Não seria justo dizer-lhe que o filho se aproveitara dela, quando gostara tanto do que acontecera. Sua esperança era de que Pecos também não dissesse nada. Nem a procurasse novamente. Porque, se ele a procurasse, provavelmente não conseguiria resistir.

Angie não conteve um suspiro de alívio ao chegar ao pátio sul, para tomar o café da manhã. Pecos não estava lá.

De sua cadeira, Barrett McClain levantou-se para cumprimentá-la, gentil e sorridente.

— Descansou bastante, minha querida?

— Eu... eu dormi bem, obrigada.

— Acho que você está apenas sendo educada — Emily comentou, assustando Angie, por um instante. — Está com olheiras. Deve ter achado difícil descansar, num ambiente novo. Isso sempre acontece comigo, também. Depois que der uma volta por *Tierra dei Sol*, é melhor voltar ao seu quarto e descansar mais um pouco. Não acha, Barrett?

— Sem dúvida. Você passou por um mau bocado, criança, e está um pouco pálida e magra. Queremos que descanse coma bem e se sinta completamente à vontade, aqui. Se precisar de alguma coisa, é só nos dizer.

Angie sorriu para Barrett, encantada com tanta bondade. Ele era tão diferente do filho! Naquela manhã, estava muito elegante, numa roupa leve, bege, e com os cabelos brancos cuidadosamente penteados. Apesar das rugas, seu rosto tinha uma expressão agradável, de pessoa em quem se pode confiar. Na presença dele, ela se sentia segura e à vontade.

Servindo-a de um pedaço de melão, Barrett falou dos planos que fizera para aquela manhã.

— Como você não viu nada da fazenda, por causa da tempestade, achei que poderíamos dar um passeio a cavalo até...

— Mas eu... Eu não sei andar a cavalo, Sr. McClain. Angie esperava ver desapontamento nos olhos dele, mas, para sua surpresa, ele a fitou sem nada demonstrar.

— Não tem importância, Angie. Nós iremos na carruagem coberta. Agora coma o seu melão. Dolores está preparando ovos com presunto.

— Sim, senhor.

Acariciando a ponta do bigode branco, Barrett continuou:

— O que acha de eu lhe dar um cavalo bom e manso e mandar um dos meus vaqueiros ensiná-la a montar?

— Pode ser um palomino, Sr. McClain? — Angie perguntou, com um prazer infantil.

— Eu vi um numa parada em Nova Orleans, quando era pequena, e sempre sonhei em...

Ela se interrompeu, embaraçada com a presunção do pedido. A Srta. Emily sorriu, mas Barrett jogou a cabeça para trás, rindo abertamente.

— Doçura, você terá o melhor palomino que existe! E terá uma sela feminina, enfeitada com prata batida. Além das mais belas roupas de montaria que podem ser feitas. Ficará linda, montada em seu cavalo: uma garota dourada, sobre um lindo cavalo dourado!

Angie arregalou os olhos. Aquele homem não a considerou materialista e pecadora, por ela ter lhe pedido um cavalo. Na verdade, ficara contente em atendê-la. Ele era muito mais bondoso do que seu pai fora!

Timidamente, Angie colocou a mão sobre a de Barrett, ignorando a frieza da pele dele.

— Sr. McClain, o senhor é o homem mais generoso que j conheci!

Inchado de orgulho, Barrett levou a mão dela aos lábios e beijou a, dizendo:

— Continue a pensar assim, minha querida, é a única recompensa que quero.

— Que cena tocante! Se eu estivesse em seu lugar, meu pai procuraria uma recompensa mais tangível.

O comentário assustou Angie e Barrett. Com um sorriso sádico, Pecos observou a moça puxar a mão trêmula e pegar o garfo. Só então se inclinou para beijar a tia.

— Em todo caso — continuou, sentando-se e servindo-se de café —, acho que eu é que deveria me esforçar para ser como vocês dois. E vou começar me oferecendo para ensinar Angel a montar. De graça, é claro. — Ele sorriu. — O que acham disso, para começar? Incapaz de reagir, Angie não tirava os olhos da fisionomia de Pecos, sorridente e ligeiramente provocante. Teria ele coragem de falar da noite anterior? Por um instante, quase entrou em pânico. Um homem honesto e decente como Barrett McClain na certa se enojaria com seu comportamento e a poria para fora dali, no primeiro trem. Aí, como poderia se sustentar? Para onde iria? O que faria?

— Nada disso, Pecos — Barrett McClain recusou zangado. — Roberto Luna é o melhor cavaleiro em *Del Sol*. Ele ensinará a Srta. Angie a montar. Pecos fez um gesto de impotência, dizendo com suavidade:

— Eu tentei, pelo menos.

Pondo a mão no braço do sobrinho querido, a srta. Emily comentou:

— Se eu soubesse que você ia se levantar tão cedo, teria pedido a Dolores para fazer uns bolinhos de trigo.

— De fato, Pecos — Barrett falou, por entre dentes —, é uma surpresa ver você de pé, tão cedo.

— É mesmo, meu pai? Pensei que o senhor já soubesse que eu me levantei antes de o sol nascer. — Pecos fitou o pai por um momento, antes de voltar-se para Angie. Examinou-lhe o rosto tenso, fixou o olhar nos seios, enquanto comentava com a tia: — Não consegui dormir esta noite, tia. Fiquei pensando na...

Mais que depressa, Angie interrompeu-o.

— Não vou comer mais nada agora, Sr. McClain. O que acha de sairmos para aquele passeio que o senhor sugeriu?

Levantando-se de imediato, Barrett puxou a cadeira para que ela também se levantasse.

— Antes que o senhor vá embora, pai, quero informá-lo de que dois de nossos melhores homens deixaram *Del Sol*, agora há pouco.

— É? — McClain fingiu surpresa. — Quem?

— Pedro Rodriguez e o filho, José.

— Pedro e José não são dois sujeitos simpáticos, que foram me buscar na estação ontem? — Angie perguntou, impulsivamente.

— Isso mesmo — disse Pecos, pensando no quanto gostaria de quebrar o pescoço dela. — Pedro foi um dos primeiros vaqueiros a trabalhar em *Del Sol*. Os filhos dele nasceram e morreram aqui. li gente muito boa. Vamos sentir falta deles, não é, meu pai?

— Mas por que eles foram embora? — indagou Angie, pois gostara muito dos dois.

— Não faço idéia. — Abruptamente, Pecos levantou-se. — Puxa, estou com um sono e tanto! E você, Angel? Não está com sono? — Virou-se para ir embora, mas se deteve bruscamente. — Sabe pai, antes de pensar no Palomino, na sela e nas roupas de montaria de Angel, acho melhor o senhor lhe dar um vestido novo. O que ela está usando parece a ponto de rasgar.

Angie corou, sentindo-se exposta e humilhada. Sabia que estava com um vestido muito apertado e que todos haviam notado, mas só um homem como Pecos falaria nisso. Seus olhos verdes fixaram-se nele, exprimindo o ódio que sentia. Ele, porém, retribuiu com uma expressão divertida.

— Eu tenho um lindo corte de organza rosa, Angie — a Srta. Emily interferiu, depressa. — Teresa, uma das criadas, costura muito bem. Gostaria que ela lhe fizesse um novo vestido?

— Eu... Seria muito... Obrigada — Angie disse, observando a figura alta e arrogante de Pecos distanciar-se. Como pudera gostar dos beijos de um sujeito como ele?

— Venha, minha querida. — McClain tomou-a pelo cotovelo. — Há muita coisa que quero que veja, por isso é melhor sairmos antes de o sol esquentar.

Protegendo-se com uma sombrinha emprestada pela Srta. Emily, Angie deixou que Barrett McClain a ajudasse a subir na carruagem.

McClain vinha escondendo de Angie, com muito cuidado, suas reações a ela. Até o momento, estava certo de não ter feito nada que a deixasse desconfiada. Queria conquistar-lhe a confiança e, por isso, tinha de observar todos os seus gestos. O que não era fácil, pois desde o primeiro momento em que a vira, tão linda e sensual nos braços de José Rodriguez, fora dominado pelo mais forte desejo que já sentira.

McClain sentou-se ao lado de Angie.

— O que é aquilo, sr. McClain? — Ela indicou uma série de buracos, nas paredes da casa.

— São portinholas de defesa, Angie.

— Para quê? Nunca via algo assim.

— Elas servem para proteção. Os Apaches Mescaleros costumavam andar por aqui e...

— Índios?! Eles ainda representam um perigo? Não seria mais seguro nós... — Sem ter idéia do que fazia, com os olhos verdes cheios de susto, ela o agarrou pela manga.

— Ah, minha querida! — Sorrindo, McClain segurou-lhe a mão.

— Há anos não há mais perigo. Esses selvagens foram totalmente expulsos daqui, e seu líder, Vitorio, foi fuzilado no México. Você está completamente segura, em qualquer canto de *Del Sol*.

Angie sorriu, puxando a mão.

— Eu... Desculpe eu ter me agarrado assim no senhor. Com as mãos trêmulas e o coração batendo forte, McClain ergueu as rédeas e tocou os baios.

— Não foi nada, minha querida. A culpa de tudo foi minha. Eu não devia ter falado nesses índios, como falei. — Imaginando como poderia esperar seis meses, para possuí-la, ele continuou: — Mas vamos em frente, Angie. Estou ansioso para lhe mostrar um pouco desse Texas que eu tanto amo.

A carruagem tomou a direção dos portões da propriedade, afastando-se da casa. De repente, McClain disse:

— Angie, eu gostaria que você me chamasse de Barrett.

— Eu... Está bem, se é que o senhor quer.

— É, sim. Agora, diga o meu nome, Angie.

Assolada pela timidez, Angie murmurou, com os olhos fixos nos baios:

— Está bem... Barrett.

McClain alegrou-se por ela estar de cabeça baixa, pois assim não pôde ver a emoção refletida em seu rosto. O simples fato de Angie pronunciar seu nome arrepiara-o da cabeça aos pés. Surgiu-lhe na mente a imagem dela, nua, chamando-o com sensualidade, enquanto ele se deleitava com o corpo jovem e receptivo sob o seu.

— Obrigado, minha querida — disse afinal, saudando com um gesto o mexicano que montava guarda nos portões.

A carruagem saiu para o deserto castigado pelo sol inclemente. Angie olhou

em torno de si. Era incrível o brilho do sol, o céu sem limites e a vastidão daquela terra árida e rochosa, onde só os cabelos pareciam crescer. Ao longe erguiam-se as montanhas, com os picos perdendo-se em camadas de nuvens baixas e distantes.

Uma moça criada em Nova Orleans só podia achar o deserto um lugar triste e desolado. O sol queimava-lhe a pele, e a terra vasta e arenosa a sufocava. Ela correu os olhos pelo horizonte, procurando árvores, mas nada encontrou. Como podia alguém amar aquele lugar estranho e tão monótono? Mesmo àquela hora, o calor já subia em ondas do chão seco e rachado. E ainda estavam na primavera! Como sobreviveriam, quando o verão chegasse?

— O que foi, minha querida? Não está se sentindo bem? Quer que eu a leve de volta para casa?

Angie fez sinal que não, lutando contra o enjôo que a dominava.

— Acho que sei qual é o seu problema, Angie. — McClain deteve os baio e, enrolando as rédeas no breque, indicou com um gesto a paisagem em torno. — Esta é uma terra vasta, seca, soberba, que deve estar lhe dando uma estranha sensação de solidão. Com o tempo, no entanto, você aprenderá a apreciar sua beleza única. O deserto tem um clima que nos faz muito bem. O calor acaricia, relaxa os que nele vivem. Eu gostaria que você amasse este lugar, Angie, para poder partilhar tudo que tenho com você.

McClain tomou a mão de Angie entre as suas e continuou com ar pensativo:

— Eu queria que você visse a fazenda, Angie, mas também queria uma oportunidade de conversar com você a sós. Posso falar com toda a franqueza, minha querida?

Angie fitou-o nos olhos, e a ternura que viu lá lhe deu uma deliciosa sensação de conforto e segurança.

— Claro que sim.

— Como já sabe, seu pai e eu éramos muito amigos. Ele foi um grande homem, doçura, e você deve sentir muito a falta dele.

— Muito!

— Ninguém poderá tomar o lugar de seu pai, mas eu gostaria de tentar preencher o vazio que ele deixou. Ele lhe falou do nosso casamento, não é?

— Falou, sim. Mas, se não me quiser, eu...

— Claro que eu a quero, Angie querida. Mas também quero que você deseje este casamento.

Angie desviou o olhar do dele.

— Eu... Eu... Quero, mas... Eu...

— Minha querida, eu sei o que a está aborrecendo — McClain murmurou,

com toda gentileza.

— Sabe?!

— Você acha que, casando comigo, terá de cumprir com seus deveres de esposa. Mas não, Angie. Eu só quero ser um pai para você. Nós nos casaremos para abafar os falatórios, mas nosso casamento só servirá para que você se torne um membro da família McClain. Angie tornou a fitá-lo.

— O senhor está falando sério?

— Angie, Angie! Posso lhe dizer uma coisa? Algo muito pessoal e doloroso?

Ela assentiu.

— Como sabe, só tenho um filho. Desde o começo, Pecos só me deu tristezas. A mãe e a tia o mimaram demais, e o resultado é esse homem rebelde, voluntarioso e sem o menor respeito por ninguém, que você viu. Nós nunca fomos muito ligados.

Em certas ocasiões, eu até... — McClain interrompeu-se dramaticamente.

— Eu sinto tanto, Barrett — Angie murmurou, penalizada pelo sofrimento de um homem tão bom. Afinal, já sabia que Pecos não tinha coração.

— E por causa da distância que existe entre mim e meu filho que a sua chegada significa tanto para mim. Finalmente terei a filha amorosa e delicada que sempre desejei. É só isso que quero de você, Angie.

Impulsivamente, Angie ergueu os braços e enlaçou o pescoço de Barrett. Sentia-se como se um grande peso tivesse sido retirado de seus ombros.

— Não sabe como estou contente, Barrett! Eu andava com tanto medo de você... Que eu... — Ela fez uma ligeira pausa, depois terminou num murmúrio, muito corada: — Eu estava com medo de que você quisesse dormir comigo...

McClain abraçou-a.

— Deus do céu, criança, eu nunca faria isso com você. Olhe, vamos esperar seis meses para nos casarmos. Desse modo, poderíamos nos conhecer melhor. Depois do casamento, você passará a ocupar o quarto ligado ao meu, onde estará sã e salva. Eu continuarei a ocupar o quarto que sempre ocupei, é claro. — Ele riu baixinho. — Ah, Angie, você me lisonjeia! Estou muito velho para me interessar pelos desejos da carne. — Beijando-a de leve, retornou as rédeas. — Mais alguma pergunta minha querida?

— Não, Barrett. Você já respondeu à mais importante.

Por algum tempo eles continuaram o passeio em silêncio, cada um com seus pensamentos. McClain foi o primeiro a falar:

— Não e sempre tão ando, Angie. O problema é que não chove há três meses. — Ergueu os olhos para o céu limpo e sem o menor sinal de chuva. — Mas deve chover logo. Tem de chover!

— É assim tão importante?

— Demais. Sem a chuva, o gado não terá o que comer e teremos de alimentá-lo. Isso nos deixa com pouco ou nenhum lucro. Mas ainda é cedo para nos preocuparmos.

Apesar da carruagem coberta e da sombrinha, Angie estava vermelha de calor quando chegou à casa da fazenda. Sua vontade era ir para o quarto e descansar, mas McClain insistiu em mostrar-lhe a casa.

Construída em U, a enorme casa tinha uma parte principal, onde ficava a sala de estar, a sala de visitas, o escritório, a sala de música, a biblioteca, a sala de jantar e a cozinha. Cheio de orgulho, McClain conduziu-a pela casa antiga, respondendo com paciência a suas perguntas sobre objetos de arte e algumas peças da finíssima mobília. Indicando o retrato a óleo de uma linda mulher, de cabelos escuros e sorriso adorável, que estava sobre a lareira da biblioteca, Angie perguntou:

— Esta é... a mãe de Pecos?

McClain lançou um rápido olhar ao retrato.

— É. Esta é Kathryn York McClain, no dia em que completou vinte e três anos.

— Ela era linda, Barrett. — Aproximando-se da lareira, Angie examinou o medalhão de ouro que Kathryn usava. — Nunca vi um colar como esse! É tão bonito, tão... Diferente!

— Realmente — McClain respondeu, num tom de voz tenso. — Foi um presente do pai dela. Representa o sol e seus raios. É a marca de *Tierra dei Sol*.

— Devia ter muito valor para ela.

— Acho que sim. Mas ela o perdeu e nunca conseguimos encontrá-lo. Venha. — Tomando Angie pelo cotovelo, McClain levou-a para o corredor. — Como você já sabe, a ala direita da casa é reservada para os hóspedes. Os quartos são de vários tamanhos. O seu é o maior.

— É muito luxuoso.

— A ala esquerda é onde moram os criados. E Pecos. O quarto dele também fica lá. Em cima está a minha suíte, ligada à que será sua. Do outro lado do hall fica o quarto da Srta. Emily. Mas não iremos até lá, agora. Antes, eu quero que você veja o pátio.

Ele a levou para os fundos da casa e, por uma porta dupla, saiu para uma varanda larga e espaçosa, que se estendia por toda a parte interna do U, que era o formato da casa. O pátio, para o qual dava a varanda, estava cheio de cactos em flor, e uma fonte jogava água para o ar.

- Vê aquelas portas duplas? — McClain apontou para o lado Ilícito. — São as do seu quarto, onde você dormiu a noite passada e continuará a dormir, até... De

noite, pode abrir aquelas portas e deixar que a brisa do deserto refresque o seu quarto.

- Deve ser uma delícia!

- Venha, você precisa ver a estufa da Srta. Emily. Tomando o braço de Angie, McClain adiantou-se. Cruzaram o pátio e chegaram a um grupo de cadeiras, almofadas e espreguiçadeiras, do outro lado da fonte azulejada. Numa delas, usando apenas botas e calças de brim, estava um homem. Ele dormia tranquilamente, com o chapéu Stetson protegendo-lhe o rosto do sol escaldante do meio-dia. A longa cicatriz que lhe cobria o peito era inconfundível e o delatava: Pecos McClain.

Fascinada, Angie notou-lhe os ombros largos e fortes, os quadris delineados pela calça justa e os pêlos escuros e úmidos de suor, que lhe desciam pelo peito.

Meu Deus, como é que ele consegue dormir neste calor? — clamou incapaz de se conter.

Com os lábios cerrados numa linha estreita, McClain apertou o braço de Angie com força, puxando-a para longe dali.

Consegue porque é como um lagarto, quanto mais quente, mais ele gosta! Num gesto vagaroso, Pecos ergueu a mão e afastou o chapéu do rosto. Seus sonolentos olhos cinzentos abriram-se, e um sorriso brilhou-lhe no rosto. Hipnotizada, Angie prendeu a respiração, pois tinha defeitos, mas era sem dúvida o homem mais atraente já vira.

Venha, Angie. Vai acabar se queimando, se ficar aqui fora. Angie assentiu, sem saber ao certo o que fazia. Sentia-se como

tivesse em fogo. O sol escaldava sua cabeça loira, deixando-a mole e atordoada. A pele parecia febril, mas a palma de suas mãos estava pegajosa de suor. Com os joelhos a ponto de dobrar, afastou-se depressa, grata por contar com o apoio da mão de Barrett sob seu cotovelo. Sabia que os olhos de Pecos a acompanhavam, com a insolência de sempre. E também sabia o que ele estava pensando: que o calor que a assolava não era causado apenas pelo sol do deserto. No que tinha toda razão.

CAPITULO XI

Angie estava na biblioteca, esperando o jantar na companhia da Srta. Emily, quando viu Pecos de novo. Muito atraente com unia calça de gabardina cinza e camisa branca, aberta até o meio do peito, ele parou diante delas e se dirigiu a ambas, embora seu olhar inquietante estivesse fixo no rosto de Angie.

- Estou pensando em ir a Marfa, fazer algumas compras. Alguém quer ir junto?

Sentada no chão, Angie sentiu o sangue subir-lhe ao rosto e o oração bater mais depressa. Detestando-se por deixar que ele a afetasse desse modo, baixou o olhar, decidida a não fitá-lo novamente. Para seu horror, no entanto, Pecos deu um passo para o lado e agachou-se diante dela, olhando-a de maneira que a fez corar ainda mais.

- Se você encontrar alguma coisa de que goste, lá, eu lhe dou de presente — ele disse, tendo o cuidado de não deixar que a tia visse a expressão maliciosa em seu olhar.

Angie, com o coração a ponto de saltar do peito, ouviu a Srta. Emily responder ao sobrinho:

- Pecos, você sabe muito bem que a esta hora não há nada aberto em Marfa, a não ser os bares e salões.

Rindo, Pecos ergueu-se e virou-se para ela. Tem razão, tia. Que bobagem a minha!

Como ele estivesse de costas para ela, Angie examinou-o, disfarçadamente. Os modos de Pecos eram horríveis. Era uma decepção para o pai, um homem tão bom. Obviamente, não tinha peito por nada nem por ninguém. Gostava de bebidas alcoólicas e costumava se afastar da fazenda por semanas inteiras, sem o menor aviso. Também jogava muito, tanto na cidade quanto ali, com os vaqueiros. Em resumo, Pecos McClain era o que seu querido pai teria classificado de um pecador degenerado, sem a menor esperança de recuperação.

Por que, então, estava ela ali, admirando-lhe o belo físico com inegável interesse? Como podia sentir-se fascinada por alguém tão sem valor quanto ele? Por que experimentava a vontade de estender a mão e pousá-la numa daquelas pernas tão fortes e longas? Por que sentia tanta vontade de ser beijada novamente por aqueles lábios quentes e sensíveis? E por que ele lhe dava a impressão de saber exatamente o que se passava em seu íntimo? Era uma sensação perigosa, assustadora, capaz de enlouquecer qualquer um; Graças a Deus, a Srta. Emily estava com eles.

— Tenha cuidado querido. Eu sei que esses lugares são freqüentados por gente ruim, também.

A voz da Srta. Emily trouxe Angie de volta à realidade.

— Não se preocupe, querida — assegurou Pecos, beijando a tia no rosto.

— Então, divirta-se — ela desejou, sorrindo.

Para desespero de Angie, Pecos virou-se novamente em sua direção. Inclinando-se, estendeu-lhe a mão, e ela, muito corada, permitiu que a ajudasse a levantar-se.

— Você deveria vir, Angel. Pelo menos para que eu lhe mostrasse as luzes

misteriosas de Marfa. — Com o polegar, ele se pôs a descrever círculos nas costas da mão dela.

— Eu... Não me interessam as... Que luzes são essas?

— São luzes fantasma, Angel. Eu lhe conto tudo, quando levar você para vê-las. — O polegar moreno continuava a fazer carícias sobre a pele feminina.

— Eu não acredito em fantasmas.

— Ótimo! Assim não sentirá medo, quando eu a levar até lá. Agora, preciso ir. — Gentilmente, Pecos puxou-a para si beijou-a na testa, sussurrando: — Tenho mais que as luzes fantasma para lhe mostrar, benzinho. — E mais alto, para que a tia OVÉ visse, anunciou: — Eu beijo todas as mulheres da casa. Não é, ti Emily?

— Você não tem mesmo jeito, Pecos — a tia censurou-o, nu tom divertido.

No entanto, Emily York sentia-se contente por Barrett não ter visto o filho beijando a moça. Não que achasse que a atração de Pecos por Angie fosse séria. Ele tratava todas as moças bonita daquele modo, e nenhuma delas se importava.

Na verdade, poucas mulheres resistiam ao seu charme viril. E era isso o que mais a preocupava...

Quando Pecos se foi, Emily olhou para Angie. A moça tinha uma expressão sonhadora no rosto. Emily assustou-se.

— Angie, querida... O meu sobrinho é... Pecos é um menino muito desinibido, que gosta de se divertir e...

— Emily interrompeu-se, rindo de si mesma. — Menino! Pecos já é um homem feito, vai completar vinte e oito anos daqui a alguns meses, mas acho que, para mim, sempre será um menino. De qualquer modo, meu bem, o que estou tentando lhe dizer é que Pecos é cheio de vida, aventureiro e... Gosta de brincar. Muitas vezes exagera um pouco em suas atitudes, mas não quer dizer nada com isso. Você me entende, Angie?

Angie tirou a mão do rosto, imaginando se a Srta. Emily tinha idéia do quanto o sobrinho exagerava em suas brincadeiras. Pensou em lhe falar do modo como ele a beijara na noite anterior, sussurrando coisas chocantes em seu ouvido, mas logo desistiu. Não poderia contar aquilo a ninguém. Nem agora, nem nunca.

— Não se preocupe, tia Emily. — Fingindo uma despreocupação que estava longe de sentir, Angie sorriu. — Eu sei que Pecos gosta de brincar. E não me importo com isso, tia.

— Ótimo. Mas, Angie... Você não o acha... Atraente?

— Atraente? Eu ainda não havia pensado nisso, mas acho que ele é atraente, sim.

Mais tarde, sozinha em seu quarto, Angie jogou-se na cama, cheia de

desespero. O que lhe acontecia não era tão simples quanto ela fingira ser. O charme de Pecos, a que até mulheres sofisticadas e experimentadas achavam difícil resistir, já a atingira. Ele se movia com uma graça indolente, que chamava a atenção, e seu sorriso era capaz de balançar o coração de qualquer mulher. Angie Webster, obviamente, não fora uma exceção. Ela não gostava dele nem da maneira como se comportava, mas não podia ignorar a emoção que a dominava, sempre que o via.

Despindo-se, Angie entrou debaixo dos lençóis e apagou a luz. Ficou acordada por um longo tempo, tentando esquecer dois olhos cinzentos e uma boca larga e sensual, entreaberta num sorriso zombeteiro. O sono afinal chegou, mas não a paz. Pecos seguiu-a em sonhos, para beijar, acariciar e fazê-la sua.

Na manhã seguinte, Angie acordou com uma batida forte em sua porta.

— *Senorita* Angie, é Dolores. O *senor* Barrett disse para a *senorita* estar pronta daqui a meia hora, se quiser escolher o Palomino esta manhã.

— Oh, está bem, Dolores. Eu vou, sim.

Depressa, Angie vestiu-se e desceu para tomar o café. Meia hora depois, caminhava com Barrett pelos estábulos localizados atrás da casa. Seus olhos brilhavam, examinando os lindos animais. Podia escolher o que quisesse, entre dezenas deles, mas não conseguia se definir.

— Se não quiser, não precisa escolher um palomino, minha querida — disse Barrett, ao se aproximarem das últimas baias. — Temos muitos tipos de cavalos aqui, e você pode...

— Não, eu quero um palomino! É só que...

Angie interrompeu-se bruscamente. De um curral espaçoso, mais adiante, vinha o barulho de um animal chocando-se contra a cerca. Um pêlo dourado brilhava ao sol da manhã.

— É aquele! — exclamou, excitada, e correu para lá.

Galopando orgulhosamente junto à cerca, um palomino de pernas longas, pêlo dourado e crina e rabo brancos relinchava, jogando a cabeça para o ar. Nesse momento, um enorme cavalo negro saiu resfolegando de uma das baias e avançou para o Palomino, não demorando a alcançá-lo.

Chocadíssima, Angie viu o cavalo negro morder o palomino, fazendo-o empinar e relinchar, com os olhos arregalados de medo. No entanto, nem bem isso aconteceu e o belo animal já parecia arrependido, pois começou a esfregar o focinho no pescoço do Palomino, soltando estranhos sons de ternura.

Para surpresa de Angie, o Palomino não revidou com outra mordida nem tentou fugir. Foi só quando o cavalo dourado empinou e o negro montou nele, que entendeu exatamente o que estava vendo. Por um segundo, seus olhos verdes, chocados e fascinados, não se desprenderam do par que começava seu acasalamento,

com uma dança estranha e selvagem, cheia de paixão.

— Angie... — Barrett segurou-a pelo braço, tirando-a da cerca. — Não era minha intenção que você viesse até aqui. O gara-nhão negro, Diablo, pertence a Pecos, e ele o está cruzando com a égua Palomino.

— Eu... Eu sinto muito — Angie gaguejou, com os olhos cheios de lágrimas de pudor. — Vou escolher um dos outros cavalos.

— De jeito nenhum! Se for aquela égua que você quer, ela é sua.

— Verdade? Ela não pertence ao seu filho? Pecos não vai se importar?

— Minha querida, todos os cavalos desta fazenda pertencem a mim. Com exceção daquele bruto, Diablo. Pecos capturou-o quando ainda era menino. A égua é minha, mas de hoje em diante passa a ser sua. O único problema é que você escolheu um animal que já deve estar prenhe.

Angie corou.

— Não tem importância. Ela é linda! Pecos pode ficar com o potrinho. Ah, Barrett, muito, muito obrigada! Quando posso andar nela?

— Amanhã está bom?

Angie lançou um rápido olhar para trás de si. Depois, virando-se para Barrett, perguntou num sussurro envergonhado:

— Ela estará em condições de ser montada, amanhã? Barrett fez o possível para esconder seu divertimento. Logo,

aquela criança linda e ingênua aprenderia, por si mesma, o que sentia uma fêmea, depois de uma noite de amor.

— Claro que sim. Hoje é o último dia que ela passa com...

— Ele limpou a garganta, sem saber como explicar que, no dia seguinte, a égua não estaria mais no cio. Afinal, murmurou: — Ela estará livre amanhã. Você poderá montá-la.

— Que bom! Posso escolher um nome para ela?

— Claro.

— Ela ainda não tem nome, então? Barrett hesitou.

— Pecos escolheu um nome para ela, mas isso não faz diferença. Agora ela lhe pertence, e você pode chamá-la do que quiser.

— Que nome Pecos escolheu?

— *Ángel*. — Barrett usou a pronúncia espanhola da palavra.

— Anjo e Diabo — traduziu Angie, arrepiando-se da cabeça aos pés. Em sua

mente, surgiu a imagem do belo garanhão acasalando-se com a égua palomino. Mas, logo em seguida, a imagem de um Pecos de aspecto satânico, com o peito nu e os olhos faiscando, afastou a visão dos cavalos de seus pensamentos. O sangue subiu-lhe ao rosto, e ela teria tropeçado e ido ao chão, se Barrett não a amparasse.

- Está se sentindo mal, minha querida?
- Eu... Acho que ainda não me acostumei com o clima do Texas.
- Vamos para casa, então. Você pode escolher o nome da égua depois.
- Não — ela disse, com decisão. — O nome continua a ser *Ángel*. Não há motivo para mudá-lo.

Na manhã seguinte, Barrett acompanhou Angie de volta aos estábulos. A égua estava sozinha, e não havia o menor sinal do garanhão. Roberto Luna, o vaqueiro escolhido para ensinar Angie a montar, segurava as rédeas do animal. Para alívio da moça, Barrett logo voltou para a casa, deixando-os a sós. Ela estava nervosa e precisava de um certo isolamento para sua primeira aula.

Roberto era um homem paciente, simpático, grande conhecedor de cavalos. Apesar de estar assustada, o medo de Angie vinha temperado pela vontade de montar o belo animal, e em meia hora ela já estava sobre *Ángel*, agarrada ao "Santo Antônio" da sela, enquanto Roberto puxava de um lado para o outro, dando instruções num tom baixo e calmo.

Certa de que estavam sozinhos, Angie manifestou sua alegria, jogando os cabelos para trás e rindo, cheia de prazer e orgulho por sua coragem.

— *A senorita* será uma boa amazona um dia, si? — Roberto comentou, rindo do entusiasmo dela.

— *St! Si, si, si!* — Angie gritou com desinibição, sem deixar de rir.

Atraído por ela como uma mariposa pela chama, Pecos estava em pé do outro lado do curral. Os olhos cinzentos adquiriram um brilho prateado, enquanto ele seguia os movimentos encantadores da garota de cabelos dourados, sobre a égua de pêlo dourado. Contra a sua vontade, uma onda de desejo assolou-o, e, irritado, ele girou nos calcanhares e afastou-se dali.

Iria a Marfa novamente, aquela noite. Convidaria Reno para visitar as irmãs Gonzales, as mulheres do sangue mais quente que já vira. Fazia tempo que não via Lupe. Compensaria o tempo perdido, aquela noite.

Os lábios de Pecos já se curvavam num sorriso de antecipação, quando um riso tilintante espalhou-se pelo ar. De imediato o sorriso sumiu de seus lábios.

CAPÍTULO XII

A inauguração do Fórum do Condado de Presídio seria uma ocasião

importante para os habitantes da pequena cidade de Marfa, no Texas. A Srta. Emily e Barrett tinham falado muito no assunto, e Angie ouvira tudo com atenção, excitada por poder participar do grande acontecimento. Ganhara até um vestido novo, cor-de-rosa, para usar naquele dia.

Os olhos de Angie brilhavam, quando pôs o vestido novo. Nunca tivera traje tão lindo. E o mais surpreendente era que ninguém jamais o usara antes! Sorrindo para sua imagem no espelho, ela se achou uma moça de muita sorte. Morava numa belíssima fazenda, com uma família rica e bondosa. Tinha uma égua palomino e estava aprendendo a montar. Recebera um lindo vestido cor-de-rosa, todo seu. Além disso, estava a caminho de Marfa, para conhecer outras pessoas e passar o dia se divertindo. Era perfeito.

Ou quase, pelo menos...

Na noite anterior, Barrett anunciara que teria de estar em Marfa muito cedo. Angie e a Srta. Emily iriam mais tarde, de carruagem, com Pecos. Angie não gostara disso. Passara quase uma semana sem ver Pecos, e sua vida fora muito mais agradável.

Não gostava do jeito dele, que podia aborrecê-la com um simples levantar de sobrelance. Ou então fazer seu coração disparar, roçando os dedos em seu braço.

Dizendo a si mesma que não deixaria Pecos estragar seu dia, Angie desceu ansiosa por ouvir a opinião da Srta. Emily sobre sua aparência. Com o vestido rosa, de organza, delineando seus quadris, ela entrou na estufa, chamando pela Srta. Emily.

Emily, que colhia algumas rosas amarelas, virou-se. Por um instante nada disse, limitando-se a examinar a moça muito corada, diante dela. O vestido ficara perfeito. De saia rodada, ele tinha mangas bufantes, enfeitadas com a mesma renda branca que dobrava o decote. Botões de madrepérola fechavam o corpete do colo até a cintura, rivalizando em brilho com os cabelos de Angie, afastados do rosto por uma fita cor-de-rosa.

— Você está linda, minha querida! — Emily exclamou, reencontrando a voz.
— Nunca pensei que um vestido pudesse mudá-la tanto.

Com o rosto iluminado pelo prazer, Angie retribuiu o sorriso.

— Acha mesmo, tia Emily?

Ela não estava acostumada com elogios, pois o pai lhe ensinara que a vaidade era pecado. Mas sentia-se bonita, aquela manhã, e a sensação era deliciosa. Não lhe parecia possível que fosse tão ruim gostar da própria aparência.

— Acho, sim. Você está linda, Angie! E tanta beleza merece uma das minhas rosas premiadas. Escolha a que quiser.

Juntas, as duas se puseram a caminhar por entre as roseiras carregadas de

flores. De repente, Emily parou diante de uma delas, que exibia uma única rosa.

— É esta, Angie. Esta é a que combina com você.

— Ah, não, tia Emily! Essa não! É a única, e eu sei que é especial.

— Mas você também é especial. — Sorrindo, Emily colheu a linda flor, de um rosa pálido e pétalas perfeitas, e prendeu-a na fila que segurava os cabelos de Angie.
— Pronto!

— A senhora é muito boa — Angie murmurou, emocionada com o fato de alguém considerá-la especial.

— Agora, que tal você ir até o quarto de Pecos, ver se ele está pronto? Enquanto isso vou lavar as mãos e retocar os cabelos.

Angie sentiu um frio na boca do estômago. A última coisa que queria era ficar sozinha com Pecos. Mas não teve coragem de dizer nada à srta. Emily, pois era evidente que ela adorava o sobrinho e não a entenderia.

- Está bem — concordou, com um sorriso forçado. — Obrigada pela rosa. - De nada.

Na porta da estufa, as duas se separaram. Com o sangue latejando na cabeça, Angie dirigiu-se ao quarto de Pecos.

Falaria com ele através da porta e iria para a carruagem. Mesmo assim, estava com o coração a ponto de saltar do peito, quando afinal bateu.

— Quem é?

— É... É Angie... Angie Webster, Sr. McClain.

A porta se abriu rapidamente, e Pecos apareceu, sem camisa e com a metade inferior do rosto coberta por sabão de barba. Angie fitou-o, fascinada, mas logo em seguida, percebendo o que fazia, pediu desculpas.

— Eu... Desculpe... Eu não pretendia...

Pecos, com um sorriso divertido, ergueu a mão e segurou-a pelo braço.

— Você não tem do que pedir desculpas, Angie — falou num tom casual, com o olhar fixo no dela. Puxando-a então para dentro, fechou a porta do quarto e soltou-a.

Ao ouvir a porta fechar-se, Angie girou tão rápido que se chocou contra o peito de Pecos, tendo de se agarrar nele para não cair. Pecos ajudou-a, segurando-a pelos ombros.

Enervada por aquela proximidade, Angie tentou afastar-se de imediato, mas seus sentidos já tinham sido atingidos pela masculinidade de Pecos. O peito dele estava ao nível de seus olhos, com aquela cicatriz, que começava sob o mamilo direito e descia até desaparecer sob a calça. Uma vontade enorme de passar os dedos

pela linha esbranquiçada assaltou-a, ao mesmo tempo em que o cheiro masculino enchia suas narinas, acelerando ainda mais seu coração. Mas ela estava decidida a não deixar que o magnetismo dele a afetasse e, baixando o olhar para o chão, disse, numa vozinha tensa e fraca:

— Por favor, Pe., sr. McClain... Não fica bem eu estar aqui no seu quarto, com a porta fechada. Quer abri-la, por favor?

Sem lhe dar atenção, Pecos segurou-a pelo queixo e obrigou-a a fitá-lo. Os olhos cinzentos tinham um brilho malicioso, e ele sorria abertamente.

— Angie, você invadiu minha privacidade, sem ser convidada, quando estou praticamente despido. Depois, colou seu corpo ao meu, da maneira mais desavergonhada possível. E agora ainda tem coragem de vir com essa história de que "não fica bem"?

— Passou a mão pelos cabelos dela, ele continuou, num tom mais baixo. Sabe qual é a minha opinião, Angie? Que você está com tanta vontade de se comportar mal quanto eu. Angie abriu a boca, indignada. Mas antes que pudesse gritar por OITO, os lábios de Pecos já estavam sobre os seus. Ele ainda não tirara o sabão de barba, mas parecia ter se esquecido de tudo, nos dos lábios que beijava.

Angie não se esquecera do detalhe, mas logo deixou de se importar, perdida na emoção que a assolava. O homem alto, seminu, que beijava sua boca fazia seu corpo arder da cabeça aos pés. a sensação era tão intensa, que só podia ser pecaminosa. E chocante... Escandalosa... Apavorante... Mas... Maravilhosa!

Sob a carícia persuasiva de Pecos, Angie perdeu toda a vontade de reagir. Seu corpo amoleceu de encontro ao dele, e ela correspondeu com ansiedade ao toque da língua masculina, que a atordoava, excitava e amedrontava.

Pecos murmurou seu nome num gemido, puxando-a para mais perto de si. Com os seios apertados de encontro ao peito masculino

Angie não fazia idéia da emoção que despertava nele. Tomada pelo desejo, arqueou o corpo para a frente, sendo recompensada com um beijo ainda mais profundo e exigente. Já estava achando que ia morrer, se aquilo não acabasse logo, quando Pecos a soltou.

Vagamente, tomou consciência do gosto de sabão de barba, em sua boca e na língua.

Use a toalha.

A voz soou junto a sua orelha esquerda, onde Pecos mordiscava o lóbulo e espalhava sabão de barba por outras áreas. A toalha a que ele se referia estava bem perto de seu rosto, em volta do pescoço dele. Só tinha de se inclinar para frente, enquanto Angie limpava o rosto, Pecos continuou a beijá-la descendo pelo pescoço

macio e enchendo-a ainda mais de sabão

Pecos, você está-me ensaboan...

Erguendo a cabeça, ele a fitou.

Desculpe benzinho. — E inclinando o corpo um pouco para trás, pediu num tom rouco: — Limpe o meu queixo.

O pedido foi uma ordem para a garota trêmula e atordoada, que passara a vida inteira obedecendo. Gentilmente, ela o limpou com a ponta da toalha, fazendo o possível para não encará-lo. O olhar dele, quente e firme, a excitava tanto quanto os beijos.

Ao terminar, para sua surpresa e de Pecos, Angie deixou a toalha cair ao chão e levou os dedos trêmulos aos lábios dele, tocando-os de leve.

— Obrigado — Pecos murmurou. E quando ela retirou a mão, pôs-se a beijá-la no rosto, na boca, no nariz, pedindo:

— Encontre-se comigo depois que todos forem dormir, Angel. Podemos ir a cavalo ao Riacho Cibolo e nadar, nus, à luz do luar. — Mais beijos se seguiram, aumentando a chama que queimava dentro dela e pondo fim a qualquer idéia de resistência. — Podemos ir até perto de Marfa, também, e fazer amor sob aquelas luzes estranhas, tendo os fantasmas como testemunhas da nossa paixão.

Angie jogou a cabeça para trás, incapaz de responder. Confusa, perdida, entregue à paixão do momento, limitou-se a suspirar e a agarrar-se a ele com mais força. No instante seguinte as mãos de Pecos envolviam sua cintura, levantando-a no ar. Ela tentou falar, pôr fim àquela situação perigosa, mas não conseguiu. Como poderia, quando ele murmurava em seu ouvido, num tom pro-; fundo e atordoante, o que toda garota deseja ouvir?

— Você é tão doce, Angel, tão linda! Tem cheiro de rosas e sabor de mel. Eu a desejo tanto! Tenho de possuí-la, Angel. Você é tão atraente, tão beijável, tão...

— Pecos... Eu... Eu... Pecos! — Angie protestou, quando ele enterrou o rosto entre seus seios. Mesmo protegidos pelo tecido do vestido, os mamilos enrijeceram. — Não, Pecos... Por favor!

— Relaxe, Angie. Eu ainda não fiz nada.

— Nem vai fazer. Solte-me, Pecos McClain! Estou falando sério! Não quero...

As palavras morreram na garganta de Angie. Descendo um braço para segurá-la pelos quadris, Pecos usou a mão livre para desabotoar os botões de madrepérola que fechavam a frente de seu vestido.

Angie era completamente inocente. Sabia que as carícias de Pecos deixavam-na quente e mole, e que ele experimentava o mesmo tipo de sensação, quando a beijava. Já percebera que ele estava com a respiração muito alterada e supunha que isso fosse porque queria ver seus seios. Não lhe passou pela cabeça que ele pudesse

querer mais do que simplesmente olhar.

Lentamente, Pecos ergueu a cabeça, fitando-a com olhar ardente. Angie olhou para baixo e não conteve uma exclamação de vergonha. Seu vestido estava aberto até quase a cintura.

— Você é atrevido — acusou em lágrimas, usando as mãos para juntar os lados do corpete.

Sem se alterar, Pecos mordiscou uma das mãos.

— Se não quer que eu a morda de verdade, Angie, tire as mãos daí. — Fitou-a nos olhos. — Tire doçura. Eu não vou machucá-la.

As forças do bem e do mal batalhavam no íntimo de Angie. A razão lhe dizia que aquilo não era certo, que devia gritar por socorro e fugir dos braços daquele homem. Mas o coração gritava que seriam apenas mais alguns beijos gloriosos, mais alguns segundos excitantes nos braços de Pecos. Devagarzinho, transferiu as mãos para os ombros dele, o que lhe valeu um sorriso de tirar o fôlego.

Ainda sorrindo, Pecos inclinou-se e, com os dentes, puxou o vestido rosa para o lado. Angie queimava de vergonha e ao mesmo tempo desejava que ele não a achasse feia.

Pecos examinou o seio que descobrira, cujo mamilo rosado estava a poucos centímetros de seu rosto. O mais lindo que já vira, *com* a pele translúcida e a forma perfeita. Empinado para a frente, parecia ansiar pelo toque de uma boca masculina. E o mais surpreendente era que tinha um ar intocado, como se sua dona fosse uma virgem inocente, que nunca estivera com um homem.

Sentindo as faces quentes e a costumeira excitação que compartilhava o desejo, Pecos procurou os olhos de Angie. Havia neles um brilho de lágrimas e uma expressão inconfundível de medo. Muito bela e atraente, causou nele exatamente o que ela parecia pretender. Respirando fundo, ele tentou não se esquecer de que tinha nos braços uma mulher experimentada, que na certa forjava com o olhar assustado.

Você me envergonha Pecos, examinando minha nudez desse modo. Na certa vou ser punida por deixar que me veja **in**.

Ele não se deixou comover pela voizinha trêmula.

— Acha mesmo que será punida por isso?

— Acho. E você também será Pecos.

— Nesse caso, quero ver e fazer um pouco mais. Gentilmente, ele descobriu o outro seio de Angie. Sua paixão aumentava.

A seu modo, ele também lutava contra o que acontecia, se bem que não pelos motivos dela. Desde o início tivera intenção de levá-la para a cama e aproveitar tudo

o que ela pudesse lhe dar. Agora, no entanto, segurando-a nos braços, com os lindos seios rosados junto ao rosto, assustava-se com a intensidade do que sentia por ela.

Como podia sentir ternura por aquela prostituta loira, que já dormira com dúzias de homens, por dinheiro? Ela fora a mulher mais procurada da fronteira, à disposição de qualquer um que se dispusesse a pagar um alto preço. Logo, por um preço maior ainda, estaria casada com o homem lascivo que era seu pai. E na certa usaria tudo que aprendera na vida para se apoderar do que era seu, por direito.

Apesar de saber disso tudo, Pecos percebeu enojado, que sua atração por Angie ia muito além do desejo físico. Para se defender, escolheu o caminho de sempre: fez pouco do que sentia.

— Dê uma olhada nos seus mamilos, Angie. Parecem botões de rosa. — Soprou sobre eles, sem tirar os olhos zombeteiros dos dela, ainda cheios de lágrimas. — Será que vão desabrochar em minha boca, se eu os experimentar?

Angie não era páreo para aquele homem forte e assustador, que a provocava sem o menor sentimento. As lágrimas escorriam-lhe pelas faces, quando Pecos inclinou-se para a frente e tomou um dos seios na boca, tocando o mamilo com a língua. Não pôde sufocar um soluço, e de imediato ele tornou a encará-la. Por um segundo interminável eles se perderam um no outro. Pecos a ergueu nos braços e carregou-a para casa.

Deitados lado a lado, Pecos beijou-a gentilmente, acariciando-lhe a cintura, antes de procurar-lhe um dos seios. Angie fitava-o, encantada com a beleza do corpo viril. E, de repente, esquecendo-se do medo, do lugar onde estavam e do pecado que cometia, perguntou baixinho:

— Eu sou bonita, Pecos?

— Seus seios são tão lindos, que tenho vontade de me ajoelhar e adorá-los. Nunca vi uma forma tão perfeita, tão atraente, tão... Gostosa.

Angie prendeu a respiração, à espera do contato dos lábios dele com seu mamilo enrijecido. Pecos, com o coração batendo acelerado, sentiu vontade de puni-la, mordê-la até deixá-la com os seios vermelhos e doloridos de suas carícias. Ao final, no entanto, a ternura venceu e ele a beijou gentilmente, murmurando:

— Angie...

— Pecos, querido, você está aí?

A pergunta assustou os dois, que haviam se esquecido por completo da tia Emily e da inauguração do Fórum. Os olhos de Angie dilataram-se de terror, mas Pecos, fazendo-lhe um sinal para se manter em silêncio, respondeu com calma:

— Ainda não terminei de me vestir, tia Emily. Preciso de mais cinco minutos.

— Está bem, querido. Angie não passou por aqui?

— Passou, mas já faz algum tempo. Ela me disse qualquer coisa sobre ir até o

quarto, pegar luvas e o chapéu.

Pecos falava, fitando Angie e acariciando-lhe um dos mamilos. Ela lhe parecia apavorada, e passou-lhe a idéia de que aquilo não fosse fingimento: estava mesmo com medo. Afinal, seria um escândalo encontrarem a futura noiva seminua, na cama do filho pródigo. A vagabundazinha tinha medo de perder a grande chance de sua vida!

— Está bem, querido. Eu vou esperar na carruagem.

Quando o som dos passos de Emily sumiu no corredor, Pecos colocou Angie em pé e ajudou-a a abotoar o vestido.

— É melhor você se apressar, Angie. Atravesse o pátio e vá para o seu quarto, buscar um chapéu.

Trêmula de remorso, Angie só conseguiu concordar com um gesto de cabeça. Quando se recuperou, correu para as portas duplas e fugiu para o pátio.

Após vestir uma camisa branca e um casaco bege, Pecos sentou-se na cama para calçar as botas. Foi quando notou a rosa sobre a colcha.

Com dedos trêmulos, aproximou-a do rosto. Miraculosamente, apesar das carícias com que brindara sua dona, a rosa nada sofrerá. Continuava fresca e perfeita como se nunca tivesse sido colhida, cheirada ou tocada. Sem dúvida, ela e a dona eram muito parecidas.

Um riso sem alegria ecoou pelo ambiente silencioso. Abrindo a mão, Pecos deixou a flor deslizar para o chão. De repente, no entanto, achando-a ofensiva, esmagou-a com o salto da bota e saiu do quarto.

CAPÍTULO XIII

— Não entendo — comentou a Srta. Emily, ajeitando as cestas *de* comida a seus pés. — Angie já estava pronta há mais de uma hora. O que será que aconteceu?

Pecos, com o pé apoiado na escada da carruagem, sorriu para í tia.

— Ela não deve demorar, querida. Não se preocupe que vamos chegar a tempo de ouvir todos aqueles discursos aborrecidos.

— Espero que o prefeito não resolva fazer outro daqueles... Ah, ai vem ela!

De imediato, Emily notou que Angie perdera o entusiasmo de dizes. Ela caminhava para a carruagem como se não quisesse mais ir a Marfa. O que poderia ter acontecido?

Com o rosto praticamente escondido pelo chapéu de palha de abas largas,

Angie aproximou-se. Endireitando o corpo, Pecos segurou-a pelo braço.

— Você está parecendo um floco de algodão doce com esse vestido, Angie.

Ela ergueu os olhos e ele notou surpreso, que estavam vermelhos de chorar. Mas não se comoveu e, com um sorriso zombeteiro ajudou-a a subir na carruagem.

— Desculpe se a fiz esperar, tia Emily — Angie murmurou, sem se virar.

— Não tem importância, minha querida. Temos tempo de sobra.

— É verdade. — Pecos acomodou-se ao lado de Angie, no banco da frente. — Aposto que, antes de o dia terminar, já estaremos loucos de vontade de estar aqui na fazenda, na nossa cama.

— Não há dúvida. — Emily inclinou-se para frente, enquanto Pecos soltava o breque e colocava os cavalos a trote.

— Vejamos... Primeiro teremos os discursos e depois o corte da fita inaugural. Em seguida, o almoço e, durante a tarde, as barracas de exposição. Não sei se sabem, mas me inscrevi no concurso de mantas.

— Aposto que vai ganhar, tia Emily — Pecos assegurou. — Em todo o condado, não há ninguém que faça mantas mais bonitas que as suas. Você também não acha Angie?

Angie não respondeu, e Pecos virou-se para ela.

— Não acha, Angel?

— Ahn? O quê?

— Eu estava dizendo... Por que não tira esse chapéu, até chegarmos à cidade? A carruagem é coberta.

— Sem esperar, ele estendeu o braço e pegou o chapéu, passando-o para a tia, no banco de trás. — Mas como eu ia dizendo, tia Emily na certa vencerá o concurso de mantas.

Virando-se um pouco para trás, Angie forçou um sorriso.

— Concordo plenamente, tia Emily. Sua manta é tão linda, que a senhora não pode deixar de ganhar.

— Vocês é que são uns amores, meus queridos. Mas... Angie, onde está a rosa que eu lhe dei? Ficou tão bem, nos seus cabelos.

— É mesmo — Pecos interferiu. — Quando você foi ao meu quarto, notei que tinha uma rosa nos cabelos. Por que a tirou?

Os olhos dele brilhavam de malícia, e Angie sentiu o desespero dar lugar à raiva. Não contente em envergonhar, humilhar, beijar e despi-la, aquele homem frio e cruel ainda queria vê-la mentir para a tia, uma mulher tão boa e gentil.

— Já não se lembra do que aconteceu? — perguntou furiosa. — Ninguém

melhor do que você para contar a sua tia. Por que não conta? Ela quer saber.

Sorrindo, Angie piscou com coqueteria para o surpreso Pecos. Mas ele logo se recuperou e respondeu, escondendo a admiração que sentia por ela:

— Eu disse a Angie que ela é bonita o suficiente para não precisar de nenhum enfeite. Não concorda comigo, tia Em?

— Bem, eu só queria... Pensei que a rosa iria... Vire-se para eu dar uma olhada, Angie.

Forçando um sorriso, Angie virou-se para que a senhora a visse melhor.

— Meu Deus! Acho que Pecos tem razão, Angie. O laço de fita é mais que suficiente. Você parece um... Anjo.

— Pecos terminou, com os olhos nos de Angie. E quando o sorriso dela desapareceu, jogou a cabeça para trás e riu.

Sempre à procura de um fato que quebrasse a monotonia da vida naquela fronteira do Texas, todas as famílias num raio de cem quilômetros compareceram a Marfa, para a inauguração do Fórum.

A celebração era a desculpa perfeita para os homens largarem o trabalho por um dia e, na companhia das mulheres e filhos, aproveitar a boa comida, a bebida e a companhia alegre dos vizinhos e amigos.

Pecos entrou em Marfa pela rua principal, e Angie, mais animada, espantou-se com a quantidade de gente nas calçadas. Havia *buggies*, carroças, carruagens e cavalos por todo canto. Maridos ajudavam as esposas a descarregar cestas de piquenique e garrafas de água, enquanto crianças corriam ao redor, chamando os amigos aos gritos. Vaqueiros encostavam-se às paredes dos *saloons*, cumprimentando polidamente os que passavam. Moças, em grupos alegres, passeavam para cima e para baixo, decididas a atrair a atenção dos rapazes. Muitas lançavam olhares convidativos para Pecos, que retribuía com sorrisos apreciativos.

Tomada por uma ansiedade infantil de participar daquela *ale-Ki* ia, Angie apoiou as mãos nos ombros de Pecos e deixou que ele a tirasse da carruagem. Segurando-a junto de si um segundo além do necessário, ele sussurrou num tom convidativo, com os olhos brilhando daquele jeito que ela odiava:

— Dê um jeitinho de se afastar dos outros, às quatro da tarde. Se conseguir, eu lhe compro um pirulito de hortelã e fico vendo você chupá-lo.

-Oh, você é nojento!

Angie desceu o pé sobre o de Pecos, com toda força. Mas ele apenas riu, e ela se afastou, jurando que fugiria dele como o diabo foge da cruz.

Angie e a Srta. Emily tomaram seus lugares nos bancos armados diante do

Fórum. Num palanque construído apressadamente, slnvam Barrett McClain e mais três autoridades. Ele as saudou num sorriso satisfeito e orgulhoso. Angie retribuiu com um sorriso meigo, pensando que nunca vi um homem tão sensível e terno quanto ele. Completamente diferente do filho. Estava em *Tierra dei Solha* menos de três semanas, e Barrett já a tratava como se fosse uma filha adorada. Até parecia bom demais, para ser verdade.

A festividade começou. Os lugares vazios logo foram ocupados, e muita gente ficou de pé. Os discursos tiveram início. Sob o aplauso da multidão, Barrett McClain adiantou-se.

— Obrigado, obrigado — agradeceu, erguendo os braços para pedir silêncio. Quando a multidão se aquietou, disse:

— Senhoras e senhores, este é um dia de orgulho para nós. Atrás de mim vocês vêem o terceiro estabelecimento de justiça do condado. O primeiro fica em Fort Leaton, no condado de Rio Grande; o segundo, em Fort Davis. Este é o terceiro, mas de muitos modos é o primeiro. Nenhuma construção, em todo o sudoeste do Texas, pode se comparar ao edifício magnífico que tenho atrás de mim.

A multidão rompeu em aplausos e Barrett esperou um pouco, antes de continuar:

— Este edifício gigantesco ainda estará aqui, muito depois de os filhos de nossos filhos terem ido para junto de Deus. Construído inteiramente de pedra nativa e tijolos feitos na nossa bela cidade de Marfa...

A manhã gostosa cedera lugar ao sol escaldante do meio-dia. Angie sentiu a brisa do deserto soprar em seu rosto. O chapéu a protegia um pouco do calor, mas sua testa já estava porejada de suor. E os cabelos, caindo sobre os ombros, pareciam esquentá-la ainda mais.

Afinal, os discursos se acabaram, a fita foi cortada, e o Fórum estava oficialmente inaugurado. Momentos depois, Emily e Angie se encontravam sob a cobertura improvisada com lonas, tomando um copo de refresco. Longas mesas, montadas com tábuas e cavaletes, exibiam a maior quantidade de comida que Angie já vira em toda a sua vida. Cheia de apetite, apesar do calor escaldante, ela se pôs a andar de mesa em mesa, provando uma porção de cada prato. No fim, vieram as sobremesas, e as senhoras presentes tanto insistiram para que ela provasse um pedacinho de cada doce, que acabou comendo mais do que devia.

Quando a refeição terminou, as mesas foram limpas e as outras atividades tiveram início. Em primeiro lugar, corrida de sacos para os rapazes e corrida de ovos para as garotas. Encantada com a novidade, Angie juntou-se às participantes da corrida feminina, recebendo uma colher e um ovo. Todas se prepararam, prendendo o cabo da colher entre os dentes e equilibrando o ovo na outra extremidade. Quando um dos vaqueiros deu um tiro para o ar, elas partiram animadas pelos gritos dos espectadores.

Angie corria os olhos fixos no ovo. Um por um, os ovos foram caindo ao longo do caminho, até restarem pouquíssimas competidoras. A poucos passos da linha de chegada, Angie lançou um olhar de esguelha para a moça que disputava o primeiro lugar com ela. Uma linda garota espanhola, com os braços morenos estendidos para o lado, para conseguir maior equilíbrio, e uma expressão concentrada no rosto. Angie vacilou, e o ovo caiu de sua colher. Apesar de desapontada, ela tirou a colher da boca e adiantou-se ia cumprimentar a rival.

Parabéns foi uma bela vitória.

Si' — a garota respondeu, com um olhar de triunfo. — E eu i continuar vencendo, *senorita*.

Com isso, a espanhola girou nos calcanhares e foi buscar seu prêmio. Angie não entendeu o que ela quisera dizer, resolveu esquecer e aproveitar o passeio. O tempo voou, enquanto visitava as barracas e via amostras de doces, geléias, mantas, xales, rédeas e outros artigos de couro, feitos pelos habitantes do condado.

No fim da tarde, a maior parte das pessoas procurou seus carroções, *Buggies* e outros lugares que forneciam sombra, para descansar antes da refeição noturna e das danças.

Angie, corada pelo excitação, não se sentia cansada. Barrett estava ocupado com um jogo de dominó, e a Srta. Emily dormitava sentada em um banco de madeira. Sozinha, resolveu aproveitar o momento para explorar a cidade. Começou pela rua principal, passando pela mercearia, a selaria e o escritório de um advogado. Quando chegou ao Saloon Red Sunset, parou fascinada. Através da porta de vaivém, ouviu o som de risos e música. Louca para dar uma espiada, adiantou-se um pouco, olhando nervosamente em torno de si. Não havia ninguém na rua. Aproveitou a oportunidade e foi até a janela de vidros sujos, onde olhou para dentro. O *saloon* estava superlotado. A fumaça azulada de cigarros espalhava-se pelo ar, enquanto homens jogavam cartas, ao redor das mesas cobertas por toalhas de feltro verde. Um garçom gordo, com enormes costeletas, conversava animadamente com um grupo de fregueses, enquanto os servia de bebida. Atrás do bar havia um enorme espelho, diante do qual ficava nas prateleiras, com as garrafas de bebida. Da parede, acima do espelho, pendia um quadro gigantesco, pintado a óleo.

Angie levou a mão à boca, horrorizada. O quadro retratava uma mulher loira, completamente nua. Reclinada sobre uma almofada de veludo vermelho, tinha um ar malicioso no rosto em forma de coração, enquanto exibia os seios fartos e os quadris arredondados, para todos verem. Chocada, Angie abaixou os olhos. Foi quando o viu.

Pecos! Ele estava junto ao bar, com um copo na mão. Seria possível que já a tivesse visto? Nesse momento, ele se virou e viu-a. De imediato, com um sorriso atrevido e os olhos fixos nos dela, levantou o copo num brinde à figura nua e tomou um gole de uísque.

Angie girou nos calcanhares e fugiu. Correu tanto, que sentiu dor no lado esquerdo do corpo e teve de parar diante de uma barbearia, para descansar. Ofegante, temendo que Pecos a tivesse seguido, olhou para trás. Mas a rua estava deserta, e um suspiro de alívio escapou de seus lábios.

Quando a respiração voltou ao normal, Angie retomou a exploração de Marfa. Erguendo um pouco a saia, cruzou a rua e entrou numa loja enorme, que vendia de tudo.

— Posso ajudá-la em alguma coisa?

— Perguntou um homem alto e magro, de trás do balcão.

— Não... Eu... Não tem importância, se eu der uma olhada?

— Claro que não. Pode olhar a tarde inteira, se quiser — o homem respondeu, sorridente.

Encantada, Angie pôs-se a andar por entre as prateleiras, examinando a mercadoria exposta. Havia tecidos de todas as cores, linhas e chapéus delicados. Levantando um espelho de moldura dourada, ela sorriu tolamente para si mesma, antes de recolocá-lo no lugar. A loja parecia ter tudo que uma mulher pudesse desejar. Inclusive contas de cristal, braceletes dourados e lindos pentes para serem usados no cabelo. Além de leques de renda, vidros de perfume, sabonetes cheirosos, canetas, papel de cartas, tinteiros minúsculos...

— Minha nossa! — Angie exclamou, aproximando-se mais de uma das prateleiras. Incapaz de se conter, estendeu a mão e pegou a mais linda caixinha que já vira, feita inteiramente de um meta! Dourado e enfeitada com madreperla.

— Abra-a — convidou uma voz masculina, junto dela. Angie virou-se, assustada.

— Deixe que eu lhe mostro — disse Pecos, pegando a caixinha e colocando-a na palma da mão.

Ele ergueu a tampa e sorriu quando os olhos de Angie se arregalaram surpresos. A caixinha mágica tocava música, enquanto o casal em miniatura, elegantemente vestido, levantava-se do fundo para dançar ao som de "Boa noite, senhoras".

— Oh, Pecos, eu nunca... — ela se interrompeu incapaz de exprimir a admiração que sentia.

— É só uma caixinha de música, Angel.

Sem tirar os olhos das figurinhas que rodopiavam, Angie confessou:

— Eu nunca tinha visto uma caixinha de música, Pecos. Ele abriu a boca para protestar, mas acabou desistindo e dizendo apenas:

— Quer que eu a compre para você?

Maravilhada com a caixinha, Angie respondeu automaticamente:

— Quero! Eu... — Mas então fitou-o e voltou à realidade, corrigindo-se rapidamente:

— Não, claro que não.

— Eu não estou brincando, Angel. Será um prazer comprar esta caixinha para você.

Tirando-a da mão dele, ela fechou a caixinha e recolocou-a no lugar.

— Papai sempre disse que comprar essas tolices é um desperdício de dinheiro.

— Seu pai devia ser um grande cha...

— Pecos McClain!

— Desculpe, Angel — E segurou-a pelo braço, quando ela tentou se afastar.
— Não fuja. Eu quero que conheça meu amigo.

Só então Angie notou o mexicano, um passo atrás de Pecos. Exibindo um dente de ouro num sorriso aberto, ele estendeu a mão para ela, enquanto Pecos informava:

— Este é Reno Sanchez, Angel, o mexicano mais preguiçoso de *Del Sol*. Apesar de chocada pelo insulto ao mexicano, Angie respondeu, sorrindo:

— E um prazer conhecê-lo, Sr. Sanchez. Eu sou Angie Webster.

— A *senorita* é linda. E a mulher mais linda que já vimos em *Del Sol*.

— É muita gentileza sua. — Lançando um olhar frio a Pecos, Angie acrescentou: — Não entendo por que não arranja uma companhia melhor.

Pecos riu, enquanto Sanchez se defendia.

— Ah, não, *senorita*, não fale assim de Pecos. Ele e eu somos companheiros.

Soltando a mão de Angie, Reno deu um passo para trás e pôs o braço nos ombros do amigo.

— Não deixe esse tolo enganá-la, Angel — Pecos retrucou de imediato, livrando-se do braço de Reno.

— Eu sou um solitário, que não tem companheiros.

Imaginando por que razão o mexicano agüentava a grosseria e os insultos de Pecos, Angie murmurou:

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Sanchez. Agora, se me dão licença, preciso ir.

— Claro, Angel.

Rindo, Pecos observou-a deixar a loja e desaparecer em direção à reunião. Enquanto Reno declarava, num espanhol rápido, que nunca vira uma moça tão linda

e meiga, ele pegou a caixa de música e disse ao dono da loja:

— Coloque este brinquedo na minha conta, Sam.

— Claro, Pecos. Não quer que eu o embrulhe?

— Não — Pecos respondeu, dirigindo-se à saída com passos largos, acompanhado de perto pelo amigo.

CAPÍTULO XIV

A noite chegou, refrescando o ar quente do deserto. Estrelas brilhavam no céu escuro, e o tablado iluminado por tochas enchia de romantismo o último evento daquele dia de celebrações. Encantada, Angie observava os pares sorridentes, que giravam ao ritmo da música alegre. Quando o número terminou, ela riu e aplaudiu junto com os outros espectadores.

Os músicos tornaram a erguer os violinos, dessa vez para tocar "Eu a levarei de novo para casa, Kathleen", uma balada doce e triste, que era a favorita de Angie. Com ar sonhador, ela se pôs a balançar o corpo, observando os pares abraçados.

De repente Angie se imobilizou, engolindo em seco. Sob uma das tochas estava Pecos, abraçado à garota que a vencera na corrida daquela tarde. Ele a fitava com ar sedutor, enquanto ela o enlaçava pelo pescoço, retribuindo o olhar com uma expressão de inegável felicidade.

Como que hipnotizada, Angie não tirava os olhos do par, que dançava com tanta sensualidade. Pela primeira vez na vida, experimentava uma das mais fortes e assustadoras emoções humanas: o ciúme.

— Vocês estão prontas para voltar a *Tierra dei Sol*? — perguntou Barrett McClain, que acabava de abrir caminho entre a multidão, para se juntar à Angie e à Srta. Emily.

Um pouco antes, Angie sentira vontade de ficar até o fim da festa. Tolamente, tivera esperanças de dançar, mesmo que fosse só com Barrett. Mas a visão de Pecos com a namorada acabara com sua alegria. Agora entendia perfeitamente o que a garota lhe dissera, ao final da corrida, e sentia-se quase doente.

— Eu estou. — Angie virou-se para Barrett e a Srta. Emily. — Fiquei muito cansada, com todos esses divertimentos.

— Então vamos. Desta vez, quem dirige a carruagem sou eu. Meu filho vai passar a noite na cidade.

Pecos percebeu que eles saíam e não tirou os olhos de Angie, senão ao vê-la sumir na distância. Lupe Gonzales, de olhos fechados e com o corpo colado ao dele, não demorou a notar que algo o distraía.

— O que foi, Pecos? — quis saber, encarando-o.

Pecos sorriu de imediato, inclinando-se para beijá-la na orelha.

— Nada, querida.

Tremendo de antecipação, Lupe colou-se mais a ele.

— Ah, meu bem, esta noite você não dormirá nem um segundo! Lupe vai amá-lo a noite inteira.

— É mesmo? Mal posso esperar.

Pecos não sabia por que, mas não estava nada ansioso para passar a noite com Lupe. Também não sabia por que comprara aquela tola caixa de música. Nem por que ainda não se desfizera dela. Mas era isso que faria. Assim que a dança terminasse, daria a caixinha a Lupe.

As horas foram se passando. Num dado momento, Lupe, louca para ter Pecos só para si, sussurrou:

— Chega de dançar e beber, Pecos. Lupe sabe do que você precisa, agora. Reno e minha irmã já foram embora há muito tempo. Não acha que está na hora de irmos?

— Claro, benzinho. Vamos indo.

Minutos depois eles desciam do cavalo, diante da casa de Lupe.

Ela tomou Pecos pela mão e o levou para o quarto, fechando a porta atrás de si. Sentindo as paredes girarem, Pecos riu.

— Onde está a cama, Lupe? Mudou-a de lugar?

— Está no lugar de sempre, seu bobo! Sente-se que eu o ajudo a tirar as botas.

Lupe estava se divertindo com o tom ligeiramente pastoso da voz masculina.

Pecos deixou-se cair sobre a cama, que rangeu com o seu peso.

— Venha me dar um beijo, mulher!

Deitando-se sobre ele, Lupe beijou-o com ardor, interrompendo a carícia apenas para perguntar:

— Quer que Lupe faça amor com você, Pecos?

— Claro, benzinho — afirmou ele. Estava com os olhos vidrados e a cabeça girando, de tanta bebida.

— Vai ser muito bom, Pecos. — Habilmente, ela tirou a camisa dele. — Você fica muito tempo longe de Lupe. Eu sinto saudades. Vai passar a noite toda comigo, *si!*

— Lupe, eu...

Com um beijo, Lupe impediu-o de continuar. De repente, Pecos percebeu que

estava tendo de se esforçar para levar o ato avante. Horrorizado, abraçou-a, beijando-a com ardor.

Assim que o beijo terminou, Lupe levantou-se e abriu a blusa, expondo os seios morenos. Pecos fitou-os, e subitamente os efeitos da bebedeira passaram. Seria possível que estivesse perdendo a masculinidade?

Lupe inclinou-se para diante, pressionando os seios ao peito dele e beijando-lhe o pescoço, enquanto fazia movimentos sugestivos com os quadris.

— O que foi, Pecos? Não quer a sua Lupe? Não quer me olhar? De olhos fechados, Pecos via outra pessoa: uma pequena esbelta, de cabelos loiros e pele clara. A mesma garota que quase despira em seu quarto, aquela manhã. Era Angel que desejava ter nos braços. Era Angel que queria beijar, era com ela que queria fazer amor ao luar.

— Lupe, benzinho... Acho que tomei uísque demais. — Abrindo os olhos, ele desceu a mão pelas costas dela, numa carícia leve. — Não vou servir para nada esta noite, doçura. Sinto muito.

— Não é possível. Você nunca falha! — Ela tornou a beijá-lo, com maior intensidade. Mas quando não obteve resposta, acusou, num tom ácido: — É outra mulher!

— Não é, não...

— É outra mulher! — Lupe repetiu, elevando a voz. — Você nunca esteve na minha cama e foi embora sem me fazer feliz!

— Eu já lhe expliquei, benzinho. Tomei muito...

— Tolice! Você já esteve aqui mais bêbado que hoje, e nem por isso deixou de se portar como um homem. — Inclinando-se novamente para ele, ela sussurrou: — Por que não fica deitado aí, de olhos fechados, e me deixa ver se...

Lupe começou a descer a mão pela barriga de Pecos, mas ele sentou-se, impedindo-a de continuar.

— Benzinho — murmurou, tomando-lhe a mão e levando-a aos lábios, você é a garota mais sexy que conheço, mas hoje não vai adiantar. Estou cansado, Lupe.

Puxando a mão bruscamente, Lupe levantou-se e começou a abotoar a blusa, resmungando em espanhol. Pecos mordeu os lábios para não rir. Conhecía a língua e sabia exatamente o que ela dizia.

— Não é nada disso, Lupe — defendeu-se, afinal. — Não existe nenhuma outra mulher acabando com a minha energia. Você...

— E mentira! Lupe não é nenhuma boba. Eu vi você olhando para aquela branquela! Você está se acabando na cama dela!

— Pelo amor de Deus, Lupe, não seja ridícula. Eu já lhe disse que aquela

garota é a futura esposa de meu pai.

— Pouco me importa com quem ela vai se casar. Se você não está dormindo com ela, está morrendo de vontade de dormir. E eu nem sei o que é pior. Acho que...

Essas palavras atingiram Pecos como um golpe físico. Enfurecido, ele se levantou da cama e agarrou Lupe pelo braço, dizendo por entre dentes:

— Você é uma mulher de sangue tão quente, Lupe, que acha que as outras também são assim. Não lhe passou pela cabeça que pode haver dias em que eu não sinto vontade de fazer amor com ninguém? Se eu quisesse...

Livrando-se dele com um safanão, a mexicana atravessou o quarto e escancarou a porta.

— Dê o fora, gringo! E não pense que me engana. Você está louco por aquela loira magricela!

— Jogando os cabelos para trás, ela riu. — E até engraçado, Pecos! Você deseja uma mulher que vai passar o resto da vida na cama do seu pai!

Apertando os dentes, Pecos caminhou até a porta.

— Até um dia, Lupe — murmurou, saindo para o corredor. Já arrependida, Lupe correu atrás dele.

— Pecos, Pecos... Desculpe, eu não falei sério. Por favor, meu querido, não vá embora. Eu vou...

— Não dá, Lupe. Já é tarde.

Pegando a sela que deixara na varanda, Pecos foi atrás de seu cavalo. Lupe o seguiu, agarrando-o pela cintura.

— Não! Eu não queria dizer aquelas tolices. Não fique zangado, não vá embora. Eu não vou agüentar!

Pecos selou o animal e virou-se para ela, que ainda o agarrava pela cintura.

— Eu volto, Lupe. Esta noite quero ir para casa, dormir um pouco, mas outro dia eu volto.

Pecos sorriu, e Lupe, quase chorando, colocou os lábios aos dele.

Mas não obteve nenhuma resposta e, cheia de tristeza, afastou-se de cabeça baixa, os braços caídos ao longo do corpo.

— Boa noite, Lupe. Eu volto — Pecos repetiu, já montado no cavalo.

Mas ambos sabiam que ele não voltaria.

A longa cavalgada noturna acabou definitivamente com os efeitos da bebida em Pecos. Quando chegou aos portões de *Tierra dei Sol*, estava cansado e com muito sono. Não havia nenhuma luz acesa, e ele foi para seu quarto através do pátio, despindo-se na escuridão. Já caminhava para a cama, descalço, quando soltou um

grito de dor. Em meio a uma fieira de palavrões, passou a mão pela sola do pé e encontrou um espinho. Retirou-o e já ia se deitar, quando algo chamou sua atenção.

À luz do luar, sobre o tapete, jazia uma rosa murcha e esmagada. Pegando-a, Pecos aproximou-a do rosto. O perfume delicado ainda não se fora, e sua mente encheu-se de visões da linda moça que a usara nos cabelos. Ela estava ali, diante dele, banhada pelo luar. Ali, com o vestido rosa desabotoado até a cintura e os seios adoráveis expostos ao seu olhar. E de novo ele a ouviu dizer, naquela voizinha meiga: "Você me envergonha, Pecos..."

Mesmo sabendo que agia como um tolo, Pecos colocou a flor ob o travesseiro e deitou-se entre os lençóis sedosos.

— Angel — murmurou, afagando a rosa e sentindo o peito encher-se de uma emoção que não conseguia entender.

CAPITULO XV

As semanas que se seguiram foram calmas. Para surpresa e decepção de Angie, Pecos deixou de provocá-la. Ela só o via de vez em quando, durante as refeições, e nessas ocasiões ele se mantinha estranhamente polido e silencioso, o que a perturbava mais do que as alfinetadas de antes.

Certa manhã, quando dava sua cavalgada matutina na companhia de Roberto Luna, Angie viu um cavaleiro solitário, ao longe, e sentiu o coração bater mais forte. O cavalo era Diablo, portanto o cavaleiro só podia ser Pecos.

Fazendo o possível para manter a voz calma e indiferente, ela disse ao vaqueiro:

— Pode voltar para o estábulo, Roberto. Eu vou daqui a pouco. Preciso falar com o Sr. McClain.

— *Si, senorita.* Quando chegar, pode deixar que eu cuido de *Angel*.

Angie não respondeu. Seus olhos estavam fixos no cavaleiro que cruzava o deserto a trote, movendo-se em direção às Montanhas Davis. A égua parecia tão ansiosa quanto ela para tomar o mesmo rumo, e Angie lembrou-se de que Diablo era o companheiro de *Angel*, o pai do potrinho que viria dali a algum tempo.

Angie deu a ordem num tom gentil, e a égua saiu a galope, trançando pó da terra seca. Diablo continuava a trotar e, ela pesou em chamar por Pecos. Mas logo desistiu, achando que melhor, na verdade, seria voltar. Afinal, se ele estava ali sozinho era porque não queria companhia.

O que lhe dera, para sair daquele modo atrás dele?

Desde q chegara a *Del Sol*, quisera ver-se livre daquele homem rude e

perigoso. No entanto, ali estava correndo atrás dele. E, obviamente procurando encrenca.

Angie esporeou a égua, incitando a ir mais depressa, até alcançar Pecos e Diablo. Virando-se na sela, Pecos sorriu. Mas foi aquele erguer de lábios, mais parecido com uma careta, que se acostumara a ver, e sim um sorriso terno e amigável de boas-vindas, como se sua chegada fosse esperada.

— Bom dia — ele disse, com aquele glorioso sotaque do Texas.

— Bom dia, Pecos. Eu vi você e... Bem, eu achei que...

— Quer ir até o sopé das montanhas comigo?

Angie sentiu-se de novo viva! Incapaz de responder em voz alta limitou-se a concordar com um gesto de cabeça.

— Então vamos! — ele gritou, com um sorriso alegre.

O garanhão negro disparou, e Angie incitou a égua a segui-lo logo, ela e Pecos cavalgavam lado a lado, com o vento jogando cabelos para trás e tornando impossível qualquer conversa. Aos poucos foram diminuindo a velocidade das montarias, para atravessar a região desolada e íngreme.

À sombra de um enorme granito, Pecos puxou as rédeas e fez sinal a Angie para parar. Em seguida, desmontou e ajudou-a a fazer o mesmo. Ela estava ansiosa, certa de que ele aproveitaria a oportunidade para tocá-la mais que o necessário, e foi com alívio e decepção que o viu colocá-la no chão, sem nada disso.

Pecos deslocou pedregulhos com suas botas polidas e pôs-se subir a trilha íngreme, com a agilidade de um gato do mato.

Em sua pressa de segui-lo, Angie pisou numa pedra solta e quase perdeu o equilíbrio. Num segundo ele estava a seu lado, envolvendo-lhe a cintura num abraço. Automaticamente, ela se agarrou a ele e ergueu-lhe os olhos.

Pecos tinha uma expressão profunda e enigmática no rosto, enquanto seu corpo exalava um ar de violência e mistério, quase irresistível.

Os lábios, que sabiam tão bem como excitar uma mulher, estavam entreabertos, mas não sorriam. Por um instante ele a manteve junto de si, mas depois soltou-a, quebrando o encanto.

Angie tivera tanta certeza de que ele ia tomá-la nos braços, esmagando-a de encontro a si e beijando-a com paixão... Era isso que queria disso que precisava. Pecos McClain representava os frutos proibidos de sua criação severa e religiosa. Não lhe restava mais nenhuma dúvida de que aquele homem alto e sensual o amante experimentado de seus sonhos eróticos. Tremula, Angie respirou fundo e foi atrás de Pecos. Ele parou virando-se para olhá-la, e disse num tom de voz baixo e compenetrado:

— Eu gosto de vir aqui. — Indicou uma abertura nas rochas, a poucos passos.

— Encontrei este lugar logo depois de capturar Diablo. Nós dois costumávamos nos esconder aqui.

Entrando na gruta, ele se sentou numa rocha lisa e tirou um cigarro do bolso.

— Posso entrar também? — indagou Angie. Sentia-se pouco à vontade, como se fosse uma intrusa naquele local.

Pecos estendeu-lhe a mão, e ela a tomou, sentindo uma onda de eletricidade percorrê-la. Gentilmente, ele a puxou para uma rocha em frente da que escolhera, enquanto ela se recriminava por não ter escolhido outra, sem pedir ajuda. Ali, ficava muito vulnerável, muito sujeita ao efeito da visão e do odor masculino de Pecos. Frente a frente, tinha de virar a cabeça para não se expor totalmente ao charme viril, e não precisava fazer mais do que estender a mão, para tocá-lo.

Muito corada, Angie ficou à espera do riso zombeteiro e da frase provocante que, com certeza, logo viriam. Mas nada aconteceu e, quando ela criou coragem para erguer os olhos, viu que Pecos fitava o vale lá embaixo.

— Eu viajei muito, nos últimos anos — ele disse, de repente. — Estive no México, São Francisco, Virgínia City, St. Louis, Filadélfia e até Nova York. São todos lugares interessantes e eu me diverti muito. Mas... por estranho que possa parecer... Este deserto árido e selvagem é o meu lar. — Virou-se para Angie. — *Del Sol* está nas mãos da família de minha mãe desde a época dos conquistadores. Eu amo o Texas e principalmente esta terra. Já andei por todo este deserto e o conheço como a palma da minha mão. Ninguém o conhece melhor do que eu. — Pela primeira vez, desde que ali estavam, ele sorriu. — Esta é a minha caverna secreta. Além de mim, só Diablo a conhece. Quando eu era menor, costumava vir para cá, para evitar muitas surras de chicote.

— Seu pai também o chicoteava?

— Barrett McClain passava mais tempo me batendo do que marcando gado.

— Por que, Pecos?

Os olhos cinzentos, que tinham assumido uma expressão fria, tornaram-se mais suaves.

— Caso não tenha notado, meu querido pai não liga muito para o filho que tem. Mas eu não me importo. Deixei de me importar, no dia em que fiquei grande demais para ser chicoteado. Desde essa época, o que ele sente por mim não tem mais o menor interesse.

— Quantos anos você tinha, Pecos?

— Onze. Ele ergueu o chicote para me bater, e eu decidi que já era demais. Estava cansado das surras e de me esforçar para conseguir o amor dele. Assim, agarrei o chicote e disse que, se ele me tocassem outra vez, eu o mataria.

Angie estremeceu.

— Não entendo esse distanciamento entre vocês, Pecos. Seu pai é tão bom para mim... e sua mãe se casou com ele. Devia haver algum...

Pecos girou o corpo, fitando-a com raiva.

— Quando minha mãe era jovem e bonita, esta região era selvagem e solitária. Havia poucos homens para cortejá-la. Em 1854, o Forte Davis foi inaugurado, e na primavera de 1855, o exército mandou Barrett McClain para cá. Nessa época, meu avô York fornecia carne aos soldados. — Um riso sem alegria escapou dos lábios masculinos. — Que sorte para Kathryn York! Ela estava no forte um dia, com o pai, e Barrett McClain a viu. Era bonita, mas seus dotes físicos não eram sua maior atração.

Angie meneou a cabeça.

— Você está sendo injusto, Pecos. Tenho certeza que... Pecos agarrou a mão dela, com um olhar quase implorante.

— Ouça o que eu digo, Angie. Você acha que estou falando tudo isso, por que... — Da mesma forma abrupta com que lhe havia segurado a mão, Pecos a soltou. Seu olhar modificou-se, e ele sorriu, com ar indolente. — Estou falando besteiras. O melhor é eu lhe mostrar a minha caverna.

Angie gostaria de saber o que ele pretendia lhe dizer, mas era inútil perguntar. Assim, aceitou a mão que ele lhe estendia e entrou na caverna. A escuridão deixou-a nervosa, pois já ouvira histórias horríveis a respeito de ratos, morcegos e cobras em lugares como aquele.

— Angel, eu vou soltar a sua mão por um instante. Não saia daqui.

— Não, Pecos! Não me deixe.

Num gesto bondoso e compreensivo, ele passou o braço pelos ombros dela, dizendo:

— Não estou querendo fazer nenhuma brincadeira com você, doçura. Se não me engano, há um lampião a óleo a alguns passos daqui, e pensei em pegá-lo. Angie apertou a mão dele com mais força.

— Leve-me junto, Pecos. Por favor...

— Está bem.

De mãos dadas, os dois se aprofundaram na caverna. Quando Pecos localizou o lampião, soltou a mão dela e ajoelhou-se para acendê-lo.

— Que tal? — perguntou logo depois, sorrindo-lhe.

— Muito melhor.

Relutante, Angie afastou-se, olhando ao redor. A luz bruxuleante lançava sombras assustadoras sobre as paredes da caverna, e ela voltou-se novamente para ele.

Pecos a observava com uma expressão luminosa, totalmente nova para Angie. Quando ele se adiantou um passo e segurou-lhe a mão, uma onda de medo e expectativa assolou-a.

— Nunca mostrei esta caverna para ninguém.

— Eu... Estou feliz por me trazer, Pecos.

Ele meneou a cabeça, como se quisesse clarear as idéias, e o brilho sumiu de seu olhar.

— Vamos embora — murmurou com frieza, soltando-lhe a mão e dirigindo-se ao lugar onde deixara o lampião.

Logo, a escuridão voltou a envolver a caverna e Angie foi conduzida por Pecos até a saída. À luz do sol, o antigo Pecos reapareceu, sufocando por completo o estranho bom e sensível que estivera com ela no interior da caverna.

— Não sei se sabe, Angel, mas a sua égua está carregando um potrinho de Diablo.

— Eu não tinha certeza, mas achei que... Bem, eu vi os dois e... Pecos riu.

— Doçura, uma coisa é certa: se este garanhão cobriu a sua égua, ela está prenha. Diablo pode estar envelhecendo, mas continua tão viril quanto antes.

Ele ajudou-a a montar e fez o mesmo. Pela primeira vez, Angie notou a cicatriz longa e profunda, que começava no pescoço, descia pela anca dianteira esquerda e ia acabar na barriga do enorme garanhão.

— Como foi... Parece que alguém cortou Diablo, Pecos!

Pecos fitou a cicatriz, sem esconder o orgulho que sentia do cavalo.

Diablo é um animal e tanto, Angel. Esta cicatriz vem de seu tempo de cavalo selvagem, quando ele corria livre por estas montanhas. Uma pantera o atacou, mas ele deu cabo dela. Isso é um leito e tanto, pois uma pantera pode acabar com um cavalo em questão de minutos.

Falando em cicatrizes, Pecos, como foi que você conseguiu d que tem no peito? Lutando com uma pantera, também? — Angie riu, antes de acrescentar. — Ou por uma mulher?

— Claro que foi lutando por uma mulher. Por acaso está com dirime, Angel?

— O sorriso zombeteiro voltou aos lábios dele. - De jeito nenhum! Ah, Angel, Angel! Eu sei que, no fundo, você está louca por mim.

Angie puxou as rédeas com um gesto brusco, e a égua empinou, quase jogando-a ao chão. Enfurecida, com os olhos faiscando no rosto corado, ela gritou:

Você é o homem mais convencido, grosseiro e sem princípio que já vi! Nunca mais chegue perto de mim. Ouviu Pecos McClain?

Está se esquecendo de que foi você que me seguiu, doçura? Embaraçada e cheia de raiva, Angie esporeou a égua e se afastou as orelhas ardendo ao som da risada masculina. Se bem que não por muito tempo, pois Pecos não fez o menor esforço para alcançá-la. O que u enfureceu ainda mais.

CAPÍTULO XVI

O Quatro de Julho aproximava-se e ainda não chovera no sudoeste do Texas. A duzentos quilômetros de Marfa, a cidade de Pecos preparava-se para oferecer seu rodeio anual, onde eram testadas as habilidades de cavaleiros e laçadores dos participantes:

Desde o início do rodeio, há três anos. Pecos McClain mine deixara de participar. Naquele ano, a família toda estaria lá, pari assisti-lo. Barrett McClain, a Srta. Emily e Angie tomaram o trem na manhã do dia três. Pecos fora no dia anterior.

Quando o trem parou na estação, o sol estava se pondo e se raios delineavam a silhueta de um homem alto, esperando sobre a plataforma de madeira. Pecos McClain adiantou-se para recebe los, usando roupas de noite muitíssimo bem talhadas. Encantada Angie pôs as mãos nos ombros dele e deixou que a tirasse do trem. Barrett desceu logo atrás, rindo com desprezo do modo como o filho estava vestido.

— Pecos você é um vaqueiro durão. Não pode andar pela cidade vestido como um maricá!

— Posso andar pela cidade do jeito que eu quiser. — colocando-se entre as duas mulheres, ofereceu um braço a cadê uma e acrescentou: — Senhoritas tenho uma mesa reservada, mi salão de jantar do hotel. Posso acompanhá-las até lá?

Na manhã seguinte, as ruas da cidade ficaram superlotadas de gente.

Todos falavam da terrível seca que castigava a região, mas Angie estava mais interessada no heróico e viril Pecos, que, montado em Diablo, provava sua capacidade como vaqueiro e lavador. Ela quase morreu de susto quando um enorme garrote foi solto no curral e Pecos saiu atrás dele, girando o laço acima da cabeça. Em vinte e três segundos, para a delícia dos espectadores, ele já havia dominado o garrote.

Terminado o show, começou o churrasco. Sujo e suado, Pecos.

McClain aproximou-se de Angie para saber o que ela achara do rodeio.

Foi... Interessante. Você teve um desempenho... Bom. Bom? Moça, não existe nada de bom em mim ou em você. Fez uma careta para ela. — Vai haver uma dança, esta noite. Coloque os velhos na cama e vá se encontrar comigo. De jeito nenhum!

Não pretendo...

Você vai, sim — Pecos assegurou, começando a se afastar. Eram mais de onze horas da noite quando Angie, na ponta dos pés deixou a suíte que dividia com tia Emily. Louca de medo de medo, desceu correndo a escada do hotel e misturou-se à multidão de dançarinos alegres e vaqueiros bêbados. Pecos não estavam em lugar algum, e ela começava a entrar em pânico quando um par de braços fortes agarrou-a por trás, pressionando-a de encontro com o corpo másculo.

Por que demorou tanto? Venha, vamos dançar. Aliviada, Angie virou-se para ele.

Eu não sei dançar. E que importância tem isso? Pecos pôs as mãos dela em seu pescoço e abraçou-a pela cintura.

A música começou, e ele se pôs a balançar o corpo, quase sem sair do lugar. Encantada, Angie imitou-o. Inclinando-se então para diante, Pecos apertou-a de encontro ao corpo, atormentando-a de desejo.

Angie fechou os olhos, tentando não pensar se era certo ou errado que ele fazia. Tinha a impressão de flutuar no ar, envolta pelos braços de Pecos e completamente esquecida da realidade representada por Barrett McClain, que dormia no quarto de hotel. Não queria pensar em nada, naquela noite. Só queria sentir.

Enquanto os fogos de artifício elevavam-se no céu escuro, Angie aconchegou-se mais a Pecos. Tinha a sensação de que ia explodir por dentro, e seria capaz de jurar que ele sentia o mesmo.

A prova do desejo masculino era indisfarçável e parecia queimá-la através do seu vestido de verão. Tomada por uma necessidade inexplicável de fitá-lo, ergueu os olhos sonhadores para ele, e de imediato sua boca foi tomada num beijo quente e apaixonado.

Indiferente aos pares que os rodeavam, Pecos beijou-a, invadiu-lhe a boca, atormentando-a de paixão. Quando afinal ergueu a cabeça, foi para dizer sem rodeios:

— Venha para a cama comigo, Angie.

Angie teve a impressão de ser atingida por um balde de água fria. Com um gemido, empurrou-o para longe e enveredou pelo meio da multidão, fugindo dele e de si mesma. No hotel, subiu a escada e entrou em seu quarto, sem olhar para trás. Respirou fundo, lutando para dominar a emoção. Quando se acalmou um pouco, aproximou-se da janela e observou os dançarinos na rua. Localizou Pecos, e sua agitação foi substituída por uma onda de raiva. Abraçado a uma garota de longos cabelos vermelhos, ele ria muito.

Apertando as mãos com força, Angie girou nos calcanhares. Pecos McClain tinha a moral de um gato de rua. Pare ele, nada nem ninguém importava.

— Oh, Deus!

Angie tirou as roupas e deitou-se. Mais uma vez ele a fizera de tola, e ela o permitira. Por quê? Por que não conseguia manter-se longe dele? Lágrimas desceram por seu rosto. Lágrimas de confusão e ciúme. Lágrimas de desamparo. Por pior que o achasse, não suportava a idéia de vê-lo nos braços de outra mulher. Mas não o amava, é claro. Como poderia?

Infeliz, Angie enterrou o rosto no travesseiro, soluçando:

— Ah, Pecos, saia da minha vida!

A sensualidade de Pecos era uma ameaça constante para Angie, mas ela estava aprendendo a se defender de suas alfinetadas, insinuações e avanços amorosos. Nunca mais se repetiria o que acontecera no rodeio.

Ao mesmo tempo que evitava Pecos, ela tentava compensar Barrett por seu comportamento vergonhoso na noite do rodeio. O remorso a levava a tratá-lo com uma delicadeza especial.

Barrett, naturalmente, estava adorando suas atenções. Ele gostava de aproveitar a brisa noturna, na varanda da fazenda, e Angie começou a fazer-lhe companhia. Nessas horas ele lhe falava dos planos que tinha para *Tierra dei Sol* e para os dois.

Foi numa dessas noites que Angie, depois de sofrer um dos ataques mais cruéis de Pecos, começou a sentir saudade de casa e da vida que costumava levar. Percebendo seu estado de espírito, Barrett esperou que a srta. Emily fosse para a cama e começou, num tom carinhoso:

— Minha querida, você já deve ter percebido que é como uma filha para mim.

— Obrigada, Barrett — ela murmurou, com o coração pesado.

— Eu sei que alguma coisa a está aborrecendo esta noite. Não quer me dizer o que é?

Angie sentiu-se tentada a confessar, mas sabia que era impossível.

— Eu... Desculpe Barrett, mas é que... Eu me lembrei do meu pai e...

— Ela inclinou a cabeça, vencida pelas lágrimas.

Era a primeira oportunidade legítima de Barrett, e ele não hesitou em aproveitá-la.

— Querida! — exclamou, estendendo os braços para ela.

Angie levantou-se, soluçando, e ele a puxou para o colo, abraçando-a com força.

— Mas o que é isso, minha filha! Olhe, eu sei que ninguém pode tomar o lugar de seu pai, e nem vou tentar. Mas se você permitir farei o possível para substituí-lo.

Gosto tanto de você! É maravilhoso tê-la aqui comigo.

Confiando cegamente nele, Angie enlaçou-o pelo pescoço.

— Ah, Barrett, eu lhe agradeço tanto! Às vezes fico com tanto medo e...

— Shh... — Barrett beijou-a na testa, inalando o perfume que vinha dos cabelos loiros. — Angie, minha menina, você não precisa ter medo de nada. Estou aqui para protegê-la. Se sentir ameaçada por alguma coisa, é só me dizer. Aliás, eu gostaria que me contasse tudo o que lhe acontece. Acha que é capaz de fazer isso por mim? Eu quero saber de tudo a seu respeito.

Barrett descia e subia a mão pelas costas de Angie, enquanto falava. Ela se sentia segura nos braços dele, e a ameaça representada por Pecos quase chegava a desaparecer.

Barrett não sabia ao certo o que dizia. Achava que ia pelo caminho certo, porque Angie não tentara sair de seu colo. Só uma vontade férrea impedia que o excitamento se manifestasse em sua voz. Não queria que ela percebesse o fogo com que a acariciava nem a ereção de seu membro, sob as nádegas.

Sem ter a menor idéia do que se passava com Barrett, Angie acabou adormecendo nos braços dele. Quase enlouquecido de paixão, ele não conteve um suspiro de alívio, pois ela de nada desconfiara. Naturalmente, devia acordá-la e mandá-la para a cama, mas era uma delícia tê-la nos braços.

Angie usava um vestido leve, de verão, e Barrett examinou-lhe o colo e o início dos seios, lutando contra o desejo de colar a boca àquela carne macia. Cautelosamente, desceu a mão até os quadris. Quando ela não reagiu, tornou-se mais audacioso. Lançando um rápido olhar em torno, transferiu a mão trêmula para o ventre de Angie, deixando-a lá por um instante antes de tentar descer ainda mais.

De repente, Angie mexeu-se e Barrett puxou a mão. Procurou se dominar. Seria tolice correr o risco de perder a confiança dela, antes do casamento. Quando conseguiu, sacudiu-a de leve, murmurando:

— Angie, querida, já é tarde. Não acha melhor ir para o seu quarto?

Bocejando, Angie ergueu a cabeça e espreguiçou-se. Depois, inclinou-se para beijar o rosto de Barrett.

— Boa noite, Barrett. Você não imagina o quanto sua bondade é importante para mim.

— Boa noite, minha querida. Durma bem. — Ele sorriu e acrescentou: — Antes que eu me esqueça, Angie, um médico virá até aqui amanhã, para examiná-la. É só... Só para ver se você está bem. Ele vai auscultar seu coração, seus pulmões e... Ele vai examiná-la, Angie, mas...

— Está bem.

Sorrindo, com ar sonolento, Angie virou as costas e foi para seu quarto. Mal

conseguiu se despir, antes de cair na cama. Há muito tempo não se sentia tão bem, e não teve dificuldade em dormir.

Barrett McClain, no entanto, passou a noite acordado, dominado pela paixão. Era uma agonia saber que o objeto de seu desejo dormia sob o mesmo teto, a poucos passos dali. Teria de tomar muito cuidado para não estragar tudo. Só quando Angie fosse legalmente sua esposa poderia trazê-la para aquela cama e satisfazer seu desejo, vezes sem conta.

Pensando nisso, Barrett acalmou-se um pouco e sorriu, deixando que visões de sua noite de núpcias lhe embalassem o sono.

Angie tremia, apesar do quarto estar quente e totalmente fechado. Lançando-lhe um olhar de consolo, Dolores foi atender à batida na porta. O médico alto e gorducho, carregando uma mala preta, entrou.

— Bom dia, Srta. Webster.

Sentada na beira da cama, coberta apenas por um lençol, Angie lutou contra o pânico que ameaçava dominá-la. Suas mãos geladas seguravam o lençol de encontro ao peito, e seus joelhos estavam tão unidos, que podia sentir a pressão a partir dos pés até o quadril.

Parando diante da garota apavorada, o médico colocou a maleta sobre a cama e dela tirou um estetoscópio.

— Isso não vai levar mais que um minuto — assegurou, sentando-se junto de Angie. Com um gesto de indiferença, puxou o lençol para baixo, examinando-lhe o coração e depois pediu: — Respire fundo, Srta. Webster.

Angie estava tão embaraçada que nem respirava direito, mas fez o possível para obedecer. Quando afinal o médico guardou o estetoscópio, pensou que fosse desmaiar de alívio.

Mas o alívio durou pouco. Posicionando um banquinho em frente às pernas dela, o médico sentou-se, de modo a prendê-la entre os joelhos, e disse:

— Deite-se, por favor.

Horrorizada, com o coração a ponto de saltar pela boca, Angie fitou-o com ar implorante. Mas ele, sem se comover, empurrou-a para trás e ergueu-lhe as pernas, forçando-a a dobrar os joelhos e colocar os pés sobre a cama. Desesperada, ela lutou para se cobrir e mudar de posição.

— Separe os joelhos, Srta. Webster.

— Não, eu... Me ajude, Dolores. — Angie começou a chorar. — Não deixe que ele...

Dolores, com as lágrimas rolando pelo rosto, aproximou-se para segurar sua mão.

— Não resista, filhinha. Vai acabar logo.

Perdendo a paciência, o médico separou as pernas de Angie e empurrou o lençol, descobrindo-lhe a parte inferior do corpo. Indiferente aos soluços dela inclinou-se para frente e introduziu um dedo na parte mais íntima da anatomia feminina.

Angie gritou, mas o médico estava decidido a terminar o exame e não lhe deu ouvidos, continuando sua exploração. Quando, afinal, chegou ao fim, levantou-se e sorriu para ela, dizendo:

— Não foi tão ruim, assim, foi?

Soluçando de dar pena, Angie virou-se de lado, toda encolhida.

Dolores acompanhou o médico até a porta, fechando-a com fúria, antes de voltar para junto da cama.

Barrett McClain, que esperava no corredor, ouviu de imediato o veredito do médico:

— Barrett, a Srta. Webster está tão pura quanto no dia em que nasceu. Até agora, nenhum homem a tocou.

— Eu nunca duvidei disso, Dr. Wilson — ele replicou com orgulho, acariciando o bigode branco. — Nunca!

Aquele dia Angie não saiu mais do quarto. Quando Barrett McClain apareceu para vê-la, Dolores impediu-o de entrar, alegando que a moça precisava de descanso. A Srta. Emily não disse nada, pois não ficara sabendo do exame e não fazia idéia do que se passava com Angie. Para ela, o problema não passava de uma indisposição passageira.

Depois de comer um pouco do jantar que Dolores lhe trouxera, Angie agradeceu à criada e disse que queria ficar sozinha.

— Eu estou bem agora, Dolores.

— Ah, *senorita*, eu sei que foi terrível, mas é normal uma moça passar por um exame desses, antes de se casar.

— Mas o nosso casamento não vai ser... Nós não vamos... Não vai ser um casamento como os outros, Dolores.

— Não?!

— Não, nós... Barrett e eu não... Ah, esqueça! Boa noite, Dolores.

A criada se foi, e Angie começou a andar de um lado para o outro do quarto. Sentia-se traída, sabendo que Barrett fora o responsável por aquele exame tão desagradável. Se pelo menos não tivesse prometido ao pai casar-se com ele...

Não pensaria naquilo agora. Não podia. Os seis meses estavam voando, e logo

novembro chegaria, pondo fim ao período de espera. Novembro... O mês em que se tornaria a Sra. Barrett McClain, jogando fora as chances de felicidade com um homem de sua idade.

— Não! — Angie exclamou, num tom agoniado. — Não vou pensar nisso esta noite!

Abrindo as portas duplas, ela saiu para o pátio e caminhou até a cerca de ferro, na área mais distante da casa. Ao longe, sobre as montanhas, uma luz estranha brilhou, desapareceu, tornou a brilhar.

— As luzes fantasmas de Marfa — Angie murmurou, lembrando-se de que Pecos lhe falara sobre aquelas luzes misteriosas, em seus primeiros dias na fazenda.

— Isso mesmo, Angel.

A voz masculina assustou-a, e ela girou nos calcanhares, com o coração batendo forte no peito.

— Pecos! Você me assustou. Eu...

— Desculpe querida. Quer que eu lhe conte a lenda daquelas luzes?

Angie assentiu. Aproximando-se, Pecos fez com que se voltasse novamente para o estranho espetáculo e começou:

— Há muitos anos atrás, uma moça loira e interesseira chegou a Marfa. Ela veio para se casar com um velho mineiro, que havia ficado rico. Estava louca para pôr as mãos na fortuna dele, e ele estava louco para pôr as mãos nela. A moça concordou em se casar com ele, e ele prometeu dizer-lhe onde guardava sua fortuna, assim que se casassem. No dia do casamento, subiram a montanha, quando o mineiro mostrou-lhe o local onde guardava seu ouro. Mal isso aconteceu, ela tirou um revólver, matou o velho e enterrou-o ali mesmo. Quando desceu a montanha, era uma mulher rica... e foi para os braços do homem que realmente amava.

Angie esperou, com um nó na garganta. Mas Pecos nada disse, continuando apenas a abraçá-la.

— Não entendi, Pecos...

— Daquela noite em diante, essas luzes passaram a brilhar nas montanhas. Dizem que é o fantasma do velho mineiro, procurando pelo ouro perdido.

— E a moça?

— Ah, essa é a parte triste da história! As luzes a deixaram louca, e ela acabou se matando. O amante ficou com todo o ouro e foi embora de Marfa.

Durante alguns segundos, Angie permaneceu em silêncio. Conhecia Pecos o suficiente para saber que ele inventara aquela história, inspirado em seu casamento com Barrett. Em outra hora, leria se deixado levar pela raiva, mas não aquela noite. Não aquela noite.

Sem saber do que ela suportara aquela manhã, Pecos ficou chocado, e até mesmo um pouco decepcionado, quando a viu virar-se e fitá-lo com os enormes olhos verdes, triste e nadando em lágrimas.

— Eu não quero a fortuna dos McClain — Angie murmurou num soluço, correndo para dentro.

CAPÍTULO XVII

No dia seguinte, ansioso para alegrar Angie, Barrett McClain lhe disse que tinha uma surpresa para ela.

— Não preciso de mais vestidos, Barret — Angie respondeu.

— Obrigada, mas eu...

— Não, querida, não é nada disso. O coronel Albert Brackett, da Cavalaria dos Estados Unidos, vai dar uma festa em Fort

Davis. Eu gostaria que você conhecesse o forte, Angie. Eu também fui do exército e estive lotado no Fort Davis, antes da guerra entre os Estados. — Barrett segurou a mão dela, acariciando-a de leve.

— Isso foi antes de conhecer o seu pai. Ah, que homem ele era, minha filha!

Barrett McClain era esperto. Ele sabia que, mencionando Jeremiah de vez em quando, não permitiria que Angie se esquecesse do motivo pelo qual estava em *Tierra dei Sol*. Ela era honesta, religiosa, e faria o possível para respeitar a vontade do pai. O fato de ser virgem não o surpreendera, e ele pretendia mantê-la assim, até o feliz dia de seu casamento.

Barrett sabia que o filho se sentia atraído por Angie. Pecos a provocava e flertava abertamente com ela, mas ela parecia ser imune ao charme do rapaz. O que também não lhe causara surpresa. A garota era muito delicada, modesta e bem-criada, para ver alguma atração num sujeito vulgar e sensual como Pecos. Ela estava segura. E ele a protegeria, mimaria, falaria de Jeremiah de vez em quando e continuaria a fazer tudo para ganhar-lhe a confiança. Dentro em pouco, Angie estaria em sua cama, nua, como sua esposa querida. Poderia mandá-la desfilar pelo quarto e admirá-la o quanto quisesse. Poderia correr-lhe as mãos pelo corpo, tocando-a por inteiro, até nas partes mais íntimas. Poderia fazê-la deitar-se, separar-lhe as pernas e...

— Está sentindo alguma coisa, Barrett?

Preocupada, Angie esqueceu-se de sua reserva com relação a ele.

Barrett estava com os olhos vidrados e o rosto muito vermelho, como que a

ponto de sofrer um ataque cardíaco.

— Não, não, eu estou bem. É só uma dor de cabeça. — Envergonhado, ele tentou se controlar. — Acho que você vai gostar da festa no Fort Davis, Angie. Muitos oficiais são casados, e você terá oportunidade de conhecer mulheres de todos os cantos do país. Se não me engano, há uma ou duas de Nova Orleans.

Apesar da seca que continuava a castigar o Texas, Barrett estava muito animado para a festa da noite de sábado, no forte. A Srta. Emily passara o dia com dor de cabeça e, à tarde, anunciara que não estava em condições de ir. Angie ficou desapontada, mas ele não.

Ao pôr do sol, Barrett deixou a fazenda em uma carruagem coberta, com Angie ao lado, maravilhosa em seu vestido novo. Ele mesmo o escolhera e estava orgulhoso de seu bom gosto. De seda azul pavão, o vestido tinha um corpete justo, saia rodada e um decote profundo, que realçava a beleza dos seios dela.

Angie ainda não dissera uma palavra. Atrás da carruagem cavalgavam os guarda-costas de Barrett. No início eles costumavam deixá-la nervosa, mas agora já se acostumara à presença deles. Obviamente, um homem rico como Barrett McClain tinha de ter certa proteção.

Com um suspiro, Angie empurrou os cabelos para trás da orelha. Barrett fitou-a e sorriu.

— Falta pouco, minha querida. É desagradável que esteja tão quente, mas vale a pena ver o forte.

Barrett tinha razão. Com o sol quase se pondo no horizonte, eles atingiram um trecho da estrada que serpenteava num *canyon*, ao lado de um riacho de águas cristalinas. Ali, rosas silvestres formavam a cerca colorida junto às margens. Angie não conteve o entusiasmo.

— Este é o Passo das Rosas Silvestres — explicou Barrett. — O riacho chama-se Limpia, por causa das águas claras que tem.

Logo, a carruagem emergiu do Passo para um bosque de árvores altas, onde se localizava o Fort Davis, assim batizado em homenagem a Jefferson Davis. Angie virava a cabeça de um lado para o outro, encantada com a construção, cuja paliçada utilizara, em três lados, as paredes íngremes do *canyon*.

No local da parada, a banda do regimento experimentava os instrumentos. Moças adoráveis passeavam com seus acompanhantes pelas varandas das casas, que tinham até vidraças nas janelas. Os oficiais tinham uma aparência esplêndida, em seus uniformes, e o perfume de rosa enchia o ar, enquanto a noite caía.

Angie logo começou a se divertir. Muitas esposas de oficiais eram dos Estados Unidos sulinos, e todas se mostraram amigáveis. Uma hora depois, Angie já conversava com um grupo delas, como se as conhecesse há muito tempo. Barrett e o coronel Brackett tinham ido ao escritório desse último para um *brandy* e uma

conversa séria a respeito da seca.

Quando uma moça de Birmingham, Alabama, elogiou o vestido de Angie, ela retrucou, intimidada:

— Na verdade, eu acho que é muito decotado.

O tema da conversa logo se voltou para a moda, e Angie, pela primeira vez na vida, participou de uma "conversa feminina".

A sensação era gloriosa. Ela falou dos muitos vestidos que agora possuía e prometeu emprestar alguns às moças, quando quisessem um modelo diferente, para usar numa ocasião especial.

Pouco depois as moças abordaram o assunto "homens" e Angie fez o possível para esconder sua ingenuidade. Enquanto falavam, elas apontavam seus maridos, todos jovens e fortes. Foi quando ela decidiu não contar que estava para se casar com Barrett McClain.

De repente, uma garota bonita, de cabelos pretos, sussurrou com ar conspirador para o grupo:

— Não olhem agora, meninas, mas acabo de ver o homem mais atraente que Deus já criou. Ele está conversando com o capitão Donaldson. Acho que, se sorrir para mim, sou capaz de desmaiar.

Todas riram e, disfarçadamente, Angie virou-se para olhar por cima do ombro. Ao encarar novamente as outras, sua expressão a traiu.

— Você o conhece! — exclamou uma delas.

— Conheço, sim. — Angie baixou o olhar, como que para esconder um segredo. O efeito foi exatamente o que queria. Ele é o seu namorado! Angie achava que iria para o inferno se mentisse, mas teve uma inspiração..

Ele é Pecos McClain, e... Realmente, daqui a alguns meses, meu nome será McClain. — Muito corada, ainda acrescentou: Ele é bonito, não acham?

Os oohs e as aahs de suas novas amigas foram interrompida bruscamente, e Angie teve a impressão de que fosse morrer, quando uma delas disse:

— Ele está vindo para cá!

Mortificada, Angie percebeu que fora apanhada em sua mentira. Na certa seria desmascarada e perderia as novas amizades que fizera. Não lhe passara pela cabeça que Pecos poderia estar ali. E se ele tivesse vindo para se encontrar com uma moça? Talvez até uma das que a rodeavam? O que faria, então?

Alto e bonito, Pecos aproximou-se do grupo feminino. Usava um elegante terno de linho, da cor exata de seus olhos, com um cravo vermelho na lapela. A camisa era branca, e a gravata, um laço de seda negra. Estava magnífico, e Angie não pôde deixar de desejar, por um breve instante, que ele realmente lhe pertencesse.

— Como vocês estão lindas, esta noite — Pecos exclamou, cumprimentando o grupo. E acrescentou, sorrindo diretamente para Angie: — Podem me emprestar minha namorada por alguns minutos? Quero mostrar-lhe o forte. Ela nunca esteve aqui, antes.

Angie sentiu vontade de beijá-lo. Fitando-o nos olhos, aceitou a mão que ele oferecia e se levantou. Nem por um segundo suas novas amigas duvidaram que eles fossem, realmente, namorados.

Pecos levou Angie para longe da multidão, em direção ao pico da Montanha do Leão Adormecido.

— Pecos — ela perguntou, quando teve certeza de que ninguém mais a ouviria, você... Escutou alguma coisa do que estávamos dizendo?

— Não, mas aposto que sou capaz de repetir tudo.

— Pode? — Erguendo o queixo, ela o desafiou:

— Então repita! Pecos riu e, elevando a voz para um tom agudo, imitou as garotas:

— Olhem só aquele rapaz alto e atraente, com o capitão Donaldson! Deus do céu, é o homem mais bonito que já vi. Meninas, se ele sorrir para mim sou capaz de...

— Ele se interrompeu sufocado pelo riso.

— Não foi nada disso, Pecos McClain! Você acha... Você pensa que todas as mulheres o querem...

— Todas, menos você, Angel. Por quê? — Ele parou a marcha

e a segurou pelos braços, fitando-a com um olhar luminoso. — Ninguém pode ver-nos aqui, Angel. Mostre que me quer, também.

— Mas eu não quero você! Não quero!

Ela estava assustada. O forte ficara para trás, e Pecos a acuava com uma expressão decidida no olhar. Tinha que fugir dele, evitar-lhe o toque!

Libertando-se com um safanão, Angie começou a correr. Mas correu para longe do forte, em vez de procurar a segurança de suas luzes. Pecos seguiu-a, decidido a beijá-la. Não pretendia vir à festa, mas acabara achando divertido observar o ciúme contido do pai. Já estivera com os soldados do Fort Davis em muitas ocasiões e sabia que eram um bando de rapazes animados e viris, que se encantariam com Angie e não fariam segredo disso. Barrett teria de se controlar se não quisesse fazer papel de tolo, e era isso que Pecos decidira testemunhar.

No entanto, as coisas não saíram bem como Pecos esperava. Os soldados realmente notaram Angel, e ele ouvira muitos comentários atrevidos sobre o que gostariam de fazer com ela. O único problema era que esses comentários o tinham irritado e perturbado, fazendo-o perceber que estava enciumado. Ele, e não o pai sentia ciúme de Angel!

Pecos sentia-se um tolo, e a culpa era dela, que o provocava. Sua vontade era magoá-la, e não sabia bem até que ponto seria capaz de chegar, quando a pegasse.

Angie continuava a correr. De repente, tropeçou numa raiz e foi ao chão, com as mãos estendidas diante de si.

Pecos chamou-a, completamente esquecido de sua zanga, na preocupação com ela.

— Doçura! — exclamou, ajoelhando-se junto dela e tomando-a nos braços, beijou-a nos cabelos.

— Você está bem? Não se machucou, meu anjo?

— Eu... Estou bem, Pecos. Você é que está me apertando demais.

— Desculpe. — Pecos soltou-a, mas exclamou em seguida, vendo os espinhos que cobriam o pescoço e um dos ombros de Angie. — Oh, não! Você caiu em cima de um cacto.

— Meu Deus, Pecos! O que é que vou fazer? Um brilho diabólico apareceu nos olhos dele.

— Eu tenho uma sugestão...

— Qual? Retirar os espinhos com os seus dentes?

— Meu dentes são afiados e eu estou sempre pronto a ajudar uma dama em dificuldade — brincou ele.

Pecos nunca a chamara de dama, antes. Angie adorou o fato.

— Agradeço sua consideração, senhor, mas... Ela fez menção de se levantar, mas ele a impediu.

— Não, benzinho. Eu posso não usar os dentes, mas vou tirar esses espinhos para você. Não se preocupe, que vou ter cuidado.

Com o luar incidindo sobre eles e o perfume de rosas pairando no ar, Pecos retirou-lhe os espinhos da pele. De olhos fechados, apoiando-se nos joelhos dele, Angie não viu a ternura e a mão trêmula com que ele realizou o trabalho.

Pecos, nervoso como nunca estivera antes na presença de uma mulher, tentou mudar a situação.

— Pronto, Angel — disse, procurando chocá-la e recuperar a vantagem.

— Agora, que tal tirarmos nossas roupas para fazermos amor aqui, junto a esta cama de rosas?

Angie levantou-se com uma rapidez que surpreendeu a ambos.

— Você não sabe nem nunca saberá como se comportar, Pecos McClain!

CAPITULO XVIII

Na manhã seguinte, ao voltar da cavalgada habitual, An-gie surpreendeu-se ao encontrar Pecos e Barrett juntos, na biblioteca.

— Estou atrapalhando? — perguntou, olhando de um para o outro.

Barrett sorriu com ternura, e se levantou da escrivaninha.

— De jeito nenhum, minha querida. Não quer se sentar? Já estamos acabando.

— Isso, sente-se, Angel. — Pecos não se deu ao trabalho de levantar. — A casa é sua.

Angie sentou-se, guardando silêncio, enquanto ele falava com o pai.

— Ou nós vendemos as reses agora, ou o senhor vai perder todas. O riacho Alamiro está completamente seco, e o Cibolo é lama pura. Várias delas já morreram, e se o senhor esperar ainda mais, o prejuízo vai ser total.

Pecos usou um tom calmo, mas Angie sentiu a urgência em sua voz.

— Não sei, não... Pode chover a qualquer momento e...

— Mas também podem se passar mais seis meses sem chover. Deixe-me vender o gado. Eu tenho tanto interesse no futuro de *Del Sol* quanto o senhor, e estou convencido de que esta é a única saída.

Barrett pensou por alguns momentos, depois concedeu:

— Acho que é melhor, mesmo. Você pode reunir os melhores vaqueiros, daqui a dois dias, e...

Pecos levantou-se.

— Sairemos depois do almoço.

— Depois do almoço? Está muito quente, lá fora. Espere até o anoitecer, pelo menos.

— Há reses morrendo lá fora, meu pai. Eu volto dentro de duas semanas.

Pecos saiu, sem um olhar para Angie. E ela, sem saber por quê, sentiu-se deprimida.

— O que é que você queria de mim? — Sorrindo, Barrett aproximou-se. — Desculpe eu não ter podido atendê-la antes, mas esta seca anda me preocupando demais.

Angie ergueu-se da cadeira.

— Não era nada, Barrett. Eu só sinto não poder fazer nada para ajudá-lo.

— Mas você pode me ajudar, Angie. — E pegou a mão dela, fazendo-a notar, mais uma vez, como tinha a pele fria.

— Só de. Estar aqui, você já é um grande consolo. Eu a considero uma verdadeira filha. O que acha de ler um pouco para mim, depois do jantar? Podemos nos sentar na varanda, que é mais fresco.

— Como quiser, Barrett.

Depois que Pecos se foi, Angie adorou os primeiros dias que passou em *Tierra dei Sol*. Era delicioso não ter de passar o dia inteiro em guarda e poder passear a noite, sozinha pelo pátio, certa de estar protegida. O homem diabólico e atraente estava longe e incapaz de incitá-la a tomar atitudes pecaminosas.

Mas a alegria durou pouco. Por mais que detestasse Pecos, Angie não demorou a perceber que era ele que tornava a vida interessante, em *Del Sol*. Sem ele, sentia-se sozinha e inquieta. Foi então que começou a contar os dias que faltavam para vê-lo, novamente.

Como não tinha coragem de perguntar a Barrett quando Pecos estaria de volta, Angie começou a prestar atenção a todas as conversas dele com os vaqueiros. Uma noite, chegou até a insistir em passear com ele pelos estábulos.

Segurando-a possessivamente pelo braço, Barrett levou-a até as casas onde viviam os vaqueiros e suas famílias. Ali ela conseguiu a informação que tanto desejava.

— Pecos e os rapazes chegam depois de amanhã e...

Angie não ouviu mais o que o velho capataz dizia. Mentalmente, já estava escolhendo a roupa que usaria para a volta de Pecos. Quando saíssem dali, diria a Barrett que estava cansada e iria para o quarto experimentar alguns de seus vestidos mais novos. Naturalmente, teria de tomar cuidado para que Pecos não desconfiasse. Usaria um dos modelos mais simples, de mangas bufantes e decote redondo, e poria uma gota de seu perfume francês entre os seios e atrás das orelhas.

— Vamos voltar, querida?

A voz de Barrett trouxe-a de volta à realidade.

— Ah, sim! Desculpe a minha distração. Estou um pouco cansada.

— É esse calor. Mesmo depois de o sol ir embora, o calor continua.

— É verdade. Acho melhor eu ir para o meu quarto, tomar um banho e descansar.

— Boa idéia, minha querida. Só sinto não ter a sua companhia na varanda, esta noite.

Angie sabia que ele esperava que mudasse de idéia, mas, levando a mão à testa, lamentou:

— Eu gostaria muito, Barrett, se eu não estivesse tão cansada.

O remorso que sentiu desapareceu assim que chegou a seu quarto.

Angie passou o dia da volta de Pecos cheia de expectativa. Queria estar bonita e bem-disposta, quando o visse, mas com aquele calor, tinha de estar exatamente o contrário. Depois de seu passeio com Roberto Luna, foi para o quarto tomar um banho e se arrumar. Escolheu um vestido de algodão verde-esmeralda, porque realçava a cor de seus olhos e Pecos nunca o vira. Em vez de prender os cabelos, deixou-os soltos, porque era assim que ele gostava. E não pôde deixar de sentir um arrepio na espinha, ao passar um pouco de perfume entre os seios.

O sol de setembro era uma bola vermelha no horizonte, quando a família sentou-se para jantar. Mal começara a comer, quando o barulho de esporas ressoou pelo ambiente. Entrando no salão iluminado por dúzias de velas, Pecos tirou o chapéu, cumprimentou a todos em geral e dirigiu-se ao pai.

Angie engoliu em seco, os olhos fixos no homem alto e seguro de si que relatava os acontecimentos dos últimos dias, nos pastos de *Del Sol*. Pecos não fizera a barba, desde que partira, e os fios de um preto azulado cobriam-lhe o queixo. A camisa cinza, aberta até o meio do peito, estava manchada de suor, e chapas de couro cobriam-lhe as longas pernas, de alto a baixo.

Angie nunca vira o elegante Pecos tão desarrumado. Ele tinha uma aparência selvagem e ameaçadora, e exalava uma sensualidade animal que a atraiu como ímã poderoso. Ela o achou tão viril e belo que chegou a se assustar com a intensidade de seus sentimentos.

— ...as últimas cabeças devem sair de Marfa amanhã. Deixei dez dos rapazes lá, tomando conta — Pecos terminou, num tom baixo e cansado.

— Está bem — Barrett respondeu. — Vamos ter prejuízo, mas...

— É melhor ter prejuízo que enfrentar uma perda total. O senhor sabe que essa droga de... — Ele se interrompeu, dando de ombros, e virou-se para a Srta. Emily. Seu olhar duro suavizou-se, e um sorriso iluminou-lhe o rosto. — Eu lhe daria um abraço, doçura, se não estivesse sujo demais até para ficar na mesma sala com uma dama.

Angie notou que ele usara o singular, ao dizer "uma dama". Obviamente, não a incluía nessa classificação. Magoada, chegou à conclusão de que fora uma tola em esperar tanto por aquele momento.

— Vou pegar uma garrafa de *brandy*, um maço de cigarro e seguir direto para o meu quarto.

Pecos deu a volta à mesa, enquanto falava, e parou junto à cadeira de Angie. Ela continuou olhando para a frente, mas com o canto dos olhos podia ver-lhe a coxa coberta pela perneira de couro, a alguns centímetros de seu ombro.

— É isso mesmo. Vou para o quarto, tirar essas roupas sujas e mergulhar meu corpo cansado numa banheira cheia de água quente.

Angie prendeu a respiração, quando a mão dele avançou lentamente em

direção a seu prato.

— Quando estiver apresentável, talvez saia à procura de algo para satisfazer meu apetite.

Tirando um pedaço de frango do prato dela, deu-lhe uma mordida, fez uma careta e devolveu-o. Angie fuzilou-o com os olhos verdes, recebendo em troca um sorriso cínico.

— Não, não é isto que eu quero — ele disse. E saiu da sala, enquanto ela jurava a si mesma que o desprezava e nunca mais queria vê-lo.

CAPITULO XIX

No dia seguinte, Pecos acordou atordoado e com um gosto amargo na boca. Ouvindo alguém cantarolar no pátio, fez uma careta e olhou ao redor, à procura de água para beber. Do outro lado do quarto, sobre a cômoda, viu uma jarra de prata. Sentou-se então na cama, gemendo e segurando a cabeça dolorida. Bebera demais na noite passada. Por quê?

Aos poucos, o que acontecera no dia anterior voltou-lhe à mente. Chegara em casa à noite, encontrando Angie tão maravilhosa, num vestido verde, que sentira vontade de agarrá-la, jogá-la sobre o ombro e seguir diretamente para o quarto. Estava cada vez mais difícil lembrar-se de que ela era uma cínica prostituta representando o papel de uma dama, com ar inocente.

Pecos levou a mão à nuca e massageou os músculos doloridos, antes de se levantar e atravessar o quarto. A jarra de água era a sua salvação.

Lá fora o canto suave continuava. Olhou pela janela e viu que quem cantava era Angie, a linda e loira moça que penteava os cabelos. Absorto, levou o copo aos lábios e bebeu.

Angie, julgando-se sozinha àquela hora da manhã, com o sol acabando de surgir no horizonte, secava os cabelos recém-lavados no pátio, usando apenas um robe lilás. Sedutora, sentada numa espreguiçadeira, fazia movimentos para escová-los, deslocando o robe e revelando ora as pernas, ora os seios.

Lutando contra o desejo insano de ir até lá e possuí-la de imediato, sobre a espreguiçadeira, Pecos passou a mão pelos cabelos negros. Se ela se virasse naquele momento e o olhasse, teria a prova inegável de sua paixão. Foi nesse instante que ele decidiu que a possuiria, antes de o dia terminar. Era a única maneira de acabar, de uma vez por todas, com o desejo que o consumia.

O sol era um disco brilhante e vermelho no céu, quando Angie dirigiu-se aos estábulos. Seus cabelos estavam presos sob um charmoso chapéu preto, e ela usava botas negras, saia-calça da mesma cor e uma blusa imaculadamente branca.

— Bom dia, Roberto. Quero dar um longo passeio, hoje. Se possível, até...

O homem alto, de calça negra, enfeitada com taxas de prata nas laterais, camisa branca e um sombrero escuro, virou-se para ela.

— A encantadora *senorita* e eu temos o mesmo desejo. Podemos ir até Cibolo Creek, *si*?

Angie sentiu uma onda de raiva invadi-la.

— O que foi que você fez com o Roberto, Pecos?

— Dei-lhe a manhã de folga. Nem todos gostam de se levantar tão cedo quanto você, Angel.

Agarrando as rédeas da égua que Pecos segurava, Angie montou.

— Eu sei, e é por isso que quero que me explique o que está fazendo aqui, a esta hora.

Sem esperar resposta, ela esporeou a égua e partiu. Pecos montou no cavalo cinza que havia selado e logo a alcançou.

— Faz horas que estou em pé, benzinho. Eu sempre me levanto ao nascer do sol, para admirar a vista do pátio.

A raiva de Angie foi substituída pelo choque.

— Você... Você fica olhando...

— Isso mesmo. E devo lhe dizer que teve muito gosto, escolhendo aquele robe. A cor lhe vai bem, e não há mesmo sentido em usar camisolas. Eu também prefiro dormir nu e...

— Pouco me importa de que jeito você dorme!

Esporeando a égua, Angie tentou livrar-se da companhia de Pecos. Mas por algum tempo eles galoparam lado a lado pela terra seca, com o vento soprando seus cabelos e o sol aquecendo seus corpos. Jovens, sadios e cheios de energia, entregaram-se à alegria de cavalgar no deserto, violentamente atraídos um pelo outro, mas sem admitir essa atração.

Quilômetro à frente, com os cavalos resfolegando de cansaço, Pecos fez sinal a Angie para parar. Sem lhe dar atenção, ela continuou em direção a uma touceira de arbustos secos, às margens do Cibolo, só então puxando as rédeas.

Espantado com tanta habilidade, Pecos não pôde deixar de pensar que ela também mentira, ao dizer que nunca montara, antes. Provavelmente andava a cavalo desde que nascera.

Desmontando, Pecos amarrou o cavalo a uns dos arbustos e convidou:

— Venha, vamos ver se conseguimos achar água no riacho. Angie concordou. Tirou o chapéu e o amarrou na sela de sua

égua. Pecos, ainda com o sombrero, avisou-lhe:

— É melhor ficar de chapéu, Angel. Está muito quente.

— Obrigada, mas não preciso dos seus conselhos. Dando de ombros, ele se pôs a caminhar ao lado dela.

— Provavelmente não vamos encontrar nada, além de pó. Esta maldita seca está acabando com a água que existe no Texas.

— É mesmo? E esse Pecos, também já secou? Pecos riu do tom agressivo de Angie.

— Esse, não. Sabe que recebi meu nome em homenagem ao rio? E é um nome que me cai muito bem. Invoca uma emoção profunda, calma, tranquilidade...

— Conversa! — Ela jogou os cabelos para trás, num gesto de desdém.

— Pelo que sei, o Pecos é um rio superficial, cheio de corredeiras. Isso sim combina com você.

Pecos riu gostosamente.

— Querida, você me conhece como a palma da sua mão!

Descobrindo um pouco de água represada na parte mais rochosa do riacho, Pecos abaixou-se e apanhou o que podia nas mãos em concha, oferecendo um gole a Angie. Com sede e calor, ela não se fez de rogada. Ajoelhou-se junto dele e bebeu com sofre-guidão, enquanto ele a observava com ternura.

— Ah, que delícia! Obrigada, Pecos.

Dando um suspiro de satisfação, Angie sentou-se nos calcanhares. Pecos enxugou as mãos na calça, tirou o sombrero e, fitando-lhe a boca molhada, perguntou:

— Por que não tiramos a roupa e damos um mergulho? Angie ergueu-se depressa.

— Você está louco!?

— Quase. — Pecos também ergueu-se, com uma expressão terna e acariciante no olhar. — E a culpa é sua. Seu corpo me deixa de miolo mole, Angel.

— Pois não é a sua cabeça que eu quero que amoleça! — ela retrucou, horrorizada com a própria grosseria, mas feliz por colocá-lo em seu lugar.

— Ah, como eu gosto de ouvir você falar assim, Angel! — Sorrindo com ar de zombaria, ele a puxou para junto de si.

— E você não só é culpada do meu miolo mole, como também da rigidez mais abaixo.

— Eu não vou ficar aqui, ouvindo essas grosserias!

— Angel, Angel! — Pecos abraçou-a mais quando ela tentou se afastar. — Como pode chamar de grosseria o que sinto por você? É uma vergonha você me provocar como provoca, e depois reagir assim!

Um riso atrevido escapou dos lábios masculinos. Deslizando a mão pelo corpo de Angie, ele a puxou de encontro às coxas. Ela reagiu, esmurrando-o no peito, mas parou de imediato quando a mão escorregou pela abertura da camisa e entrou em contato com os pêlos, úmidos e crespos. Puxando a mão, deu um passo atrás como se tivesse queimado.

— Não tem importância, Angel — Pecos sussurrou. — Pode colocar a mão em mim. Eu não ligo. Você toca o meu peito, e eu toco o seu.

Os lábios masculinos, quentes e entreabertos, roçaram a testa feminina.

— Comporte-se! — Angie gritou. — E me solte! Eu não quero pôr a mão na droga do seu... No seu... Eu...

Rindo, acariciando-lhe as nádegas, Pecos a trouxe para mais perto de si. Presa entre suas pernas, Angie sentiu o que lhe acontecia e, mais uma vez, tentou se libertar.

A respiração dele ia ficando cada vez mais alterada, e a voz já não tinha aquele tom atrevido, quando disse baixinho, enfiando a mão sob a blusa dela.

— Sabe de uma coisa, Angel? Seu peito está tão suado quanto o meu.

— Por favor, Pecos...

Ele desabotoou-lhe a blusa enquanto lhe tomava os lábios. Angie cerrou os dentes, jogou a cabeça para trás, mas ele não deu importância. E, mesmo sem querer, ela acabou cedendo: entreabriu a boca, sentindo no íntimo uma estranha fraqueza.

Pecos beijou-a com ternura e sem pressa, excitando-a ainda mais. E continuou beijando, mordiscando, sugando. Presa num turbilhão de emoções, Angie inclinou-se para trás e o puxou pela cintura.

— Desabote a minha camisa, Angel — murmurou então, mordendo-lhe o lóbulo da orelha.

E ela obedeceu, enquanto ele a encorajava, em meio a beijos ardentes. Quando, afinal, ela soltou o último botão, Pecos ergueu a cabeça, fitando-a com olhar febril.

Timidamente, Angie abriu-lhe a camisa e passou os dedos pela longa cicatriz, que tanto a intrigava. Ao mesmo tempo, ele desnudou seus seios macios e arredondados.

— Pecos!

Mortificada, ela baixou os olhos para os mamilos rijos.

Inexperiente, Angie jamais teria resistido a um homem sensual como ele. Como dizer-lhe não, quando ele a abraçava tão apertado, colando o corpo musculoso

a seus seios nus? Como rejeitá-lo, quando queria sentir-lhe o sexo junto à pele nua? Como afastá-lo, quando vislumbrava um paraíso muito sonhado, mas jamais alcançado?

Não podia.

Abraçando-o, Angie tentou dizer que sim e só saíram gemidos de prazer de sua boca. Afinal, ele ergueu a cabeça, mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ouviu-o praguejar baixinho:

— Que droga!

Surpresa, ela resmungou, mas logo ouviu o barulho de cascos de cavalos, aproximando-se.

— Oh, não!

Pecos já havia recuperado a calma.

— Sossegue, meu bem. Eles não viram nada. Estão muito longe. Só sabem que estamos aqui juntos.

Com movimentos rápidos, ajudou-a a abotoar a blusa, antes de fechar a própria camisa.

Angie passou a mão pelos cabelos despenteados, tremendo da cabeça aos pés.

— O que vamos fazer, Pecos? Dá para você ver quem é?

Tirando um cigarro amassado do bolso da camisa, Pecos acendeu-o.

— Não vamos fazer nada. Vamos só ficar aqui, esperando que eles nos alcancem. — Os olhos cinzentos fixaram-se no rosto dos três cavaleiros que se aproximavam. — É melhor você se virar agora, Angel.

Angie obedeceu.

— Não pode ser... — E protestou baixinho. — Oh, não! Junto dela, ressoou o riso zombeteiro e familiar de Pecos.

— Atenção, que aí vem o noivo felizardo!

CAPITULO XX

Pecos estava convencido de que seu desejo por Angie era igual a uma tempestade de verão, violento mas de vida curta. Quando a submetesse totalmente, durante uma noite de amor, estaria livre dessa obsessão. Já se cansara de brincar de gato e rato. Estava em *Del Sol* há mais tempo do que havia planejado e precisava voltar para o México.

Pensando nisso, cruzou o quarto e serviu-se de uma dose do uísque que

estava sobre a cômoda. Em seguida, vestiu uma calça e saiu para o pátio. As portas do quarto de Angie, completamente abertas, convidavam-no a entrar. Sorrindo, ele deu alguns passos naquela direção, mas voltou para seu quarto, atrás da caixinha de música.

Angie havia se deitado cedo, mas não conseguira dormir, relembrando os acontecimentos da manhã. Se não fosse pela chegada de Barrett, teria feito amor com Pecos à margem do riacho seco, sob o sol escaldante do deserto. Ela sabia disso, e Pecos também.

O ato interrompido a deixara fraca e inquieta. Cavalgara de volta a *Del Sol*, ao lado de um Barrett visivelmente descontente com ela e o filho. Não conseguira pensar em mais nada além do homem irresistível, ao qual ansiara entregar-se. Sua rendição fora completa. Se o vencedor não pudera colher a recompensa, fora única e exclusivamente devido à interferência de Barrett e dos guarda-costas.

Durante o resto daquele longo dia, quente e sufocante de setembro, por mais que tentasse, ela não conseguira recuperar o autocontrole e lamentar sua rendição. A única tristeza que sentia era o fato de a união total de seu corpo ao de Pecos não ter se concretizado. Parar tão perto da meta final a deixara indócil, ansiando por algo que estava além de sua compreensão.

Muito depois de ter apagado a lâmpada de cabeceira, e de a noite ler resfriado o ambiente, Angie ainda estava acordada, o corpo quente de paixão. A luz da lua usou uma esponja para banhar-se com água fresca, e abaixar a temperatura de seu corpo. Mas não adiantou. O calor interno continuou a atormentá-la, e ela percebeu que só o homem moreno, acomodado do outro lado da casa, tinha condições de acalmar a febre em seu sangue.

Angie voltou para a cama e deitou-se entre os lençóis amarelos, puxando o de cima até a cintura. Ao fim, exausta, caiu num sono inquieto.

Lentamente, um sorriso desenhou-se nos lábios dela. Em seus sonhos, Pecos a esperava para acalmar o ardor de seu corpo, refrescar sua boca e levá-la consigo para um vulcão de sensações, onde se fundiriam num só ser e alcançariam as delícias do paraíso.

Pecos deu a volta ao pátio caminhando junto à parede da casa, e parou às portas do quarto de Angie. Olhou para dentro: seu coração disparou, e seus longos dedos apertaram com mais força a caixinha de madrepérola.

Angie estava deitada de costas, com um braço na cabeça e o lençol até a cintura, banhada pelos raios de luar. Vagarosamente, ele se adiantou e parou junto à cama. Gotas de suor porejaram sua testa, enquanto o sangue começava a latejar em seus ouvidos.

— Angel, é Pecos — murmurou baixinho, sentando-se na beirada da cama.

Ela estremeceu, mas não abriu os olhos. Com mãos trêmulas, Pecos colocou a

caixinha perto dela e levantou a tampa. A música suave espalhou-se pelo quarto silencioso, enquanto o par em miniatura erguia-se para dançar.

Angie entreabriu os olhos e viu a caixa ao lado de seu rosto. Sorriu antes de voltar-se para Pecos. Ainda sonolenta, não ficou chocada nem aborrecida ao vê-lo. Estava apenas vivendo um sonho.

— Pecos — murmurou, tocando-lhe a cicatriz no peito, antes de fechar os olhos novamente.

Pecos engoliu em seco, maravilhado. De olhos fechados, com os cabelos claros espalhados sobre o travesseiro e os seios rosados muito eretos, ela parecia oferecer-se a ele.

Quando Pecos se inclinava em sua direção, Angie tornou a abrir os olhos. Os lábios rijos, colados aos seus com força punitiva, despertaram-na por completo. Um gemido de protesto escapou de sua garganta, antes que ele a calasse de vez com um beijo ardente e ousado.

Recuperando a capacidade de raciocínio, ela enrijeceu e tentou empurrá-lo para longe. Pecos impedia que ela gritasse sua revolta, mantendo-a prisioneira e provocando sensações estranhas e inquietantes em seu ventre.

Quase sem querer, os gemidos de fúria foram se transformando em suspiros suaves de prazer.

— Benzinho... — sussurrou ele acariciando-lhe os mamilos com o polegar.

Angie arqueou o corpo e enlaçou-o pelos ombros.

— Por favor — pediu, tentando pôr fim à relação. Apesar do muito que o queria, lembrou-se de que estaria pecando, se continuasse. — Pecos, não... Eu...

— Não resista, doçura.

Mais uma vez ele a beijou, com lábios quentes e ternos. Tremendo, Angie cedeu e sentiu a língua masculina invadi-la na boca, explorando e transformando-a numa mulher fraca e sensual que ele a acusara de ser, desde o princípio.

Angie gostaria de odiá-lo, impedi-lo de continuar, provar-lhe que errara a seu respeito, mas não tinha condições.

Pecos estava certo. Devia mesmo ser a devassa que ele pensava, senão não estaria ali, nua, sujeitando-se a gestos que aprendera a encarar como vergonhosos. Forças contrárias lutavam em seu íntimo, e, em desespero, ela ergueu uma prece aos céus, implorando ajuda.

Pecos ergueu a cabeça e fitou-a com desejo. Tinha a respiração alterada e o corpo coberto de suor. Com um movimento quase in-perceptível, seu olhar desceu para os seios de Angie.

— Angel — disse, já procurando um dos mamilos rijos —, este nome não

combina com você. Seu corpo é capaz de mandar um homem direto para o inferno.

Angie gemeu baixinho, quando os lábios ardentes fecharam-se sobre seu seio esquerdo, mordiscando-a de leve. Foi tomada por uma sensação nova e assustadora. Trêmula de prazer agarrou-o pelos cabelos e puxou-o para mais perto, gemendo e sussurrando o nome dele com desespero.

Pecos continuou a acariciar e morder a pele macia, até tê-la completamente à mercê.

- Pecos... Por favor... Não pare Pecos... Por favor...

Ele a agradava com ternura, derrubando barreiras e inundando-a ele uma paixão que ela jamais sonhara existir. Não saberia dizer por que perdia seu precioso tempo, tratando-a como se fosse virgem. Sua intenção fora entrar no quarto dela e possuí-la sem rodeios; no entanto ali estava, beijando, acariciando, saboreando cada passo do caminho, ansioso para levá-la ao êxtase.

Sentindo-se tolo e quase tão amedrontado quanto Angie, Pecos prendeu um dos mamilos rosados entre os dentes e deixou as perguntas para depois. Nada mais importava, a não ser o corpo macio sob o seu, os seios arredondados, os cabelos perfumados, a voz feminina e ofegante de prazer que chamava seu nome.

Algum tempo depois, os lábios masculinos começaram uma trajetória descendente. Angie abriu os olhos, assustada, quando os sentiu sobre a pele de seu ventre. Num gesto quase involuntário, puxou os cabelos escuros, que ainda segurava.

Petulante, ele ergueu a cabeça. O olhar límpido e sonhador que surpreendeu nos olhos verdes aumentou ainda mais sua paixão. De lábios entreabertos e respiração alterada, Angie era a imagem pura de desejo.

— Doçura... — Ele entremeava beijos com palavras de carinho. — Doçura... Você é mesmo um anjo... o meu anjo dourado... deixe que eu a faça feliz... Que eu faça amor com você...

Gentilmente, ele deslizou a mão pelo corpo de Angie, cuja pele ainda estava úmida de seus beijos. Continuou a exploração, descendo em direção ao triângulo de pêlos claros, entre as coxas.

— Angel, minha doçura...

Pecos ergueu a cabeça, e contemplou o corpo nu, estendido diante dele como que em oferta. Muito corada, com o coração batendo forte, Angie era pura emoção.

— Deixe que eu toque em você, Angel...

Devagar, com ternura, Pecos entreabriu as pernas dela e tocou-a na intimidade com a ponta dos dedos. Angie ofegou, dominada pelo choque e uma excitação cada vez maior. Sentia o corpo em chamas, e um calor mais intenso espalhava-se em torno

da área secreta que Pecos acariciava.

— Pecos... Pecos... — exclamou o corpo suado, a garganta apertada, o olhar assustado.

— Está tudo bem, Angel. Relaxe, querida.

Incapaz de se conter por mais tempo, Angie moveu o corpo em direção aos dedos dele. Gemidos baixos escapavam de sua garganta, e ela se pôs a implorar por... Por... Não sabia o que era, só que ardia da cabeça aos pés numa tensão que não suportaria por muito tempo.

— Pecos... Pecos... — implorou o sangue latejando dolorosamente no ventre.
— Pecos, meu querido...

Com um gemido, Pecos levantou-se e tirou a calça, seguido pelo olhar curioso de Angie, que não conteve uma exclamação de medo, ao ver-lhe o tamanho do membro. Mas ele logo estava de volta à cama, abraçando-a, beijando, afastando todas as dúvidas e temores. Angie ficara completamente extasiada.

O tempo se deteve por um momento, quando Pecos deitou-se sobre ela, com os olhos cinzentos faiscando de desejo. Junto ao travesseiro, soava a melodia doce e suave da caixinha de madre-pérola.

— Angel — ele murmurou, penetrando-a.

Angie sentiu uma dor profunda. Notando seu enrijecimento, Pecos achou que ela parecia tão inocente quanto fingia e a examinou com um olhar confuso. Viu-a de olhos fechados, o rosto banhado de lágrimas. Surpreso, quis questioná-la, mas foi tomado por uma emoção que embotou-lhe os pensamentos. Nada mais importava, a não ser o prazer glorioso daquele ato.

Movendo-se ritmicamente, Pecos reacendeu nela o fogo do desejo. Esquecida da dor, ela o imitou, aumentando-lhe o prazer a tal ponto, que ele ergueu a cabeça e murmurou com voz rouca:

— Angel, Angel... Deixe que eu vá até o fim... Por favor, ben-zinho... — E levantou-lhe os quadris, puxando-a para si.

Sensual por natureza, Angie o acompanhou como se os dois fossem um só ser, enlaçando-o pelo pescoço, fitando-o nos olhos e incitando-o a continuar.

— Oh, Pecos! Claro que sim... Sim!

Suas palavras, aumentaram o prazer dele, mas também lhe a impressão errada de que ela era mesmo uma mulher experiente e vivida.

Juntos, eles chegaram ao êxtase. Pecos delirou dentro dela, enquanto Angie mordida-lhe o ombro, conhecendo, pela primeira vez, o poder da paixão.

De olhos fechados, ainda estremecendo sobre ela, Pecos viu-se dividido entre a alegria daquele orgasmo, diferente de todos os que já experimentara, e a repulsa

que lhe causava aquela mulher maravilhosa, cujo corpo moldava-se ao seu como se lhe pertencesse com exclusividade e jamais tivesse sido possuído por outros homens.

Durante algum tempo ele continuou como estava, as batidas fortes do coração misturando-se às dela. Abraçando-o pelo pescoço, Angie o beijava, enquanto murmurava como se fosse verdade:

— Eu amo você, Pecos... Amo você...

Em resposta, Pecos separou-se dela e lançou as longas pernas para fora da cama. Levantou-se e começou a se vestir, enquanto ela, confusa, puxava o lençol para cima. Ferida por aquela atitude fria e abrupta, mordida os lábios para não se descontrolar.

Pecos não viu as manchas vermelhas no lençol. Tudo que via era uma linda prostituta, que o amara com habilidade, e quase o fizera esquecer-se de quem ele era, do que estava fazendo em *Tierra dei Sol* e dos homens que a tiveram antes dele. A vagabunda de rosto de anjo tinha mesmo muito talento para o que fazia. Sem dúvida, servira-o bem. E agora ainda o fitava com aquela expressão magoada nos olhos verdes, como se fosse uma mocinha inocente, desvirginada por ele.

Um sorriso irônico surgiu-lhe nos lábios. Observou as lágrimas que escorriam dos olhos tristes de Angie. Ela era mesmo uma grande atriz. Quantas vezes já não teria espremido algumas lágrimas, para enganar um homem? Mas com ele nada conseguiria. Ele sabia exatamente o que Angie era. Poderia voltar àquele quarto, para desfrutar de seu corpo lindo e experiente, mas não se deixaria abalar por uma representação, por mais convincente que fosse.

— Pare com isso, Angel. Eu já lhe disse que não vou desistir de você. Estou achando ótimo ter uma prostituta por madrasta.

Examinando-lhe o corpo com uma expressão de raiva, Pecos tirou um maço de notas do bolso, separou algumas e jogou-as sobre a cama, aos pés dela.

— Mesmo por esse preço, benzinho, valeu a pena. Surpresa e magoada demais para se lembrar de onde estavam,

Angie quis gritar, mas ele avançou para ela, tapando-lhe a boca. Lágrimas escaldantes desciam pelo rosto de Angie. O lençol caiu-lhe até a cintura, permitindo que o braço de Pecos encostasse em seus seios nus.

— Esqueceu-se de onde estamos, Angel? Quer que seu noivinho saiba que estava rolando na cama com o filho dele, às vésperas do casamento? — Pecos fez um ar de pouco-caso. — Não daria certo, querida. Ele nem quer dividir as terras que tem comigo, quanto mais a futura esposa.

De repente, Pecos tomou consciência dos seios macios encostados a seu braço. Cerrou o dente. Sua vontade era sacudir aquela Vagabunda mentirosa, até deixá-la prostrada. Uma emoção violenta, que lutava com outra, igualmente poderosa, mas de outro tipo...

Foi obrigado a apelar para toda a sua força de vontade para não se deixar levar pela atração e acariciar aqueles seios nus até ouvi-la murmurar seu nome com desejo. Ah, seria bom substituir a mão que a mantinha calada pelos lábios, para atormentá-la de paixão...

— Vou sair daqui, Angel. Se não quer que a casa inteira fique sabendo do que aconteceu, é melhor sufocar os soluços no travesseiro.

Pecos soltou-a e caminhou, sem pressa, para a porta. Antes de sair, no entanto virou-se para olhá-la. Em toda a vida, nunca captara uma fúria tão intensa no olhar de alguém. Já enfrentara maridos ciumentos, decididos a vingar a honra das esposas traidoras, mas nunca vira uma expressão tão selvagem numa mulher. Deixara amantes decididas a arrancar seu coração do peito com um punhal, mas nunca presenciara um ódio tão forte. A mulher meiga e angelical de momentos atrás fora substituída por uma criatura selvagem, que o fez estremecer.

Paralisado, viu Angie jogar o lençol para o lado e saltar da cama. Por um instante, achou que ela pretendia pular sobre ele e feri-lo, unhá-lo até sangrar. Fascinado, observou-a pegar o dinheiro sobre os lençóis e cruzar o quarto, com passos decididos. Enrijeceu o corpo e esperou.

Angie parou diante dele e sorriu. Um sorriso estranho, vago, que não lhe chegava aos olhos. Com uma emoção bem semelhante ao medo, Pecos viu-a puxar o cós de sua calça, usando uma força surpreendente. Sem deixar de fitá-lo, empurrou o dinheiro para dentro da calça e agarrou-o num gesto ousado e agressivo.

— Se me procurar de novo como esta noite, eu o mato. — Soltando-o, Angie deu um passo para trás. — Agora, saia daqui!

Meio excitado, meio surpreso ante aquele gesto atrevido, Pecos foi para seu quarto. Primeiro serviu-se de uma dose de *bourbon*, para acalmar os nervos, e depois entrou no banheiro. Quando a banheira se encheu, tirou a roupa e não conteve uma exclamação de susto: algumas gotas de sangue manchavam a parte interna de sua coxa. Um mistério! Dando de ombros, entrou na banheira e começou a se lavar, já esquecido do incidente.

Depois que Pecos saiu, Angie encostou-se na porta, lutou para dominar os soluços de desespero que ameaçavam escapar de sua garganta, deslizando devagarzinho para o chão. Nunca odiara alguém como agora odiava Pecos McClain. A repulsa que por ele sentia era tão grande, tão intensa, que a fazia sentir-se mal. Detestava aquele ser nojento e sem coração.

Enxugou as lágrimas. Tinha gosto de fel na boca e, pela primeira vez, era capaz de entender o que levava uma pessoa a matar outra. A vontade que sentia era de enterrar uma faca afiada no coração de Pecos, golpeando-o até vê-lo cair a seus pés, os olhos vidrados de choque e dor, enquanto ela ria triunfante.

Arrasada, Angie acabou arrastando-se para a cama e dando vasão a sua

agonia, através de soluços abafados. Junto ao travesseiro, os namorados da caixinha de madrepérola ainda se abraçavam, embora a música há muito tivesse parado. Jogou a caixinha para longe, o corpo nu e trêmulo sacudido por ondas e ondas de náusea.

A intensidade de seu ódio por Pecos não tinha limites. Era uma emoção tão profunda e poderosa quanto a paixão que os dominara momentos atrás, roubando-lhes o autocontrole e obrigando-os a cederem a um desejo abrasador.

CAPITULO XXI

Abatida, Angie viu a noite mais longa de sua vida arrastar-se até o fim. Não dormiu. Quando o primeiro acesso de choro passou, tomou um banho bem quente. Queria livrar-se das marcas de Pecos em seu corpo e esfregou-se até cansar os braços. Então, envergonhada e infeliz, vestiu uma das camisolas que ganhara.

Era a primeira vez que usava uma camisola. A Srta. Emily ajudara-a a escolher várias, mas desde o início, ela sabia que preferia dormir nua. Algo de que se arrependia amargamente, agora. Talvez a relação não tivesse acontecido, se estivesse em trajes íntimos, e não nua quando Pecos entrara em seu quarto.

Prometendo-se nunca mais dormir nua, Angie arrastou-se de volta à cama e não conteve uma exclamação de susto. Gotas de sangue manchavam o lençol amarelo, testemunhando o que acontecera. Em meio a um novo acesso de lágrimas, ela girou nos calcanhares e foi sentar-se numa poltrona, junto à lareira.

Foi lá que passou a noite. Uma noite de agonia e emoções estranhas, conflitantes. Vencida pela fraqueza, relembrou o glorioso ato de amor que a transformara em mulher. Tornou a sentir a boca e as mãos de Pecos em seu corpo, ouviu-lhe a voz grave murmurando frases de carinho, enquanto uma doce melodia escapava da caixinha de música.

Mas, logo em seguida, veio a lembrança de Pecos fitando-a com ar de pouco-caso, jogando o dinheiro a seus pés. Um gemido de ódio e desespero escapou-lhe dos lábios. Odiava Pecos. Odiava-o mais do que jamais pensara que fosse possível odiar alguém. E o temia. Ele era cruel, frio e sem sentimentos, usara-a e depois zombara de sua reação.

Um tremor sacudiu-a. Pecos voltaria. Viria à sua procura quando o desejo o atormentasse, e a trataria sem a menor consideração por seus sentimentos. Teria condições de afastá-lo? Se ele a quisesse novamente, seria capaz de detê-lo? Seria capaz de recusar-se

a ceder ao desejo dele? Ou ao seu próprio desejo? Pecos só precisava atravessar o pátio, para encontrá-la. Barrett e a Srta. Emily dormiam no andar de cima nada ouviriam, exatamente como acontecera aquela noite. Estava praticamente

à mercê de um homem sem princípios, dono de um forte apetite sexual. Pecos gostara de seu jeito de fazer amor e por certo voltaria. Como defender-se? Quando o dia amanheceu, Angie já tomara uma decisão. Era o único jeito de impedir a repetição do trágico erro daquela noite. Com essa certeza, vestiu-se e foi se juntar a Barrett McClain, no pátio.

— Bom dia, Barrett -r- cumprimentou, aproximando-se da mesa onde ele tomava o café da manhã.

— Bom dia, Angie, querida!

A Srta. Emily deixou a xícara no pires e fez um comentário sobre a aparência da moça.

— Como você está pálida, Angie! Está se sentindo mal? Não devia ter se levantado.

Sentando-se na cadeira que Barrett puxara para ela, Angie forçou um sorriso.

— Não, eu estou bem. Só me levantei mais cedo, porque queria falar com Barrett. Eu... Eu estava pensando se... se não poderíamos...

— Prefere falar com Barrett a sós, Angie? — Perguntou a Srta. Emily, vendo o modo como ela hesitava. — Eu não me importo de entrar por alguns minutos.

— Não, não é preciso. — Angie fitou Barrett.

— Quando eu cheguei a *Tierra dei Sol* e falamos em casamento, você me explicou que esperaríamos seis meses, para nos conhecermos melhor. Pois bem, eu não quero mais esperar. Prefiro me casar o quanto antes.

— Ah, querida! — Barrett engoliu em seco, com o coração a ponto de saltar do peito. — Foi por sua causa que sugeri que esperássemos. Mas, se você prefere...

Fingindo não ver o choque registrado no rosto da Srta. Emily, Angie continuou:

— Prefiro, sim. Quando podemos nos casar?

Barrett estava tão chocado quanto a cunhada, mas também delirantemente feliz.

— Assim que seu vestido de noiva ficar pronto Creio que em duas ou três semanas...

— Não, Barrett, eu não faço questão de um vestido de noiva. Vamos nos casar esta semana mesmo.

Barrett tomou-lhe a mão, e Angie lutou contra a repulsa. Achou-lhe a pele gelada, como se não recebesse sangue suficiente.

— Vou falar imediatamente com o ministro, minha Angie. Tenho certeza de que acharemos um vestido adequado para você em Marfa.

— Também penso que sim. — Sorrindo, Angie deu um jeito de puxar a mão.

Dolores apareceu nesse momento, com mais um bule de café. Ela ouvira a última parte da conversa e estava chocada, mas escondeu os pensamentos e sorria, quando Barrett lhe disse:

— Dolores, traga um belo café da manhã para essa moça. Temos de cuidar da saúde dela. Sábado ela se tornará a srta. Barrett McClain.

— Que maravilha! — disse Dolores, ainda sorrindo, mas ao afastar-se, tinha o coração pesado como o de Angie, pois desde o começo tivera esperanças de que a moça e Pecos se apaixonassem, terminando por se casar.

Muito quieta, Angie tentava prestar atenção à conversa de seu futuro marido. Não era fácil. A voz dele a irritava, a cabeça latejava-lhe de dor e os olhos ardiam, de tanto chorar. Mas o pior era a sensação estranha que tinha entre as pernas. Uma leve dor que não a deixava esquecer-se do que acontecera. Pecos roubara dela algo que nunca poderia reclamar. E a conhecera como nenhum homem a conhecera antes ou conheceria depois, mas não dera a mínima importância a isso. Para ele, não significava nada. Absolutamente nada!

Angie estava muito infeliz, mas ao menos esperava que o casamento lhe desse o que precisava. Sendo esposa de Barrett McClain, dormiria em segurança, na suíte principal. Seria impossível, para Pecos, invadir seu quarto, sua cama e seu corpo.

Ouvindo os planos do futuro marido para seu casamento, ela bebericava o café. Estava tão preocupada, que nem lhe prestava atenção. Mesmo assim, sabia que havia um lugar que Pecos poderia invadir: seu coração.

Pecos seguiu com o olhar a linda moça que descia pela nave da igreja. Por um instante, teve a impressão de que seu coração iria estourar de dor. Angie sorria com serenidade, e mesmo assim tinha aquele ar de pássaro ferido, que lhe dava vontade de abraçá-la e protegê-la da dor que com certeza conheceria, casando-se com Barrett McClain.

Furioso, Pecos imaginou a moça bonita e sensual nua, ao lado de seu pai. Conhecia muito bem a luxúria que se escondia sob a fachada de bondade e dignidade, exibida por Barrett McClain.

Angie aproximou-se do altar e pôs a mão sobre a de Barrett. Pecos apertou os lábios, odiando-se pelo desejo que sentia por ela. Lembrava-se da noite que passaram juntos e se torturava lembrando o prazer que os lábios macios provocaram nos seus, da delícia que era ter os seios arredondados em sua boca, as coxas estreitas contras as suas, o sexo quente e úmido, envolvendo o seu e levando-o ao êxtase.

Mordendo os lábios, Pecos viu o pai e Angie diante do ministro. Absolutamente imóvel, sem fitar aquela linda prostituta, que repetia os votos matrimoniais em voz meiga, e testemunhou a cerimônia até o fim. Quando o ministro convidou os presentes a rezarem pelos noivos, abaixou a cabeça, tomado

por emoções conflitantes.

De repente, incapaz de resistir, em meio à cantilena monótona de prece pelos noivos, Pecos ergueu o rosto e olhou para Angie. Seu coração quase falhou. Apesar de estar com a cabeça ligeiramente inclinada, ela o fitava: naqueles olhos lindos ele vislumbrava uma expressão de... desespero? Tristeza? Arrependimento?

As pálpebras delicadas abaixaram-se, e antes que o "amém" fosse dito, Pecos já decidira o que fazer. Iria embora. Sem perda de tempo. Não ficaria nem para a festa de casamento. Não continuaria em *Tierra dei Sol*, agora que Angie estava casada com seu pai. Se continuasse a paixão que o consumia atingiria proporções exageradas e acabaria com todos eles.

Barrett McClain e Angie Webster foram declarados marido e mulher. Pecos viu a cabeça branca do pai inclinar-se para um beijo casto, paternal, no rosto de Angie. Nesse momento, mais uma vez, os olhos dela se ergueram para os de Pecos. Estavam cheios de lágrimas.

Sorrindo com orgulho, Barrett McClain desceu a nave da igreja de braços com a esposa. Pecos seguiu a figura feminina até vê-la desaparecer lá fora. Pela primeira vez na vida, não entendia as próprias emoções. Tinha a impressão de estar enlouquecendo. Afinal, mie lhe importava que aquela vagabunda fosse agora a esposa de .eu pai? Por ele, ela podia aquecer a cama do velho em troca de algumas moedas. Podia até pôr as mãos em parte da fortuna dos McClain, usando os talentos sexuais que tinha. Metade dessa fortuna continuaria a pertencer a ele, e, com o tempo, daria um jeito de reaver a outra metade.

Pecos, saiu para a luz do sol. Sorrindo, tia Emily aproximou-se dele.

— Foi uma bela cerimônia. Não achou querido? Retribuindo o sorriso, ele a levou para a carruagem que esperava.

Outros convidados juntaram-se à procissão de *buggies*, carruagens, carroças e cavalos de sela, que seguiam para a *Tierra dei Sol* para um longo dia de comemorações.

— Pecos, querido... — Emily fitou as mãos, meio sem jeito. Você... Você não vai mais atormentar Angie, agora que ela é...

— Doçura, eu não vou atormentar ninguém. — Com o olhar lixo na estrada, Pecos incitou os cavalos a correr mais.

— Hoje mesmo, parto para o México.

Emily ergueu os olhos, mas nada pôde deduzir pela expressão dele.

— Pecos, ela... Angie não significa nada para você, significa?

— Claro que significa, doçura! — Virando-se, ele notou que a tia estava preocupada e explodiu numa gargalhada. — Ora, tia, você não vê que ela agora é a minha querida madrastra?

Vendo que o sobrinho continuava a rir, Emily juntou-se a ele. Foi um riso forçado, se bem que não tão forçado quanto o riso profundo e convincente de Pecos McClain.

CAPITULO XXII

Apesar de organizada às pressas, a festa de casamento de Barrett e Angie foi grandiosa e elegante. Uma orquestra vinda de San Antônio, a quase oitocentos quilômetros dali, tocava músicas românticas sobre um palco enfeitado com flores. Durante os intervalos, *mariachis* de Ojinaga, do México, entrelinham os convidados.

Uma tenda enorme, listrada de branco e amarelo, fora armada no gramado da fazenda. Nela, criados de casacos brancos serviam carnes, legumes, massas e sobremesas feitas para todos os gostos. Bandejas de prata, com taças de champanha, eram passadas a todo momento, para os convidados que se sentavam a mesas compridas, enfeitadas com rosas brancas. Num dos extremos da tenda, sobre uma mesa redonda, coberta por uma fina toalha de renda, estavam os presentes recebidos pelos noivos.

Barrett McClain convidara todos os empregados de *Del Sol*, os cidadãos de Marfa e os habitantes de Fort Davis, para a celebração. Em consequência, centenas de pessoas reuniam-se sob a tenda, comendo, bebendo, rindo e admirando a festa mais luxuosa que já tinham visto.

Angie, pálida e linda em seu vestido de renda e cetim branco, recebia os convidados na entrada da tenda, ao lado de Barrett. Com um sorriso fixo nos lábios, deixou-se abraçar, beijar e examinar pelos curiosos. Numa espécie de transe, nem sabia a certo o que se passava ao seu redor. Em sua mente só havia um pensamento: conseguira se salvar da ameaça que era Pecos. De agora em diante poderia dormir em paz, certa de que ninguém a tocaria.

Foi um alívio ficar ao lado do marido e fingir felicidade. Já Barrett, ao contrário dela, parecia estar realmente feliz e orgulhoso de apresentá-la como esposa, embora ambos soubessem que viveriam apenas como pai e filha.

— Querida, se quiser, pode entrar e se refrescar um pouco -disse Barrett, depois de mais de uma hora recebendo convidado;.

Mas não troque de roupa. Acho que será mais apropriado se participar da festa com seu vestido de noiva.

— Obrigada, Barrett. Estou mesmo precisando de um descanso.

Sorrindo, Angie permitiu que ele a beijasse no rosto e saiu. Paia sua surpresa, foi seguida pelos dois guarda-costas, mas logo os afastou da mente.

Dolores recebeu-a na porta da mansão, sorrindo calorosamente. Tirando o véu

da cabeça da moça, guiou-a escada acima.

Angie não mostrou interesse pela espaçosa suíte da senhora da casa, embora nunca tivesse entrado lá, antes. Vagamente, notou que a decoração era em rosa e amarelo, que os móveis eram de cerejeira e que, diante da cama, havia uma enorme lareira de pedra rosada. Seu único desejo era descansar, e para isso sentou-se na cadeira mais próxima.

Dolores entrou apressada no quarto de banho, ao lado, e voltou com um pano úmido, com o qual banhou o rosto e as mãos de Angie. Em seguida, tirou-lhe os sapatos e banhou os pés.

Angie permaneceu lá durante pouco tempo, pois logo teve de j voltar para o marido e os convidados. Levantando-se para que Dolores recolocasse o véu, olhou pela janela e não conteve uma exclamação de incredulidade. Um cavalo baio afastava-se a trote pela I estrada, levando um cavaleiro de cabelos negros e brilhantes, ao sol do meio-dia.

— Dolores! Aquele não é... Parece...

— É Pecos, sim. Ele está indo embora.

— Embora?!

— Si, Angie. Ele se despediu de mim, um pouco antes de você l entrar.

— Quer dizer que Pecos não vai ficar aqui? — Angie perguntou com voz alterada, sem tirar os olhos do cavaleiro que se afastava.

— Pecos nunca fica muito tempo em *Del Sol*. Ele tem de trabalhar em sua mina de ouro, no México. — Observando a jovem patroa com atenção, Dolores acrescentou: — Desta vez, ele ficou mais tempo que de costume.

— Mas ele volta, não volta?

— Volta, mas demora.

— Oh, meu Deus! Por que ele não foi embora antes que eu... Mas não precisava ter.... Eu... — Percebendo que se delatava, Angie tentou disfarçar. — Eu... Eu não pensei que fosse Pecos, por que ele não está com Diablo.

— Diablo está velho. Como a viagem é longa e cansativa, Pecos sempre o deixa para trás.

— Não diga! É bom saber que ele se importa com alguma coisa. — Com um sorriso amargo, Angie girou nos calcanhares.

— Acho que já é hora de voltar para os meus convidados.

A festa continuou durante a tarde inteira. Angie notou chocada que seu marido, apesar de muito religioso, consumia uma grande quantidade de álcool. Nada disse a ele. Afinal, aquela era uma oca tão alegre, especial, e ele na certa queria que os amigos se sentissem à vontade e bem-vindos em sua casa.

Quanto mais Barrett bebia, mais alto falava, mais alto ria e com mais calor beijava o rosto de Angie. Cansada e entediada com aque Ia farsa, ela acabou aceitando a taça de champanhe que lhe oferecia um dos criados.

— Isso mesmo, beba! — Barrett encorajou-a. E riu gostosamente, quando ela tomou um gole e fez uma careta, cocando o nariz.

O longo dia foi chegando ao fim. Os convidados tinham comido bebido e dançado, divertindo-se ao máximo. Angie tomara só aquela taça de champanhe, mas nada comera, passando o tempo a dançar com os convidados que a tiravam. Vira novamente as moças amigáveis que conhecera em Fort Davis, mas a camaradagem daquele dia desaparecera. Elas a fitavam de um modo diferente, \ com um mundo de perguntas veladas no olhar, agora que estava casada com o mais velho dos McClain.

Angie não tentou se explicar. O que elas pensavam deixara de ter importância. Na verdade, nada mais tinha importância. Seu único desejo era ir para a segurança de sua cama, em paz. Para dormir, dormir, dormir. Um sono abençoado, sem sonhos. Isso era tudo que queria agora da vida.

Mordendo o lábio inferior, Angie sentiu o coração apertar-se. Pecos se fora. Deixara *Del Sol* e não voltaria tão cedo. Pena que não tivesse ido uma semana antes. Assim, não teria aparecido em seu quarto, nem ela teria feito aquele casamento apressado, para se proteger.

Que homem frio e calculista era Pecos! Ficara na fazenda de propósito, só para mostrar-se capaz de acabar com sua resistência e possuí-la. Como conseguira, resolvera ir embora, livre como o vento do deserto, completamente indiferente ao que acontecera entre ambos. Pra ela, no entanto, a vida jamais voltaria a ser a mesma...

— Querida — Barrett murmurou em seu ouvido, com um cheiro desagradável de bebida no hálito, você pode entrar, agora.

— Que bom! Este vestido é quente e estou louca para tomar um banho.

De novo, Dolores a esperava junto à escada. Parecia preocupada, mas Angie não parou para lhe fazer perguntas. Só pensava em tomar um banho e colocar outro vestido, mais fresco. Já estava na banheira, quando descobriu por que a criada parecia tão preocupada.

— Que vestido você separou para eu pôr, Dolores? — perguntou, deixando a água escorrer pelos braços.

Dolores apareceu na porta do quarto de banho, trazendo uma camisola transparente nas mãos.

— *Senora*, eu... eu...

— O que foi, Dolores? — Angie ergueu-se na banheira, estendendo a mão

para pegar a toalha. — Onde está o meu vestido?

— Não é para você colocar um vestido, Angie.

— Como não? Eu preciso de um vestido. O sol ainda nem desapareceu, e a festa vai durar horas. Vá até o meu quarto antigo e traga um dos vestidos que chegaram por último.

Dolores baixou a cabeça, cheia de tristeza.

— Você não vai voltar para a festa, Angie. O *senor* McClain deu ordens para que vestisse esta camisola e ficasse aqui em cima.

Horrorizada, Angie saiu da banheira, apertando a toalha de encontro ao corpo.

— Não, Dolores, eu não vou para a cama. Vou voltar para junto dos convidados. É por isso que preciso de um vestido.

— Não, Angie. Você acaba de se casar e é impossível que não saiba o que acontece entre os noivos, no dia do casamento. Logo o *senor* McClain estará aqui e... ele quer... ele vai...

— Não! — Angie gritou, passando pela criada. — Você não entende Dolores. Não é assim que vai ser. Não é!

Dolores seguiu-a até o quarto.

— Angie, *nina*, eu sei que é cedo para pessoas decentes fazerem... Essas coisas, mas... Você se casou com Barrett McClain e deu a ele o direito de...

— Você está enganada, Dolores — declarou Angie, cheia de nervosismo. — Meu casamento com Barrett vai existir em nome, apenas. Ele quer assim, e eu também. Ele jamais pensaria em...

Dolores foi invadida por uma onda de raiva, ao descobrir a mentira que o patriarca de *Del Sol* contara a Angie. Ainda assim, espantou-se com a ingenuidade dela, acreditando que ele não a quisesse possuir.

— Eu gostaria que você tivesse razão, Angie, mas não tem.

Lembrando-se do exame médico que sofrera, Angie sentiu um

arrepio de medo. Barrett mandara que lhe fizessem aquele exame. Queria ter certeza de que era virgem, antes de possuí-la. Como não percebera a intenção dele? Dolores tocou-a no braço.

— Angie, agora você é a esposa do *senor* e ele quer vir para a sua cama. Não pensei que você achasse... Bem, pensei que você soubesse que ele... Oh, Angie, você lhe deu esse direito.

— Deus do céu, o que foi que eu fiz? — O desespero tomou conta de Angie. — Eu queria me proteger de... Eu... Ah, Dolores! — Quase histérica, ela correu para

as portas duplas que se abriam para um balcão. — Eu vou fugir... Vou.... — Deteve-se bruscamente, girando nos calcanhares e correndo para a porta que dava para o corredor. — Vou buscar um vestido e fugir. Eu vou...

— Ah, minha menininha! — Dolores exclamou, segurando-a pelo braço. — Asa Grander está vigiando esta porta, e Punch Dobson, a da suíte do *senor*. Não há saída, meu bem. Em cinco minutos ele estará aqui. Se não quer recebê-lo nua, coloque esta camisola.

Angie começou a tremer. Lágrimas escaldantes escorriam de seus olhos, e ela teve a impressão de que iria vomitar. Como um zumbi, deixou que a criada a vestisse. Mas a camisola, apesar de longa, nada cobria, e seu corpo de coxas bem-feitas, mamilos eretos e pernas longas podia ser visto com perfeição, através do tecido fino.

— Ajude-me, Dolores — Angie implorou, com voz estrangulada.

— Ah, *nina*, bem que eu queria! Mas só posso lhe dizer que não deve demorar muito. O *senor* ficará tão excitado quando a vir, que não poderá se conter por muito tempo. Eu sei que você é virgem, mas se relaxar seu corpo e...

Uma batida decidida na porta de comunicação entre as duas suítes interrompeu as instruções.

— Não! — Angie exclamou morta de medo.

A porta de carvalho abriu-se, e Barrett McClain, usando apenas um robe de cetim, entrou.

— Vá embora — ele ordenou à criada com voz pastosa, voltando os olhos vidrados para a esposa.

Horrorizada, Angie viu a criada sair depressa e fechar a porta atrás de si. Voltou-se então para Barrett, que se aproximava sorrindo, excitado.

— Angie, minha esposa, meu amor... Eu a quero tanto!

— Não, Barrett! Você não pode fazer isso. Você me prometeu, deu a sua palavra!

Alcançando-a, ele examinou o corpo que ela tentava freneticamente esconder.

— Agora você é minha esposa, querida, e decidi transformá-la numa mulher. Vai ser doído, da primeira vez, mas depois você vai gostar. Eu entendo o seu medo. Ainda é virgem e não sabe o que esperar. Mas eu lhe ensino. Vou lhe mostrar exatamente o que deve fazer. Você aprenderá depressa, eu lhe garanto.

— Não! Eu não vou dormir com você! Você prometeu que seríamos como pai e filha, e eu não vou aceitar isso. Vou embora, agora mesmo!

Angie tentou afastar-se, mas Barrett agarrou-a pelo braço. Tinha uma expressão feroz no olhar, e estava tão bêbado, que não seria capaz de ouvir a voz da

ração.

— Nós podemos ser como pai e filha, Angie. Mas em público, não aqui. Aqui, somos marido e mulher. Podemos fazer o que quisermos neste quarto, que o Senhor nos abençoará. Agora, chega de tolice!

Desesperada, ela tentou ganhar tempo.

— Mas Barrett, não é decente! O sol ainda nem desapareceu, e o jardim está cheio de convidados. É muita grosseria deixá-los sozinhos. Vamos voltar para lá. Quando eles forem, viremos para o nosso quarto.

Angie raciocinava com a velocidade de um relâmpago. Se o convencesse a voltar para junto dos convidados, poderia lhe dar mais bebida, escapulir para os estábulos, selar *Ángel* e fugir. Fugir o mais depressa possível e para o mais longe que a égua pudesse levá-la. Fugir para...

— Pouco me importo com os convidados, menina. Quero o que me pertence e quero agora — Barrett declarou num tom pastoso, pior do que o que usara antes. — O sol está se pondo. É a melhor hora para se fazer amor, Angie

— Vagarosamente, ele levou a mão aos seios dela.

— Não! — Angie gritou começando a lutar.

Barrett dominou-a com uma facilidade que a surpreendeu, segurando-a bem junto ao corpo.

— Querida, querida... Eu vou lhe explicar tudo. No seu corpo, existe uma caverninha onde ninguém nunca esteve, mas hoje isso vai mudar. Tenho algo para colocar lá, e você vai gostar. No começo deve doer um pouco, mas depois que eu estiver dentro de você, só sentirá prazer. — Ele sorriu, atingindo o rosto dela com seu hálito azedo.

— Deus do céu, isto não pode estar acontecendo!

Em desespero, Angie quis gritar. Mas estava com a garganta tão contraída, que seus gritos não serviram para nada, a não ser para irritar Barrett McClain.

— Querida, você precisa entender a situação — ele avisou, por entre dentes. — Estamos casados, e eu vou fazer amor com você. Compreendo que tem motivos para estar um pouco nervosa, mas não vou tolerar mais gritos.

— Deu-lhe um puxão nos cabelos, causando-lhe dor. — Do lado de fora desta porta. Asa e Punch garantem a nossa privacidade. Não há saída para você, Angie. Se não deixar que eu a inicie na vida de casada por bem, terei de chamar os dois para me ajudar.

Um sorriso frio de satisfação surgiu nos lábios de Barrett. Pela expressão nos olhos de Angie, sabia que ela não iria querer que os dois guarda-costas a segurassem e observasse, enquanto ele a possuía.

— Assim é melhor, querida. Eu lhe garanto que vai gostar, no fim. — Com um olhar de cobiça, Barrett levou-a para a cama. — Temos a noite a nossa disposição, criança, e pretendo passar a maior parte do tempo em cima de você.

Ele riu, cheio de malícia, enquanto Angie lamentava não estar morta. Pelas portas entreabertas da sacada entravam os últimos raios de sol, banhando a cama com sua luz dourada. Rendendo-se a um destino inevitável e infeliz, ela enfrentou o olhar ardente que devorava seu corpo quase nu.

— Eu não vou apressá-la. Sei que as mulheres gostam de ser beijadas, antes.

Angie encolheu-se, quando as mãos dele, frias e suadas, pousaram em seus ombros.

— Não, oh, não, não é preciso!

Ela não conseguia imaginar nada pior do que beijá-lo, e tinha razão. Ainda cerrou os dentes, mas ele atacou-a com determinação, usando a língua e os lábios murchos, causando-lhe a impressão de que morreria de nojo.

— Doçura — Barrett murmurou, soltando-lhe a boca para beijá-la no rosto. — Você é tão meiga, tão inocente! Nem sabe que tem de abrir a boca, quando eu a beijo. — Levantou a cabeça, sorrindo possessivamente.

— Vou beijá-la de novo, e desta vez você vai abrir a boca.

— Não, Barrett, eu... Eu...

— O que é, querida? — Lambeu-lhe o nariz.

— Eu... Eu... Não vamos esperar mais.

Angie tinha a impressão de que não sobreviveria a outro beijo. E, diante de suas palavras, Barrett excitou-se ainda mais.

— Ah, minha querida, entendo a sua pressa! Amanhã, eu a ensinarei a beijar. Vamos passar algum tempo só beijando, dedicando toda a nossa atenção a esse delicioso início. Mas amanhã, está bem?

— Ele sorriu novamente, com os olhos brilhantes de desejo e injetados pelo excesso de bebida. — Deite-se na cama, Angie.

Doente de pavor, Angie fez uma última tentativa.

— Barrett, eu... Deixe-me ir, Barrett, eu não posso...

— Isso é nervosismo e passa, querida. Deite-se faça exatamente o que eu mandar. Estou excitado a ponto de sentir dor, Angie, e tenho de ser satisfeito.

Abatida, de ombros caídos, Angie sentou-se na beirada da cama e ouviu a próxima ordem.

— Deite-se de costas, bem no centro do colchão.

Ela obedeceu, com os punhos apertados ao lado do corpo trêmulo. E não pôde

conter uma exclamação de desespero, quando Barrett, sorrindo, inclinou-se e rasgou o corpete da camisola, expondo seus seios.

— Ah, querida, que seios lindos você tem! Exatamente como eu imaginei: firmes, altos, cheios e macios.

Angie fechou os olhos cheios de lágrimas. Mas abriu os novamente, quando sentiu as mãos geladas na barra de sua camisola Tensa e agoniada, viu Barrett puxá-la devagarzinho, descobrindo seus joelhos, as coxas, os quadris... Nesse ponto ele parou e fitou com gosto os pêlos crespos e loiros entre suas pernas, exclamou deliciado:

— Lindo! Lindo!

Angie virou a cabeça de lado e deu vazão às lágrimas. M(*MIM< assim, viu quando Barrett desatou o roupão e deixou-o cair chão do tapete.

— Olhe para mim, Angie — ele mandou, subindo na cama. Decidida a não olhar para o corpo muito branco junto ao seu,

ela fixou os olhos no rosto dele.

— Seu corpo é uma beleza, minha querida esposa, e eu vou lhe mostrar todas as coisas que podem ser feitas com ele.

Colocando-se de quatro, Barret inclinou o rosto vermelho de paixão e começou a lambe seus seios, fazendo estranhos ruídos e cobrindo-a de saliva. Horrorizada, amedrontada e enojada, Angie se viu pedindo a Deus para morrer. Quando, afinal, aquilo lei minou, esperou com a respiração suspensa, rezando para que não viesse nada pior.

— Abra os olhos, querida.

Angie entreabriu os olhos lacrimosos, encontrando o rosto sorridente de Barrett alguns centímetros acima do seu. Ele tinha os olhos vidrados de paixão, e os lábios, úmidos e vermelhos. Um fio de saliva escorria-lhe pelo queixo, cheirando a bebida, cigarro e comida. Não dava impressão de perceber seu nojo, agindo como se não tivesse idéia da náusea que nela despertava.

Vendo-o procurar novamente sua boca, Angie virou a cabeça Mas Barrett conseguiu insinuar a língua entre seus lábios, tentando uma penetração. Não sendo possível, pôs-se a traçar o contorno de seus lábios, arrancando dela gemidos que julgou serem de paixão, mas que eram de puro desespero.

Levantando a cabeça, Barrett mordeu-a de leve na ponta do nariz.

— Querida, nós vamos ser muito felizes. Todas as noites vou acariciar seus seios assim e... Não, todas as noites, não!

Acabo de ter uma idéia sensacional, Angie! Vai ser na hora da sesta. Não irá maravilhoso? Todas as tardes, você irá para a minha cama nós faremos amor, enquanto os outros dormem! Angie agora desprezava aquele homem com uma força

maior que o ódio que dedicava ao filho dele. Pecos era arrogante e invisível, mas Barrett era um velho depravado e mentiroso. Ela ainda não sabia como, mas iria vingar-se deles. Nem que para isso levasse o resto de seus dias!

— Eu gostaria de fazer amor com você mais devagar, querida, mas estou muito excitado. Abra as pernas, que tenho uma coisa aqui, só para você. — Com movimentos desajeitados, Barrett separou as pernas de Angie e ajoelhou-se entre elas.

— Abra os olhos veja isso, Angie! — Sorrindo com malícia, ele indicou o membro viril. — Vou colocá-lo na sua caverninha. Vai doer bastante, mas você pode gritar, se quiser.

Sem acrescentar mais nada, Barrett abaixou-se sobre a moça desesperada que tinha à frente. Gemia de excitação, tentando penetrá-la, e dos lábios de Angie escapou um soluço, que logo se transformou num grito de pavor e revolta. Este grito foi a última coisa que ele ouviu, pois caiu sobre ela, perdendo os sentidos, antes de chegar ao fim.

Por alguns instantes Angie permaneceu absolutamente imóvel, mal se atrevendo a respirar. Tinha os olhos fechados, mas depois que algum tempo se passou sem que nada acontecesse, resolveu abri-los. De boca aberta, Barrett ressonava, com a cabeça sobre um de seus seios e o hálito desagradável banhando o mamilo do seio oposto.

Arrepiada de nojo, à beira de uma crise histérica, Angie tentou empurrá-lo para longe de si. Soluços estrangulados escapavam de sua garganta, e ela chegou a pensar que não teria forças para isso. Então, com um grito de ódio, conseguiu. Mas um de seus braços continuou preso sob o corpo repugnante, e, em desespero, ela o puxou e empurrou. Barrett era tão pesado, que tornava inúteis seus esforços. Angie achou até que seria capaz de cortar o braço com alegria, se com isso pudesse recuperar sua liberdade. Tomada de ódio, enterrou os dentes no ombro dele. Barrett não acordou, mas gemeu e deslocou-se um pouco, levantando o ombro.

Foi o bastante. Com um grito de alívio, Angie puxou o braço e o arranhou com as unhas, devido à brusquidão de seu gesto.

Cobrindo-se com o roupão de Barrett, afastou-se devagarzinho na cama, rezando para que ele não acordasse.

Ao atingir a porta de comunicação, Angie entrou no quarto e fechou-se ali, decidida a trancá-la. Mas não encontrou o ferrolho. Um dia antes, Barrett McClain dera ordens para removerem o ferrolho.

Angie respirou fundo, e tentou se acalmar. Em primeiro tinha de se lavar. Sufocou os soluços, foi até a cômoda e despejou a água da jarra numa bacia. Com um pedaço de pano e um sabonete cheirando a pinho, começou a se esfregar, decidida a se livrar de todos os traços de saliva deixados pelo marido.

Meia hora depois, Angie ainda se esfregava. Só quando o saco a venceu e não mais conseguiu levantar os braços, enxugou se e foi até a escrivaninha de Barrett. Não se surpreendeu ao *encontrar* o que procurava na última gaveta: uma garrafa cli que, pela metade. Destampando-a, encheu a boca com e bochechou durante alguns segundos, cuspiendo na bacia líquida, tomou um gole do uísque. Nunca bebera em sua vida com um gosto horrível, mas mil vezes preferível ao gosto dos beijo Barrett McClain.

Sentindo-se novamente limpa, Angie recolocou a garrafa gaveta e foi procurar algo com que pudesse vestir-se e fugir dali quando viu um documento sobre a escrivaninha. Sem o menor remorso, pegou-o e leu. Ao terminar, já tinha mudado seus planos.

Na cômoda de Barrett, Angie achou algo de que precisaria alfinete de gravata. Com ele na mão, voltou ao quarto de n viera e aproximou-se da cama. Barrett continuava a roncar, apagado para o mundo. Sorrindo friamente, ela furou o indicador da mão esquerda com o alfinete e sacudiu-o sobre o lençol, no lugar exato em que seus quadris haviam estado, momentos atrás, i seguida, para se garantir, apertou o indicador sobre a coxa direita de Barrett, manchando-lhe a pele com algumas gotas de sangue.

De volta ao outro quarto, Angie recolocou o alfinete no lugar. Sentia-se exausta, mas estranhamente calma. Estava aprendendo. Aparentemente, para sobreviver num mundo frio e duro, unia i soa tinha de ser também fria. Seu pai fora. Pecos era Barret McClain também. Mas ela seria mais fria e dura que todos eles. Os McClain haviam pensado que podiam usá-la como se fosse um brinquedo, sem sofrer a menor consequência, mas tinham se enganado. As melhores cartas eram suas, agora, e jogaria com inteligência.

Vestindo novamente o roupão de cetim, Angie voltou à cama de Barrett e deitou-se. Estava exausta, física e mentalmente, e acabou adormecendo, apesar do que acontecera. Mas seu último pensamento foi para o documento que vira e sobre o que Pecos sentiria, quando soubesse o que nele estava escrito. Uma onda de satisfação invadiu-a, e seus lábios curvaram-se num sorriso.

Um sorriso muito frio e muito duro.

CAPITULO XXIII

O sol quente de setembro desaparecia no horizonte, quando Pecos esfregou os olhos cansados e suspirou. O barulho das rodas do trem era irritante, e ele não via a hora de chegar a Paso dei Norte. Sem nada para distraí-lo, não tirava da mente a visão de Angie caminhando pela igreja, para se tornar a Sra. Barrett McClain.

Um gemido escapou pelos lábios de Pecos. A noite caía, e logo Angie e seu pai iriam... Com um gesto brusco ele se levantou e abriu a porta de sua cabine, saindo para o corredor estreito. Não havia ninguém na plataforma externa, nos fundos do vagão, e ele se dirigiu para lá, pondo-se a fitar a terra seca e desértica, cercada por montanhas azuladas.

Apesar de tudo, sabia que acabaria voltando para aquela região linda e desolada, que era o seu lar. Uma parte de *Del Sol* seria sempre sua. Aquela prostituta poderia herdar algumas terras do império McClain um dia, mas nem Barrett seria tão tolo e cruel a ponto de deixar tudo para ela.

Um sorriso sem alegria desenhou-se em seus lábios. Em vinte anos, ele e a madrastra poderiam ser sócios. Como estaria ela, aos trinta e oito anos de idade? Provavelmente muito envelhecida e gorda, devido ao excesso de doces e alguns filhos.

Pecos cerrou os dentes, fechando os dedos com força sobre a grade da plataforma. Era a primeira vez que tal idéia lhe ocorria. Fora ingênuo, não pensando antes nessa possibilidade. Angie na certa faria o possível para ter um bando de garotos e, assim, assegurar uma parte da fortuna McClain.

Em sua mente, via-a com uma criança ao seio, uma sobre os joelhos e duas ou três engatinhando pelo chão. Não agüentou e voltou para a cabine, abrindo de imediato uma garrafa de *Bourbon*. Tiraria aquela ordinária de seus pensamentos, nem que para isso tivesse de beber até cair.

Pecos estava realmente bêbado, quando o trem chegou a Paso dei Norte. Cantando uma melodia pornográfica, desceu para a plataforma aos tropeções, ajudado pelo condutor.

— Acha que é capaz de chegar até o hotel, Sr. Pecos? — O homenzinho se preocupou, já o tivera como passageiro naquele trem muitas vezes e gostava dele.

— Acho que sim, Willie. Mas se alguém puder cuidar do meu cavalo, eu agradeço. — Pecos piscou para o condutor, soluçando ruidosamente.

— Pode deixar, Sr. Pecos. Eu mando um dos rapazes levarem o seu cavalo até o hotel.

Pecos enfiou a mão no bolso, tentando pescar algumas notas, mas teve uma surpresa.

— Meu Deus, Willie, eu fui roubado a bordo do seu trem!

— Não, foi não. O senhor perdeu tudo jogando cartas.

— Quer dizer que estou sem um tostão?

— Não está, não — Tirando um maço de notas do bolso, o condutor entregou-o a Pecos. — Eu vou lhe emprestar um pouco. O senhor me paga quando voltar para Marfa.

— Eu nunca mais vou voltar para Marfa, Willie.

— Não? Mas ainda vai andar no meu trem, não vai? Nesse dia, o senhor me paga.

Pecos passou o braço pelos ombros do condutor, emocionado.

— Willie, você é um sujeito e tanto. Não se preocupe que eu devolvo o seu dinheiro. Nem que seja a última coisa que eu faça! Não pense que vou deixar seus garotos morrerem de fome, só porque você me emprestou tudo que tinha.

Sorrindo, Willie fez sinal para uma carruagem que passava e ajudou Pecos a entrar nela.

— Leve este homem ao Hotel Central, faça o registro por ele e coloque-o na cama.

— Tirando uma das notas da mão de Pecos, entregou-a ao cocheiro. — Boa noite, Sr Pecos. Veja se consegue dormir um pouco.

Pecos não o ouviu, pois estava muito ocupado cantando e contando o dinheiro emprestado.

Na tarde seguinte, Pecos acordou com um gosto ruim na boca e uma tremenda dor de cabeça. Olhou ao redor, sem saber onde estava e como chegara ali, mas logo tudo lhe voltou à mente, desde o casamento até a viagem de trem e a bebedeira.

Aborrecido por ter se portado como um garotinho apaixonado, ele empurrou as cobertas e se levantou. Uma hora depois saía do hotel, limpo, barbeado e bem vestido, com os olhos límpidos como se nunca tivesse bebido nada mais forte que limonada.

Na calçada, caminhando em direção ao Pioneer Plaza, Pecos acendeu um cigarro. De repente parou, olhando para o outro lado da rua. O Hurricane Gussie's. Com o coração batendo forte e as mãos suando, mudou a direção dos passos e foi para lá.

Àquela hora, o elegante salão ainda estava vazio, com apenas duas mesas tomadas e uma dúzia de fregueses encostados ao bar. Casualmente, ele os imitou, procurando um lugar numa das extremidades do longo balcão de mogno.

— O que quer? — o garçom perguntou, aproximando-se.

— *Bourbon.*

O homem serviu-o e já ia se afastando, quando Pecos comentou:

— Eu estive aqui, quatro ou cinco meses atrás.

— Eu me lembro. O xerife teve de levar você para a cadeia.

— Isso mesmo. Entrei numa briga por causa de uma garota chamada Angel. Ela ainda está por aqui?

— Não, ela foi embora.

Pecos, naturalmente, não se surpreendeu. Sabia muito bem que Angel estava em *Del Sol*. Mesmo assim, perguntou:

— Você sabe para onde ela foi? Eu gostaria de passar uma noite com ela.

— Não sei, não. Essa gente um dia está aqui, no outro já foi embora.

— É verdade. — Pecos esperou que o garçom o servisse de outra dose de *Bourbon*, antes de continuar. — Faz tempo que ela desapareceu?

— Uns... Quatro meses; talvez mais. Foi logo depois que você esteve aqui. Vai ver aquele inglês louco carregou-a para algum lugar, matou-a ou sei lá o quê. — O garçom cocou o queixo, sorrindo. — Eia era uma beleza, hein?

— Era, sim.

Pecos esvaziou o copo, colocou uma nota sobre o balcão e saiu. Sentia-se quase aliviado, pois sempre fora atormentado por uma pequena dúvida era relação a Angel. Agora, no entanto, sabia que

Angel era mesmo Angie. Ela deixara o Hurricane na mesma data em que Angie chegara a *Del Sol*. A mais cara prostituta daquela Região era agora a Sra. Barrett McClain.

Rindo, Pecos resolveu se divertir. Não pensaria mais em Angel. Plissaria uma semana em Paso dei Norte, depois iria para sua mina, no México.

Quase de coração leve, Pecos dirigiu-se ao Pierson Hotel. Depois de uma breve conversa com o recepcionista, foi levado a um Milão nos fundos, onde corria um jogo de pôquer. Os jogadores eram gente de pouco dinheiro, em sua maioria vaqueira e camponesa mexicanos, mas ele também não tinha muito. Uma hora depois, no entanto, ganhara o suficiente para sair. Voltando ao Hotel Central, Pecos foi até a suíte 212 e bateu. Um mexicano abriu a porta e o colocou para dentro, levando-o a uma mesa onde vários cavalheiros jogavam.

— É um prazer tê-lo conosco, Sr. McClain — disse um deles, dono de várias ferrovias. Já conseguira ganhar quase todo o dinheiro que estava sobre a mesa e alegrou-se com a chegada de mais

um jogador.

Pecos estava com sorte. Depois de se acomodar e comprar fichas entrou na parada. Jogou com calma, o rosto tão inexpressivo quanto o do magnata. Às duas da manhã, todos já haviam desistido menos ele. Uma verdadeira fortuna estava em jogo.

Às três-s da manhã, tudo terminou.

Levantando-se, Pecos abaixou as mangas da camisa, vestiu o casaco e juntou o dinheiro que estava no centro da mesa: 10.435 dólares. Guardou-o no bolso, despediu-se do magnata, que não parecia nem um pouco abalado por ter perdido uma quantia tão grande.

Ao deixar o hotel, Pecos foi diretamente à casa de Tillie Howard, a mais famosa daquele lado da fronteira. A própria Tillie o recebeu.

— Pecos, há quanto tempo não o vejo! Como você está bonito, esta noite.

— Faz tempo mesmo, Tillie. — Ele sorriu-lhe. — Estou precisando muito de atenção. Passei horas numa mesa de jogo. E...

— Não precisa dizer mais nada, querido. Você gosta de loiras. Não é?

— Não, de morenas.

Tillie estava acostumada com mudanças de gosto em seus clientes e não estranhou. Pouco depois, uma morena de olhos azuis curvas generosas aproximou-se de Pecos.

— Eu sou Babette — disse, toda sorridente. — Espero que goste de mim.

— Eu já gosto, querida.

Piscando para Tillie, ele seguiu Babette a um quarto opulento de paredes revestidas de brocado azul. Aquela casa era famosa *pelos* quartos luxuosos e banheiros elegantes, com peças folheadas a ouro.

— Você vai deixar Babette mimá-lo um pouco, não é Pecos?

— a morena perguntou com voz doce, assim que a porta se fechou atrás dele.

— Claro, meu bem — Pecos respondeu, beijando-a de leve. Minutos depois, ele estava reclinado numa banheira cheia de água quente, com um cigarro entre os lábios e um cálice de conhaque na mão. Munida de uma esponja macia, Babette aproximou-se. Havia tirado o vestido e estava apenas com um robe e as roupas de baixo, de seda azul. Rindo muito, entre beijos e mordidas, começou a banhá-lo, tocando-o da cabeça aos pés. Quando terminou, ergueu-se e estendeu a mão para ajudá-lo a sair do banho, depois o enxugou com uma toalha felpuda e macia.

Pecos não hesitou, quando ela o convidou a ir para a cama. No quarto esperava apoiado nos travesseiros, Babette foi se despiu do com gestos sedutores, tirando as poucas peças de roupa que ainda vestia. Quando só faltava uma meia, ele não agüentou e puxou-a para si, procurando-lhe os lábios. Ela correspondeu abandono, colando-se com volúpia ao corpo viril.

— Vou fazer com que nunca mais se esqueça desta noite.

— Pecos murmurou de repente, beijando-o sem disfarçar o desejo.

Pecos abraçou-a, descendo as mãos dos ombros femininos para a cintura... Os quadris... As coxas... De repente, no entanto,

parou e perturbado, afastou-a de si. Não a queria mais.

— Desculpe, Babette, mas eu...

— O que foi? — Ela o fitou com uma expressão confusa. Fiz alguma coisa errada?

— Não, Babette, o problema é comigo.

Cinco minutos depois, totalmente vestido, Pecos pagou a desapontada garota e voltou para o hotel em que se hospedara. Os primeiros raios de sol tingiam o horizonte, quando tornou a se despir deitou-se.

- Maldita seja você, Angel — murmurou com amargura, enquanto esperava que o sono viesse.

Capítulo xxiv

Barret McClain acordou todo dolorido, por ter passado a noite inteira na mesma posição. Aos poucos, no entanto, a circulação restabeleceu-se em seu corpo e ele sorriu, murmurando com voz rouca:

— Angie!

A noite anterior não estava muito clara em sua memória, mas ele se lembrava dos beijos, das carícias, do lindo corpo de Angie, nu, sobre a cama. Só não conseguia lembrar-se do momento final.

Tentando rememorar a parte mais agradável do ato sexual, Barrett sentou-se na cama. Foi quando viu as gotas de sangue sobre o lençol branco. De imediato, examinou-se e sentiu o cansaço desaparecer. Riu de satisfação e levantou-se de peito estufado, certo de ser o mais viril dos homens.

Achando que encontraria Angie no banheiro, ele foi até lá na ponta dos pés, para surpreendê-la. Mas o banheiro estava vazio, e seu sorriso murchou. Prendeu uma toalha em torno da cintura, voltou ao quarto e abriu devagarzinho a porta de comunicação, recuperando o sorriso feliz.

Sobre a cama, usando seu roupão, dormia aquela criança linda e loira, que era sua esposa. Exercendo um autocontrole admirável, ele não a tocou, mas caminhou silenciosamente até a escrivaninha e pegou o documento que lá estava. Voltando então para o quarto vizinho, foi até a porta que Asa Grander guardava e abriu-a, dizendo:

— Quero que você e Punch testemunhem um documento para mim, Asa.

Asa entrou no quarto, seguido por Punch Dobson. Ambos tiveram o cuidado de manter os olhos fixos no patrão, pois, se a noiva estivesse na cama e Barrett os pegasse olhando para ela, na certa haveria o diabo. Eles o conheciam bem e sabiam que aquela retidão e dignidade não passavam de uma farsa.

— Rapazes — Barrett começou —, vocês estão diante de um homem feliz. Minha inocente noiva é agora uma mulher. Fiz amor com aquela criança durante a metade da noite, e aqui está a prova do que aconteceu em nossa cama.

Orgulhosamente, ele aproximou-se do leito e mostrou as manchas de sangue sobre o lençol. Não parou aí. Para maior embaraço dos guarda-costas, deixou cair a toalha e exibiu o corpo nu.

— Olhem para isso, rapazes — exclamou, tocando-se com tanta satisfação que não notou a repulsa no rosto dos empregados.

— Ficamos felizes por você, Barrett, mas, se não precisa de nós... — Inclinando-se, Asa pegou a toalha e entregou-a ao patrão.

— Esperem! Eu chamei vocês para testemunharem este documento. Leiam, depois assinem e ponham a data.

Asa ergueu o papei e leu:

"Isto é para certificar que eu, Barrett McClain, em nossa noite de núpcias, realmente tirei a preciosa virgindade de minha esposa, Angie Webster McClain. Uma consumação sagrada, que torna efetiva, agora e para sempre, meu último testamento.

Barrett McClain".

Asa olhou para o sorridente velho. Tinha suas dúvidas, mas nada disse, limitando-se a assinar e datar o documento. Punch imitou-o.

— Muito bem, rapazes. Agora podem ir. Tenho de voltar para a minha esposa. Ela já deve estar querendo uma repetição do que aconteceu esta noite. — Barrett riu com malícia, depois acrescentou: — Não saiam de perto destas portas. Sei que devem estar cansados, mas não quero que nada perturbe a mim e à minha esposa.

Batendo a porta atrás dos empregados, ele foi para o outro quarto, colocou o documento sobre a escrivaninha e resolveu arrumar-se um pouco. No banheiro, lavou-se, fez a barba e penteou os cabelos brancos. Ao voltar para a escrivaninha, pegou o documento assinado pelos guarda-costas, juntou-o ao testamento e amarrou todos com uma fita azul.

Sentia-se o homem mais feliz do Texas, quando sentou-se ao lado de Angie e, gentilmente, passou os papéis pelo rosto dela. Ela mexeu-se, mas não acordou. Enfiando os papéis sob o roupão que ela usava, Barrett passou-os pelo seio esquerdo. As pálpebras delicadas estremeceram, e os lindos olhos cor de esmeralda abriram-se.

Ao ver Barrett McClain nu, inclinado sobre seu corpo e cutucando-a com alguma coisa, Angie quase gritou. Chegou abri a boca, mas lembrou-se de tudo a tempo e dominou-se.

Na noite anterior, decidira deixar que aquele velho depravado acredita, ter tirado sua virgindade para ficar com a fortuna. Montara a farsa, mas agora vinha a parte mais difícil do esquema. Gostando ou não, teria de dormir com aquela criatura repulsiva, de vez em quando.

— Bom dia, minha esposa querida — Barrett saudou, abrindo lhe mais o roupão, com o rolo de papel.

Angie espreguiçou-se como uma gata satisfeita.

— Barrett, meu marido...

Barrett fixou o olhar ardente no seio que ele expusera. ANGIE lutou contra a náusea, estremecendo da cabeça aos pés. Sorridente, ele continuou a deslizar o papel pelo corpo feminino, descendo até os pés e depois voltando pelo meio das pernas. O suor do excitação porejava-lhe o lábio, acima do bigode branco, e ele respirava com dificuldade.

Angie teve de morder o lábio, para impedir que tremesse. O velho libertino apertava o papel entre suas coxas, atormentando-a, enquanto sussurrava sugestivamente:

— Isto não é bom, minha mulherzinha? Abra mais as pernas. Quero preparar seu corpo para receber o meu.

Dominando-se, Angie respondeu, fingindo calma:

— Eu não estou limpa, querido. Vou tomar um banho rápido e então...

— Não, Angie. — Ele a empurrou para trás, impedindo-a de levantar-se. — Não posso esperar tanto tempo. Além do mais, quero lhe dizer o que há neste documento. — Sem parar com a estranha estimulação, Barrett sorriu e continuou: — Este é o meu testamento. Nele, deixo tudo que tenho para você. Pecos não fica com nada! E a única condição para o texto ser válido acaba de ser cumprida: esta noite, tirei a sua virgindade.

Impulsivamente, Barrett inclinou-se e beijou um dos seios de Angie. Ela não conteve um estremecimento de repulsa, mas ele interpretou o gesto de outra maneira, exclamando:

— Querida, querida! Estou tão feliz! Foi maravilhoso! Eu sei que bebi demais durante a festa, mas me lembro de quase tudo, e a prova está lá. Ah, sua criança levada! Vi os arranhões nas minhas costas. Você deve ter ficado excitada como uma gata selvagem! Até mordeu o meu ombro!

— Você é um amante maravilhoso, Barrett. Acho que me descontrolei.

— Oh, Angie! — Respirando pesadamente, Barrett terminou de abriu o

roupão e beijou-a na barriga. — Eu queria ter paciência com você esta manhã, gastar algum tempo com beijos e carícias, mas, como pode ver — apontou para o meio das pernas brancas e cheias de veias azuis —, não dá para esperar.

Horrorizada, Angie viu-o separar suas pernas e deitar-se entre elas. Foi quando percebeu que não poderia levar avante seus planos. Jamais conseguiria. Nem por todo o dinheiro do mundo!

— Não! — gritou, começando a se debater. — Saia de cima de mim, seu velho hipócrita!

Ele a fitou, paralisado pelo choque.

— Querida, não fale assim comigo! Não pode estar com medo, depois da noite que passamos juntos. A dor...

Empurrando-o com toda a força, Angie conseguiu evitar a penetração que ele agora procurava concretizar...

— Nós não fizemos nada, ontem à noite. Nada! E nunca vamos fazer. Eu o odeio! Não suporto nem olhar para você, quanto mais que me toque.

— Angie, Angie, você não pode estar falando sério. Nós fizemos amor, ontem à noite. Eu tirei a sua...

— Você não tirou nada, nem nunca vai tirar! Seu filho passou à sua frente, nisso. — Angie viu a dor surgir nos olhos dele, mas não se moveu. — Só aceitei este casamento para me proteger de Pecos, mas você mentiu para mim e agora eu o odeio mais do que odeio a seu filho.

Barrett estava roxo de raiva. Confuso, magoado, incrédulo, mas ainda excitado, continuava tentando fazer amor com ela.

— Não, Angie, não! Não é... Você... O médico me garantiu... Angie tornou a empurrá-lo, mas sua mão escorregou e entrou

em contato com os pêlos molhados de suor, sob o braço direito. Sua repugnância foi tão grande, que lhe deu novas forças. Lutou como um animal selvagem, mas Barrett revidou da mesma forma.

— Seu nojento! Você me sujeitou àquele exame, mas trouxe o médico cedo demais. Pecos me possuiu logo depois.

Com as lágrimas rolando pelo rosto, ela se pôs a rir e chorar histericamente. Acima dela, o rosto de Barrett mudara de **expres**são passando a registrar intensa dor física. Levando as mãos à cabeça, ele soltou um gemido, quis respirar fundo, mas caiu para frente.

Angie logo viu que, daquela vez, a bebida nada tinha a ver com a situação. Algo mais sério acontecera. Pulou da cama, mas se deteve ao pisar no rolo de papel, que estava sobre o tapete. Um sorriso frio e decidido surgiu em seus lábios. Sem pressa, vestiu o roupão, devolveu o documento à escrivainha de Barrett e cruzou

quarto. Só então, respirando profundamente, abriu a porta chamou:

— Sr. Grander! Sr. Dobson! Venham depressa. É Barrett! Aconteceu alguma coisa com ele. Depressa, por favor!

Pecos deixou Paso dei Norte naquela mesma tarde, dirigindo a Buenaventura, no México, onde ficava sua mina.

A cidadezinha continuava a mesma, com uma empoeirada rua principal, uma cantina, uma igreja católica, um estábulo, um letreiro e uma mercearia, onde também funcionava um telégrafo.

Não havia muita diversão, mas as pessoas que lá viviam eram felizes e contentes.

Pecos parou diante da cantina, desmontou e entrou. O local estava deserto, a não ser pelo homem grisalho que dormia sobre o balcão do bar, indiferente às moscas que nele pousavam.

— Será que um gringo honesto consegue um uísque por aqui?

— Pecos perguntou em voz alta, tirando o chapéu e as luvas.

Hector Topia acordou assustado, mas logo sorriu.

— *Senor McClain!*

Pecos cumprimentou-o com um caloroso aperto de mão, enquanto perguntava de toda a família.

— Ah, estão todos bem! Só me falta casar uma filha.

— Não diga! — Pecos provou um gole do uísque que o mexicano lhe serviu.

— Não sei como você conseguiu criar todos. São catorze não são? E todos inteligentes e bonitos.

— *Si* — Hector concordou, orgulhoso. — São todos ótimos rapazes e moças.

Pecos tomou mais um gole de bebida, depois perguntou:

— Você viu os meus homens por aqui?

- José Rodriguez vem a Buenaventura todas as segundas, fazei compras. Deve aparecer a qualquer momento.

- Ótimo! Eu vou para a mina com ele, então. É um bom garoto, aquele.

- Espero que seja mesmo. Ele tem vindo visitar a minha Rosa-linda, segura a mão dela ao luar...

Pecos riu.

- Ah, romance!

- E você, Pecos? Quando vai se apaixonar? O sorriso continuou firme nos lábios de Pecos.

- Acho que o amor não é para mim, amigo.

Uma hora depois, José Rodriguez entrou em Buenaventura. Depois de abraçá-lo, Pecos quis saber do progresso da mina. O rapazinho estava preocupado, porque o dinheiro chegava ao fim, sem que encontrassem muito ouro. Pecos tranquilizou-o, dizendo que trouxera mais dez mil dólares, e juntos eles foram até a mercearia, onde encontraram um telegrama dirigido a Pecos McClain.

"Seu pai sofreu um derrame no domingo, dia onze de setembro. Está em graves condições. Volte a *Tierra dei Sol* o mais rápido possível.

Sra. Barrett McClain.

Angie estava sentada junto à cama do marido, quando Pecos chegou. Desde a manhã em que sofrerá o derrame, Barrett McClain não falava nem se movia. O Dr. Wilson viera atendê-lo o mais rápido possível, diagnosticando o problema e dizendo que as chances de sobrevivência eram mínimas.

Angie permanecera o tempo todo ao lado dele, sem consolar ou atormentá-lo. De vez em quando, ao olhar para Barrett, achava que ele estava se lembrando das verdades que lhe jogara no rosto, aquela manhã fatídica. Mas não se comovia. Na verdade, esperava que Barrett estivesse mesmo se lembrando de cada palavra que dissera do mesmo modo como ela ainda se lembrava das mentiras que ele lhe contara.

Ela ainda não havia esquecido da degradação a que Barrett a submetera com sua luxúria. Odiara-o naquele momento e continuava a odiá-lo. Friamente, considerara a possibilidade de ele morrer. De um modo ou de outro, estava, finalmente, livre. Se vivesse, ele não poderia mais tocá-la, e, se morresse, ela seria uma das mulheres mais ricas do Texas. Batendo de leve na porta, Pecos entrou.

— Não se levante — falou baixinho, quando Angie fez menção de se erguer.

Ele apenas a cumprimentou, depois foi para junto da cama onde estava o pai. Seu coração se apertou, e uma onda de pena pelo homem prostrado invadiu-o.

Aproximando-se, Angie viu Pecos tocar, quase com timidez a mão fria e inútil de Barrett.

— Pai?

Os olhos castanhos abriram-se. Um clarão de reconhecimento iluminou-os, logo seguido por uma inconfundível expressão ódio. Pecos já vira essa expressão centenas de vezes. Gentilmente recolocou a mão do pai sobre a cama e recuou.

— Afinal, seu marido é bem capaz de se recuperar — disse para Angie, sem fitá-la.

— Por que diz isso?

— Ele ainda é capaz de sentir ódio. — Pecos voltou-se para ela. — E quem sente ódio, também é capaz de sentir paixão. Por amo a você, talvez ele consiga

superar esta.

CAPÍTULO XXV

Barrett McClain resistiu à morte durante uma semana. O filho não voltou a visitá-lo e, no cemitério, ouviu de olhos secos as palavras elogiosas do ministro, que parecia falar de um homem completamente diferente do que ele conhecera.

Angie permaneceu diante do caixão, incapaz do menor sentimento. Nunca mais seria a moça inocente e confiante que descera do trem em Marfa, durante uma tempestade de areia. De ombros eretos e queixo erguido, Angie Webster McClain não lamentava a morte do marido. Não era a hipócrita que ele fora. Sentia-se aliviada e não tinha intenção de fingir o contrário. Indiferente aos olhares de reprovação de que era alvo, portou-se com altivez, sem ligar para o que pudessem pensar de sua falta de tristeza.

As pessoas que vieram para o enterro encheram a enorme casa da fazenda, da manhã à noite. Recusando-se a circular, Angie foi descansar em sua suíte, irritada com os dois guarda-costas do marido, que haviam passado a seguir todos os seus passos.

Dolores ajudou-a a tirar o vestido negro.

— Não vai descer para cumprimentar as pessoas que vieram para o velório, Angie?

— Não, Dolores, não vou. Pecos McClain que os receba. Afinal, são amigos dele, e não meus.

— Em roupas de baixo, Angie sentou-se numa poltrona.

— Em consideração a ele, acho que você deveria...

— Em consideração a quem?

— A Pecos. Agora que vocês... Bem, você e Pecos precisam aprender a...

— Não estou entendendo, Dolores.

— Barrett McClain está morto, Angie. De agora em diante, Pecos vai gerir a fazenda e...

— Não vai, não. — Angie replicou, com um sorriso.

— Como não? Agora, quem não está entendendo sou eu.

— Eu lhe explico: na noite do meu casamento, vi o testamento de Barrett. Ele deixou tudo para mim.

Dolores levou a mão à garganta, horrorizada.

— Não pode ser, Angie. Por direito, Pecos é o herdeiro de *Del Sol*. Estas terras já pertenciam à mãe dele, muito antes...

Angie levantou-se, irritada.

— Pouco me importa de onde estas terras vieram ou quem tem direito a elas. Eu me casei com aquele velho miserável, pensam que ele era bom e honesto, só para viver o pior pesadelo da minha vida. Se ele não tivesse ficado doente, eu teria que...

— Ela estremeceu, enojada.

— Eu sei, Angie. Barrett McClain mentiu e forçou-a a agüentar muitas coisas ruins, mas... Pecos não tem culpa! Ele não é como Barrett. É um rapaz bom, amoroso, que nunca...

— Chega, Dolores. Não me interessa o que Pecos é ou deixa de ser. Sei que está aborrecida, mas existem muitas coisas de que não sabe. — Angie fez uma pausa, depois acrescentou mais calma: — Espero que não fique contra mim por eu...

— De jeito nenhum, Angie. Você é uma boa menina, e eu a amo. Mas conheço Pecos há vinte e sete anos, e ele é especial para mim. Não dá para vocês dividirem...

— Não, Dolores, não dá. Pecos é um homem frio, que não combina comigo.

— Está enganada, Angie. Não sei o que aconteceu entre vocês, mas no começo, eu até tive esperanças de que você e ele...

— A criada suspirou. — Conheço Pecos desde que ele nasceu. Barret McClain sempre o deixou de lado principalmente quando criança. Dava pena ver como ele se esforçava para agradar ao pai e ser amado. Não, *senora*, Pecos pode ter muitos defeitos, mas não é um homem frio e ruim como foi o pai. Ele tem um coração de ouro!

Ao anoitecer, todos os visitantes já haviam partido. De novo em seu vestido preto, Angie sentou-se numa das cadeiras da biblioteca. Pecos, de braços cruzados sobre o peito, recostou-se na lareira, com a Srta. Emily sentada a seu lado. À escrivaninha, estava Donald Worth, o advogado da família, preparando-se para ler o testamento de Barrett. Do lado de fora da porta fechada, Asa e Punch montavam guarda.

Num tom inexpressivo, o advogado pôs-se a ler o bizarro testamento de Barret McClain. Angie lançou um rápido olhar a Pecos, quando foi lida a parte em que Barrett lhe deixava tudo. Ele tinha os lábios brancos de raiva e uma expressão de incredulidade no olhar. De imediato, uma onda de remorso invadiu-a. O advogado levantou-se, olhando para Angie.

— Se não há mais nada que eu possa fazer...

— Obrigado, Sr. Worth. Vou acompanhá-lo até a porta.

— Não é preciso, Sra. McClain. — Beijando-lhe a mão, virou se para a Srta. Emily e Pecos. — Se me dão licença...

A Srta. Emily assentiu com ar distraído, triste por causa do sobrinho. Pecos apertou a mão do advogado, sorrindo como se nada de mais tivesse acontecido.

Depois de acompanhar a tia ao quarto, Pecos foi para o seu. Friamente, colocou o cinturão, checkou o revólver e vestiu um casaco, para escondê-los. Em seguida voltou à biblioteca, passando pelos dois homens que ainda guardavam a porta.

— Sra. McClain — disse ele baixinho, fazendo com que Angie erguesse os olhos do testamento, que estava relendo.

— Eu gosta-uh de dar uma palavrinha com os seus guarda-costas.

— Mas eu... Claro que... Pois não.

— Quer ter a bondade de dizer isso a eles, então?

— Diga você. Eles estão aí fora.

— Eu não tenho autoridade sobre eles, Sra. McClain. Agora, você é a dona de tudo por aqui.

Ignorando o desprezo com que Pecos a fitava, Angie foi até a porta e abriu-a.

— Sr. Grander, Pecos quer falar com o senhor e seu amigo, em particular. Ele tem a minha permissão.

Pecos curvou-se diante dela, numa reverência exagerada.

— Meus humildes agradecimentos, alteza.

Ele levou os dois guarda-costas para a casa onde moravam e, sem rodeios, declarou o que desejava.

— Quero vocês fora dessa fazenda, antes do pôr-do-sol. E nunca mais voltem.

Asa sorriu.

— Não é você que tem de nos dizer isso, agora.

— Pois eu estou dizendo. Estão os dois despedidos. Juntem suas coisas e dêem o fora.

Asa riu abertamente.

— Você não é nada em *Del Sol*, rapaz. Angie McClain é a dona de tudo. Você não tem nem...

Pecos puxou o revólver, enfiando-o na cara do homem.

- Esta é a minha herança. Amedrontado, Asa recuou.
- Mas o que é isso, Pecos? O que é que você tem contra nós? Nunca fizemos nada, a não ser obedecer às ordens do seu pai
- É verdade, Pecos — Punch interferiu. — Você sabe como ele era. Não gostávamos de tudo que fazíamos, mas ele nos pagava e...
- Nem todo o dinheiro do mundo faria um homem decente chicotear um coitado dum garoto mexicano
- Pecos replicou, Por entre os dentes.
- Mas nós não chicoteamos, Pecos. Não se lembra? Você
- Eu me lembro muito bem, Asa. O santarrão do meu pai deu a primeira chicotada e entregou o chicote a vocês. Se eu não tivesse aparecido, vocês teriam acabado com o menino. Mas chega de conversa. Juntem suas coisas e dêem o fora!
- Guardando a arma no cinturão, ele girou nos calcanhares e saiu. Da porta, ainda disse: — Eu também vou embora de *Del Sol*, mas se ficar sabendo que um de vocês pôs os pés aqui de novo volto para matá-lo.

Pecos voltou a seu quarto quando o sol se punha no horizonte. Tirou o paletó e foi ver a tia, para garantir-lhe que passaria muito bem, sem as terras de *Del Sol*.

Depois de jantar com ela, beijou-a e retirou-se, alegando cansaço. No dia seguinte, iria embora.

Pecos serviu-se de mais uma dose de *bourbon*, andando de um lado para o outro no quarto silencioso. De repente, começou a rir da ironia dos fatos. Angel ficara com tudo! Até o quarto em que estava não era dele, mas dela. E ela conseguira tudo com tanta facilidade! Durante vinte e sete anos, estivera certo de que *Del Sol* lhe pertencia, por direito de nascença. No entanto, bastara uma única noite tórrida na cama de Angel, para que Barrett McClain lhe deixasse tudo.

Ainda sorrindo, Pecos serviu-se de outro *Bourbon*. E outro...

Passava da meia-noite. Angie, em seu enorme quarto no andar superior, era atormentada pelo remorso, por ter herdado toda a riqueza de Barrett McClain. Havia horas remoia sua culpa, lamentando não ter alguém a quem pudesse contar tudo e pedir conselhos. A defesa que Dolores fizera de Pecos ainda ressoava em seus ouvidos, e a expressão desolada da srta. Emily não lhe saía da mente.

Ser fria e indiferente aos sentimentos dos outros era mais difícil do que pensara. Não conseguia livrar-se da tristeza que sentia. Nem da culpa. Subitamente, tomou uma decisão. Por mais que lhe tivesse feito, Pecos, por direito, era o herdeiro de *Tierra dei Sol*. Aquelas terras tinham pertencido à mãe dele, conforme lhe contara aquele dia, na caverna secreta. E ele também lhe contara o quanto amava aquela região, a vida no campo e o vasto e solitário império que era *Del Sol*.

Angie sentiu parte de sua tensão desaparecer. Tomara uma decisão e já

respirava melhor. Daria metade de tudo a Pecos. Ele poderia ficar na fazenda e administrar tudo. Tinha conhecimentos para isso, ao contrário do que acontecia com ela. Seriam sócios em negócios, deixando de lado as diferenças pessoais. Numa casa grande como aquela, poderiam conviver sem problemas. Não teriam nem de se ver, a não ser em reuniões pré-marcadas, para discutir assuntos relativos a *Del Sol*.

Conhecendo Pecos o suficiente para saber que ele pretendia ir embora na manhã seguinte, Angie resolveu contar-lhe logo o que pretendia. Vestiu um robe sobre a camisola de cetim, saiu do quarto e desceu a escada atapetada, dirigindo-se em silêncio ao quarto dele. Com o coração batendo forte, deu umas batidinhas na porta. Enquanto esperava, começava a achar que cometera um erro. Não devia procurá-lo àquela hora. Ele poderia entender mal, poderia...

A porta abriu-se e Pecos apareceu diante dela, com apenas uma toalha amarrada na cintura. Estava descalço, com os cabelos úmidos e o peito também ainda um pouco úmido. Cheirava a sabonete e *Bourbon*.

I — Entre. — Fechou a porta atrás dela e foi pegar a garrafa de *Bourbon*, quase vazia. — Quer um pouco?

— Eu... Eu não bebo — ela gaguejou, nervosa. — Desculpe ter vindo a esta hora. É que... eu...

— Você veio na hora certa. Cinco minutos antes, eu ainda estava no banho.

Pecos virou-se. Inconscientemente, Angie juntou as lapelas do roupão, desejando ter se vestido, antes de descer. E também que ele estivesse vestido, não fosse tão alto, tão másculo, tão atraente

— Você passou por aqui só para se vangloriar um pouco ou tem outra idéia em mente? — Largando o copo, ele se aproximou.

— Eu... Eu... Pecos, eu estive pensando. Não há motivo para você ir embora daqui. Você pode ficar e...

Os olhos cinzentos faiscaram de raiva.

— Claro! Você gostaria muito disso, não é Sra. McClain? o que mais quer que eu faça? Viva agarrado às suas saias? — Sorriu com sarcasmo. — Ou é debaixo das suas saias que você me quer.

Um ódio cego dominou Angie. Avançando um passo, ela o esbofeteou. E já ia fugindo quando ele, rilhando os dentes, agarrou e puxou-a de encontro a si, com toda a força.

Indignada, ela declarou:

— Eu quero que você...

Pecos envolveu-a com um dos braços, puxando-lhe os cabelos com força.

— Você quer... Você quer! Quem pensa que é, para vir ao meu quarto me

dizer o que deseja? Você é dona da fazenda, não de mini Não ligo a mínima para o que você quer! Que tal ouvir o que eu quero?

Fitando os tempestuosos olhos cinzentos, Angie foi tomada por uma mistura de medo, fraqueza e atração. A zanga desapareceu, e ela murmurou, com voz trêmula:

— Pode dizer Pecos. Eu quero saber.

Nos olhos dele, a expressão de ódio foi substituída pela surpresa, a ternura e, finalmente, o desejo. Ambos tinham perfeita consciência do efeito perturbador exercido por sua proximidade. Os dedos de Pecos perderam a força, mas Angie não se afastou. Ao contrário. Com o coração disparado, permitiu que ele lhe erguesse o rosto e a beijasse na boca, tão de leve que mal sentiu.

Pecos fitou a, com ar interrogativo. Tremendo, Angie ergueu-se na ponta dos pés e fez o mesmo que ele, beijando-o de leve na boca. Em seguida, fitou-o com o mesmo ar interrogativo.

Deixando escapar um gemido de rendição, Pecos puxou-a de encontro ao corpo e beijou-a com uma fúria devastadora. Angie enlaçou-o pelo pescoço, beijando-o com selvageria, permitindo que a paixão explodisse em seu íntimo. Por um longo tempo eles se beijaram assim, quase se devorando e se revezando no papel de agressor. Separavam-se apenas quando era imprescindível que resumissem, mas logo começavam outro beijo. Angie, aprendendo com ele, pôs-se a explorar-lhe a boca com a língua, estimulando-o. Quando ambos queimavam de paixão, Pecos abandonou os lábios de Angie e encostou a boca em sua têmpora. Sem deixar de acariciá-la, tirou a mão dela de seu pescoço e a fez descer pela frente do corpo, até alcançar o membro rígido. Por um minuto, permaneceu exatamente como estava depois perguntou baixinho:

— Você não me mataria se eu lhe fizesse de novo o que fiz naquela noite, não é?

Angie não recuou. Timidamente, acariciou-o, enquanto ele continuava a beijá-la.

— Acho que seria capaz de matá-lo, se não fizesse de novo — murmurou afinal, desfazendo o nó que segurava a toalha.

— Ah, doçura!

Estremecendo de paixão, Pecos pressionou o corpo nu de encontro ao dela. Angie estava no mesmo estado de excitação, e ajudou-o a tirar a camisola.

— Faça amor comigo, Pecos...

Pecos segurou-a pelas nádegas e puxou-a para si. De imediato Angie esfregou o corpo nu ao dele, adorando o membro rijo que pulsava junto a seu ventre. Instintivamente, girou os quadris num movimento erótico, até que ele, próximo ao

clímax, jogou a cabeça para trás e pediu:

— Espere... Doçura espere.

Pecos levou-a para a cama, onde Angie deitou-se, estendendo os braços para recebê-lo. Ambos ardiam de paixão e gemiam de prazer. A penetração, rápida e firme, arrancou um suspiro dos lábios dela. Juntos movimentaram-se sem inibições, dando e recebendo, preocupados apenas em alcançar a satisfação física.

Esquecidos estavam a fortuna McClain e o objetivo da vinda de Angie ao quarto de Pecos. Afastados estavam o ciúme, a amargura, a dúvida, a vergonha e a desconfiança. Indiferentes a tudo, a não ser ao desejo que os consumia, eles se amaram de um modo violento e primitivo. Pecos murmurava frases eróticas que Angie adorava ouvir.

Chegaram juntos à sensação máxima, a um clímax delicioso. Ofegantes; pernas e braços entrelaçados, corações batendo forte e corpos molhados de suor, permaneceram como estavam. Nenhum deles falou. Angie, fraca e saciada, não tentou sair debaixo do corpo pesado do amante. Feliz, enlaçou-o pela cintura, aconchegou o rosto dele de encontro aos seios. Só queria ficar assim para sempre. Mas tinham muito que conversar, e, beijando-lhe os cabelos escuros, ela disse:

— Pecos, querido, o fato de eu ter herdado a...

Ele ergueu a cabeça, e mostrou uma expressão que a fez gelar. Suas palavras o tinham trazido de volta à realidade. Sentia nojo dela e de si mesmo, e queria que ela soubesse disso.

— Ah, Angel, você fica cada vez melhor na sua profissão!

Rolou para o lado e saiu da cama, passando a mão pelos cabelos despenteados. — Diga-me... Quando se entregou de tão boa vontade ao meu pai, deu a ele o mesmo prazer que a mini?

A ternura de Angie evaporou-se ante o golpe brutal. O sangue fugiu-lhe do rosto, e o amor que sentia por ele foi substituído uma raiva insana. Queria feri-lo, exatamente como ele a estava ferindo. Virou-se de bruços, apoiou o rosto nas mãos e forçou um sorriso, como se estivesse se lembrando de algo muito agradável.

— Não sei se sabe, Pecos, mas nesse sentido seu pai era um homem e tanto!

— Adorando a expressão de horror no olhar dele rolou e deitou-se novamente de costas, exibindo os encantos que tinha.

— Foi glorioso, com Barrett. Ele me fez coisas que eu nunca sonhei...

— Pare! — Jogando-se sobre a cama, Pecos agarrou-a pelos cabelos e rosnou por entre dentes: — Sua vagabunda imoral, repugnante e interesseira! Você me deixa doente! Você é a sua representação de menininha inocente. Aposto que até já perdi a conta dos homens que serviu, com este corpo bonito e frágil. Deu-lhe um puxão nos cabelos. — Quantos homens já não enterraram o rosto nestes fios

dourados, sua vadia?

Os olhos verdes encheram-se de lágrimas, para delícia de Peco Sorrindo, ele tornou a puxar-lhe os cabelos, enrolando-os em torno no da mão.

— Isso mesmo, chore por mim! Abra a torneirinha das lágrimas, Angel. Mas vá chorar no seu quarto, que eu tenho de voltar para o banho. Meu corpo está com o cheiro do seu, e isso me dá nojo. — Levantando-se, Pecos pegou o roupão e a camisola de Angie, jogando-os sobre a cama. — Vá embora!

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Angie vestiu a camisola e roupão. Sob o olhar atento de Pecos, que a observava com os

braços cruzados sobre o peito, correu para fora e desapareceu no corredor, sufocando os soluços com a mão.

Em seu quarto, jogou-se sobre a cama e chorou até não poder mais. Quando não tinha mais lágrimas, arrastou-se até o banheiro e tirou as roupas e entrou na banheira! Estava com o cheiro de pecos e tão ansiosa quanto ele para acabar com todas as marcas do seu ato de amor.

Angie esfregou-se com a mesma força daquela primeira vez, quando Pecos entrara em seu quarto e fizera amor com ela.

E com a mesma determinação que usara em sua noite de núpcias. Nas duas ocasiões, uma parte de seu coração havia endurecido, e o mesmo acontecera, nessa noite. Ela terminou de se lavar, planejando friamente gastar todo o dinheiro que pudesse. Sabia que a fortuna McClain era grande e seria impossível gastá-la em uma só vida.

Mas podia tentar.

CAPITULO XXVÍ

O brilho intenso do pôr-do-sol no deserto entrava pelas janelas, colorindo de um tom laranja a biblioteca. Angie, debruçada sobre os complicados livros de contabilidade, nem percebera que mais um dia de outubro chegava ao fim. Totalmente abstraída pelas contas que fazia, não conteve um sobressalto, ao ouvir a voz da Srta. Emily.

— Angie... Posso falar com você por um momento?

— Claro que sim. Entre — pediu ela, e levou a mão ao rosto, esfregando os olhos cansados.

— Não está cansada demais? Se quiser deixar para outra ocasião...

Angie sorriu, reclinando-se na cadeira e colocando as mãos sobre a escrivaninha.

— Não, não eu estou bem.

Emily sentou-se diante dela, arrumando a saia.

— Angie, eu... Eu... Olhe, eu sei que *Del Sol* agora pertence a você e... — Ela limpou a garganta e baixou os olhos para as mãos trêmulas. — Eu não posso dizer que estou feliz com isso, mas também não a condeno por nada. Barrett foi o culpado. Eu a conheço bastante bem para saber que... Que, você jamais o adularia, para que ele lhe deixasse tudo.

— Tia Emily, eu nunca...

— Por favor, querida, deixe-me terminar. Vim até aqui para saber se quer que eu vá embora.

Angie fitou incrédula, o rosto tenso e amedrontado da Srta. Emily.

— Mas que pergunta boba, tia Emily!

— Boba?! Eu sou tia de Pecos. Eu o amo e sei que você... Bem, eu sei que vocês não gostam um do outro. E agora que ele foi preterido no testamento...

Dando a volta à escrivaninha, Angie ajoelhou-se junto da mulher tomou-lhe a mão.

Tia Emily, querida! O desentendimento entre mim e Pecos nada tem a ver com você. Eu sei de seu amor por ele e que não pode deixar de ressentir-se por eu ter ficado com *Del Sol*. Os olhos de Emily encheram-se de lágrimas, e Angie apressou em continuar:

Não precisa se preocupar com ele, querida. Pecos não vai morrer de fome. Quanto a você, este é o seu lar pelo tempo que quiser. Só espero que seja para sempre. Eu gosto de você e quero ser sua amiga.

As lágrimas desciam pelo rosto de Emily, que, numa voz emocionada, murmurou:

Eu quero ficar. Este é o único lar que tive, mas... Mas o quê?

- Você vai permitir que Pecos me visite aqui, Angie?

- Claro que sim! Ele pode vir à hora que quiser. Tranqüilizada, a Srta. Emily tentou sorrir.

- Obrigada, meu bem. Eu estava com tanto medo... Seria tão In mi se você e Pecos pudessem...

Angie ergueu-se.

- Acho que Pecos e eu somos muito parecidos para nos darmos bem. Mas vamos falar de outra coisa. Já estive em San Antônio, tia Emily?

- Não, querida. San Antônio é tão longe...

- Oitocentos quilômetros.

- E você está pensando em ir até lá?
- Estou. E você irá comigo.
- Oh, mas por que, Angie?
- Para se divertir. O que acha de sairmos daqui a uma semana? Você não tem que se preocupar com nada. É só fazer as malas.

Sozinha, Angie contemplava o pôr-do-sol da plataforma de observação do trem. O outono trouxera uma temperatura mais fresca, mas a terra ainda mostrava sinais do quanto fora castigada pelo calor do verão. Ela também continuava a sofrer em consequência do que Pecos lhe fizera, e sentia-se tão sem vida quanto a areia que a brisa jogava de um lado para o outro. A terra sobreviveria, mas para ela só restariam os sonhos despedaçados só uma tristeza cada vez maior.

Angie piscou para afastar as lágrimas. Precisava pôr um fim àqueles períodos de depressão. Mesmo quando morava com o pai sua vida não era feliz. Devia olhar para frente, lembrar-se de q era jovem, sadia e tinha muito dinheiro. Ninguém mais tinha o direito de lhe dizer o que fazer. Naquele momento, viajava para a excitante cidade de San Antônio, onde compraria dúzias de vestidos escandalosamente caros, freqüentaria os melhores restaurantes, iria à ópera, a festas e começaria a participar da vida ócio e agradável dos ricos. Conhecera pouca felicidade na vida e precisava recuperar o tempo perdido.

Quanta vez não sonhara com vestidos bonitos, bailes e cavalgadas pelo parque, quando não passava de uma prisioneira no lar modesto do pai, em Nova Orleans. Agora teria tudo isso e se divertiria tanto que se esqueceria por completo da mulher humilhada e degradada, que se escondia sob sua aparência inocente.

Angie sorriu com frieza. Ninguém saberia. Nem agora, nem nunca. Dançaria, flertaria e se divertiria na companhia de homens charmosos e bonitos. Talvez até chegasse a beijar os mais simpáticos? Mas não iria, além disso. Nunca mais voltaria a ceder à paixão. O que sofrera nas mãos dos McClain destruíra seu coração. Vivendo assim, saberia que não mais experimentaria o êxtase que conhecera nos braços de Pecos, mas também não voltaria a sofrer a dor e a degradação que a atingiram, depois.

Mesmo com os braços e as costas doendo, Pecos continuava quebrar com a picareta, as paredes rochosas do interior de sua mi na. Estava no México há mais de um mês, durante o qual passar quase todas as horas trabalhando sem descanso, decidido a conseguir o que queria. Arrancaria ouro daquela caverna escura e suja, nem que para isso tivesse de trabalhar anos, sem ajuda de ninguém. E quando isso acontecesse...

Pecos elevou a picareta novamente, contrariando os músculos doloridos. Mais uma vez, disse a si mesmo que sempre odiara a vida na fazenda. Era uma existência dura, monótona, sempre sujeita aos caprichos da Mãe-Natureza. Mas tudo aquilo

ficara para trás, e ele não podia estar melhor.

Limpando o suor da boca e da testa, Pecos apoiou-se na picareta e olhou para o rapazinho que trabalhava a seu lado.

- Isso é que é vida, hein, José?

José, que não tinha mais o corpo fraco e esbelto de quando morava em *Del Sol*, abaixou a picareta e virou-se para o amigo.

- Se é! Muito melhor que passar o dia marcando gado, não? Ele sabia o quanto Pecos sentia falta da fazenda, mas aderiu

«o fingimento. — Muito melhor, mesmo!

— *Si*. Mas agora, que tal subirmos? Já é tarde.

— Maravilha! Eu prometi visitar Rosalinda, esta noite. Colocando a picareta no chão, Pecos estendeu a mão para pegar a camisa.

— Você é um rapaz de sorte. Rosalinda é uma mocinha meiga e bonita.

— Eu sei. — José concordou, cheio de orgulho. — Por que não vai à cidade comigo, Pecos? Podemos procurar uma mulher para você.

— Obrigado, amigo, mas estou muito cansado. A única coisa que quero é tomar um banho e cair na cama.

Após recusar o convite para jantar feito pelos dez homens leais que trabalhavam para ele, Pecos dirigiu-se à casinha que chamava de lar. Na encosta da montanha, a mais de um quilômetro da boca da mina, ela era muito humilde face ao luxo que imperava em *Del Sol*, mas ele nem notava.

Pecos acendeu o lampião que ficava sobre a mesa, pôs água para esquentar e serviu-se de pão, carne e do último pedaço da torta que a esposa de um dos homens lhe trouxera. Assim que acabou, banhou-se numa pequena tina de madeira e foi para a cama. O prazer de relaxar os músculos foi tão grande que um gemido de alívio escapou de seus lábios.

A noite já caía e o calor começava a diminuir. Tudo era silêncio, a não ser pelos gritos ocasionais da esposa de um mineiro, chamando os filhos para jantar. Contemplando as sombras que o lampião lançava na parede, o cérebro cansado de Pecos foi tomado por estranhas imagens e pensamentos. A quantia que restava dos dez mil dólares duraria até encontrarem ouro na mina? Tia Emily concordaria em morar com ele no México, quando afinal encontrasse o veio de ouro? Em *Del Sol*, o fiel Reno não teria esquecido de exercitar Diabolo e proibir que outros o montava. As pálpebras de Pecos se fecharam, e ele entrou num estado de semi-inconsciência, como se flutuasse. No fim de sua agradável viagem em direção ao nada, Angie o esperava. Tinha os lábios m m dos e entreabertos, os cabelos soltos sobre os ombros nus com brilho de ternura no olhar.

— Angel — ele murmurou, deixando-se dominar pelo sonho *onde* a encontraria.

Angie abriu os olhos. Do outro lado do quarto, Dolores puxavas pesadas cortinas, deixando que o sol entrasse pelas janelas Hotel Conquistador.

— Não, Dolores, ainda não! — Angie gemeu, cobrindo a calça com o travesseiro.

— São onze horas, e você mandou a costureira estar aqui ao meio-dia. — A criada aproximou-se da cama, descobrindo-lhe cabeça. — Seu café está na saleta ao lado. Você precisa comei tomar um banho.

Angie sentou-se na cama, empurrando os cabelos emaranhados para trás.

— Você anda muito mandona, Dolores.

— Alguém tem de fazer isso — disse Dolores, que não estava contente com a mudança de vida da patroa.

— A que horas chegou, ontem à noite?

— Mais de duas horas.

— A Srta. Emily chegou às dez.

— Eu sei. Nós jantamos juntas, na casa do McConnell. Quando o jantar terminou, ela resolveu voltar para cá.

— E por que você não voltou com ela?

Bocejando, Angie vestiu o penhoar que a criada lhe estendia

— Durante o jantar conheci um rapaz muito charmoso, que me convidou para terminar a noite com um conhaque, no Clube Jubileu. — Fazendo um gesto impaciente, ela fechou o penhoar. — Traga meu café para cá e, por favor, não me faça mais perguntas. Estou com pressa.

Dolores não se abalou. Com os olhos fixos em Angie, censurou: — Não gosto do que está acontecendo com você! Mudou muito, o que me deixa terrivelmente triste. Onde está aquela garota meiga e ansiosa para agradar que chegou a *Del Sol*.

— Não existe mais, e você, melhor do que ninguém, sabe a razão. Aquela Angie era uma tola, mas morreu. Daqui para frente, vou viver a vida como ela merece ser vivida, provando todas as delícias que encontrar. Não vou admitir uma palavra em contrário de ninguém, muito menos de você!

Os olhos da criada encheram-se de lágrimas.

— Certo, Angie. Esta é a última vez que lhe digo o que penso. — Ela fez uma pausa, engolindo em seco, depois continuou:

— Esta vida não serve para você, minha querida. Não vai ser feliz! Todos sabem que é uma viúva rica, e já está rodeada por caça-dotes. Se não gosta de *Del Sol*,

por que não volta para a Louisiana? Lá deve existir um bom rapaz, com o qual poderá se casar.

— Sei muito bem que a sociedade de San Antônio me recebe porque sou a viúva jovem e rica de Barrett McClain, Dolores. Se eu ainda fosse Angie Webster, nem olhariam na minha direção. Quanto aos caça-dotes, não se preocupe com eles. Pretendo passar o resto dos meus dias como uma viúva rica e inatingível.

— Mas Angie, você...

— O meu café, por favor, Dolores. Estou atrasada.

Apesar dos conselhos da Srta. Emily e de Dolores, Angie, decidida a parecer mais velha do que na realidade era, comprou uma série de vestidos sofisticados e jóias pesadas. Todas as noites, numa toalete rica e ousada, ela comparecia a uma festa ou jantar.

A sociedade de San Antônio mostrava-se chocada e fascinada pela jovem viúva McClain. Muitos criticavam-na com indignação, mas todos esperavam ansiosos por sua chegada às reuniões.

Uma noite, Angie aparecia com um vestido de brocado cinza-grafite e um colar de pérolas negras, do tipo mais raro. Na outra, usava um modelo em *chiffon* marrom, com diamantes brilhando nos punhos e nas orelhas. Na seguinte, vestia cetim negro com pérolas, e depois veludo azul e rubis. Seu novo guarda-roupa era grande, e ela nunca usava a mesma toalete duas vezes. Todos os vestidos tinham uma coisa em comum: eram feitos no estilo mais recente e audacioso, delineando suas curvas e mostrando boa parte do busto. Quando entrava num ambiente, todas as cabeças se voltavam para vê-la, em admiração ou choque.

Angie adorava a atenção que despertava. Entrava nos lugares mais opulentos, como se estivesse acostumada a isso desde criança. Para sua surpresa, descobrira que era fácil ser charmosa e estar à vontade, quando não se liga para a opinião dos outros.

E como era excitante ver os homens caírem sob seu domínio. Bastava um breve sorriso, um abaixar de pálpebras ou alguma palavras inteligentes, e eles se lançavam a seu pés. Raramente, entanto, aceitava um convite para sair com um deles, gostava de dançar e flertar com eles, mas preferia chegar e sair na companhia da Srta. Emily. Uma atitude que os frustrava, mas também desafiava o orgulho masculino. Muitos não dormiam por causa dela, enquanto Angie os esquecia assim que virava as costas.

O outono, em San Antônio, foi uma sucessão de festas, Jantares e idas ao teatro. A vida de Angie transcorreu agitada, *cheia* de prazer e despreocupação. Seus dias eram preenchidos de modo tão interessante e variado, que foi uma surpresa descobrir que A tinha tempo para pensar em Pecos McClain.

Mas tinha.

CAPÍTULO XXVII

Angie acordou cedo, naquele dia frio de janeiro. Desde que ela e a Srta. Emily voltaram para *Del Sol*, um pouco antes do Natal, mudara-se para seu antigo quarto, no andar térreo. Com isso, pretendia esquecer sua trágica noite de núpcias, como se jamais a tivesse vivido.

Infelizmente, este quarto também encerrava lembranças tristes. Fora nele que Pecos entrara, numa noite de verão, para roubar sua virgindade e seu coração. Ainda podia ouvir a melodia encantadora da caixinha de madrepérola tocando junto deles, sobre a cama. E relembrava com nitidez o ardor espelhado nos olhos cinzentos, os beijos carregados de desejo, as mãos quentes e o atraente corpo masculino.

Suspirando, Angie levantou-se. Meia hora depois estava na baia de *Ángel*, pronta para um passeio a cavalo.

No estábulo a égua resfolegou, jogando a cabeça de um lado para o outro. Mas Angie, falando com doçura, selou-a e levou para fora, onde montou com um gesto rápido.

No entanto a égua não queria ninguém em seu lombo, nem mesmo a dona. Revirando os olhos, empinou, escoiceou o ar com as patas dianteiras. Apanhada de surpresa, Angie escorregou para trás. Instintivamente, largou as rédeas e tirou o pé do estribo, certa de que iria ao chão.

Duas mãos fortes tiraram-na do cavalo em pânico, transferindo-a para o solo. E ela, mole da cabeça aos pés, viu o mexicano segurar as rédeas da Palomino, acalmando-a com palavras doces. Logo, a égua *Ángel* esfregava o focinho nas mãos dele, submissa. Reno Sanchez pôde então virar-se para a patroa, com um largo sorriso.

— *Senora, Ángel* diz que sente muito, mas não está com disposição para um passeio, hoje. Não sei se lembra de mim, mas sou Reno Sanchez.

— Claro que eu me lembro! Pecos me apresentou ao senhor, naquela loja, em Marfa. — Angie sorriu. — Obrigada por me salvar. Foi um susto e tanto, Sr. Sanchez.

— Reno, *senora*. Pode me chamar de Reno.

Levando a égua pelas rédeas, Reno dirigiu-se à baia. Angie acompanhou-o.

— Não sei o que deu em *Ángel*. Ela nunca fez isso, antes.

— Ela está prenha e na certa não se sente bem, hoje — explicou Reno, tirando a sela da égua e pondo-se a escová-la.

— É verdade. Foi irresponsabilidade minha tirá-la da baia, quando ela mostrou que não queria ir.

— Ela está bem, agora. E vai ter um grande potro. Pecos cruzou a com Diablo, para ter um garanhão que o substitua, quando ele morrer.

Ouvindo o nome de Pecos, Angie sentiu um frio na boca do estômago. Queria perguntar a Reno se tivera notícias de Pecos ele pretendia ou não voltar a *Del Sol*.

— Pecos vai levar o potro para o México? É lá que ele está, não é?

— *Si*, Pecos está trabalhando em nossa mina, em Buenaventura. Mas já faz semanas que não tenho notícias dele.

— Sua mina?

— Eu e Pecos temos uma mina de ouro.

— Têm? Então por que você não está lá, com ele?

— É que ainda não temos muito dinheiro. Aqui, eu ganho mu salário e posso economizar e mandar para Pecos.

— Tem certeza de que pode confiar no seu sócio? Reno não agüentou e riu.

— *Senora*, eu confiaria minha própria vida a Pecos.

— Mas... Naquele dia em que nos conhecemos, Pecos o tratou com... Tão pouco respeito!

— Ah, Pecos é assim mesmo. Mas não fez por mal. É um ótimo sujeito, muito generoso. — Sorrindo, Reno apontou para o dente de ouro que tinha. — Está vendo isso aqui? Foi Pecos quem me deu.

— É? Como foi que você perdeu seu dente?

— Pecos arrancou-o com um murro. Angie recuou um passo, horrorizada.

Está vendo? Ele é um homem violento, que não liga para os outros.

- Não, Pecos não é assim. Eu mereci aquele murro, porque estava trapaceando no jogo de pôquer.

Mas depois que eu prometi nunca mais fazer isso, Pecos me comprou este dente de ouro. Ele só briga quando...

Falando em brigas, como foi que ele arranhou aquela cicatriz que tem no... — Angie interrompeu-se, muito corada. Havia falado numa cicatriz que jamais devia ter visto. — Eu... É que... "Mi dia Pecos apareceu no pátio, sem camisa, e eu vi... Ele disse que a cicatriz foi feita numa briga por uma mulher! Uma expressão sombria surgiu nos olhos de Reno.

- Ah, ele levou um corte daqui — apontou para a altura do coração — até aqui — indicou o quadril esquerdo.

— Por acaso o marido dessa mulher...

-- Ah, não, *senora*. A mulher era minha esposa.

— Sua esposa?! Eu não sabia que você era casado!

— Já fui. Perdi minha mulher e meu filho durante a epidemia de- 1781.

— Oh, Reno, sinto muito!

Reno permaneceu em silêncio por alguns momentos, depois continuou:

— Em 79, os Apaches Mescaleros ainda eram selvagens, e o bando de Vitorio sempre aparecia por aqui, para matar e roubar. Um dia, minha mulher pegou nosso filho e foi se banhar no Riacho Cibolo. Dois índios do bando da Vitória a encontraram. Pretendiam violentá-la e matar, mas Pecos estava por perto e ouviu seus gritos. Ele matou os dois índios e salvou minha mulher e meu filho, mas quase perdeu a vida. Pecos é um homem muito corajoso... E bom.

— Mas ele me fez acreditar que... Reno sorriu.

— Pecos é capaz de arrancar outro dente da minha boca, se souber que eu lhe contei isso. Fica muito embaraçado, quando toco nesse assunto. Não quer que ninguém saiba que é um herói.

Angie mal podia acreditar que o homem que conhecia fosse o mesmo de que Reno falava. Pensativa, pôs-se a caminhar pelo estábulo. Quando parou, viu, surpresa, que estava diante da baia de Diablo.

— Pecos é um homem muito generoso — Reno repeliu, ganhou a mina de Lost Madre num jogo de pôquer, em PASSO DEL Norte, e me deu a metade, porque eu havia lhe fornecido o dinheiro para as apostas.

— É, talvez eu esteja enganada e ele seja um bom homem, Reno

— Ele é o melhor, *senora*. — Reno aproximou-se do portão a baia do Diablo.
— E este é o melhor cavalo.

Ouvindo seu nome, Diablo ergueu as orelhas e deu alguns passos pela baia. Angie sorriu, cheia de admiração. Ele era um animal magnífico, assim como era magnífico o dono.

— Diablo — chamou baixinho, venha cá. Chegue perto de Angie, garotão.

Diablo aproximou-se, sacudindo a cabeça e cheirando o ar *depois* de alguns instantes, encostou o focinho na mão de Angie. Que de imediato começou a acariciá-lo.

— Isso, Diablo. Você é uma beleza, sabia? — murmurou comparando-o mentalmente ao dono.

— Quer dar uma volta nele?

Angie virou-se para Reno, boquiaberta.

— Acho que ele deixaria?

— Quem? Pecos ou Diablo?

— Os dois, eu acho.

— Diablo gostaria muito. Quanto a Pecos... — Os olhos do homem brilharam, cheios de malícia. — Se você não contar, eu também não conto.

— Ah, Reno, eu adoraria dar uma volta neste bruto! Se acha que não vai haver problema...

— Diablo precisa de exercício, Angie. — E Reno jogou a sela sobre o lombo do enorme garanhão. — Se alguma coisa acontecer, eu assumo a responsabilidade. Ele está louco para sair da baia e dar uma corrida por aí.

Angie não replicou. Passou a mão pelo pescoço do garanhão murmurou:

— Então, Diablo? Vai me deixar montar em você? Sei que Pecos o montou, mas ele não está aqui. Não gostaria de sair p.n um galope pelo deserto, só você e eu? Da minha parte, acho que vai ser uma delícia!

Diablo resfolegou, jogando a cabeça para cima e para baixo. Vou tomar isto por uma resposta afirmativa.

Nós dois vamos sair para um passeio!

Reno acenou quando Angie e o garanhão deixaram o curral. Dizendo a si mesmo que o passeio faria bem a ambos, voltou para o conforto de sua casa. Mas antes que fechasse a porta, viu que flocos de neve começavam a cair, derretendo-se rapidamente ao atingir o solo.

Angie cavalgava em direção à tempestade de neve, sentindo-se viva pela primeira vez, em semanas. Era maravilhoso cavalgar aquele animal magnífico, que avançava com passos longos e firmes. Indiferentes à piora do tempo, ela estava tão ansiosa quanto Diablo para se afastar da fazenda e voar através da terra fria e silenciosa, onde só existiam os dois.

O Vento fazia a neve girar em torno da cabeça de Angie. Maravilhada com a beleza dos cristais de gelo, que cobriam rapidamente o chão ela levantou o rosto sorridente. Voltar nem lhe passara pela cabeça. Estava adorando a sensação de êxtase e liberdade. Sobre aquele animal belo e vigoroso, podia deixar de lado o fingimento. Não havia ninguém ali para observar suas expressões ou estranhar suas atitudes, e podia se dar ao luxo de pensar no homem de quem tanta falta sentia, apesar de tudo que acontecera entre ambos.

Pecos!

Seu coração enamorado gritou o nome, e uma onda de saudade invadiu-a. Recusando-se a pensar nas frases horríveis que ele lhe dissera, deu asas à imaginação e mergulhou num sonho maravilhoso. Era a esposa adorada de Pecos McClain e jamais chegara a conhecer o pai dele. Tinham se encontrado durante um baile magnífico, em que ele se apaixonara por ela à primeira vista, insistindo para que lhe

pertencesse inteiramente. O namoro fora breve, pois o desejo de seu marido era muito intenso para que pudessem esperar. Na noite de núpcias, ele a possuía com tanta ternura e paixão, que ela desmaiara de felicidade. Daí em diante, todas as noites ele lhe fazia amor, conduzindo-a aos píncaros do êxtase e depois adormecendo com ela nos braços.

Angie estava tão perdida em seus sonhos, que nem notou que Diabolo avançava cada vez mais depressa pelo chão gelado e escorregadio. Preso durante muito tempo, o magnífico garanhão corria a toda velocidade pelo sopé das Montanhas Davis, tão perdido em seu êxtase quanto a garota que o montava.

O sonho de Angie chegou ao fim com o barulho de um osso quebrando. O som encheu seus ouvidos, e ela gritou quando o enorme animal foi ao chão, jogando-a por cima da cabeça.

CAPÍTULO XXVIII

Apitando, o trem do meio dia entrou na estação de Marfa. Com a gola do casaco erguida e o chapéu puxado para a testa, Pecos McClain pulou para a plataforma de madeira. Seu destino era o First State Bank de Marfa, na rua principal, onde pretendia conseguir um empréstimo de Randolph Huff, o desagradável presidente do banco. Embora sempre lhe concedesse os empréstimos que queria Huff não deixava de censurá-lo e tratá-lo como se fosse uma criança irresponsável, o que era deveras irritante.

Assim que entrou no banco, Pecos dirigiu-se à sala de Huff. O presidente estava sentado a uma enorme escrivaninha e levantou-se para recebê-lo.

— Como vai, rapaz? Sente-se. — Huff acomodou-se novamente atrás da escrivaninha.

— O que o traz a Marfa, com um tempo tão ruim?

Pecos depositou sua valise no chão e sentou-se.

— Vim atrás de um empréstimo, Huff.

— Não teve sorte com a mina?

— Sorte não tem nada a ver com mineração, Huff — retrucou Pecos: estava decidido a não deixar o homem irritá-lo.

— Não? Pois eu pensei que a sorte lhe tivesse dado essa mina. Se bem me lembro...

— Huff, eu estou cansado e com frio, e gostaria de chegar a *Del Sol* antes do início da tempestade.

Vamos tratar logo dos papéis.

— Você vai à fazenda, então?

— Vou. Minha tia espera que eu a visite todas as vezes que vier a Marfa.

Huff inclinou-se para frente, apoiando os braços na escrivaninha.

— Só a sua tia? E a encantadora viúva McClain?

Urna veia começou a latejar nas têmporas

— O que tem ela? De Pecos.

— Aposto que ela também ficará contente em vê-lo, Peco

— Huff, eu preciso de dez... Quinze mil dólares. Se...

— Sinto muito, Pecos, mas não vai dar.

— Por que não? Seu banco tem me emprestado dinheiro de que completei dezoito anos.

— Eu sei, mas agora tudo mudou. Você não preenche mais o requisito deste banco, Pecos.

— Como assim? Já paguei dezenas de milhares de...

— Eu sei e não gosto disto, Pecos, mas os regulamentos do banco são claros. Em todo caso — um brilho de malícia apareceu nos olhos de Huff —, se você conseguir que sua madrastra avalize empréstimo...

— Esqueça. — Pecos já tinha se levantado.

— Espere, meu amigo. — Huff levantou-se também, dando volta à escrivaninha. — Ouvi dizer que ela está tendo problema em *Del Sol*. Como sabe, a seca do verão passado foi muito intensa. Depois, antes que a propriedade fosse reestocada, seu pai morreu e você partiu para o México.

Sua madrastra não está conseguindo que os vaqueiros trabalhem da melhor forma e... Bem, pelo tamanho dos pêlos dos *mustangs*, vamos ter um inverno bravo.

— Sua preocupação é tocante, Huff. Agora, se me dá licença...

— Pegando a valise, Pecos dirigiu-se à porta.

Huff seguiu-o, mais uma vez com um brilho malicioso no olhar.

— Olhe, Pecos, eu sei que a viúva ficou com tudo, mas acho que você poderia conseguir um tanto de volta, se...

— Faça-me um favor, sim, Huff?

— Claro, filho. O que é?

— Pegue seu banco e suas idéias sujas e engula!

Enquanto Huff, indignado, gritava-lhe insultos, Pecos saiu do banco.

— Pecos, Pecos!

Ele virou-se a tempo de ver Reno Sanchez atravessar a rua, em sua direção. Esquecendo-se do incidente no banco, foi ao encontro do amigo. Depois do abraço de sempre, os dois puseram-se a caminhar lado a lado.

— Já ficamos ricos? — Reno quis saber.

— Ainda não. Foi por isso que voltei. Precisamos de mais dinheiro. E você? O que está fazendo aqui?

— Vim buscar suprimentos. Quer uma carona para *Del Sol*.

A caminho da fazenda, Pecos contou a Reno que os dez mil dólares tinham se acabado e que o banco se recusava a lhe dar outro empréstimo, sem o aval de Angie. Sem isso, ele não conseguiria um centavo.

— Por que não fala com ela, então? Pecos quase explodiu.

— Deus do céu, acha mesmo que eu seria capaz de pedir isso a ela?

— Não vejo nada de mais em...

— Entenda uma coisa, Reno: não vou pedir nada a Angie, nem que morra de fome! Posso estar sem dinheiro, mas meu orgulho continua intacto.

— Tudo bem, Pecos. Eu só achei que... Bem, falei com Angie esta manhã, e ela perguntou por você. Daí...

O coração de Pecos deu um salto, e ele perguntou, fingindo indiferença:

— O que foi que ela disse?

— Queria saber se eu tinha notícias suas. E se você viria para casa, quando o potro de Diablo nascesse. — Reno sorriu.

— Mas agora que você está aqui, ela não vai ter de esperar tanto tempo.

— É, eu estou aqui, mas duvido que a viúva inconsolável fique contente em me ver. — Pecos fez uma ligeira pausa, depois acrescentou: — Você tem algum dinheiro, Reno?

— Muito pouco. É desta vez resolvi ir para o México com você. Quando é que você vai?

— Amanhã. O dinheiro que você tem dá para tentarmos a sorte no jogo? Se dá, podemos parar em Paso dei Norte e ver o que fazemos.

— Dá, sim, mas eu não entendo por que você não conversa com Angie...

— Mas que droga, Reno! O nome dela é Angel, e eu já lhe disse que não vou pedir nada àquela mulher!

Eles continuaram em silêncio por algum tempo, mas logo o bom humor de Pecos voltou. Quando chegaram aos portões de *Tierra dei Sol*, Pecos contava histórias da mina e o mexicano ria divertido.

Mas o riso morreu na garganta de Reno, quando Pecos comentou:

— A primeira coisa que vou fazer é dar uma olhada em Diablo. Depois subo e ajudo você a descarregar a carroça.

Reno engoliu em seco, mas acabou dizendo:

— Não vai dar, Pecos.

— Por que não? Onde está o meu cavalo?

— Sabe? Eu não vi nada de mal nisso. Angie queria dar um seio, e como *Ángel* não estava bem, eu... Bem, ela saiu em diablo. A culpa é toda minha Angie jamais teria...

— Deus do céu! Seu tolo, você tem os miolos de um... Furioso, Pecos olhou para o céu carregado, e uma onda de medo invadiu-o. Angel estava com Diablo, cavalgando em meio a tempestade!

— Eu sei que não devia ter deixado, mas... O olhar de Pecos voltou-se para o mexicano.

— Enquanto eu selo um cavalo, vá a sua casa e pegue um cobertor e comida. Eu vou atrás daquela tola.

— Eu vou junto, Pecos.

— Não vai, não. Eu mesmo a trago de volta. Tenho uma idéia de onde ela pode estar. Conte a tia Emily o que aconteceu e di lhe para não se preocupar, se não voltarmos esta noite. Eu sei ou de encontrar abrigo. — Mais uma vez, Pecos examinou o céu c.n regado. — Se não fosse por Diablo, bem que eu deixaria aquela idiota morrer congelada!

Reno não acreditou, é claro.

Angie rolou sobre a neve macia. Mas, assim que parou, levantou se e correu para junto de Diablo, o coração apertado pelo medo. Revirando os olhos de pavor, o magnífico animal fazia força para se erguer.

— Não, Diablo — ela gritou. — Você não pode!

O cavalo relinchou mais uma vez, tentando se levantar. Mas estava com a perna dianteira direita fraturada em dois lugares e voltou ao chão, incapaz de compreender o que lhe acontecia. De imediato, sacudindo a enorme cabeça no ar, procurou novamente se erguer, enquanto Angie, com as lágrimas molhando o rosto, suplicava-lhe para se deitar.

— Diablo, Diablo, eu sinto tanto!

Soluçando, ela soltou a barrigueira. Diablo não se moveu, enquanto a sela era retirada. Mas quando ela lhe tocou delicadamente perna fraturada, relinchou de um jeito baixo e dolorido. Percebendo a gravidade do que acontecera, Angie começou a tremer. Como levá-lo de volta ao estábulo, para ser socorrido? Conseguiria convencê-

lo a ficar deitado, para não ferir ainda mais a perna fraturada? E de que maneira poderia protegê-lo da tempestade de neve, cada vez pior? Durante mais de uma hora, Angie continuou ajoelhada na neve diante do cavalo ferido, repetindo tolamente pedidos de desculpa, assegurando ao animal que não o abandonaria. A tempestade prosseguia, e a temperatura caía dramaticamente.

Quando o horizonte desapareceu em meio aos flocos rodopiantes, Angie ainda estava ali. Como que lhe pedindo para ir procurar abrigo, Diablo esfregou o focinho aveludado em seu rosto frio, produzindo sons baixos e tranqüilizadores.

Perdoe-me, Diablo — Angie soluçou, abraçando-o pelo pescoço.

A seguir ergueu-se e por alguns segundos continuou onde estava fitando-o. Diablo relinchou e sacudiu a cabeça no ar, num gesto de adeus. Soluçando, Angie deu-lhe as costas e abriu caminho em direção à caverna que Pecos lhe mostrara, naquele dia longínquo do verão. Depois de alguns passos, voltou-se para olhar, mas a tempestade havia piorado e o belo animal não podia mais vê-la.

Chorando histericamente, tropeçando a cada passo, Angie chegou, afinal, à caverna escura e úmida. Molhada até os ossos, com os dentes batendo de frio, arrastou-se em meio à escuridão, Tateando a procura do lampião a óleo.

Havia fósforos numa caixa junto ao lampião. Após acendê-lo, tapou com o globo de vidro a pequena chama. Sombras dançaram sobre as paredes rochosas e em seu rosto molhado de lágrimas. Pensou em tirar as roupas ensopadas, mas logo desistiu da idéia. O lampião não a conservaria quente. Com ou sem roupas, provavelmente morreria congelada, antes do fim da tempestade. Abraçou os joelhos enrijecidos; fitou a chama fraca do lampião. Em sua infelicidade, decidiu que não se importaria de morrer.

Pecos, montado num belo cavalo castanho, seguia o mais depressa possível a trilha de Angie.

Os olhos cinzentos faiscavam de raiva. Estava furioso com aquela moça ativa e tola. Ela em seu magnífico garanhão, um cavalo que havia capturado e domado, quando ainda era menino. Ele amava aquele animal. Se não fosse pelo fato de Diablo estar em perigo, deixaria aquela mulher sem moral na tempestade, perdida nas montanhas.

O coração de Pecos apertou-se. Estava preocupada com Angel se ela não tivesse encontrado a caverna secreta, estaria em perigo. Essa idéia era apavorante e o fazia enfrentar a verdade, como nunca o fizera. Queria Angel. O que ela era ou deixava de ser não tinha a menor importância. Ele a queria como nunca quisera outra mulher. Saber que ela fora uma prostituta não mudava nada. A estava em seu sangue, em seus pensamentos, e ele só desejava torná-la sua para sempre. Seu desejo por ela era tão intenso, que chegava a assustar, e a possibilidade de encontrá-la morta enchia de pavor.

Pecos esporeou a montaria, querendo atingir a montanha onde ficava a caverna e encontrar Diablo e Angel. A neve prejudicava sua visão, e por isso ele piscou, tentando ver alguma coisa à frente. Foi quando percebeu uma mancha negra, em meio à brancura cegante. Seu coração disparou.

— Angel! Angel, é Pecos!

Ele puxou as rédeas enquanto gritava, rezando para obter uma resposta. O único som que ouviu foi o barulho do vento. Avançou um pouco mais.

O choque foi enorme. A vinte metros de distância estava Diablo, caído no chão, parecendo uma estátua de gelo. Mas ainda levantou a cabeça e relinchou, ao perceber que alguém se aproximou.

— Deus do céu! — Pecos murmurou por entre os dentes carrados, pulando para o chão.

— Não! Não, não...

— repeliu tolamente, enquanto corria para o cavalo e caía de joelhos junto dele

Durante muito tempo Pecos permaneceu naquela posição. Passando as mãos pela crina quase coberta de gelo e o pescoço de Diablo. O garanhão retribuía esfregando o focinho em seu rosto, fim, com uma expressão profundamente triste, ele se levantou tirou o Colt 44 da cartucheira.

— Meu amigo, só vou fazer isso porque o amo.

Sem deixar de fitar o cavalo, Pecos ergueu a arma, apontou para o meio dos olhos enormes e tristes e puxou o gatilho.

A baixou o revólver quando o garanhão morria a seus pés. Diablo ainda deu um relincho baixo e estrangulado, antes de fechar os olhos para sempre. Lágrimas escorriam pelo rosto de Pecos. Um estranho silêncio envolveu as montanhas, quebrado apenas pelo barulho do vento, que parecia gemer de tristeza.

Sozinho nas montanhas, sem ninguém para testemunhar sua dor, Pecos McClain chorou a perda de seu cavalo. Numa voz profundamente triste, declarou com ar solene:

Eu volto para enterrá-lo, Diablo. Vou sentir muito a sua falta. Você era meu melhor amigo.

Guardando o Colt na cartucheira, Pecos montou no cavalo castanho e seguiu em frente, subindo as montanhas geladas. Nem uma vez, olhou para trás.

Angie ouviu o tiro e levantou-se de um salto, quase virando o lãmpião. Com o coração disparado, arrastou-se até a entrada da caverna e esperou que o executor de Diablo aparecesse, pois sabia o que significava aquele tiro. Um dos vaqueiros tinha saído à sua procura, encontrado o cavalo e tomado a difícil decisão de poupar-lhe mais sofrimento.

Angie esperou, imaginando se não deveria gritar. O cavaleiro apareceu logo, detendo-se à entrada da caverna.

— Pecos!!!

Com uma expressão gelada, ele desmontou, agarrou-a pelo cotovelo e a empurrou para o interior da caverna. Sempre em silêncio, forçou-a a sentar-se e saiu para tirar a sela do cavalo.

Angie estava extremamente confusa. O que Pecos fazia ali? Como soubera onde encontrá-la? Ele a perdoaria pelo que fizera a Diablo?

Com os dentes batendo de frio e medo, ela ergueu o olhar. Viu-u aproximar novamente, carregando as bolsas da sela e um cobertor, que jogou a seus pés.

— Pecos, eu... Sinto tanto o que aconteceu... Nem sei o que daria, para não ter saído com ele. Sei que você deve estar... Se eu pudesse...

O olhar frio de Pecos fez com que interrompesse a explicação. Dando-lhe as costas, ele se pôs a andar pela caverna, juntando gravetos, papéis e tudo que pudesse queimar. Logo uma pequena fogueira crepitava, aquecendo a caverna fria e úmida.

Pecos voltou para junto dela.

— Tire as roupas — mandou, impaciente. Angie não reagiu, e ele agarrou-a pelo braço, forçando a levantar.

— Mas que droga, faça o que eu mandei! Não vou deixar que morra congelada, para os outros dizerem que a matei

— Es-está bem. Eu vou tirar.

Pecos soltou-a e agachou-se junto ao fogo. Com dedos trêmulos, Angie tirou o casaco e começou a desabotoar a blusa e lutava com os botões, Pecos pegou-lhe um dos pés e colocou sobre a própria coxa, obrigando-a a apoiar-se nos ombros dele para não cair. Depois de tirar-lhe as botas e as meias, ele voltou para o fogo.

Angie removeu a blusa e a calça, ficando apenas com a de baixo. Timidamente, virou-se para Pecos.

— Isso também. Tire tudo — ele mandou, sem erguer a cabeça. Ela obedeceu, tremendo de frio e vergonha. Mas logo sentiu o cobertor envolver seus ombros e ergueu as mãos para segura-lo no lugar.

— Obrigada — murmurou, cheia de gratidão.

— Sente-se perto do fogo.

Angie ajoelhou-se junto dele. O fogo e o cobertor eram um conforto delicioso, principalmente para alguém tão cansada, com fome e frio. Além de atormentada pelo remorso.

— Pecos, sei que você nunca vai me perdoar pelo que aconteceu a Diablo. E

não o culpo. Ele era um animal extraordinário. Nada poderá substituí-lo, mas eu... Eu quero reembolsar você pela...

Pecos fitou-a com uma expressão tão feroz que ela se calou. I um instante, chegou a pensar que ele fosse agredi-la fisicamente. Nada se ouvia, a não ser o vento rugindo lá fora.

Afinal Pecos voltou a olhar para o fogo e ela continuou.

— Pode ir embora, Pecos. Eu espero minhas roupas secar. Mais uma vez, o olhar dele interrompeu-a.

— Você sabe muito bem que não vou deixá-la sozinha aqui. Não está com fome? Eu trouxe comida.

— Não, obrigada. Silêncio.

Angie tentou de novo.

Pecos, eu gostaria que você entendesse que eu... Eu estou muito triste por causa de Diablo.

Ela abaixou a cabeça, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, durante vários minutos, só o rugido do vento, o crepitar do fogo os soluços encheram o ambiente. Afinal, Pecos suspirou e disse num tom cansado:

Diablo estava ficando velho. Já não era tão ágil e veloz quanto antes. Talvez tenha sido melhor assim. — Sorriu sem alegria.

Talvez ele tenha desejado que fosse assim. Afinal, que ganhão não haveria de querer chegar ao fim galopando livre como

o vento com uma linda mulher no lombo?

Angie sentiu lágrimas amargas no rosto, nos lábios. Com honestidade, não podia censurar Pecos por estar zangado. Cometera muito erro grave e o pior acontecera. Matara o único animal que Pecos amava. Se estava infeliz, não era por si mesma, mas por ele. Certo ou errado, tolice ou não, ela o amava. Amara-o desde a primeira noite em *Del Sol*, quando ele a beijara no corredor escuro. E continuaria a amá-lo até morrer. Podia lutar contra isso, declarando aos quatro ventos que o odiava, mas ali, naquela pequena caverna, com a tempestade rugindo lá fora, chorava porque ferira profundamente o homem amado.

Sentado no chão, os braços apoiados nos joelhos, Pecos fitava o fogo. Tinha perfeita consciência da moça desamparada que soluçava a seu lado. Até podia ver-lhe as lágrimas escorrendo pelo rosto, se virasse um pouquinho.

Deus do céu, mas ele era o maior tolo que havia no Texas! Aquela mulher tinha o poder de manipular seus sentimentos a seu bel prazer! Era capaz de perdoar-lhe tudo. Amava-a de um modo tão apaixonado, tolo e completo! Nem que passasse

o resto de seus dias negando isto, sabia que era verdade. Desde aquela noite em que a beijara no corredor de *Del Sol*, nunca mais fora o mesmo homem. E nunca mais voltaria a ser. Se sua paixão por ela não fosse tão intensa e definitiva, seria até capaz de rir de si mesmo. Afinal, idiota era ele. Apaixonara-se por uma prostituta. A viúva de seu pai. A ladra que lhe roubara a fazenda. Pecos virou a cabeça para fitá-la. Os ombros esbeltos estremeciam sob o cobertor. Obviamente, ela tentava não soluçar muito alto. Com o coração doendo de amor, ele ergueu a mão e tocou-a de leve no braço. Os olhos verdes, cheios de tristeza, encontraram os dele.

— Não, doçura — murmurou Pecos, afastando os cabelos dos do rosto dela.
— Não chore assim, meu amor.

Com beijos leves e ternos, secou-lhe as lágrimas. Mas os soluços continuaram a sacudi-la, e ele beijou as mãos que agarravam com tanta força o cobertor. Em seguida, com os olhos afastou o cobertor, deixando-o escorregar para o chão.

Angie não protestou. Ainda chorando, enlaçou-o pelo pescoço e tornou a pedir perdão.

— Pe-Pecos, eu na-não... Eu...

Deslizando às mãos pelo corpo feminino, Pecos abraçou

— Calma, querida. Está tudo bem. Eu estou aqui, doçura. Em meio a beijos e palavras de consolo, ele a pôs no colo,

Angie aconchegou-se ao peito másculo, adorando a sensação que causavam os braços fortes em torno de seu corpo. Foi quando carícias se transformaram em beijos apaixonados. Colada a Angie retribuiu com amor e abandono, procurando desabotoar-lhe a camisa.

Interrompendo as carícias, Pecos estendeu o cobertor no chão e gentilmente deitou-a sobre ele. Segundos depois, estava nu ao lado dela.

À luz bruxuleante da fogueira movidos pelo amor e uma paixão cega, eles se uniram e em instantes galgaram os píncaros da paixão. Angie gritou ao atingir o êxtase, enquanto Pecos a brindava com a expressão final de seu amor.

CAPITULO XXIX

Pecos fechou os olhos, o rosto bonito enrubescido pela paixão. Angie, que o observava, prendeu a respiração. A qualquer momento os lindos olhos cinzentos tornariam a se abrir, e o que veria neles? Zanga? Arrependimento? Repulsa? Ela esperou, temendo que dessa vez fosse igual às outras. Saciado, ele a poria de lado com frieza, como se fosse um objeto sujo e ofensivo, completando com palavras de menosprezo.

Os pesados cílios escuros ergueram-se lentamente. Pecos fitou-a, e o coração

de Angie encheu-se de alegria. Era inconfundível a expressão de ternura que suavizava as feições dele. Apesar da vontade de cobri-lo de beijos, limitou-se a sorrir. Estava feliz demais para agir.

Mas Pecos não tinha esse tipo de inibição.

— Angel, Angel, você é uma delícia! — exclamou entre risos, beijando-lhe o rosto corado. — Como eu me sinto bem com você, doçura! Você me faz tão feliz, que não posso deixar de rir como uma criança.

Abraçando-o forte. Angie riu com ele por alguns minutos gloriosos, depois suspirou.

— Pecos, querido — murmurou contente, empurrando para trás os cabelos que lhe caíam sobre a testa. — Você é tão bonitinho. Está com cara de menininho, agora.

— Bonitinho? Querida, já fui chamado de muitas coisas, mas nunca disso.

Pecos deslizou para o lado. Pegando o casaco que jogara ao chão, deitou-se de costas e puxou-a para junto de si, cobrindo a ambos.

Angie aconchegou-se ao corpo rijo e musculoso. Uma paz gostosa os envolvia. Sentia-se querida, o que era uma emoção sem igual.

— Tudo bem, doçura? Não está com muito frio? — Pecos ajeitou melhor o casaco em torno dela. Eu não a machuquei, não é? — E abraçou-a com mais força.

Angie sorriu. Tinha um dos braços sobre o peito do amante e o beijava no pescoço, murmurando baixinho:

— Eu estou aquecida, em ótimo estado e muito feliz!

— Ótimo! Eu não devia ter possuído você aqui. Devia ter esperado até...

— Mas gostei que fosse assim. Pecos acariciou-lhe a coxa acetinada.

— Querida, eu estava tão preocupado com você! Por que saiu com uma tempestade se formando? Poderia ter se perdido.

A preocupação dele trouxe-a de volta à realidade.

— Ah, Pecos! Nunca vou me perdoar pelo que aconteceu a Diablo. Preferia que tivesse sido comigo, em vez de com ele. Se eu pudesse mudar...

— Não diga isso! — Pecos quase gritou, com a voz alterada pela emoção. — Eu nem sei o que faria, se alguma coisa tivesse acontecido a você! — Apaixonado, colou a boca à de Angie. Depois encostou o rosto ao dela.

— Amo você, doçura. Se depender de mim, nunca mais vamos nos separar.

— Você... Você me ama?!

— Amo. Amo, desejo, quero, preciso de você! Até me assusta o quanto eu...

— Oh, Pecos, mas e... e...

— Não. — Erguendo a cabeça, fitou-a nos olhos. — O seu passado não tem importância. Eu amo você.

— Mas, querido, preciso lhe contar uma coisa. Eu...

— Não diga nada, por favor — Pecos sussurrou. — Não quero ouvir.

— Mas Pecos...

— Não. Eu já lhe disse não me importo com o que aconteceu. Amo você e vou fazer com que me ame, também. O resto não importa. Eu quero você, preciso de você. Não só por uma noite, mas para toda a vida. E não apenas o seu corpo, mas o seu coração, a sua alma, você inteirinha. Vou fazer com que...

De novo ele a beijou e ela se derreteu, deixando as explicações para depois. Contaria tudo mais tarde. Mais tarde, faria com que ele a ouvisse. Por enquanto, só queria ficar ali, ao lado do fogo, e ser abraçada, beijada, amada por aquele homem magnífico.

Afinal, Pecos interrompeu a carícia.

— Estou com fome, doçura. Você não está?

— Hum... Pouquinho.

— Tenho carne, pão e uísque na bolsa da sela.

— E vai dividir comigo? — ela brincou, correndo a mão pelos cabelos dele.

— Não sei. Se eu dividir, o que é que você divide comigo?

— O resto da minha vida. Serve?

Pecos fitou-a com uma expressão terna e interrogativa no olhar.

— Você me ama?

— Amo. Eu te amo te amo... Um beijo interrompeu-a.

— Eu devia levá-la para casa.

— Temos mesmo de ir?

— Eles vão ficar preocupados.

— Eu sei, mas...

— Mas o que, meu amor?

Sorrindo, Angie tocou no rosto com a ponta do dedo.

— Gostaria de ter você só para mim, esta noite.

— Se ficarmos, você vai dormir numa cama muito dura. — Pecos tomou-lhe uma das mãos e levou-a aos lábios.

— Eu não quero dormir, Pecos.

— Não? O que é que você quer doçura?

— Ficar nos seus braços, até amanhã, e fingir que só nós existimos, em todo o universo.

— E existe?

— Existe o quê?

— Mais alguém, além de nós dois?

— Nunca houve, Pecos. Nem haverá ninguém, além de você.

— Prove.

— Com prazer.

Angie beijou-o com total abandono e só parou, quando não tinha mais fôlego. Pecos então assumiu o comando. Empurrou o casaco para o lado, perguntando:

— Não vai sentir muito frio?

— Em seus braços, não sinto frio. — Angie fez uma ligeira pausa, depois acrescentou, com malícia: — Ou sinto?

— Não — ele prometeu, inclinando a cabeça.

Tomando um dos mamilos rosados na boca, Pecos sugou-o e acariciou-o com a língua, até senti-lo rígido de paixão. Quando passou para o outro, Angie não resistiu: entreabriu os olhos fitando-o por entre as pálpebras pesadas de desejo. Quando, afinal, ouviu-a gemer de prazer, procurou-lhe a boca, com ansiedade.

Chamas ardentes espalharam-se pelo corpo dela, levando-a a implorar, quase em êxtase:

— Pecos, querido... Não pare, não pare... Eu...

Pecos mudou de posição, erguendo-se acima dela. A ponto de perder o controle, Angie preparou-se para recebê-lo.

— Doçura, doçura — ele gemeu, levando-lhe a mão ao membro rijo e viril. — Toque em mim, querida! Por favor...

Um soluço de paixão escapou da garganta de Angie, ao fechar a mão em torno do membro. Pecos gemeu, excitado, e a encorajou a continuar.

Tímida, mas confiante, Angie guiou-o para dentro de seu corpo, onde vibrava o desejo.

— Pecos — suspirou, enlaçando-o pela cintura.

E ele a inundou novamente de um prazer maravilhoso. Decidido a ir devagar desta vez, murmurou palavras de amor, movendo os quadris num ritmo lento, procurando retardar ao máximo o clímax.

Mas não foi fácil. O corpo frágil e feminino movia-se com abandono sob o dele, tornando quase irresistível segurar o orgasmo. Fez um esforço e se controlou, para dar a ela uma emoção deliciosa. Valeu a pena: o prazer que lhe proporcionou foi indescritível. Com os olhos brilhando a luz do fogo e o rosto úmido de suor, Angie disse emocionada:

- É tão bom, querido... Tão bom... Nunca deixe de me amai assim... Nunca...
- Nunca, Angel querida.

Um sorriso vago, de puro êxtase, surgiu no rosto dela. Perdera a consciência de tudo e de todos, e só, lhe restava a percepção das sensações que experimentava.

Angie estava prestes a atingir o orgasmo. Perceptivo e apaixonado, Pecos afinal soltou-se, guiando-a em direção ao clímax. Só então ele atingiu também o paraíso dos sentidos.

Era maravilhoso estarem sozinhos, e livres para expressar a glória
i ui de seu amor. Naquela noite tempestuosa, a caverna e as montanhas ao redor pertenciam só a eles.

Voltaram à realidade, respirando pesadamente, riram muito, as línguas correndo pelos rostos afogueados.

Quando, afinal, se acalmaram Pecos murmurou:

- Você não sabe a sorte que tem doçura.

— Tenho mesmo?

— Se tem!

— Por quê, Pecos?

— Porque nada que você faz me deixa zangado por muito tempo. — Ele deitou-se de lado, segurando uma mecha dos cabelos dela entre os dedos. — Nunca pensei que um dia uma mulher pudesse rir, quando acabássemos de fazer amor.

Angie se preocupou. Receando ter ferido os sentimentos do homem amado, sentou-se e inclinou-se para beijá-lo na boca.

— Querido, eu... Eu não quis... — Mas vendo o brilho divertido nos olhos dele respirou fundo. — Você sabe por que eu ri, não é?

Pecos puxou-a para si.

— Sei, sim. Existem momentos na vida em que a alegria é tão grande e nos sentimos tão vivos, que temos de rir. Não foi isso que você sentiu?

— Mais ou menos. Ah, eu te amo, Pecos. E você me ama. Você me ama! — ela repetiu, maravilhada.

— Isso me dá tanta felicidade, que só posso rir ou chorar. Entende o que eu quero dizer?

— Claro, amor! Sinto a mesma coisa. Mas faça-me um favor, sim? Ria sempre, em vez de chorar, quando estiver feliz.

— Pode ser que muita gente estranhe, me vendo tão alegre.

— Doçura, você fica tão linda quando ri, que a maioria das pessoas deve adorar. Sabe que é a primeira vez que a vejo rir com vontade? É um som delicioso, capaz de contagiar qualquer um.

— Foi a primeira vez, na minha vida, que tive motivo para me alegrar.

Angie evocou imagens de sua infância solitária e tudo que viera depois. Pecos sentiu um aperto no coração, ao ouvi-la recordar, pensando que ela falava de sua vida de prostituta em Paso dei Norte.

— Tudo começa esta noite, doçura. Se deixar, juro que encho sua vida de risos.

Angie beijou-o, antes de perguntar:

— Que tal comermos um pouco daquela comida que me ofereceu, agora há pouco? Depois, bem que eu gostaria de ri mais um pouco.

CAPÍTULO XXX

Durante a noite, parou de nevar, mas o vento continuou e a temperatura desceu ainda mais. No interior da caverna, no sopé das montanhas Davis, dois amantes apaixonados foram aquecidos pelo fogo do eterno amor. Angie e Pecos passaram a noite junto ao fogo. Comeram pão e carne; tomaram uísque. Brincaram e riram, beijaram-se e se tocaram. Conversaram e cochilaram.

— Já deve estar amanhecendo, doçura.

— Está com sono, querido?

— Humhum. E você?

— Um pouco. — Angie suspirou.

— Temos de ir para casa, querida.

— Eu sei, mas não quero ir.

— Por quê? Ela ergueu a cabeça, beijando-o no queixo.

— Porque tudo isto vai terminar.

— O que é que vai terminar?

— Este... Este paraíso. Esta sensação gloriosa. O estado primitivo em que nos encontramos.

— Não vai acabar, não. Pelo menos, a maior parte não se acaba. Não podemos

sentar nus na sala de *Del Sol*, mas o resto continuará como agora.

— Quer dizer que... Quando voltarmos para casa, vamos... Não vai dar Pecos!

— Vai, sim. Eu amo você, minha linda, e não me importo que o mundo inteiro fique sabendo.

Angie virou-se para fitá-lo.

— Sério? Quando estivermos em *Del Sol*, faremos amor exatamente como...

— Claro que sim.

— E a sua tia, Pecos?

— O que tem ela?

— Você sabe. Ela vai descobrir. Não podemos...

— Querida, eu não pretendo exibir abertamente nossa intimidade, mas também não esconderei nada. Amo você. Quero você Em *Del Sol*, vou desejá-la tanto quanto aqui na montanha. *Vou* levá-la para a cama. Se alguém não gostar, sinto muito, mas não pretendo mudar de atitude. Ninguém mais pode nos separar, a não ser você mesma.

Angie suspirou felicíssima.

— Será difícil ficar longe de você, em *Del Sol*. Pecos riu.

— Reconheça, será impossível. Você está tão louca por um que não pode mais viver longe.

Ela se atirou nos braços dele.

— É isso mesmo, meu bonitão, arrogante e engraçado! Estou loucamente apaixonada por você. Quero que durma comigo, quando voltarmos. É só me prometer que não contará a ninguém.

— Minha boca é um túmulo. — Pecos beijou-a de leve. - Vai ser divertido andarmos nos escondendo pelos cantos, não acha?

— Tudo que se relaciona a você é divertido.

— Como eu te amo, doçura — ele murmurou, encantado

O feliz casal regressou são e salvo a *Del Sol*, no meio da manhã. Reno estava lá para recebê-los e percebeu duas coisas, assim que os viu: Diablo estava morto, e o casal, apaixonado. . Na casa, a Srta. Emily e Dolores não esconderam o alívio ao ver os dois chegarem, com aparência ótima. Mas, para desapontamento das três mulheres, Pecos não ficou muito por lá. Dizendo que tinha coisas a cuidar, recolocou o casaco, pegou o chapéu e caminhou para a porta, acompanhado por Reno.

Angie sentiu o coração apertar-se. Conhecia Pecos. Ele ia voltar às montanhas, para enterrar Diablo. Antes de sair, ele a puxou para si e beijou-a. Ela corou certa de que teria muitas explicações a dar, quando ficasse sozinha com as outras mulheres.

- Não posso ir junto, Pecos?
- Você sabe para onde eu vou, doçura?
- Sei.
- É melhor ficar aqui e descansar um pouco. Eu volto o mm rápido possível.

Angie observou-o sair, depois correu para a porta dos fundos ia vê-lo entrar no estábulo. Ao fechar a porta, virou-se e deparando com a Srta. Emily. Para sua surpresa, ela sorria.

- Eu... Eu... Deve ter sido um choque, ver o seu sobrinho me beijar...

Um choque agradável, minha querida. Eu o amo, tia Emily. Há muito tempo. Pelo modo como ele olhou para você, minha querida, eu disse que seu amor é correspondido.

- Não é maravilhoso? — Angie comentou os olhos faiscando de felicidade.

— Se é! Agora, acho melhor você tomar um banho quente. De-v e estar exausta, apesar da sua ótima aparência.

Angie corou, lembrando a noite anterior.

— Estou mesmo cansada e querendo um banho. Depois nós conversamos. — Impulsivamente, ela abraçou a tia e correu para o quarto.

Pecos voltou um pouco depois da uma hora da tarde. Tomando Angie nos braços, beijou-a com ternura.

— Quando é que comemos por aqui, minha doçura? — perguntou de ótimo humor.

Ambos se alimentaram como se nunca mais fossem ter outra refeição. Depois, na biblioteca, Dolores serviu-os de café, trazendo uma garrafa de *brandy* para Pecos.

Pecos sentou-se no chão, junto da lareira, com um cigarro entre os dentes. Angie recusou timidamente, quando ele a convidou para fazer o mesmo, preferindo sentar-se no sofá e observá-lo de lá. Nunca o vira tão atraente, jovem e despreocupado. Arrepios de excitação percorreram-na da cabeça aos pés, quando ele começou a falar da longa noite de aventura na caverna, embora sem citar a intimidade que haviam partilhado.

Os olhos cinzentos brilhavam de ternura, quando a fitavam, e só apelando para todo o seu autocontrole ela deixou de correr para lá e atirar-se nos braços dele.

Foi nesse momento que Angie pensou que Pecos era maravilhoso, fazendo qualquer coisa. Andando, cavalgando ou dançando, ele era maravilhoso. Tossindo, bocejando ou dormindo, ele era maravilhoso. Rindo, praguejando, gritando ou sussurrando; de olhos fechados ou abertos, vestido ou nu, Pecos McClain era maravilhoso.

Apagando o cigarro, Pecos tomou o último gole de *brandy* levantou-se.

— Senhoras, espero que me desculpem, mas estou cansadíssimo mo e preciso dormir. Até à hora do jantar.

Olhando para Angie, ele não conteve o riso, ao ver-lhe a surpresa estampada no rosto. E ainda ria, ao sair da biblioteca.

Angie sentiu-se abandonada, embora soubesse que era tolice, tornaria a vê-lo no jantar. Podia esperar esse pouco tempo

A Srta. Emily tirou o crochê da cestinha, pondo-se a falar enquanto trabalhava. Angie tentou mostrar interesse pela conversa mas não conteve um suspiro de alívio quando, meia hora depois a tia disse:

— Eu também estou um pouco cansada. Fiquei muito preocupada com vocês, apesar de Reno me garantir que não havia perigo. Se me dá licença, vou dormir um pouco.

— Claro tia Emily. Acho que também vou me deitar um pouco. Angie desceu o corredor, lamentando não ter coragem para entrar no quarto de Pecos. Meio desanimada, entrou no próprio quarto e estacou boquiaberta. Mas logo reagiu, fechando a porta atrás de si, com um sorriso feliz. Em cima de sua cama, em meio m lençol de seda amarela estava Pecos. Sorrindo de modo diabólico, completamente nu, ele parecia ainda mais másculo, no ambiente feminino.

— Você nunca deixa de me surpreender, Pecos McClain — ela murmurou, já desabotoando o vestido.

— Chegue um pouco mais perto, que eu lhe mostro o quanto posso surpreendê-la.

Angie passou por cima das roupas masculinas, jogadas no chão

— O senhor não é muito ordeiro, não é, Sr. McClain? Pecos riu, estendendo a mão para ela.

— Venha cá, que fazemos a mesma coisa com as suas roupas Junto à cama, Angie inclinou-se e beijou-o na boca.

— Eu amo você, Pecos.

— Eu também amo você — ele respondeu, terminando de desabotoar-lhe o vestido.

Em segundos ela estava nua junto à cama, esperando que Pecos lhe soltasse os cabelos. Quando as longas mechas caíram sobre seus ombros, fez um movimento para se deitar, mas ele a impediu.

Espere querida. — Com ar brincalhão, pegou o chapéu que colocara sobre a mesinha-de-cabeceira e colocou-o em sua cabeça.

Não estou entendendo, querido... Rindo, Pecos pegou-a pela cintura e

colocou-a, a cavaleiro, sobre si mesmo. A visão da linda moça naquela posição, nua e com os cabelos loiros caindo pelos ombros, tirou o sorriso de seus lábios. Um brilho de paixão encheu-lhe o olhar, e depressa ele modificou a posição de Angie. Foi quando seus corpos se uniram na eterna expressão física do amor.

CAPITULO XXXI

No dia seguinte, Angie acordou com uma gripe forte e conheceu o outro lado de Pecos McClain. De madrugada acordou amante e disse-lhe que teria de ir para o próprio quarto, pois havia se sentindo febril.

Pecos se levantou de imediato, correndo para avivar o fogo na lareira.

— Vou chamar Dolores. Ela deve saber o que fazer.

— Não! Ainda não amanheceu Pecos. Se você acordá-la para dizer que estou doente, ela saberá que...

— Que eu a amo e estou preocupado com você. — Voltando para junto cama, ele acendeu o lampião e cobriu-a melhor.

— Volto em cinco minutos.

Angie encolheu-se na cama, começando a sentir os primeiros calafrios. Lamentou não ter mais o calor de Pecos para aquece-la. Mas ele não demorou a voltar acompanhado pela criada.

— Ah, é uma gripe forte — diagnosticou Dolores, depois de um olhar para Angie. — Na certa ficou muito tempo na neve.

— É verdade. Mas ela vai ficar bem, não? O que podemos fazer por ela?

— Vou preparar um leite com rum e limão — Dolores disse a Pecos. — Não deixe o fogo morrer. Ah, e ela precisa de descanso Muito descanso, Pecos!

Sentando-se ao lado de Angie, ele colocou a mão na testa ardente.

— Entendi, Dolores. Ela tem de ficar na cama. É onde ela está.

— Sozinha! — Dolores acrescentou com veemência, abrindo a porta e saindo para o corredor.

Ele sorriu, inclinando-se para beijar Angie.

— Não se pode mesmo enganar essa mulher!

Pecos passou o dia inteiro junto de sua amada. Preocupadíssimo, arrumou cobertores, friccionou membros doloridos e providenciou para que ela não saísse da cama.

Na hora do almoço, ia comer até a última garfada da refeição preparada

especialmente por Dolores. Durante a tarde fria, leu para Angie e, quando ela adormeceu, fechou o livro, resistindo à vontade de deitar-se com li, Mas à noite, logo que Dolores foi para o próprio quarto, despiu-se e deitou-se, tendo o cuidado de não perturbá-la. f Pecos mal dormiu, passando a maior parte do tempo a observar Angie. Na terceira noite que passaram juntos, ela acordou às três horas. Surpreendendo-o a fitá-la, sorriu e deu-lhe um beijo gostoso na boca.

— Oi, querida. Está melhor?

— Muito. E sabe o que eu gostaria de fazer, exatamente agora?

— O quê? Se depender de mim, já conseguiu.

— Gostaria de tomar um banho. Estou me sentindo... Não sei, mas eu...

— Fique aqui, que eu já volto.

Pecos não demorou a voltar. Tomou Angie nos braços para levá-la ao banheiro. Colocou-a na banheira, cheia até a borda de água quente, onde ela suspirou de satisfação.

Depois, sem esperar convite, juntou-se a ela com um ar de felicidade. Logo riam, brincavam, ensaboavam-se com carinho. Quando afinal saíram da água, enrolaram-se em toalhas e correram de volta ao quarto, para se secarem diante da lareira.

— Fique quietinha — mandou Pecos, ajoelhando-se diante dela. E enquanto Angie permanecia imóvel, de costas para o fogo,

enxugou-a com ternura infinita, instruindo-a para erguer os braços, virar-se para um lado e outro e apoiar os pés em seu joelho. Afinal, Angie ficou seca e cheirosa, e Pecos, queimando de paixão. Ainda de joelhos, ele a puxou para si e encostou o rosto em seu ventre perfumado, procurando dominar-se.

— Eu já estou bem, Pecos — ela sussurrou, acariciando-lhe os cabelos. — Não preciso mais de tanto mimo.

— Tem certeza, doçura?

— Absoluta.

Ele ergueu o rosto, esperançoso.

— Então, podemos fazer amor de novo?

Sorrindo, Angie ajoelhou-se à frente dele, tocando a cicatriz que lhe marcava o peito. Pecos estremeceu e abraçou-a com força. Em resposta, ela o enlaçou pelo pescoço, achatando os seios de encontro ao tórax coberto de pêlos.

Lentamente, as mãos de Pecos desceram-lhe pelo corpo, alcançando as nádegas, fazendo-a sentir, junto ao ventre, a evidencia, da excitação masculina.

Tontos de desejo trocaram um primeiro beijo profundo, explorando,

invadindo, saboreando toda a doçura do amor.

Apoiando uma das mãos no chão, Pecos foi se abaixar e levantando-a consigo. Quando o beijo ardente terminou, os dois estavam sobre o tapete diante do fogo, ansiosos pela satisfação total.

Pecos separou as pernas de Angie e não tardou a encontrar o que queria. Ela já estava úmida de excitação. Não era hora de perder tempo. Diante do fogo, suspirando e murmurando palavras de amor, eles se uniram com tanto ardor, que compensaram os vários dias em que não se relacionaram.

— Eu... Eu... Pecos, eu quase me esqueci de como é maravilhoso...

— Eu também. Oh, não posso mais... Estou... Doçura! De volta à cama, Angie adormeceu de imediato.

Pecos também dormiu, mas acordou duas horas depois. O quarto estava frio, ele levantou-se para avivar o fogo. Quando as chamas cresceram voltou para a cama e inclinou-se sobre Angie, beijando-a com paixão.

Angie não abriu os olhos, mas correspondeu. E quando o beijo terminou, disse:

— Amo você, mas estou com tanto sono...

— Eu sei, querida. Mas você não precisa fazer nada. É só ficar quietinha aí e me deixar amar você.

— Hura...

Angie suspirou e ajeitou-se melhor na cama, ainda de olhos fechados. Em segundos, dormia de novo.

Apoiado num dos cotovelos, Pecos continuou a fitá-la. Quando achou que o quarto estava bastante quente, puxou as cobertas devagarzinho, descobrindo os corpos nus. Seria capaz de passar o resto da vida desse modo... Mas não... Logo sorriu, ardendo de vontade de tocá-la. Mais uma vez, procurou-lhe os lábios e beijou-a de leve. Ela não acordou. Avançou mais um pouco, mordiscando-lhe uma das orelhas. Ela apenas estremeceu. Tocou-lhe o pescoço.

As pálpebras quase se abriram o que não o impediu de continuar a vagarosa exploração.

Lentamente, Angie abriu os olhos. Sem perceber, Pecos chegou aos seios e fixou a atenção nos mamilos. Totalmente acordada, ela o sentiu sugar-los de leve, depois com mais vigor e, afinal, com um puxão que a fez suspirar e sair de sua imobilidade, ela agora murmurava seu nome baixinho, excitada, enquanto recomeçava a descida, explorando a cintura, umbigo... Pecos ergueu a cabeça para sussurrar, com a voz pesada de excitação:

— Angel, você não imagina como seu corpo é lindo! Tão macio! Querida quero beijar também a sua parte mais íntima.

— Pecos!!!

— Isso mesmo, meu amor. Quero sentir o sabor de seu corpo inteiro. Já beije todo o resto, por que me negar o que eu mais

desejo? Angie tapou-se com a mão, rubra de vergonha.

— Pecos, não é que eu... É que...

As palavras morreram em seus lábios, quando o viu inclinar-se beijar a mão com que se cobria. Tremia de excitação e vontade e aceitar. Entre o fascínio e a dúvida, pensava: Pecos podia real-ente beijá-la com tanta intimidade? Como se pudesse ler o que lhe ia pela mente, ele argumentou:

— Ah, meu amor! Quero experimentar o seu gosto. Por favor, não se negue...

Angie não teve forças para continuar se negando. Emocionada, entregou-se ao desejo que a consumia, afastando a mão, que ele segurou.

— Ah, minha doçura! — disse Pecos, feliz. — Quero acreditar que nunca houve outro, antes de mim; nenhum outro homem tocou-a deste modo. Entregue-se toda a mim. Me faça acreditar que fui o único.

Enlouquecida pelos beijos, carícias e palavras sensuais com que ele a brindava, Angie viu-o afundar o rosto em meio a seus pêlos claros, beijando-a de leve.

Uma onda de êxtase e agonia atingiu-a. Debateu-se sobre a cama, num frenesi que afinal foi expresso em tom implorante, pois o desejo suplantara a vergonha.

— Pecos... Pecos... Eu também quero... Beije-me. Só existe você, meu amor. Nunca houve outro, nem vai haver. Sou toda sua me beije!

Angie quase soluçava de desejo, e o tom implorante de sim vi afastou tudo da mente de Pecos, a não ser a percepção daqui¹¹ mulher e seu sexo, úmido de paixão.

— Angie, meu amor...

Soltando-lhe as mãos, segurou-a pelas nádegas e procurou a m a língua. Ao primeiro toque, o corpo de Angie contraiu-se mm verdadeira convulsão. Nunca sonhara que existisse uma relação íntima entre duas pessoas. Nunca imaginara experimentar i.m emoção e prazer. Um prazer que ia aumentando a ponto ti lhe a impressão de perder a razão. Quando um gemido escapou de seus lábios, Pecos sugou-lhe a seiva até vê-la estro de gozo.

Alucinada, Angie gritou o nome dele enquanto chegava ao clímax, que vinha em ondas cada vez maiores de prazer. Só então com muita ternura, Pecos voltou a beijá-la na boca, reconhecido estar diante da mulher mais linda e sensual que já vira.

Não tardou muito e Pecos reacendeu em Angie a chama da paixão. Acariciava-a com gestos possessivos, beijos ardentes e um desejo imperioso, fazendo-a sentir-lhe o membro viril, rijo e latejante

Foi quando Angie ofereceu-lhe acesso ao corpo, de novo vibrando de paixão e

prazer. Oferecia-se a ele de forma total e absolutamente submissa e dócil, para que dela fizesse o que mais desejasse. O rosto bonito brilhava à luz do fogo, com a pele de alabastro corada pelo desejo, e os olhos faiscantes de paixão. Pecos gemeu, movendo num ritmo intenso que encheu a ambos de prazer. Angie respondeu à sua paixão, enlaçando-o pelo pescoço, entre beijos clamações de alegria.

Logo ambos completavam juntos os escalados do prazer, explodindo num milhão de sensações deliciosas.

CAPÍTULO XXXII

Angie estava no auge da felicidade, quando ela e Pecos terminaram de fazer amor. Beijando-a na testa, ele sentou-se na cama pôs os pés no chão, dizendo:

— Quero que me prometa que vai dormir a manhã inteira, doura. Você precisa de descanso.

Angie sentou-se também, abraçando-o por trás e beijando-lhe o ombro. — Não tenho nada contra isso, mas onde é que você pensa que

Nu?

Voltando-se, ele puxou-a para o colo.

Há centenas de assuntos que precisam ser tratados em *Del Sol*, querida. Está na hora de começar, não acha?

— Mas, Pecos, ainda nem amanheceu!

— Nos pastos mais distantes, muitas cabeças de gado estão correndo o risco de morrer de fome. Sabia disso?

Angie fitou-o, chocada. — Que coisa horrível! O que vamos fazer?

— Você, minha doce convalescente, não vai fazer nada, a não ser continuar nesta cama. — Sorrindo, ele a devolveu à cama e levantou-se. — Quanto a mim, vou procurar o capataz, descobrir o que ainda não foi feito e pôr mãos à obra.

Angie observou-o enquanto se vestia, fascinada com os músculos sob a pele morena. Quando ele voltou a sentar-se para calçar as botas, ajeitou-lhe a gola da camisa, cheia de carinho.

— Quando é que você volta?

— À noite, provavelmente.

— Mas isso é uma eternidade, Pecos! Não quero que passe o dia inteiro longe de mim. Por favor, querido, volte para o almoço. Podemos...

— Doçura — ele a interrompeu , eu também não gosto de ficar longe de você, mas não posso continuar sem fazer nada quando há tanta coisa para ser feita.

Levantando-se, Pecos vestiu o casaco e olhou ao redor, com m expressão confusa. Angie ajoelhou-se na cama.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

— Não estou vendo meu chapéu. Não sei... Angie foi tomada por um acesso de riso tão grande, que caiu de costas sobre a cama.

— Mas o que...

Quando Pecos chegou perto dela, já estava rindo também Enchia-lhe a mente a visão bonita de sua Angel só de acha Ia cavaleiro sobre seu corpo, com os cabelos loiros caindo ombros.

— O que acha que aconteceu com o pobre do meu chapéu querida?

Sem parar de rir, Angie entrou embaixo das cobertas e puxou lá do fundo, o chapéu.

— Aqui está ele! — exclamou, levantando-o no ar.

— Ótimo. Passe-o para mim, porque preciso ir.

— Venha pegar — Angie desafiou-o, baixando o amassado Steson para se cobrir.

Pecos, louco de paixão, obedeceu. Fitando-a nos olhos, ergueu o chapéu que lhe cobria o ventre, colocou-o na cabeça e beijou na boca.

— É melhor você se cobrir, antes que eu resolva ficar por aqui mesmo. — Gentilmente, ele passou os dedos pelo triângulo de pelos loiros, entre as pernas femininas. — Sou seu escravo, e nada seria melhor do que passar o dia adorando você. — Num gesto possessivo, fechou a mão sobre a dela. — Deixe-me ir só por hoje, querida. Estou em suas mãos. O que faço, depende de você.

Gorada, Angie empurrou a mão dele e entrou debaixo das cobertas.

— Pode ir. Mas fique sabendo de uma coisa, meu querido: quando voltar, à noite... — Não terminou de explicar, mas seu olhar disse tudo.

— Dou-lhe minha palavra de honra, doçura. Pecos foi até a porta, mas antes de sair ainda se virou para fitá-la

— Ah, Pecos! — Levantando-se de um salto, Angie correu a ele e abraçou-o. — Só quero lhe dar um beijo de despedida.

Emocionado, ele murmurou:

— Sabe de uma coisa? Talvez você me ame de verdade.

- Eu adoro, não amo! Você é tudo que eu quero da vida! Pecos estremeceu.
- Eu não sabia que a vida podia ser tão doce.
- Nem eu — ela retrucou, soltando-o.

Pecos enfrentou o ar gelado, cantarolando feliz enquanto se dirigia ao estábulo. Meia hora depois, saiu com uma dúzia de vaqueiros, rumando para o sul. Atrás deles seguiram várias carroças de feno, para alimentar o gado faminto.

Nenhum dos homens reclamou de sair àquela hora e naquele frio. Pecos McClain estava de volta, o que muito os alegrava. E se Pecos não se importava de levantar-se cedo, por que haveriam eles de se importar? Com ele, as coisas na certa correriam muito melhor.

Pecos lançou um olhar de alerta pelo horizonte, à procura de reses desgarradas. Logo depois, imitado pelos peões, girava o laço sobre a cabeça e assobiava alto, juntando o gado fraco em manadas, que mais tarde seriam levadas para um lugar onde pudessem abrigar-se, com água e comida à disposição.

Mais de uma vez ele desmontou para desenterrar um bezerro assustado do meio da neve. Como os outros, só parou de trabalhar ao meio-dia, para uma refeição gelada e alguns goles de uísque. Logo depois, voltaram à luta.

Em casa, Angie dormiu a manhã inteira e passou a tarde querendo ouvir os passos de Pecos. Insistindo que comeria com ele, ela não jantou.

— Querida — disse a Srta. Emily, quando já haviam transcorrido duas horas depois do jantar —, você ainda não está acostumada com esta vida de fazenda. Pode ser que Pecos nem volte, esta noite. Temos umas cabanas nos pastos mais distantes, e talvez ele resolva dormir por lá mesmo.

— Você não está preocupada com essa demora, então?!

— Não, Angie, não estou. E você também não deve se preocupar. Pecos sabe se cuidar e não está sozinho.

— É claro. Estou me comportando como... Como...

— Como uma mulher apaixonada — terminou a Srta. Emily, compreensiva.

Angie corou.

— Isso mesmo. Ah, tia, não conte a Pecos como sou tola.

— Você não é tola, meu bem. Só está apaixonada pelo meu sobrinho, o que muito me alegra. No fim, tudo vai dar certo.

— Claro que vai! — Angie concordou, pensando que precisava de ir sem falta a Marfa, falar com o advogado.

Às nove da noite, ela estava sentada no chão da biblioteca, diante da lareira, enquanto a Srta. Emily cochilava numa poltrona. derrepente, as duas levantaram a

cabeça, escutaram por um momento e sorriram uma para a outra.

Imprevisível como o vento do Texas, Pecos McClain entrou no cômodo quente e espaçoso, despenteado e com a barba escura começando a aparecer. Deu um sorriso alegre, jogou o chapéu com uma cadeira e foi primeiro até a tia. Beijou-a e caminhou direto para Angie.

— Vai me desculpar, tia Em, mas garotas desobedientes precisam ser castigadas. — Ajoelhando-se diante de Angie, segurou a pelos cabelos e continuou, com um brilho diabólico no olhar: Você pediu o que vai lhe acontecer, mocinha.

— Tenha cuidado com ela, Pecos — pediu tia Emily, acompanhando a cena com um sorriso divertido.

Angie olhava fixamente para o homem bonito e atraente que segurava pelos cabelos. Não fazia idéia do que ele pretendia, mais imaginava que o castigo seria uma carícia qualquer e a aprova de coração. Por isso, provocou:

— Sou uma mulher adulta e faço o que eu quero, senhor!

— Enquanto seu amo está fora, pode ser. — Pecos beijou-a de leve nos lábios.
— Mas agora estou de volta.

— Tomando-a nos braços, ergueu-se com agilidade. — Você não devia ter saído da cama.

— Eu bem que disse a ela para não se levantar, Pecos — tia Emily comentou.
— Mas o pior é que ela ainda nem jantou.

— Imperdoável! — Fitando Angie com ar severo, Pecos disse à tia: — Pode ir para a cama, tia. Eu me encarrego de repreender esta menina tola.

— Sobrou muita comida, do jantar. Por que você e Angie.

— Não se preocupe, que vamos comer. Pode ir dormir.

— Está bem, querido. Boa noite para os dois.

— Boa noite — eles responderam ao mesmo tempo, já a caminho do quarto de Angie. Os beijos começaram antes mesmo que lá chegassem.

— Senti saudades de você — Angie murmurou.

— Eu também. Eu te amo. Você é a minha mulher. Chegando à pesada porta de carvalho, Pecos inclinou-se para
que ela alcançasse a maçaneta.

— Que tipo de castigo o senhor tem em mente, meu amo? — brincou Angie, começando a se excitar com a idéia.

— O mais apropriado. — A porta abriu-se e ele entrou, fechando-a com o pé.
— Vou tirar suas roupas e aplicar uma boa surra no seu adorável traseiro.

Angie empalideceu.

— Ponha-me no chão! — gritou, apavorada. E sem esperar por nada, começou a se debater, esmurrando-lhe o peito.

— Mas o que foi que deu em você? — Rindo, Pecos segurou-a com mais força.

— Não vou deixar que me bata, Pecos McClain! Nunca mais alguém vai me chicotear!

O riso morreu nos lábios dele. Pasma, colocou-a no chão e a viu fugir desesperada, jogando-se de bruços sobre a cama. Soluços estrangulados encheram o ambiente. Pecos aproximou-se, sem saber o que pensar. Angie chorava de cortar o coração, o rosto enterrado no travesseiro.

— Eu não sou má. Não sou! Sou uma boa menina. Não me bata mais, papai, por favor... Pare... Faça tudo o que o senhor quiser... Não me bata mais!

Junto à cama, Pecos foi tomado por uma onda de pena e tristeza. Angel era tão desamparada, tão vulnerável. O que lhe teria acontecido no passado, para que a simples menção de uma surra a amedrontasse tanto? Que horrores teria suportado, em sua vida dura e desregrada? Algum homem lhe batera? O pai? Um amante? O leão-de-chácara de algum bordel?

Sentando-se, ele murmurou baixinho, acariciando-a.

— Querida, é Pecos. O seu Pecos, doçura. Eu jamais a machucaria. Não sabe disso, Angel? Estava só brincando com você. Não pensei que fosse se assustar. Juro que nunca mais faço de novo, meu bem. Nunca!

Começando a se acalmar, Angie explicou num tom de voz infeliz:

— Eu... Eu... Sinto muito... Meu pai costumava... Ele...

Pecos puxou-a para o colo, envolvendo-a nos braços e apertou a de encontro ao peito.

— Psiu, querida. Está tudo bem, agora. Já acabou. Você é *minha*, e ninguém mais vai magoá-la. — Beijando-a de leve na testa prosseguiu: — Juro que nunca vou erguer a mão para você, m amor! Nunca! E, enquanto eu estiver vivo, ninguém vai magoa

— Ah, Pecos... Você não tem idéia da verdade sobre...

— Agora não, querida. Temos o resto de nossas vidas para esclarecer tudo. Por enquanto, não quero que se preocupe com nada. Absolutamente nada. — Abraçou-a com mais força. — Sabe o que vamos fazer?

— O-O quê? — ela soluçou, enxugando os olhos.

— Vamos tomar um banho quente. — Erguendo-se, puxou Angie pela mão e juntos rumaram para o banheiro.

— E vamos jantar aqui mesmo, nesta banheira.

Angie não conteve um sorriso.

— Pecos, você está louco!

— Pode ser, mas é o que vamos fazer.

Para delícia de Angie, Pecos fez exatamente o que disse. Depor, de despi-la, colocou-a na banheira cheia de espuma e sussurrou

— Dê-me dez minutos, amor. Prometo que não vou fugir. Beijou-a na ponta do nariz. — Eu te amo.

Ela riu feliz, quando ele voltou, já sem roupas e com uma bandeja de prata, cheia de presunto, queijo, frutas, doces, uma garrafa de vinho e dois copos de cristal.

— Posso servi-la, madame?

— Pode, sim. Mas só depois que entrar nesta banheira. — Estendendo a mão, pegou uma uva e já ia colocá-la na boca, quando Pecos entrou na banheira, cora toda a exuberância possível, jogando água por todos os lados.

— Pecos!

Rindo, ele tirou-lhe a uva da mão e abraçou-a.

— Eu sou mais doce que essas uvas. Dê-me um beijo, que eu lhe mostro.

Suspirando, Angie, roçou os lábios nos dele e se afastou.

— Ah, Pecos, como eu te amo!

— Minha linda — murmurou ele, dominando a paixão que crescia em seu corpo e beijando-a com ternura.

Durante muito tempo, eles ficaram na banheira, descontraídos, rindo como crianças, tomando vinho e comendo. Depois, já na cama, Pecos abraçou-a e falou do dia que passara fora e dos planos que tinha para melhorar a fazenda, nessa noite não fez amor com ela. Nem sequer tentou. Sensível profundamente apaixonado pela garota sofrida que tinha nos braços sufocou seus desejos, decidido a mostrar-lhe que era amor que tinha por ela, não apenas desejo.

Angie adormeceu nos braços dele. Durante muito tempo, no entanto, Pecos continuou acordado, contemplando o fogo e dizendo a si mesmo que o fato de Angel ter sido uma prostituta, não tinha a mínima importância. Ele a amava e sempre a amaria. Juntos esqueceriam que existia um Hurricane Gussie's, assim como seriam que um homem cruel costumava surrá-la, no passado também que ela fora a esposa de Barrett McClain.

CAPITULO XXXIII

A vida em *Tierra dei Sol* mudara. Feliz por ter o sobrinho volta a Srta. Emily cantava o dia inteiro, enquanto cuidava dos afazeres da casa. Pecos, que sempre a amara, fazia questão de passar alguns momentos com ela, sempre que podia.

Dolores também estava contente por tê-lo novamente na fazenda. Como se fosse por magia os jantares feitos por ela passaram a ser verdadeiras festas, servidas com toda elegância. Não era coincidência que só os pratos preferidos de Pecos aparecia a mesa. Ela passava a tarde inteira na cozinha, fiscalizando n dantes e providenciando para que tudo fosse exatamente do que ele mais gostava.

O mesmo acontecia com os vaqueiros da fazenda. A maioria conhecia Pecos desde a infância e respeitava sua capacidade de trabalho, seus conhecimentos e senso de humor. O trabalho era duro e estafante, mas sem dúvida ficava mais fácil, quando o rapaz juntava-se a eles.

Ao contrário do pai, Pecos não exigia mais do que os vaqueiros podiam dar. Ele tinha um talento extraordinário para perceber que dos homens não poderia acompanhar os outros, e era compreendido o bastante para dar a esse homem uma tarefa mais leve, naquele dia. O vaqueiro ficava com o orgulho intato e, quando M recuperava, estava disposto a se matar pelo patrão.

Desde a volta de Pecos, muito trabalho fora realizado. O fora reunido em pastos mais próximos e alimentado com centro de fardos de feno. Cem touros reprodutores de primeira linha não tinham sido encomendados. Os celeiros estavam sendo pintado e as cercas, caiadas de branco, e os currais, consertados. Selas i lavadas e polidas, cavalos tratados, e *mustangs*, capturados e domados.

Com a presença de Pecos, todos em *Del Sol* tinham adquirido mais vida. Apesar de ter passado os três primeiros dias com Angie os vaqueiros sabiam que ele estava de volta e logo se reuniria a eles. Só isso bastou para que as coisas corressem com mais fácil de Pecos McClain estava em casa.

Havia seis dias, Pecos estava em casa e Angie nunca se sentira feliz. Se alguém lhe tivesse dito que o autocrático Pecos McClain era também um homem sensível e delicado, ela não teria acreditado, mas agora sabia que era assim e que a vida com ele podia ser Briosa.

Angie fitou as chamas que dançavam na lareira da biblioteca, usando na noite anterior. Quando a vira chorar, Pecos a abraçara com ar protetor, insistindo em que a amava e nunca a maltrataria ou permitiria que alguém a magoasse. A expressão de ternura nos olhos dele a enchera de confiança e tranqüilidade.

Angie ergueu-se para olhar o relógio sobre a lareira. Só duas horas. Teria de esperar muito tempo ainda, antes de ver Pecos entrar por aquela porta. Estava dormindo quando ele se levantara aquela manhã, e desde a noite anterior não o via.

Uma onda de saudade assolou-a. Pecos não fizera amor com ela, na noite anterior. Mas sabia que fora por amor e consideração, com frieza e desinteresse.

Muito corada, rememorou a última vez em que se amaram.

Uma sensação deliciosa espalhou-se por seu corpo, ao reviver mentalmente a união dos dois diante do fogo e depois, já na cama, quando ele a beijara inteirinha.

Num ímpeto, Angie deixou a biblioteca e correu para o quarto, onde se despiu e colocou calças de algodão e uma blusa pesada. Sua intenção era dar um passeio lá fora, no frio. Se seus passos a levassem para perto do curral que Pecos ajudava a reparar... Bem, seria mero acaso.

Colocando uma pesada capa de lã sobre os ombros, Angie amarrou-a sob o queixo e puxou os cabelos para fora da gola, deixando que caíssem pelas costas. Sorrindo, feliz, dirigiu-se à porta dos fundos e saiu para o quintal.

A maior parte da neve já derreteria, e o brilhante sol de inverno secava rapidamente o chão molhado. No dia seguinte, a estrada para Marfa já estaria em condições de ser usada. De carruagem, faria então uma visita ao escritório do advogado.

Angie caminhou diretamente para a região dos mesmo de ver os homens, ouviu-os cantando. A voz mais era a de Pecos. Eles cantavam uma romântica canção espanhola entre risos e gritos. Ela não fazia idéia do que diziam, mas era inconfundível e malicioso.

Dando a volta ao celeiro, Angie parou. Cinquenta metros, sobre a cerca de tábuas, Pecos martelava um prego, no ritmo da música. Havia tirado o casaco e estava ensopada de suor.

A canção terminou e assobios e aplausos encheram o ar e pressentindo a presença de Angie, Pecos virou a cabeça, largo sorriso iluminou-lhe o rosto. Passou a perna sobre a e pulou para o chão. Dizendo algo aos homens, largou o m e caminhou para ela.

Feliz, Angie teve de se controlar para não correr e se jogai n< braços dele. Pecos era a imagem da virilidade e do magnetismo Concluiu que cometera um grande erro, indo até lá. Agora, ela sabia como esperar até a noite, para tê-lo.

— Oi. — A voz grave de Pecos tinha um tom decididamente carinhoso.

— Oi — ela replicou, subitamente tímida.

— A que devo a honra deste prazer? — Pousando os dedos n pescoço dela, Pecos conduziu Angie para longe do curral.

— Eu... Eu... Você não está zangado comigo por eu ter vindo não é, Pecos?

— Eu nunca poderia me zangar com você, minha linda. — passando o braços pelos ombros dela, puxou-a para si.

— Adorei você ter vindo ver o que estamos fazendo. Vai tudo muito bem. Ai amanhã à noite já teremos terminado.

Angie sorriu. — Que maravilha! Eu devia deixar que você voltasse para o trabalho, mas... Você não está com frio, Pecos?

— Não, doçura, mas aposto que você está. Não devia ter saído... Mas fico contente por você ter vindo. — Beijando-a nos cabelos, tomou-lhe a mão e pôs-se a caminhar mais depressa acrescentando: — Venha comigo, querida.

Angie teve de correr para acompanhá-lo. Pecos ia se afastando cada vez mais do curral, e ela percebeu logo para onde a levava o estábulo vazio, onde vira sua égua pela primeira vez. Pouco depois estavam em uma das baías e Pecos fechava a porta, trancando-o no cômodo estreito, forrado de feno.

— Sabe o que aconteceu neste lugar? Angie virou-se para fitá-lo, consciente da paixão que dele emanava.

— Não. O quê?

— Venha cá.

— Venha você até aqui. Pecos afastou-se da porta, onde estava encostado, e foi até ela.

Enfiou a mão nos cabelos que lhe cobriam a orelha esquerda num gesto possessivo. Seu cheiro másculo de tabaco e madeira atingiu os sentidos de Angie, agindo como um poderoso afrodisíaco. Murmurando algo com os lábios trêmulos, ela pousou-lhe as mãos no peito e inclinou-se para frente.

Pecos envolveu-a pela cintura com o braço livre, empurrando-lhe os cabelos loiros para trás. Mordiscou de leve uma orelha, foi deslizando a mão pelos quadris, aquecendo-a com o fogo de seu desejo.

Abrindo a capa de lã, Pecos inclinou-se e pressionou o rosto contra os seios de Angie, vencendo, com o hálito quente, a barreira tia blusa que ela usava. Segurando-a pela cintura e beijou as duas formas arredondadas, os mamilos rijos. Exclamações de prazer escaparam dos lábios de Angie, que arqueou o corpo, procurando aproximar-se ainda mais dele.

Pecos endireitou-se e fitou-a, ardendo de paixão. Desabotoou-lhe a calça, introduzindo a mão entre seus corpos. Ao sentir roçar-lhe a pele com os dedos, Angie respirou fundo. De encontro ao ventre, sentia-lhe também o sexo que rapidamente aumentava de tamanho.

— Ah, doçura... Vai deixar que eu...

Sem esperar que ele terminasse, ela deu seu consentimento.

— Claro, Pecos. Faça amor comigo...

Foi a vez de Pecos estremecer. Com uma selvageria que aumentou ainda mais as chamas do desejo que os unia, apossou-se dos lábios dela, moldando-lhe o corpo macio aos contornos do

Entre beijos rudes e apaixonados, Pecos foi escorregando para o chão e levando Angie consigo. De joelhos, sem deixar de beijá-la, tirou-lhe a capa e estendeu-a sobre o feno. Então, a fez deitar-se sobre a capa, aproveitando para descer-lhe a calça.

— Você é tão linda, Angel.

Inclinando-se, Pecos pôs-se a beijar-lhe o ventre nu, usando a língua para tornar mais íntima a carícia.

Certa de que desta vez se consumiria em chamas, Angie segurou-o pelos cabelos, murmurando:

— Eu te amo... Eu te amo... Te amo...

Pecos endireitou-se, tirou a calça e libertou o membro que saía do triângulo escuro de pelos masculinos. Tirou também a camisa e deitou-se segurando-a pelos braços e voltando a beijá-la.

Separou-lhe as pernas e pressionou, com a coxa, o sexo, que em sua meta final. Ansiosa, queimando-se de desejo, ela retribuiu, esfregando-se freneticamente a ele.

— Deixe que eu faça amor com você, querida.

Angie fechou os olhos. Naquele momento Pecos poderia ter-lhe feito o que quisesse, sem encontrar a menor resistência. Seu desejo aumentava a cada segundo: queria que ele a possuísse como quantas vezes desejasse.

Uma exclamação incontida de prazer escapou-lhe dos lábios, quando ele a penetrou e começou a se mover com rapidez, incentivando-a com palavras de carinho e paixão.

— Pecos... — murmurou ela, enquanto ele distribuía beijos ardentes por seu ombro, pescoço, seios. E não conteve um gritinho quando ele se pôs a friccionar seu clitóris, aumentando em intensidade sua excitação.

Aquela carícia era nova e estranha para Angie. Livre das inibições habituais, ela se esqueceu de todo o pudor e se entregou às emoções que a assolavam.

Para Pecos, possuir Angie sobre o feno era uma delícia que exaltava a excitação. No mundo, só existia ele e aquela mulher gloriosa. Mais nada.

Angie gritou e soluçou o nome do amante com total abandono, e não conteve um grito ao alcançar o clímax.

Pecos não parou até chegar também ao êxtase. Então, estremecendo e suspirando, caiu sobre ela.

Nenhum dos dois disse uma palavra. Com o coração batendo em uníssono, ficaram como estavam, incapazes de se mexer, tal era a intensidade de seu orgasmo.

Quando, afinal, movimentou os membros entorpecidos, Pecos esticou-se sobre a capa, junto dela, assolado por uma onda de ternura e amor. Não havia dúvidas:

queria aquela mulher por toda vida!

CAPITULO XXXIV

Na madrugada do dia seguinte, Angie, sentada no meio da cama, observava Pecos se vestir. Achava ótimo que o frio o obrigasse a se vestir diante do fogo, para não congelar. Não haveria um jeito melhor de começar o dia do que admirando o amante colocar as roupas diante das chamas bruxuleantes. Desconfiava que Pecos sabia o quanto ficava bonito diante da luz do fogo, pois levava um tempão vestindo-se, quando ela o observava.

Pecos, depois de vestido, sentou-se na beirada da cama e inclinou-se para beijá-la.

— Agora, por que não se deita de novo e dorme mais um pouco? — perguntou, acariciando-lhe os cabelos.

— Não posso. Tenho um monte de coisas a fazer.

— O quê, por exemplo? Ela sorriu misteriosamente.

— À noite eu lhe digo. Por enquanto, só quero que saiba que vamos jantar aqui no quarto. Tenho muitas coisas para lhe contar e precisa ser em particular.

Com o polegar, Pecos traçou-lhe o contorno da boca.

— Não sei o motivo de tanto segredo, mas ficar sozinho com você é sempre agradável.

Puxando-o para si, Angie beijou-o com ternura.

— Você sabe que tudo que é meu é seu também, não sabe?

— Graças a Deus! Seria horrível passar todas essas horas na sua cama, em troca de nada — ele brincou.

Rindo, Angie aderiu à brincadeira.

— Dê o fora daqui, vaqueiro! E fique sabendo que vou precisar de muito amor quando voltar para a minha cama, esta noite.

Pecos beijou-lhe o nariz e se levantou. Sorrindo, murmurou num tom confidencial:

— Madame, eu lhe garanto que vai ter tudo o que quer. Exatamente como eu.

Com uma piscadela maliciosa, pegou o chapéu, o casaco, e caminhou para a porta. Pecos... Eu... Ele virou-se para fitá-la.

Eu te amo tanto, meu querido! Você nem pode imaginar... Foi isso mesmo que eu planejei doçura. Pecos saiu e ela deitou-se na cama, com um sorriso feliz nos

lábios.

Angie foi de carruagem a Marfa. O tempo esquentara, o sol brilhava no céu e as estradas lamacentas começavam a secar. Cheia de felicidade, ela gastou a maior parte do percurso revisando, na mente, o que pretendia fazer.

Assim que chegasse à cidade, iria ao escritório do advogado dos McClain, Donald Worth, e lhe pediria que preparasse um documento devolvendo a fazenda e tudo que herdara a Pecos McClain. Esperaria que o documento fosse redigido, assinaria diante de testemunhas e levaria uma cópia de volta para a casa.

Angie sorriu. À noite, durante o jantar romântico com Pecos, abriria uma garrafa de champanhe e o presentearia com o documento que o transformaria no único dono de *Tierra dei Sol*, como devia ser.

Também esclareceria a confusão que ele fazia a seu respeito, julgando que estivera em Paso dei Norte, usando o nome de Angel. De uma vez por todas, os desentendimentos entre eles seriam resolvidos. Iria convencê-lo de que estava errado, nem que para isso levasse a noite inteira. Também lhe contaria que seu casamento com Barrett jamais chegara a ser consumado, e que fora ele, Pecos, que lhe tirara a virgindade. Nenhum homem a tocara antes dele, e nenhum a tocaria depois. Ela era só dele, e sempre seria.

Segura de fazê-lo acreditar em suas palavras, Angie recostou-se no banco macio da carruagem e pôs-se a fazer planos para o futuro. Ele estava tão apaixonado quanto ela, e aquela noite também poderia sugerir que se casassem. Apesar de tudo que acontecera, ainda acreditava na santidade do casamento. Naturalmente, amava Pecos o bastante para viver com ele em pecado, se esse fosse o único jeito, mas seu maior desejo era que se unissem legalmente.

Uma onda de excitação assolou-a. Dentro de uma semana, poderiam estar casados. E dentro de um ano, poderia ter um filho, nascido do desejo e do amor. Automaticamente, colocou a mão sobre a barriga, com um longo sorriso no rosto. Talvez uma nova vida já estivesse começando, no interior de seu corpo o mais possível, e torcia para que assim fosse. Nada lhe causaria mais felicidade, naquele estágio da vida, do que dar um filho ao homem que amava.

Angie ainda sonhava acordada, quando a carruagem parou junto à calçada, bem na frente do banco de Marfa. O escritório do advogado ficava em cima do banco, e ela já se dirigia à escada que levava até lá, quando a voz de Randolph Huff a deteve.

— Bom dia, Sra. McClain!

— Bom dia, Sr. Huff. — Sorriu para o homenzinho, sentindo que seria capaz de partilhar sua felicidade com o mundo inteiro, até com um sujeito antipático como aquele.

Randolph tomou-a pelo cotovelo, conduzindo-a ao escritório

— Podemos cuidar de tudo sem demora, Sra. McClain.
— Como? Sr. Huff, eu não...
— Espere até entrarmos. É compreensível que não queira que ninguém nos ouça.

Lutando contra a impaciência, Angie resolveu não contrariar In. Na certa ele tinha alguma coisa a lhe dizer.

— Está bem, mas temos de nos apressar, Sr. Huff. Eu... Já no escritório, ele fechou a porta, indicando uma cadeira

— Não quer sentar-se?

Ainda em pé, sem nada entender, Angie perguntou:

— A respeito de que o senhor quer falar comigo, Sr. Huff? Ele sorriu, com um brilho malicioso nos olhos miúdos.

— Não sou eu que quero falar com a senhora, mas a senhora que quer falar comigo.

Não sei se sabe, mas Pecos já esteve aqui.

— Pecos?

— É. A senhora não está aqui para avalizar o empréstimo que ele pediu?

— Eu?!

— Sente-se, por favor. — Tomando-lhe o braço, ajudou-a a sentar-se e também sentou-se. — A senhora não veio até aqui para ajudar Pecos a conseguir o empréstimo que quer?

Angie sentiu-se gelar.

— Pecos... Quer um empréstimo?

O banqueiro inclinou-se para a frente, entrelaçando as mãos.

— Claro. Senão, para que teria vindo a Marfa? Ele me procurou para pedir dinheiro, assim que desceu do trem. Naturalmente, não pude ajudá-lo em nada. Ele não tem credibilidade, sem... Sem...

— Sem mim?

— Isso mesmo. — O sorriso de Huff alargou-se. — Mas Pecos sabe ser persuasivo quando quer, não é?

— Não estou entendendo, Sr. Huff. O que quis dizer com isso?

— Nada, absolutamente nada, Sra. McClain. Só quero que saiba que não sou nenhum puritano e não a condeno. A senhora está viúva há meses e até agora ninguém a viu na companhia de um cavalheiro. Se a senhora e Pecos querem...

Semicerrando os olhos, Angie interrompeu-o com frieza:

— O senhor está sugerindo que...

— Eu não estou sugerindo nada, só estou dizendo que Pecos voltou para conseguir dinheiro. Se ele pode lhe dar algo de que precisa, em troca desse dinheiro...

Angie levantou-se, vermelha de raiva e indignação.

— O senhor está enganado, Sr. Huff! Não vim tirar dinheiro para Pecos, mas, se tivesse vindo, o senhor nada teria a ver com isso! Sua mente é suja, e não pretendo ficar aqui, ouvindo desaforos. Quanto ao meu dinheiro, quero que seja transferido imediatamente ao banco de Alpine. Eu...

Huff levantou-se de um salto, muito corado, e deu a volta à escrivaninha.

— Não pode fazer isso, Sra. McClain! A fortuna dos McClain sempre esteve em meu banco, desde que o abri.

— Pois de hoje em diante deixará de estar, Sr. Huff. O senhor nunca mais verá um centavo do meu dinheiro!

— Não? — Assustado e zangado, ele tentou argumentar. — Não acredito que Pecos concorde em transferir...

— Pecos McClain não tem dinheiro, Sr. Huff. O senhor mesmo acaba de afirmar que ele tem de ir à minha cama, para conseguir algum.

Com pose de rainha, Angie saiu e subiu a escada que levava ao escritório do advogado.

— Sr. Worth — disse, antes mesmo de cumprimentá-lo, quero todo o meu dinheiro transferido para o banco de Alpine antes do fim do dia.

O advogado ficou chocado, mas assentiu com um gesto de cabeça.

— Pois não, Sra. McClain. Há... Há mais alguma coisa que eu possa fazer pela senhora?

— Não, Sr. Worth. Não há nada.

Desiludida demais para chorar, Angie voltou à fazenda com as palavras do banqueiro ressoando em seus ouvidos.

O que Pecos teria dito ao desprezível homenzinho, no dia em que chegara a Marfa? Que sabia como tirar dinheiro dela? Sei ia possível que ele a menosprezasse tanto a ponto de discutir com Randolph Huff o plano de levá-la para a cama e enlouquecê-la, a ponto de lhe dar a soma que quisesse?

Angie mordeu o lábio, até sentir gosto de sangue na boca.

Seria possível que as horas gloriosas que passara nos braços de Pecos não tivessem significado para ele mais que o meio de atingir um fim? Seria possível que ele só estivesse interessado em seu dinheiro? O banqueiro teria razão? Pecos teria mesmo vindo apenas para conseguir um empréstimo, e só ficara ao ver que poderia

arrancar dela muito mais? Estaria ele agora rindo em segredo, satisfeito por não ter levado mais do que uma semana para fazê-la apaixonar-se loucamente?

Angie estremeceu. O sol brilhante de inverno fora encoberto pelas nuvens e o céu escurecera. A brisa leve intensificara-se, transformando-se num vento frio e cortante. Ela apertou a capa de encontro ao corpo, levantando a gola para proteger o rosto. Mas não adiantou. Tremia incontrolavelmente, por dentro e por fora. De todas as horas de intimidade partilhadas com Pecos, desde que ele voltara a que recordava com mais clareza era a daquela manhã. Na hora, rira do que ele dissera, mas agora sofria terrivelmente. Quando afirmara que tudo que tinha era dele, ele respondera que teria sido horrível passar tantas horas em sua cama, por nada. E no fim, antes de sair, Pecos ainda garantira que ele teria tudo que queria exatamente como ela.

— Não, Pecos — Angie murmurou, com os olhos verdes nadando em lágrimas. — Você não vai ter o que quer. Nem eu...

A porta do quarto de Angie abriu-se bruscamente, um pouco depois das seis da tarde, e Pecos, sorrindo com ar de garotão, entrou apressado.

— Oi, querida! Dá para acreditar neste tempo? Começou a chover e está esfriando tanto que...

Ele parou abruptamente. Diante da lareira, Angie olhava fixamente para o fogo. Parecia estar em transe e nem se dera ao trabalho de erguer os olhos para vê-lo. Uma onda de medo assolou-o. Alguma coisa estava errada.

Tirando o casaco, Pecos correu para junto de Angie.

— Doçura? — chamou baixinho.

Lentamente, ela se virou e fitou-o, os olhos faiscando.

— Quero que você saia das minhas terras agora mesmo. Pecos tentou abraçá-la, mas ela deu um passo para trás, cerrando os dentes de ódio. O coração dele batia disparado.

— O que foi, querida? Aconteceu alguma coisa? A fúria dominou-a.

— Como se você não soubesse! Veio do México por um só motivo, Pecos McClain: dinheiro!

— Do que é que você...

— É capaz de negar que entrou no banco assim que desceu do trem, atrás de um empréstimo?

— Não. Eu estive mesmo no banco atrás de um empréstimo, mas...

— Eu sabia! — gritou ela. — Mas não posso culpá-lo de nada. A culpa é toda minha. Como você deve me achar tola!

— Você não está falando com lógica, Angel. O que minha ida ao banco tem a ver com...

— Oh, Deus, não insista em me insultar! Eu posso ser boba, mas não exagere. Afinal, já descobri tudo.

— Descobriu o quê? Que droga, o que foi que aconteceu? Pecos deu um passo em direção a Angie, que recuou, gritando:

— Não me toque! Nunca mais encoste a mão em mim, entendeu?

Ele ergueu as mãos no ar, num gesto de rendição.

— Está bem, está bem... Mas, pelo amor de Deus, pode me explicar por que está tão zangada? O que foi que eu fiz?

— Eu já lhe disse, Pecos, a farsa acabou. Está tudo claro, para mim. Como já deveria estar, desde o início. Você usou o dinheiro que tinha naquela sua mina, por isso voltou. É ou não é verdade?

— É verdade, eu preciso de mais capital para continuar. O que há de mal nisso?

— Você resolveu, com o maior sangue-frio, arranjar esse dinheiro comigo.

Pecos começou a se zangar.

— Por acaso eu lhe pedi dinheiro?

— Claro que não! Você é muito esperto para isso, não é, Pecos? — Um sorriso frio apareceu nos lábios femininos.

— Co forme comentou com o banqueiro, você só tinha que dormi comigo, para eu lhe dar tudo que quisesse. Sabia que poderia *n* convencer a assinar qualquer empréstimo, em poucos dias. Só que quando esses dias se passaram, achou tolice pedir tão pouco, quando eu estava tão apaixonada que poderia lhe dar tudo.

, Pecos tremia da cabeça aos pés, sem acreditar nos próprios ouvidos.

— Não, ah, não! Não é possível que você acredite que eu seja tão cafajeste!

— Pois é exatamente nisso que eu acredito. O banqueiro praticamente me revelou todo o seu plano. Só que o tiro saiu pela culatra, porque a mim você não tira um centavo! — Com um sorriso de triunfo, Angie cruzou os braços sobre o peito. — Mas não preocupe. Você é tão bom de cama, que na certa arranjará out mulher rica, de quem possa tirar o que quer. Eu é que não v lhe pagar por...

Com os olhos da cor do céu de inverno, Pecos agarrou-a pelos braços e puxou-a para si.

— Escute aqui, sua vagabunda interesseira! Nessa história, prostituta é você! Você é que abre as pernas para qualquer u em troca de dinheiro!

— Não! — Arranhando-lhe as mãos, Angie lutou desesperadamente para se soltar. — Pare com isso! Não vou ficar aqui, ouvindo desaforos!

— Vai, sim! Nessa história, o tolo sou eu. Eu a queria tanto que resolvi não

ligar para o que você já foi. Eu só queria esquecer o passado e amar você. Nada mais me importava. Esta semana sua companhia, foi a mais feliz da minha vida, e pensei q para você também tivesse sido. — Vagarosamente, ele a solto

— Vou-me embora, Angie. Agora mesmo. Obrigado por abrir me olhos a tempo. Imagine que eu estava até pensando em me Ca...

— Girando nos calcanhares, ele caminhou para a porta. Mas de Ia ainda disse: - Sabe, Angie, eu deveria agradecer-lhe pelo que aconteceu aqui, esta noite. Você me fez recuperar o juízo na hora exata. Mais um pouco, e outro McClain faria papel de tolo, casando-se com uma vagabunda. - Dê o fora daqui! Ouviu, Pecos McClain? Dê o fora daqui!

CAPITULO XXXV

Quando o dia finalmente amanheceu, Angie estava à janela do quarto, contemplando a paisagem gelada. Estivera lá a maior parte daquela longa noite. A chuva aumentara de intensidade e agora batia com força na vidraça, obscurecendo sua visão das terras que se estendiam a perder de vista.

Na calada da noite, o som de passos de cavalo fizera com que esfregasse os olhos lacrimosos e limpasse a vidraça com um lenço úmido, procurando enxergar melhor. Não conseguira ver grande coisa, mas a figura alta, sobre o enorme cavalo castanho, era inconfundível. O cavaleiro que o acompanhava não mereceu mais que um rápido olhar de sua parte. Seus olhos só enxergavam o homem trajado com o pesado casaco de lã, calça enfiada nas botas e chapéu puxado sobre o rosto, para protegê-lo da chuva.

Tocando a vidraça com os lábios, ela o chamara baixinho:

— Pecos Pecos.

Como se a tivesse ouvido a despeito da tempestade, ele se virará abruptamente na sela, olhando em sua direção. Por um instante da mais pura agonia, ela tivera uma visão perfeita do belo rosto masculino. Um segundo depois, no entanto, ele desaparecera em meio à chuva, deixando-a com a sensação de ter tido o coração arrancado do peito.

Louca de dor chegara a pensar, sinceramente, em ir atrás deli-. Em sua imaginação, vira-se correndo descalça pelo chão gelado, chamando-o aos gritos, até que ele a ouvisse e se virasse. Quase pudera sentir os braços fortes erguendo-a no ar, pressionando-ii contra o corpo, enquanto ambos sorriam e cobriam-se de beijos. A imagem desaparecera junto com o som dos cascos dos cavalos.

Pecos se fora.

Angie abriu os olhos. A dor que começara a sentir na noite anterior estava

pior. Lágrimas de tristeza inundavam seus olhos. A dor era familiar, e lhe dizia que seu útero estava tão vazio de um filho quanto seu coração.

Pecos se fora havia três semanas. Mesmo sabendo que era insensatez, ela nutrira a secreta esperança de estar grávida de um filho dele. Loucura, bem sabia, mas continuava a amá-lo apesar de ludo, e enchera suas noites insones imaginando que uma parte dele crescia em seu corpo.

Agora, sua esperança estava acabada, e ela sabia que o perdera para sempre. Nada resultará de seu amor. Não teria nenhuma criança de cabelos escuros e olhos cinzentos para preencher o vazio de seu coração.

Em desespero, enterrou o rosto no travesseiro que ele costumava usar e chorou. Nada lhe restava, nem mesmo um traço do cheiro masculino naquele travesseiro. Pecos se fora.

Pecos serviu-se de café e recolocou o bule no fogão. Onze homens estavam reunidos em seu chalé, inclusive José Rodriguez, sentado no chão, e Reno Sanchez, encostado à porta dos fundos, com um cigarro entre os lábios.

Tomando lugar à mesa, Pecos começou:

— Sei que já anoiteceu, está frio e vocês querem voltar para junto de suas famílias. Por isso, não vou perder tempo com rodeios. O que quero lhes dizer é que estou falido. O pagamento que vão receber, no fim desta semana, é o último dinheiro que me resta. — Um sorriso sem alegria surgiu-lhe nos lábios. — Sinto muito, mas como a sorte não quer sorrir para mim, não tenho outra escolha a não ser...

— Por favor, *senor* — interrompeu-o um mexicano baixo, de cabelos grisalhos. — Nós sabemos que não há mais dinheiro, mas...

Pecos ouviu com atenção enquanto o mineiro, cada vez mais excitado, explicava que todos os homens tinham resolvido continuar com o trabalho na mina, por mais algum tempo. Assim, talvez conseguissem chegar ao veio principal. Eles haviam feito alguma economia, trabalhando em Lost Madre, e queriam emprestar-lhe o dinheiro. Pecos poderia pagá-los quando encontrasse o ouro.

Pecos recusou com firmeza, mas os mineiros continuaram a insistir. Quando um sorriso afinai apareceu no rosto do patrão, eles viram que tinham vencido.

— Está bem, amigos, eu aceito, mas com uma condição: Com esse dinheiro, vocês vão comprar ações da mina. Concordam?

Todos assentiram, e Pecos passou meia hora explicando *o que* conseguiriam, em troca daquele dinheiro. Nem todos entenderam, mas confiavam no patrão e sabiam que ele não os prejudicariam. Depois disso, os homens saíram. Ficaram apenas José, que toava o casaco junto à porta, e Reno, que se servia de outra xícara de café.

— Um dia desses, nós vamos ser ricos. Não é Pecos? — Ele sorriu.

— Espero que sim. Você bem que vai precisar de dinheiro se pretende se casar com Rosalinda.

— Ah, *si*, seria bom, mas ela me ama de qualquer jeito. — Orgulhoso de seus músculos recém-desenvolvidos, o garoto jogou os ombros para trás. — Ela acha que sou um homem e tanto.

— E é mesmo, José. — Sorrindo, Pecos deu-lhe um tapinha amigável nas costas. — Vai ver Rosalinda, agora?

— Vou, sim. Os beijos dela me aquecem em noites frias como esta.

Pecos e Reno riram. Num tom fraternal, Reno aconselhou:

— Tenha cuidado, José. Não vá...

— Não se preocupe, Reno. Com o pai de Rosalinda no quarto ao lado, ela está tão segura quanto as freiras do convento. Mas quando nós nos casarmos... — Rindo de alegria, o rapazinho abriu a porta e saiu para o frio noturno.

Pecos bocejou, começando a desabotoar a camisa.

— Que coisa, hein, Reno? — comentou com ar pensativo. — esses mineiros são mesmo de tirar o chapéu! Renovaram minha fé na humanidade. Só espero não decepcioná-los.

— Não se preocupe com isso, meu amigo. Nós vamos conseguir. — Reno fez uma pequena pausa, depois acrescentou:

— O que acha de irmos até a vila esta noite, tomar um drinque, dançar um pouco...

— Obrigado, mas eu vou dormir. Pecos foi para o quarto e Reno seguiu-o.

— Que droga, Pecos, já é hora de você acabar com isso! Não pode continuar assim!

Ele girou nos calcanhares, com um brilho duro no olhar.

— Quem não pode continuar assim é você, Reno! Você não é meu anjo da guarda, e eu não quero...

— Eu não sou seu anjo da guarda, mas sou seu amigo, Pecos. li sei qual é o problema com você. Está apaixonado por...

Irritado, Pecos agarrou o amigo pelo colarinho.

— Nunca mais mencione o nome dela, ouviu? Nunca mais! Eu não estou e nunca estive apaixonado por alguém.

— Abriu a mão lentamente, soltando o amigo. — Vocês, mexicanos, é que estão sempre por aí, à procura de amor.

Um sorriso apareceu nos lábios de Pecos, mas Reno não se deixou enganar. Ainda assim, disse:

— Pode ser, Pecos. Se você já tivesse amado alguém, saberia por que fazemos isso. Os anos que passei com minha esposa, Teresa, foram os melhores de minha vida. Não existe nada melhor do que acordar ao lado da mulher que amamos.

Pecos virou-se, tentando desesperadamente esconder a tristeza.

— Pois eu não faço a menor idéia do que seja isso, companheiro.

— Não mesmo?

Sem esperar resposta, Reno pegou o casaco e saiu.

Suspirando, Pecos terminou de se despir e esticou-se na cama. A verdade era que ainda se lembrava muito bem de como era maravilhoso acordar ao lado da mulher que amava. Era de manhã que costumava achar Angie mais atraente. Ainda quente do sono, seu corpo macio e curvilíneo parecia encaixar-se ao dele com perfeição. A cabeça de cabelos dourados em seu ombro cheirava a rosas e sabonete. E como era gostoso sentir-lhe o hálito doce, acariciando sua pele. Muitas vezes, ela adormecia com uma das pernas dobrada sobre seu abdômen, e a outra esticada ao lado das suas.

Pecos gemeu, sentindo um nó na garganta. Reno tinha razão. Não havia nada melhor no mundo do que acordar ao lado da mulher amada. E nada pior do que acordar sem ela.

O inverno de 1887 foi o mais forte que já atingira o sudoeste do Texas e o resto dos Estados Unidos. Ventos frios varriam as planícies, e as nevascas eram tão violentas, que gado de lugares distantes como Montana eram tocados pelas tempestades em direção ao Texas, morrendo às centenas durante o trajeto.

Em *Tierra dei Sol*, o vento penetrava até nas capas mais grossas dos vaqueiros. O gado juntava-se em grupinhos, com tanto frio que não se mexia nem para comer. Os vaqueiros tinham de alimentá-los onde estavam o que era uma tarefa cansativa e ai rançava deles queixas amargas.

Preocupada, Angie andava de um lado para o outro da casa. Sentia-se sozinha, abandonada. A Srta. Emily e Dolores ainda não a havia perdoado completamente por ter mandado Pecos embora. Tratavam-na com respeito e afeto, sem nada dizer, mas o do prazer era evidente nos olhos das duas.

A Srta. Emily chegara a lhe fazer algumas perguntas, logo após a partida de Pecos, e obviamente não ficara satisfeita com as respostas.

— Mas vocês se amam — ela dissera, com os olhos inundado de lágrimas.

— Não, tia Emily. Eu amava Pecos, mas ele só ama o dinheiro Foi por isso que voltou para casa, por isso que...

— Ele lhe pediu dinheiro, Angie?

— Não, mas... Olhe, tia Emily, para falar com franqueza, o se sobrinho fingiu estar apaixonado por mim, para ficar com *Del Sol*. Agora, se não se importa, vou para o meu quarto. Estou com uma tremenda dor de cabeça.

Não, ela não conseguira convencer a srta. Emily. Quanto a Dolores, nem tentara. Como Emily, Dolores amava Pecos e era incapaz de ver algo errado nele.

Infelizmente, não fora só nelas que Angie encontrara incompreensão. Pecos havia conquistado de tal forma os empregados de *Del Sol*, durante a semana que ficara em casa, que ela agora estava com problemas para lidar com eles. O capataz recebia suas ordens com evidente má vontade, o mesmo acontecendo com os vaqueiros. Numa época em que precisavam dar tudo de si, era óbvio que isso não acontecia.

Reses com a marca de *Dei Sol* morriam diariamente, por falta de água e comida, e Angie estava certa de que a culpa, em muitos casos, era dos vaqueiros. Vários deles procuravam o abrigo das casas de adobe, quando deveriam estar fora, a cavalo, quebrando o gelo dos regatos e alimentando o gado faminto.

Angie tinha a impressão de suportar um enorme peso sobre os ombros. Se não fosse tão trágico, daria até para rir da peça pregada pela Mãe-Natureza, mandando um inverno tão severo, depois de um verão tão quente. Fora muita falta de sorte herdar uma fazenda daquele tamanho, para depois vê-la atingida pelas agruras do tempo. E o pior era que não havia ninguém com quem pudesse se aconselhar, ninguém para abraçá-la e dizer:

— Ei, as coisas não estão tão ruins! Nós conseguiremos sair desta.

Respirando fundo, Angie endireitou os ombros, vestiu o casaco mais pesado que tinha e saiu em direção às cabanas mais próximas. Cavalgando ao seu lado ia o capataz, obviamente mal-humorado.

Logo na primeira cabana ela encontrou o que esperava. Os dois vaqueiros pularam como se tivessem sido atingidos por uma bala, quando a viram abrir a porta e entrar. Um deles, em roupas de baixo, estava deitado na cama, embora já estivessem no meio da manhã. O outro, com os olhos vermelhos, a barba por fazer e uma garrafa de uísque quase vazia nas mãos, estava sentado diante do fogo.

— Se vocês dão valor ao emprego que têm, nunca mais façam isso. Muitas cabeças de gado estão morrendo de fome lá fora, enquanto vocês hibernam aqui — Angie censurou-os, lutando para não se deixar dominar pela raiva.

Os dois começaram a se desculpar de imediato, enquanto o capataz, girando o chapéu nas mãos, mantinha-se em silêncio. A culpa era dele, que nunca se dera ao trabalho de verificar se o serviço estava sendo feito.

Saindo dali, Angie dirigiu-se a outra cabana, a cerca de dez quilômetros. Encontrou a mesma coisa que na primeira. Durante uma semana, todas as manhãs,

levantou-se cedo para verificar as cabanas, acompanhada do capataz. A cada dia, ficava mais zangada. Aqueles homens tinham trabalhado duro para Barrett e Pecos, mas respeitavam-na tão pouco que deixavam o gado de raça morrer à míngua, enquanto bebiam ou dormiam em suas casas.

Angie nunca soube, mas foram suas censuras, numa voz carregada de emoção, que atingiram os homens. Ver uma mulher frágil e bonita enfrentar o mau tempo para lhes dizer que, ou cumpriam seu dever, ou estavam despedidos, impressionou os vaqueiros empedernidos.

O que nenhum deles sabia era que, à noite, exausta das longas caminhadas e das censuras que ministrava, Angie deitava-se e chorava até não poder mais. Precisava tanto de ajuda e não tinha nenhuma. Nem teria. Falhara, e agora corria o risco de perder a vasta fortuna que herdara. Com o corpo dolorido e o coração pesado, ela invariavelmente fechava os olhos, chamando pelo homem que amava.

Certa manhã, no meio do inverno frio e solitário, Angie achou que não agüentaria outro daqueles dias em *Del Sol*. Chamou Dolores, que logo apareceu com a bandeja do café.

— Dolores, quero que faça as minhas malas. Vou passar uns dias em San Antônio.

A criada, que há muito notara a palidez da patroa, não protestou

— 5í', *senora*. Com prazer. — Colocou a bandeja sobre mesinha-de-cabeceira.
— Vai ser ótimo. A *senora* está mesmo abatida e com olheiras. Tem trabalhado demais.

Sorrindo, Angie tomou um gole de café e comentou:

— Não consigo mesmo agradá-la, Dolores. Algum tempo atrás você me censurou por passar o dia inteiro sem fazer nada. E agora me censura por trabalhar.

— Eu só quero que você seja feliz, Angie — a criada replicou voltando ao tratamento mais familiar.

Fugindo do olhar perspicaz da mulher, Angie respondeu, com toda a convicção que pôde:

— Eu nunca fui tão feliz em minha vida, Dolores.

CAPITULO XXXVI

Angie não encontrou alívio para sua solidão em San Antônio. A Srta. Emily preferira ficar em *Del Sol*, com medo do mau tempo. Dolores estava disposta a fazer a viagem, mas Angie achara melhor ela ficar com a Srta. Emily.

Não fazia nem uma semana que chegara a San Antônio, e Angie já estava inquieta. Não conseguira distrair-se comprando jóias e roupas novas, e começava a achar que nunca mais seria capaz de se divertir.

Numa noite particularmente fria, pôs-se a andar de um lado para o outro de sua suíte. Sentia-se tensa e desanimada, embora tivesse descansado o dia inteiro. Pecos não lhe saía da mente, e tinha que se lembrar, com insistência, de que ele só lhe proporcionara àquelas horas de felicidade porque queria se apossar de sua fortuna. Mesmo quando faziam amor, provavelmente ele só pensava em seu dinheiro.

Puxando as lapelas do robe de encontro ao corpo, Angie argumentou em voz alta:

— Mas também, o que é que eu esperava? Ele é filho de Barrett McClain. — Um arrepio sacudiu-a. — Como pude achar que estava apaixonada por um homem com o sangue de Barrett McClain nas veias? Devia estar louca. Pecos é tão corrupto quanto o pai ficou doente só de pensar que fiz amor com ele.

Sua noite de núpcias veio-lhe à mente, e ela sentiu gosto de fel na boca. Girando nos calcanhares, correu para o banheiro e abriu as torneiras da banheira: sentia uma necessidade imensa de tomar um banho. Despiu-se e entrou na água quente com uma estranha sensação de tontura e fraqueza. Um pensamento não lhe saía da cabeça:

"Pecos é filho de Barrett e tão ruim quanto o pai. Pecos é parte de Barrett".

Sentindo-se novamente enjoada, suja e usada, Angie pegou o sabonete de jasmim e começou a se esfregar.

Uma hora depois, ela descia de uma carruagem de aluguel protegida do ar frio por uma longa capa de arminho. No saguão de mármore preto e branco de uma mansão milionária, um mordomo de libré pegou sua capa, inclinando-se cortesmente.

A anfitriã uma mulher alegre, de cabelos grisalhos e voz rouca, adiantou para recebê-la.

Angie respirou fundo, forçando um sorriso brilhante. Usava um vestido de veludo negro e diamantes em torno do pescoço e dos cabelos.

— Angie, minha querida! Pensei que não viesse mais. Acho que nunca a perdoaria.

Beatrice Brown era a melhor anfitriã de San Antônio. Tinha uma posição social que era a razão de sua vida e trabalhava sem descanso para oferecer grandes bailes e banquetes. Nenhum detalhe ficava a cargo dos criados. Beatrice escolhia o cardápio, distribui os lugares e supervisionava a decoração.

— Desculpe meu atraso, Beatrice, demorei para me arrumar

— O importante é você estar aqui. — Inclinando-se para ela com ar conspirador,

Beatrice sussurrou: — Hoje, meu convidado honra é um viúvo muito distinto, da Cidade do México. — Todas mulheres não casadas de San Antônio estão torcendo para sentar se ao lado do simpático Don Miguel Galindo, mas adivinhe que vai ter esse privilégio?

Fingindo um interesse que estava longe de sentir, Angie clamou:

— Não me diga que sou eu!

— Exatamente! — Beatrice tornou a rir feliz. — Ninguém sabe, ainda, e eu mal posso esperar para ver a cara das minhas convidadas, quando descobrirem.

— Pois eu lhe agradeço a honra, Beatrice. Só espero que o convidado não se decepcione.

Graciosamente, Angie sentou-se na cadeira que o espanhol alto e aristocrático segurava para ela. No fundo, teria preferido que sua bem-intencionada anfitriã a colocasse em outro lugar. Não que estivesse achando Don Miguel Galindo antipático ou aborrecido. Ao contrário, ele era tudo o que Beatrice dissera. Um homem esbelto, de mais ou menos cinquenta e seis anos, com cabelos escuros, começando a embranquecer, e expressivos olhos negros. Usava calça preta, uma jaqueta curta, da mesma cor, camisa branca e uma faixa vermelha, em torno da cintura.

Quando ele falou, Angie teve a estranha sensação de já tê-lo ouvido falar, antes. Mas foi quando se apresentou como Sra. Barrett McClain que o viu mudar de expressão, por um breve momento.

— O senhor conhecia meu marido? — perguntou.

— Não, *senora* — ele respondeu com firmeza. E mudou de assunto, entretendo com facilidade os que o rodeavam.

Preso às palavras dele, Angie perdeu o apetite. Havia algo extremamente familiar naquele belo espanhol. O nariz reto, os olhos de pálpebras pesadas, a boca generosa, o queixo forte...

Don Miguel Galindo decepcionou sua festiva anfitriã. Embora fosse atencioso e educado com Angie, nem por uma vez dirigiu-lhe olhares ardentes ou tentou tocá-la. Na verdade, ele a tratou com a mesma atenção que dedicou às outras mulheres presentes.

No entanto, Don Miguel teve toda a atenção de Angie, que não conseguia tirar os olhos dele. Havia algo que a fascinava naquelas feições viris. Além de uma desconcertante sensação de familiaridade, que a fazia olhá-lo a todo momento.

De repente, Angie corou. Aquele espanhol era uma versão mais velha de Pecos McClain! Emocionada, ela se moveu, inquieta.

De imediato Don Miguel voltou-se para ela, preocupado.

— Está sentindo alguma coisa? Procurando se controlar, ela sorriu.

— Não, eu... É que aqui está quente, e eu...

— Tem razão. — Solícito, Don Miguel levantou-se e ajudou-a a fazer o mesmo. Em seguida, vendo os olhares interrogativos de que eram alvo, acrescentou: — Por favor, fiquem sentados. A *senora* e eu só precisamos de um pouco de ar fresco.

Comentários feitos em voz baixa espalharam-se pelo salão. Todos falavam da atração aparente entre o simpático espanhol e a viúva loira.

Don Miguel levou Angie a uma saleta retirada.

— Estava mesmo quente naquela sala — comentou, levando a mão ao colarinho branco. — Importa-se, *senora*!

Percebendo que ele pedia permissão para abrir o colarinho', Angie respondeu polidamente:

— Claro que não, Dom Miguel.

O espanhol sentou-se junto dela num sofá de brocado e desabotoou os primeiros botões da camisa. Angie prendeu a respiração

— Tem certeza de que não está se sentindo mal? — Don Miguel insistiu, notando sua perturbação.

Com os olhos fixos no pescoço masculino, Angie observava o medalhão em forma de sol. Uma pesada corrente de ouro sustinha a bela jóia, idêntica à que Kathryn York McClain exibira no retrato sobre a lareira da fazenda. De repente, tudo se esclareceu. O belo espanhol fora amante de Kathryn. Era ele o pai de Pecos!

Com o coração batendo forte, Angie ergueu os olhos para o rosto de Don Miguel.

— Don Miguel, o senhor já... Esteve em Marfa, no Texas? Ele viu os olhos escuros totalmente enigmáticos.

— Não, *sra. McClain*. Ainda não tive esse prazer.

— Então já... — Sorrindo, Angie tentou outro caminho. — Foi uma pergunta tola. Na verdade, o que eu queria saber é onde adquiriu essa jóia. É linda e tão diferente...

Ela quase ergueu a mão para tocar o disco de ouro, mas deteve-se por vê-lo segurar o medalhão, acariciando-o com os dedos longos e aristocráticos.

— Eu não o comprei, *senora*. Foi presente de uma moça linda e muito querida por mim, anos atrás.

Mesmo sabendo que estava sendo rude, Angie insistiu:

— Ela era sua...

Don Miguel soltou abruptamente o medalhão.

— Essa moça morreu. Há muito tempo.

— Don Miguel, o... O senhor e sua esposa têm filhos?

— Não, *senora*, não temos. Como já deve saber, sou viúvo e... — Ele se ergueu, fechando o colarinho. — Se já melhorou, acho melhor nos juntarmos aos outros.

O assunto estava encerrado. Vendo que não poderia continuar com suas perguntas, Angie aceitou a mão que ele lhe oferecia e se levantou.

— Quanto tempo pretende ficar em San Antônio, Don Miguel?

— Vou-me embora amanhã. Já estive fora muito tempo. Agora, negócios urgentes me chamam de volta à Cidade do México.

— Uma pena. Foi um prazer conhecê-lo.

— O prazer foi todo meu, *senora* McClain.

Angie não conseguia tirar os olhos do rosto atraente do espanhol, tão parecido com o de seu adorado Pecos.

Naquele momento, Angie decidiu interromper sua viagem. Partiria na manhã seguinte, também, de volta a *Tierra dei Sol*. Tinha muitas perguntas a fazer à srta. Emily.

Com lágrimas nos olhos, a Srta. Emily lançou-se em defesa da falecida irmã.

— Nunca foi intenção de Kathryn ter um amante, Angie. Nem Don Miguel Galindo desejava isso. Naquele inverno, Kathryn e eu fomos passar uns dias na Cidade do México. Barrett ficou em *Del Sol*. Kathryn queria que ele fosse junto, mas você sabe como era Barrett. Respondeu asperamente que não ligava para um bando de mexicanos e simplesmente não foi. No fundo, acho que Kathryn gostou. Eu, pelo menos, achei bom.

Emily fez uma pausa, mordendo os lábios trêmulos. Durante alguns momentos fitou o ar, pensativa. Angie nada disse, esperando que ela continuasse.

— Foi um inverno maravilhoso! Estávamos lá havia já alguns dias, quando Kathryn compareceu a um baile de gala com amigos nossos, enquanto eu ia para a cama. Ela era ainda muito criança para esse tipo de coisas. Bem, Kathryn conheceu Don Miguel Galindo naquela festa. A atração entre ambos foi forte, apesar de os dois serem casados. Kathryn, com Barrett, e Don Miguel, com uma senhora inválida. Isso, no entanto, não os impediu de se tornarem amantes. Quando voltamos de lá, Kathryn estava grávida e fez a única coisa possível: fingiu que a criança era de Barrett. Mas eu acho que ele sempre desconfiou e por isso era tão frio com Pecos.

— Tia Emily... Pecos nunca soube?

— Não. Você o conhece. Se ele soubesse, teria jogado a verdade na cara de Barrett.

— Don Miguel sabe?

— Essa é a parte mais triste. Don Miguel nunca teve filhos com a esposa. Ela

sofreu um acidente, logo após o casamento, e ficou presa à cama, inutilizada para... Bem, Don Miguel não sabe. Ele teria sido um pai maravilhoso para Pecos, se a situação tivesse permitido. Você notou a forte semelhança entre os dois?

— Notei, sim. E acho uma pena eles não saberem um do outro. Talvez ainda seja possível..

— Você não imagina o número de vezes em que já pensei nisso desde que Pecos nasceu. Mas não sei, pode ser que...

— Tia Emily, Pecos nunca foi amado por Barrett McClain. Pode ser que eu me engane, mas acho que ele adoraria descobrir u não é filho de Barrett.

As últimas semanas de inverno passaram. Angie vigiava com atenção o trabalho em *Tierra dei Sol*. Nenhum vaqueiro sabia certo quando iria aparecer no meio deles, dando ordens mini i educado.

De dia, Angie estava constantemente ocupada, mas de noite tinha longas horas para pensar em Pecos. Lembrar-se de que ele não era filho de Barrett sempre lhe dava prazer. Não tendo por pai dele homem desprezível, talvez ele tivesse algumas das qualidades verdadeiro pai, Don Miguel Galindo.

Reexaminando as atitudes de Pecos, ela começou a achar que talvez tivesse se enganado ao julgá-lo, cometido o maior erro de sua vida mandando-o embora. Talvez devesse escrever para ele pedindo-lhe para voltar...

No meio de março, a neve já havia derretido e o sol brilha constantemente. Mais animada, Angie esperava com ansiedade o nascimento do potrinho de *Angel*.

Em abril, o deserto começou a voltar ao normal. O céu, muito azul, não tinha a menor nuvem, e o ar estava claro e quente, embora sem exagero. Ao fim da primeira semana, Angie acordou com um sobressalto. Pulou para fora da cama, vestiu-se depressa e correu para os estábulos. Antes mesmo de chegar, ouviu as vozes de homens, falando em rápido espanhol. Com o coração batendo foi te, entrou na baía de *Ángel* exatamente quando o potrinho recém nascido erguia-se nas pernas compridas e trêmulas.

Roberto Luna, ajoelhado junto à égua, ergueu os olhos para a patroa.

— Ah, *senora* Angie! *Ángel* teve um belo potrinho. Igual ao pai Encantada, Angie admirava o potro negro, que bravamente tentava se firmar nas próprias pernas. Devagarzinho, para não assustar mãe e filho, ajoelhou-se junto a Roberto Luna e passou a mãos pelo pescoço molhado de suor da égua.

— *Ángel*, Díablo ficaria orgulhoso do filho que você lhe deu. Ele é uma beleza!

Todo sorridente, Roberto assegurou a Angie que a égua tivera um parto difícil e que o potrinho tinha linhas distintas do pai.

— Que nome vai lhe dar, *senora*?

— Dante — respondeu ela, sem hesitação.

Angie deixou a baía *de Angel*, descendo em direção aos estábulos, onde o potrinho, Dante, fora concebido. Desde a morte de Diabolo, estavam desocupados. Abrindo o enorme portão, ela entrou e procurou a baía que desejava.

O sol matutino iluminava o chão coberto de feno, e uma aranha tecia sua teia num canto. Como que em transe, os olhos de Angie foram atraídos para o exato lugar onde, numa tarde fria de inverno, ela e Pecos tinham feito amor. Sentando-se sobre o feno, ela abraçou as pernas e apoiou o queixo nos joelhos. Com uma nitidez de cortar o coração, ouviu Pecos murmurar palavras apaixonadas em seus ouvidos, sentiu as mãos másculas deslizarem por sua pele nua e recordou seus gemidos de prazer.

Um nó formou-se na boca de seu estômago. Sentiu-se fraca e doente, assolada por uma saudade tão forte que chegava a doer.

Lágrimas começaram a descer por seu rosto. Em vez de tentar estancá-las, deixou que caíssem livremente. Devagarinho, foi escorregando até deitar-se sobre o feno. No mesmo lugar onde um dia tinha experimentado a maior felicidade possível, soluçou incontrolavelmente, dominada pelo mais negro desespero.

CAPITULO XXXVII

Angie nunca deixou de pensar em Pecos. Onde estivesse, o que fizesse, estava sempre pensando nele. Pecos enchia seu mundo solitário, pois em toda parte havia lembranças dele.

Nos estábulos, admirando Dante, ela se lembrava de Diabolo. O Diabolo de Pecos. Nos passeios pelo pátio, após o anoitecer, a ausência de Pecos era sentida. Ele estava em todos os lugares pui onde se voltava. Nas planícies. Nos riachos. Na caverna escura onde tinham passado uma noite gelada, aquecidos por seu amor. Na sala de jantar, na biblioteca, na cozinha, no corredor. Em seu quarto, junto à lareira, na banheira, em sua cama. Não havia paz pai n ela. E nunca haveria, sem ele.

Um sorriso surgiu nos lábios de Angie, cada vez que se lembrava de que Pecos era o único filho de um espanhol aristocrático e de bem. Saber disso dava-lhe uma sensação gostosa, pois tornava mais puros os momentos de amor e prazer que tinham com partilhado. No entanto...

Pecos se fora porque ela o mandara embora. Teria ela vivido toda a felicidade de sua vida naqueles breves momentos? Pelo resto da existência teria apenas as lembranças da felicidade que lhe dera um homem que ela, estupidamente, julgara tão mal? Teria mesmo cometido o erro terrível de rejeitar um homem terno e carinhoso,

que a amava tanto quanto ela o amava?

Ah, que sofrimento!

No meio de maio, os pastos arruinados pelo inverno estavam praticamente secos e precisando urgentemente de água, mas não havia sinal de chuva. Cada dia era exatamente igual ao anterior, quente, seco e de céu claro, sem o menor sinal de nuvens. Os poços começaram a secar, a folhagem foi murchando e os rancheiros foram tomados pela preocupação. Inclusive Angie.

Certa manhã, ela examinava, preocupada, os livros de contabilidade, quando Dolores chegou, com uma jarra de limonada e a correspondência do dia.

— Hora de descansar os olhos, Angie.

Dolores serviu-a de um copo de bebida fresca, enquanto ela corria os olhos pelas cartas. Havia uma endereçada à sra. Barrett McClain, vinda de Paso dei Norte. O envelope era pequeno, azul e perfumado. Enchendo novamente o copo da patroa, Dolores virou-se para sair.

— Precisa de mais alguma coisa, Angie?

— Não, obrigada, Dolores.

Angie viu a criada sair e voltou a atenção para o envelope azul. Abrindo-o, procurou a assinatura ao pé da carta. Um arrepio percorreu-a da cabeça aos pés, e o copo escorregou de sua mão, indo se espatifar no chão. Branca como um lençol, ela tornou a ler a assinatura. Não havia dúvida. No canto direito do papel de carta azul, estava escrito, numa letra pequena e extremamente feminina:

Sua irmã gêmea,

Angel.

Reno Sanchez soube do ouro antes mesmo de ouvir a notícia pela boca de Pecos. Percebeu quando viu Pecos correndo em sua direção pelo estreito corredor de rocha, de braços abertos. E teve certeza quando o amigo o alcançou e o abraçou.

Pecos abraçou Reno com tanto gosto, que ergueu o sócio do chão. Ria gostosamente, e o som ecoava pela caverna, reverberando nas paredes de pedra. Os mineiros mexicanos, cansados e confusos, abaixaram as picaretas, cocando a cabeça. Mas, assim que reconheceram a risada de Pecos McClain, correram para lá.

Pela primeira vez, desde que chegara a Lost Madre, Reno ria com vontade, gritando, feliz:

— Estamos ricos, *sí*

— *Si, amigo*. Afinal, estamos ricos!

Estavam ricos. Pecos descobrira um veio grande, que com certeza avançava muito rocha adentro. Mas eles não eram os únicos a estar ricos. Daquele dia em diante, os dez mineiros que os haviam ajudado também estavam muito bem de vida.

Ansiosos, todos esperaram, enquanto Pecos ia a Chihauhau com amostras do ouro. O relatório do perito foi exatamente o que esperava: a mina de Lost Madre era uma das mais ricas e valiosa República do México!

Pecos não perdeu tempo. Assim que ouviu a notícia, voltou a Buenaventura, onde foi recebido com brados de alegria pelos outros. No mesmo instante, começou a comemoração.

Ele participou da festa. Comeu os pratos quentes, acompanhados de vinho Madeira. Bateu palmas e gritou frases de encorajamento, enquanto os casais dançavam o animado flamenco, batendo as castanholas no ar. Ele mesmo dançou uma vez, para alegria dos presentes, erguendo os braços e batendo as botas no chão de madeira. Sua cabeça girava, de tanto excitamento, mas isso não o impedia de rir, cantar e beijar todas as mulheres que lá estavam. No meio daquelas pessoas felizes, encontrava calor e ternura.

Ainda assim...

“De madrugada, Pecos dirigiu-se, aos tropeços para a cama. No horizonte, o sol de verão se erguia, e seu cérebro entorpecido pela bebida foi tomado por uma estranha noção:

Aquele era o mesmo sol que agora se levantava sobre o Texas, invadindo com seus raios um quarto em *Tierra dei Sol*, para tocar uma garota loira que dormia em meio a lençóis macios.

Uma solidão estranha apossou-se dele. Embora tivesse passado a noite em companhia de bons e leais amigos, não era o bastante. Mas não se deixaria dominar pela tristeza. Angel não o atormentaria naquela manhã maravilhosa.

Assim pensando, Pecos entrou no chalé e anunciou às paredes, rindo deliciado:

— Estou rico! Muito, muito rico! Rico, rico, rico!

Tirou as roupas e se jogou sobre a cama, de onde continuou:

— Gloriosa, obscenamente rico! Rico para sempre! Rico o bastante para ter tudo o que quero. Riiiiiiiiico!

Perplexo teve a consciência de que não havia nada que quisesse comprar. Irritado, virou-se para a parede e fechou os olhos.

— Rico... Rico! — repetiu ele com desânimo, antes de adormecer.

Angie tomou o primeiro trem que saía de Marfa para Paso dei Norte. Uma carruagem alugada deixou-a na casa em Oregon Street, exatamente quando o sol se punha sobre a movimentada cidade da fronteira. Com o coração disparado, ela subiu os degraus da construção imponente de dois andares, em estilo vitoriano, e bateu à porta.

A mulher loira que atendeu, usando um vestido ousado em seda cor de

bronze, tinha uma voz doce e amigável. Sem hesitar, com um sorriso que lhe iluminou os olhos esmeraldas, puxou Angie para dentro e abraçou-a com força.

Angie não sentiu nada do embaraço que temia. Fitando sua irmã, tão parecida com ela, foi tomada por uma impressão de que elas nunca tinham se separado, em seus dezenove anos de vida.

Angel respondeu a todas as perguntas de Angie e fez muitas, em troca. Ela era um pouco mais cheia que a irmã, com um tom de voz mais grave e um riso baixo e contagiante. Suas maneiras também não eram tão refinadas quanto às de Angie, que passara a maior parte da vida fechada em casa, com apenas a companhia do pai. Ainda assim, as duas se entenderam desde o primeiro momento, fascinadas uma pela outra.

Angel explicou que vira o retrato de casamento de Angie num jornal. Pensara em entrar em contato com ela na época, mas ficara com medo de que a irmã não gostasse da idéia, devido à sua posição de mulher de vida fácil.

— Eu jamais a perdoaria, se não tivesse me procurado — Angie censurou-a gentilmente, segurando-lhe a mão.

— É ótimo saber disso. A verdade é que eu só lhe escrevi Angie, porque achei um homem que quer se casar comigo.

— Que maravilha! Como foi... Como é que... Angel explodiu numa gostosa gargalhada.

— Não se atreva a ficar embaraçada! Eu encontrei meu noivo num bordel, onde costumava trabalhar. — Ela tornou a rir, antes de acrescentar: — Eu sempre fui... Estranha, para os ingleses, e o meu Reggie se mostrou possessivo desde o início. A noite em que eu soube que sentia o verdadeiro amor, estava a caminho do meu quarto, com um freguês. Um homem muito bonito, por sinal, com lindos olhos cinzentos e pele morena... Nós estávamos subindo escadaria do Hurricane, quando...

— Como se chamava ele? — Angie interrompeu-a, prendendo a respiração.

— Eu já lhe disse, querida: Reggie. Reginald Harris, o terceiro > Ele pertence a uma família muito fina e antiga da...

— Não! Não é o nome do seu noivo que quero saber. É o do seu freguês, o homem de olhos cinzentos e pele morena!

— Ah, dele? Pecos. Ele era tão bonito que... Angie, o que foi? Está doente? — Angel levou a mão à testa da irmã, que tremia violentamente. — Quer um gole de *brandy*?

— Não, eu...

— Você está me olhando de um jeito! Por acaso eu a choquei com o que disse?

— Não. Por... Por favor, continue...

Angel continuou, contando a Angie exatamente o que acontecera naquela noite. Quando Angie recuperou a cor, começou a rir histericamente, abraçada à irmã. Angel, naturalmente, não fazia idéia do que podia ser tão divertido.

As duas irmãs se despediram, com os olhos cheios de lágrimas, já sabendo tudo sobre a outra.

A irrequieta Angel conquistara por completo o coração da sossegada Angie, e vice-versa. Angel fez Angie prometer que iria visitá-la na Inglaterra, onde moraria depois de casada, e ofereceu alguns conselhos de despedida.

— Ouça bem, Angie, que não temos muito tempo. Você está completamente apaixonada por Pecos McClain e, se tiver um grama de juízo, deve chamá-lo naquele buraco em que ele está e dizer-lhe isso. Querida, não existe ninguém inteiramente bom ou mau, e eu desconfio que esse seu Pecos é tão bom quanto qualquer outro homem. Pelo menos, como qualquer homem tão bonito quanto ele. A beleza tende a fazer com que eles... — Jogando a cabeça para trás, Angel riu. — Ah, vamos encarar a verdade: ele é um bonitão desavergonhado. Pensou que você fosse eu, uma prostituta das mais caras, e mesmo assim a quis. Querida, isso é amor de verdade! E é exatamente atrás de um amor assim, que estou de partida para a Inglaterra. Não há nada melhor do que um homem que sabe tudo a seu respeito e ainda assim a ama!

— Eu vou escrever a Pecos, assim que chegar a...

— Mas que droga, Angie! Telegrafe para ele, vá atrás dele, traga-o de volta! E daí se ele estiver interessado no seu dinheiro? O que há de errado com isso? Além do mais, você admitiu que ele nunca lhe pediu um centavo. Dê uma chance a ele, dê uma chance a si mesma. Vá atrás de Pecos. Lembre-se, ele nem sequer é parente daquele velho com quem você se casou. — Angel piscou, cheia de malícia. — Mas tem sangue quente e é um grande amante, certo?

— Não há ninguém que se compare a Pecos — Angie confessou, surpresa com a própria espontaneidade. — Nossa, estou até começando a falar como você!

— Ei, você poderia se sair pior!

Angel fingiu estar ofendida, e Angie abraçou-a, rindo.

— Claro que poderia! Você é uma mulher e tanto, Angel Webster, e eu...

— Rowena. O meu nome verdadeiro é Rowena Pearl Webster.

Incapaz de se conter, Angie caiu na gargalhada, no que foi acompanhada pela irmã.

— Eu juro que não conto para ninguém, Angel.

— É melhor não contar, mesmo. Quanto a Pecos, vá buscá-lo, hein?

— Vou, sim — Angie não estava querendo ir embora. — Você... Você viaja para a Inglaterra em julho?

— No dia vinte. Reggie arrumou tudo. Ele vai estar me esperando, no porto.
— Angel suspirou feliz. — Reggie foi antes, para comprar uma casa para nós. Ele é um homem rico e... Mas agora, chega, senão vamos ficar aqui até amanhã.

— É verdade. Eu amo você. Não deixe de me escrever.

As duas se abraçaram apertado. No fim, Angel empurrou Angie em direção à porta, dizendo com os olhos cheios de lágrimas:

— Dê o fora daqui, Angie Webster!

— Está bem, Angel Webster.

Com mais um beijo rápido na irmã, Angie saiu e subiu apressada na carruagem.

CAPÍTULO XXXVIII

Pecos passou a gravata de seda negra sob o colarinho da camisa branca. Mordendo o lábio inferior, ergueu o queixo e deu o laço com todo cuidado. Quando estendeu a mão para o paletó, Reno entrou correndo pela porta da frente, exibindo o dente de ouro m sorriso aberto.

— Estou quase pronto, Reno. Temos de sair logo, se querem estar na igreja ao meio-dia. — Ele examinou o sorridente mexicano. — Jesus, você está tão feliz, que até parece o noivo! O que foi que aconteceu?

— Olhe!

Com os olhos escuros, brilhando no rosto, Reno entregou a Pecos um envelope lilás. Pecos pegou-o com indiferença, verificou o carimbo do correio, o nome do remetente e jogou-o sobre a cama.

— Não vai ler? É de Angie, Pecos!

— Mais tarde talvez eu leia.

Dando as costas ao amigo, Pecos pegou o casaco com mãos tremulas e vestiu-o. Quando se virou, não mostrava nada da turbulência que o sacudia, no íntimo.

O sorriso feliz desapareceu do rosto de Reno.

— Você, meu amigo — ele anunciou solenemente —, é um grau de tolo.

— Não, Reno, eu era. E nunca mais voltarei a ser. — Passando pelo outro, Pecos saiu para o brilhante sol da manhã.

— É melhor irmos, se queremos ver José e Rosalinda se casar.

Bonita e sorridente, Rosalinda Topia desceu a nave da igreja da Santíssima Trindade, para se tornar a esposa de José Rodrigues. Família e amigos reuniram-se

para abençoá-los, depois da breve cerimônia. Pecos e Reno estavam parados nos degraus da igreja, conversando com Pedro, o pai de José, quando uma linda mulher morena saiu da igreja. Os três se viraram para vê-la, mas foi o coração de Reno Sanchez que disparou. A tal ponto, que ele não conteve um suspiro de decepção, ao ver três menininhas saírem atrás dela, chamando-a de *Madre*.

Como não se escutasse as vozes das filhas, a mulher sorriu para Reno, os olhos escuros expressando um fogo inconfundível. Adiantando-se, Pedro Rodriguez apresentou-a galantemente como *Dona* Magdalena Torres, uma encantadora viúva, prima da noiva.

— *Senora* Torres — Reno murmurou, levando a mão dela aos lábios.

Ele nem viu quando Pecos ou Pedro se afastaram. Sua atenção estava totalmente concentrada naquela linda mulher, uma viúva com três filhinhas, que morava na Vila de El Sueco, para onde deveria voltar, dentro de alguns dias.

— Ah, *si...*

Reno sorriu, com os olhos fixos nos dela. Já sabia que *Dona* Magdalena Torres não voltaria para Vila de El Sueco. Ele não deixaria. Na verdade, nunca mais permitiria que ela saísse de debaixo de seu olhar.

Pecos sorria quando chegou a sua cabana em Buenaventura, depois da festa de casamento. Passara a tarde inteira observando seu melhor amigo transformar-se num pretendente ciumento e possessivo da encantadora *Dona* Magdalena Torres. Na sua opinião, logo estaria novamente na igreja para testemunhar o casamento de Reno com a linda viúva.

Soltando a gravata, Pecos tirou o paletó e jogou-o em cima da cama. Seus olhos pousaram no envelope lilás. Fitando-o como se fosse uma cobra, começou a desabotoar a camisa.

Mas não agüentou e inclinou-se para pegá-lo, deixando-se cair sobre uma cadeira próxima.

Durante um minuto inteiro Pecos equilibrou o envelope sobre o joelho, sem saber se o abria ou não. Gotas de suor porejaram seu lábio superior, enquanto ele estudava a escrita feminina. Diante dele ergueu-se a imagem de Angie, enrodilhada sobre a cama, com a caneta na mão, escrevendo a carta deliciosamente perfumada.

Com um músculo saltando no queixo, Pecos pegou o envelope e jogou-o num cinzeiro de vidro, quase cheio de pontas de cigarro. Acendendo então um fósforo, aproximou a pequena chama papel perfumado e observou o fogo consumir as palavras escrita com tanto amor e carinho.

— Não — gritou de repente, puxando a carta do cinzeiro. Aflito, bateu a mão sobre o envelope e extinguiu as chamas rapidamente, mas o frágil papel lilás, já tinha virado cinzas. O q teria Angie escrito ali?

A cinza quente esfriou na palma de sua mão trêmula. Relutante, ele abriu os dedos e deixou que caísse ao chão. Então, inclinou-se para a frente e enterrou o rosto nas mãos.

Quando, afinal, ergueu a cabeça, Pecos correu os olhos pelo quarto. O que desejava estava lá, sobre a mesinha ao lado da cama. Uma garrafa de *Bourbon* quase cheia. Pegando-a, ele tomou um grande gole. Em seguida, sem soltá-la, enxugou a boca com a manga da camisa e foi até a porta da frente.

A noite estava caindo. Logo, uma enorme lua cheia apareceria no céu mexicano. Era uma noite feita para o romance. Pacos amantes. Melancólico, ele se sentou nos degraus do chalé levou a garrafa aos lábios. Mas a bebida não diminuiu sua solidão.

— Eu não preciso dela. Não preciso dela e não a quero. Sou um homem rico. Posso ter a mulher que desejo — quase gritou.

Seus olhos ardiam. Ele piscou várias vezes, esfregando-os com as costas da mão. Sem dúvida, era a bebida forte que os fazia lacrimejar.

Toda vez que a correspondência chegava a *Del Sol*, Angie fingia uma calma que estava longe de sentir. Desde que mandara carta para Pecos, esperava uma resposta.

Mas a resposta nunca vinha.

Os dias se transformaram em semanas, e ela foi obrigada a enfrentar a dura realidade: Pecos não ia responder. Quando o mês quente de julho substituiu junho, teve de se resignar. E desistiu de Pecos, como perdera a esperança de ver a chuva cair. Mais uma vez, *Tierra dei Sol* era castigada por uma seca terrível.

Cada dia era idêntico ao último: claro, sem nuvens, quente e seco. Nos pastos, o capim logo secou. Deixando o sofrimento pessoal de lado, Angie gastava todo o tempo e energia tentando resolver os problemas de *Del Sol*. Com um chapéu de abas largas protegendo o rosto do sol escaldante, ela saía a cavalo para avaliar as perdas, todos os dias. O que encontrava, sempre fazia aumentar seu desespero.

O gado, com as costelas aparecendo sob o couro empoeirado, reunia-se junto aos poços secos, sedento e atordoado. Bezerros fracos demais para andar caíam sobre o chão rachado pela seca, incapazes de dar mais um único passo. Animais doentes e às portas da morte jaziam entre os ainda capazes de se manter em pé, rodeados por abutres e moscas, à espera de suas carcaças. Dúzias morriam diariamente, apesar dos esforços que Angie e os vaqueiros faziam, para salvá-los, levando-lhes água e comida. Além disso, os vaqueiros queimavam os espinhos dos cactos que se espalhavam pela paisagem empoeirada, oferecendo alimentos de emergência às reses mais necessitadas.

Foi numa dessas desalentadoras cavalgadas que Angie percebeu, pela primeira vez, que aquela terra havia se tornado uma parte dela. Com uma sensação

bem próxima do choque, correu os olhos em torno e reconheceu, no fundo do coração, que afinal se tornara uma texana.

Não sabia ao certo quando ou por que, mas acontecera. Sua cabeça latejava das longas horas passadas sob o sol escaldante e sua garganta estava seca e doída do pó. Estava exausta, mas mesmo assim, enquanto cavalgava para casa ao fim da tarde, sentiu que pertencia àquele lugar, que era lá que queria passar o resto de seus dias.

Diante dela surgiu a sede espaçosa da fazenda, de adobe rosado, com as vigias falando da selvageria do passado e as paredes grossas transformando-a numa fortaleza contra todos os elementos: um verdadeiro oásis no deserto. Atrás dela, os picos imponentes das Montanhas Davis erguiam-se orgulhosamente em direção ao céu. E por toda parte, estendia-se a terra árida e desprovida de árvores, que um dia julgara tão feia e imprestável.

Não era mais assim. A terra orgulhosa e selvagem adquirira uma beleza única, a seus olhos. Mesmo sob o sol escaldante, tinha um fascínio todo próprio, desafiando-a a ficar, sobreviver e florescer, contra todos os riscos.

E era exatamente isso que Angie Webster McClain pretendiam fazer. Ficaria naquela terra selvagem e primitiva até seu último dia,, quando a enterrariam debaixo dela. Era o único lugar, no mundo, em que queria estar.

Angie ergueu queixo, protegendo os olhos para ver o pôr do sol. Um sorriso triste surgiu em seus lábios. O que tornava aquela parte do mundo tão atraente, para ela, era o fato de lembrar o texano selvagem e orgulhoso, que nunca se afastara de seus pensamentos.

Que assim fosse então.

Pecos beijou a noiva e abraçou o noivo afetuosamente.

— Parabéns, amigo. Você é um homem de sorte: Que tenham uma vida longa e feliz, juntos.

Sorridente, Reno passou um braço pelos ombros da esposa, enquanto batia nas costas de Pecos.

— *Gradas*, Pecos. Tem certeza de que não vai ser muita amolação cuidar das meninas, esta noite?

— De jeito nenhum. Vocês dois merecem uma noite sozinhos. Certo, garotas?

— E ele sorriu para as três garotinhas, que riam, felizes, ao lado da mãe.

— *Si*— todas concordaram. — Nós vamos passar a noite com Pecos.

— Quero que sejam muito boazinhas, ouviram? — a nova *Se-nora* Sanchez disse às filhas, abraçando e beijando cada uma delas. Depois com um sorriso meigo, voltou-se para Pecos e beijou-o. — Pecos McClain, você é um homem maravilhoso. Um dia, Reno e eu tomaremos conta dos seus filhos, para que você e sua esposa tenham umas férias românticas.

Pecos não replicou a isso. Sorrindo com indulgência, limitou-se a dizer:

— Até amanhã, então.

Menos de uma semana depois, numa colina rochosa nos arredores de Buenaventura, Reno, Magdalena e as meninas partilhavam uma cesta de piquenique, no local de sua futura casa. Reno tinha acabado de se deitar sobre a grama, quando ouviu o som de um cavalo se aproximando. Sentou, e examinou o cavaleiro que chegava.

Pecos pulou da sela, sorrindo e caminhou para a alegre família. Reno levantou-se para cumprimentá-lo e logo viu, pela expressão do amigo, que ele estava de partida.

— Vim me despedir — anunciou Pecos, rodando o Stetson entre os dedos.

— Não! — exclamou Magdalena. — Não vamos permitir que se vá, Pecos!

— Amigo, você vai para...

— Não sei para onde vou, Reno. Talvez eu até volte, dentro de alguns dias. O problema é que preciso de uma mudança. Acho que vou até Paso. Depois... Quem sabe?

A família Sanchez acenou em despedida, até o cavaleiro desaparecer na estrada. Passando o braço pela cintura da esposa, Reno beijou-a na testa e murmurou:

— Sinto pena de Pecos. Ele não é um homem de sorte, como eu.

Magdalena ergueu o rosto para o esposo e disse:

— Pecos é um homem muito só. E isso é ruim. Eu gostaria tanto de...

— Ah, *mi querida*, ele é que tem de resolver esse problema. — Reno sorriu.

— Agora, esqueça-se de Pecos e dê um beijo em seu marido.

Depois de um rápido olhar para as garotinhas, que brincavam aos alicerces da nova mansão, Magdalena fez a vontade do marido.

Cansado e suado, com a barba por fazer cocando horivelmente, Pecos entrou em Paso dei Norte quando o sol de julho brilhava com força total no céu. Puxando o chapéu para frente, para melhor proteger os olhos, ele examinou a calçada de madeira, diante do Hotel Pearson.

Sua letargia sumiu como que por encanto. Tornou a empurrar o chapéu para trás e piscou sob a luz brilhante do sol. Sua reação foi tão abrupta, que puxou involuntariamente as rédeas, fazendo o cavalo relinchar, em protesto. O som chamou a atenção da moça loira, que acabava de sair do hotel. Inclinando a sombrinha de tafetá amarelo para o lado, ela ergueu o rosto para fitar o cavaleiro.

Pecos engoliu em seco. Os olhos cinzentos se arregalaram, pois se estreitaram

perigosamente. Ele gritou o nome dela tão alto, que pessoas em ambos os lados da rua poeirenta pararam para olhá-lo.

— Angel!

CAPITULO XXXIX

Pecos acomodou-se no sofá de veludo azul, da suíte de Angel, no Hotel Pierson. Por toda parte havia malões cheios de vestidos, sapatos e objetos de uso pessoal da moça, prontos para serem embarcados. Dentro de mais um dia, Angel Webster sairia de Paso dei Norte.

— Você teve sorte, Pecos McClain. Mais um dia e eu estaria longe daqui. — Com as mãos nos quadris, Angel examinou o homem moreno, que a fitava boquiaberto. Um riso gostoso escapou de seus lábios e ela saiu da saleta, dizendo por cima do ombro: — Espere aqui, Pecos. Tenho algo para lhe mostrar. Vai ajudá-lo a entender o que vou lhe contar.

Quando Angel voltou e estendeu a fotografia para ele, Pecos continuou com as mãos sobre os joelhos. Não estava entendendo nada e não tentou esconder sua confusão.

— Pegue a foto, Pecos — mandou Angel, sentando-se ao lado dele.

Aproximando a foto do rosto, os olhos de Pecos fixaram-se, surpresos, nas duas moças loiras e sorridentes, lá retratadas.

— Meus Deus, é... Você...

Com um sorriso meio incerto nos lábios, Pecos examinou a foto. Fora tirada por um fotógrafo profissional, quando Angie visitara Angel. Nela, as duas garotas sorridentes olhavam diretamente para a câmara, sentadas num sofá, de mãos dadas.

A garota da esquerda estava com o mesmo vestido que Angel agora usava. A da direita trajava um vestido decotado e de mangas bufantes, que Pecos se lembrava de ter visto emoldurando a beleza delicada de sua amada, numa noite quente de verão, quando acabara de reunir o gado da fazenda.

Erguendo os olhos para Angel, perguntou:

— De que cor era este vestido?

— Verde esmeralda. Igualzinho aos olhos de Angie.

O sorriso dele alargou-se.

— Angel! Você não faz idéia do quanto tenho sido tolo.

— Faça, sim. E minha irmã está de coração partido, por causa disso.

Pecos fitou de novo a foto, e o sorriso desapareceu de seu rosto. Acariciando

com o polegar a imagem de seu amor, com tristeza:

— Eu seria capaz de cortar o meu braço direito, se com isso pudesse mudar o que andei fazendo a ela.

Angel riu, dando-lhe um tapinha encorajador no ombro.

— Acho que não vai ser necessário. Além do mais, você vai precisar de dois braços para abraçar minha irmã, quando voltar por ela.

Mais uma vez, os olhos cinzentos deixaram a foto.

— Não posso ir para casa. Angel, você não sabe o que eu... Voe não imagina o que...

— Eu sei de tudo o que você fez a Angie, bonitão. Posso até achar que você não vale nada e não merece a minha irmã, mas bobinha está apaixonada por você e não será feliz enquanto não tiver.

Gorando, Pecos perguntou:

— Você sabe como eu...

— Querido, eu sei mais do que você. Ainda tenho umas coisinhas para lhe contar. Minha irmã pode ser muito educada para tocar em certos assuntos, mas eu não sou.

Levantando-se, Angel ajustou o vestido em torno dos quadris. Pela primeira vez, Pecos notou que ela era um pouco mais cheia que a mulher que tivera nos braços, em *Del Sol*. A voz também era mais grave, e as feições, não tão delicadas.

— Agora, fique quieto e ouça. Quando eu terminar, se você tiver um pinga de juízo nessa cabeça arrogante, vai tomar o primeiro trem que sair para Marfa.

Andando de um lado para o outro, Angie falou sem parar, durante meia hora, enquanto Pecos ouvia, boquiaberto.

A cada novo fato revelado, mais tolo ele se sentia. Quando Angel lhe disse sem rodeios, que ele havia tirado a virgindade de Angie ficou chocado. Mas não tão chocado como ficou, quando ela o informou de que Barret McClain jamais conseguira dormir com Angie.

Pecos ainda saboreava essa notícia deliciosa, quando Angel parou diante dele e anunciou:

— Há ainda uma coisa que eu acho que você deve saber, Pecos. Angie na certa terá um ataque, se souber que eu lhe contei, mas eu acho que você tem o direito de saber.

Ainda atordoado pelo que ouvira daquela moça honesta e prática, irmã gêmea da mulher que amava Pecos não conteve a incredulidade quando ela, com toda calma, revelou que ele próprio não era filho de Barrett McClain.

— Meu querido futuro cunhado, você é meio espanhol. Ao que parece, sua linda mamãe teve um caso glorioso com um aristocrata da Cidade do México. O resultado foi você, meu amigo, e eu diria que seus pais podem ficar orgulhosos do que produziram.

Rindo gostosamente, Angel encheu dois copos de *Bourbon* e entregou um ao atônito Pecos. Ele ingeriu tudo, de uma só golada.

— Quer dizer que eu não...

Pecos interrompeu-se, começando a rir. E riu, riu e riu felicíssimo por saber que não era filho daquele homem hipócrita e cruel, que ele nunca respeitara. Um homem sem escrúpulos, que jamais lhe dera um mínimo de amor.

Angie acordou para outro dia claro e sem nuvens. Suspirando com desânimo, jogou os cabelos para trás e levantou-se, indo até a janela. Tinha esperanças de ver algumas nuvens reunindo-se no horizonte, mas não havia nenhuma. Seria mais um dia quente e abafado de verão, pois o sol já se erguia, aquecendo a terra seca e rachada.

Angie vestiu-se, tomou um rápido café da manhã e saiu para a cavalgada matinal. Perto do meio-dia, algumas nuvens começaram a se agrupar no céu, mas ela nem notou. Ao voltar para casa, ao meio-dia, o grupo de nuvens já lançava uma enorme sombra sobre o chão. Surpresa fitou o céu e sentiu uma pontada de esperança. Talvez ainda chovesse.

Angie dormiu um pouco, depois do almoço. Ao acordar, saiu para o pátio e notou que as nuvens tinham aumentado bastante. Sombreando os olhos com a mão, ela murmurou uma breve oração. Talvez chovesse afinal.

Ao fim da tarde, o ribombar de um trovão quebrou o silêncio da biblioteca, onde Angie estudava urnas contas.

Assustada, ela se levantou de um salto e abriu as cortinas, para olhar para fora. No momento seguinte, com um sorriso excitado nos lábios, correu para o pátio. As nuvens já encobriam o sol.

Foi quando jantava com a Srta. Emily que Angie viu o primeiro clarão de um relâmpago. Vendo sua expressão esperançosa, Emily sorriu e anunciou:

— Vamos ter tempestade, esta noite.

— Será?!

— Sem a menor dúvida, meu bem. Passei minha vida inteira aqui e sei o que digo. Dentro de algumas horas, esta seca vai acabar.

Logo após o jantar, Emily foi para seu quarto. Angie, excitadíssima, só resolveu deitar-se quando o céu assumiu um aspecto escuro e ameaçador. Despindo-se, ela tomou um banho demorado, esfregando-se inteiramente com um sabonete perfumado. Ao sair da banheira, enxugou-se e foi até a cômoda, atrás da camisola cor

de champanhe que comprara numa loja fina de San Antônio e nunca usara.

Com um sorriso nos lábios, tirou a linda camisola da gaveta. Uma exclamação abafada morreu em sua garganta. No fundo da gaveta estava a caixa de música que Pecos trouxera para seu quarto, na primeira noite em que tinham feito amor.

Angie pegou a caixinha e escorregou para o chão. Lentamente, ergueu a tampa de madrepérola, e a música suave e tilintante espalhou-se pelo ar, enquanto o minúsculo par levantava-se para dançar.

Angie deixou a música tocar e foi vestir a camisola, ajeitando-a nos quadris e em volta dos seios. O tecido rendado envolveu-a até os pés, tocando ligeiramente sua pele sensível. Com ar sedutor, ela se pôs a dançar ao ritmo da melodia suave, recordando a primeira vez em que a ouvira. Ergueu os braços e soltou os cabelos, deixando que caíssem sobre os ombros e as costas nuas, num contato gostoso que aumentou o prazer proporcionado pela camisola, a música e a tempestade que se formava.

Angie parou de dançar e cruzou o quarto, abrindo as portas que davam para o pátio. Imediatamente foi atingida pelo cheiro característico de chuva. Algumas gotas já caíam sobre o chão de pedras da varanda, a seus pés. E os relâmpagos pareciam tão próximos, que ela se assustou. Uma lufada de vento ergueu as cortinas, colando a camisola de renda a seu corpo.

Angie estremeceu e fechou a porta, recostando-se no batente. Seu coração batia forte e ela sorriu tolamente, ouvindo o desabar da tempestade. Estava cheia de esperança, desejo e excitação.

A terra devastada pela seca estendia-se, árida e triste, até onde a vista podia alcançar. Pecos mal notou. Sozinho em sua cabine no trem tinha as pernas estendidas diante de si e as mãos cruzadas sobre o estômago. Não olhara uma única vez pela janela, desde que embarcara em Paso dei Norte. Só uma pessoa enchia seus pensamentos, naquela tarde quente e empoeirada: Angie.

As revelações de Angel não lhe saíam da cabeça. Um sorriso largo e feliz surgiu em seus lábios, mas foi logo substituído por um gemido de tristeza e arrependimento. De todas as lembranças que tinha, a que mais o atormentava era a da noite quente de verão, quando entrara no quarto de Angie e fizera amor com ela, pela primeira vez.

Que estúpido e insensível fora! Como não percebera o que agora era tão evidente? A expressão chocada dos adoráveis olhos verdes, as lágrimas, o esgar de dor e enrijecimento do lindo corpo sob o seu, quando a possuía com brutalidade, diziam tudo. Angie era virgem, e ele a tomará sem a menor delicadeza, jogando-lhe dinheiro aos pés e chamando-a de vagabunda. Como pudera ser tão cego e tolo? Não reconhecera a verdade, nem quando voltara ao quarto e descobrira as gotas de sangue em seu corpo.

Pecos meneou a cabeça morena. Não podia mudar o passado, só evitar as falhas do futuro. Otimista, afastou as lembranças e começou a fazer planos. Agiria certo, desta vez. Voltaria a *Del Sol* e imploraria a compreensão e o perdão de Angie. Desnudaria a alma, reconhecendo que fora um grande tolo, e tentaria persuadi-la a lhe dar outra chance.

Conseguindo isso, seria o mais gentil dos cavalheiros. Faria o possível para não forçá-la. Na verdade, nem tentaria roubar um beijo ou um abraço. Seria o pretendente atencioso que ela merecia, visitando-a em datas combinadas previamente e levando-a a festas, danças e piqueniques. Mandaria flores, convidaria para passeios ao luar, de mãos dadas, e não lhe pouparia elogios. Seria paciente, honrado e manteria sua maldita paixão sob controle.

O tempo que levaria para conquistá-la não tinha a menor importância. Não a apressaria em nada, iria num passo lento e respeitoso, cortejando-a como um homem deve cortejar uma jovem meiga e de caráter irrepreensível. Nunca mais faria algo que pudesse chocá-la ou feri-la. E se tivesse de esperar um ano ou até mais, antes que ela o favorecesse com um beijo, tudo bem. Ele esperaria.

Pecos levou um susto quando Willie, o condutor, bateu na porta de sua cabine e anunciou que Marfa era a próxima parada. Em vinte minutos, estaria na estação.

Olhando pela janela, notou as nuvens de tempestade cobrindo o céu e as montanhas, a distância.

Pecos respirou fundo, sentindo o cheiro de chuva. A noite caía, mas já estava perto da fazenda. O clarão de um relâmpago iluminou o céu, tornando-o claro como se fosse dia. Por um instante, a casa tornou-se visível, e seu coração saltou no peito. Estava chegando.

Quando Pecos passou pelos portões de *Tierra dei Sol*, o vento já estava bem mais forte. Enormes gotas de chuva atingiram-no no rosto, e ele olhou para o alto, empurrando o chapéu para trás e sorrindo.

Ia ser uma tempestade e tanto. A terra sequiosa seria lavada pela chuva; a água cairia com força, durante a próxima meia hora. E talvez continuasse a cair pelo resto da noite, se tivessem sorte. Seria maravilhoso passar a noite tempestuosa com sua linda Angie!

Rindo, Pecos esporeou o cavalo. Estava ali, pensando em abraçá-la, quando prometera a si mesmo que esperaria pacientemente até o fim dos tempos, se fosse necessário. Um relâmpago brilhou acima de sua cabeça, dividindo-se em vários outros, e ele pôs o cavalo a galope na direção dos estábulos. Uma árvore despedaçou-se e caiu em seu caminho, atingida por um raio. Em pânico, o cavalo empinou.

— Calma, garoto, calma!

Pecos acariciou o pescoço do animal, tentando tranquilizá-lo. Não estava com medo, mas tremores de excitação sacudiam-no, cada vez que um relâmpago

iluminava o céu. Os trovões ribombavam cada vez mais alto, e o cheiro de cacto espalhava-se pelo ar. O vento ganhava força, atingindo seu rosto e colando as roupas a seu corpo.

Pecos entregou o cavalo a um vaqueiro sorridente, e caminhou para casa. Não viu luz em nenhuma janela, embora ainda fosse cedo. Um pouco desapontado, disse a si mesmo que era até bom. Estava sujo e cansado, precisando de um banho e uma boa noite de sono. Esperaria a manhã seguinte para avisar que estava em casa. Não havia necessidade de incomodar ninguém, naquela noite tempestuosa. Entraria em seu quarto através do pátio, sem nem mesmo chamar um dos criados.

O som de seus passos na varanda foi encoberto pelo barulho do vento e dos trovões. Ele deu a volta à casa, sem perceber que escolhera o caminho mais longo para o seu quarto. Um caminho que o faria passar em frente aos aposentos de Angie.

Pecos tirou um cigarro do bolso e parou para acendê-lo, usando as mãos em concha para proteger a chama do fósforo. Quando terminou, nem precisou apagar o fósforo, pois o vento encarregou-se disso.

De repente, seu coração disparou. Estava exatamente em frente às portas do quarto de Angie. Lentamente, girou nos calcanhares e parou. Lutou contra a vontade intensa de dar dois passos e bater àquela porta.

Estaria Angie lá dentro? Dormindo ou acordada? Ficaria contente em vê-lo?

Pecos gemeu indeciso. Não podia perturbá-la. Não tinha o direito de invadir-lhe a privacidade. Teria de esperar até a manhã seguinte.

Ainda assim, não saiu de onde estava com os olhos fixos na porta à sua frente.

CAPÍTULO XL

Uma forte lufada de vento invadiu o pátio e atingiu as portas do quarto de Angie, abrindo-as abruptamente.

Ela girou nos calcanhares, a escova de prata numa das mãos e a outra segurando os cabelos. Uma exclamação abafada escapou de seus lábios, quando o viu em pé, diante dela.

— Pecos!

Incrédula, correu os olhos pela silhueta viril, delineada contra o céu iluminado pelos relâmpagos. Com o chapéu inclinado sobre os olhos, ele tinha a camisa desabotoada até o meio do peito e perneiras de couro sobre a calça de brim. Estava com os braços soltos ao longo do corpo e as mãos cobertas por luvas.

— Pecos — ela repetiu, acariciando-o com o olhar. Sentia vontade de gritar de alegria. Pecos estava em casa. Ele voltara para *Del Sol*.

Mas... Teria voltado para ela?

Pecos apertou o cigarro entre os dentes. Angie estava a menos de dois metros de distância. E linda de tirar o fôlego, numa camisola de renda, sem nada por baixo. O vento jogava o frágil tecido de um lado para o outro, descobrindo-lhe as pernas e os pés, pequenos e delicados. Os cabelos dela, longos e brilhantes, escondiam o seio esquerdo, mas o direito estava completa e provocadoramente à vista, com o mamilo rosado erguendo-se de encontro ao corpete justo da camisola.

O vento do deserto, soprando com mais força, colou a camisola ao corpo de Angie. A depressão do umbigo e o triângulo, de pêlos escuros, mais abaixo, fizeram o sangue latejar nas têmporas de Pecos. Todas as explicações que pensara dar a ela, todas as auto-recriminações, todos os pedidos de perdão e os votos de cortejá-la fugiram-lhe da cabeça. Como sempre, quando os dois estavam no mesmo cômodo, tudo que dizia respeito ao mundo, à vida e ao dia-a-dia desapareceu, restando apenas a necessidade elementar de um homem por sua companhia.

E o que mais havia?

Com olhar ardente, Pecos jogou o cigarro longe e tirou o chapéu, segurando-o por um instante junto à coxa. Então, o chapéu também se foi, levado pelo vento, descrevendo círculos cada vez menores. Nem Angie nem Pecos viram onde, afinal, ele foi cair.

Pecos deu um passo decidido para frente e Angie soltou o ar dos pulmões. Seus olhares se encontraram e se prenderam. Quando ele ergueu a mão enluvada em direção a ela, Angie deixou escapar uma exclamação de temor, mas não tentou recuar. Ele tomou-lhe a escova da mão e deixou o braço cair ao longo do corpo, murmurando:

— Meu Deus, como você é linda!

O som da voz grave e masculina, tão terna e, ao mesmo tempo, tão autoritária, encheu Angie de prazer. Um prazer tão grande que quase chegou a sufocá-la, ao ler, nos olhos dele, o que mais queria.

Pecos a amava. Era certeza. Ele a amava tanto quanto ela o amava. E a desejava demais. Voltara para reclamar o que lhe pertencia.

— Eu sou linda para você, Pecos. Eu sou sua. Inteiramente sua. Se a visão do corpo esbelto e feminino havia feito seu sangue

arder, ouvir a voz meiga e adorável falar de amor acabou com o controle de Pecos. Ardendo de paixão, ele reparou nos longos cabelos loiros, que giravam sedutoramente em volta do rosto dela e do seu. Impulsivamente segurou a barra da camisola de Angie, que o vento jogava para cima, e a levantou.

Angie de imediato reagiu, erguendo os braços acima da cabeça e esperando, trêmula de excitação, enquanto seu amado descobria seu corpo. Ele ainda segurava a camisola nas mãos enluvadas, quando Angie sentiu o calor daqueles olhos tomar

posse dela. O sangue latejou em seus ouvidos, enquanto esperava, o passo seguinte, completamente vulnerável sob a inspeção daquele homem excitante.

O vento aumentou, rugindo em volta deles e levantando no ar a camisola que as mãos masculinas ainda seguravam. Angie estremeceu. Pecos soltou a camisola. Antes que ela chegasse ao tapete, o vento tornou a erguê-la, jogando-a pelo quarto.

Com um suspiro de felicidade, Angie aconchegou-se a Pecos, quando ele puxou-a para junto de si e confessou:

— Eu ia lhe dizer tantas coisas! Tinha tanto para lhe contar primeiro...

Entendendo perfeitamente, ela o enlaçou pelo pescoço e sussurrou:

— Depois, meu amor. Depois.

Quando Pecos encostou os lábios aos dela, ambos gemeram d prazer. Ele a pressionou de encontro ao corpo com as mãos enluvadas, e lhe deu um beijo profundo, pois ambos estavam louco de saudade.

De olhos fechados, Pecos saboreou o momento, esquecendo-s de que estava vestido. Mas Angie, com o rosto voltado para o ai to, tinha perfeita consciência das roupas dele. A camisa que lhe cobria o peito friccionava seus mamilos rijos e sensíveis. A fivela de metal do cinto que ele usava arranhava sua pele macia e frágil. As perneiras de couro, que protegiam as pernas masculinas, machucavam seus quadris e coxas.

Angie poderia ter se afastado. Mas não o fez., Estava adorando a sensação estranhamente erótica do corpo dele, vestido, colado ao seu, inteiramente nu. As mãos de Pecos deslizavam de seus ombros para as costas. Com a respiração alterada e os olhos fixos nos seus, ele pronunciou as palavras que mais queria ouvir:

— Eu te amo. Te amo, doçura. Sinto tanto ter feito você sofrer.

Mais uma vez Pecos procurou a boca de Angie, tirando-lhe o fôlego com beijos ardentes. As mãos deslizaram para baixo, a rançando dela exclamações abafadas de prazer, ao alcançarem nádegas. Ela estava completamente entregue aos beijos e carícia. Confiante, continuava nos braços de Pecos, adorando as sensações que a avassalavam.

Por entre as pálpebras semicerradas, Angie vislumbrou vagamente o clarão de um relâmpago. Um trovão ribombou logo depois, mas ela não ouviu. Tinha os sentidos completamente presos ao homem que a beijava. Tinha as narinas tão cheias do cheiro dele, que nem notava o cheiro agradável das terras molhadas pela chuva. Estava tão consciente do corpo alto e másculo, colado ao seu, q nem sentiu as gotas de chuva que a atingiam. Como dar atenção à tempestade, quando o amante acendia-lhe o desejo?

Pecos pressionava-lhe as pernas. Angie beijou-o com selvageria, esfregando-se a ele em sua excitação. Não podia mais esperar. Abruptamente, fitou-o.

Pecos abriu os olhos sonhadores, fitando-a com ar interrogativo.

— Tire a roupa — Angie pediu.

Sorrindo, ele se inclinou, para tirar as perneiras. Só então percebeu que nem havia tirado as luvas.

— Ah, doçura! Desculpe. Mas por que você não... Puxando-lhe os botões da camisa, ela o interrompeu:

— Você não tem do que se desculpar, Pecos.

Olhos verdes, cheios de malícia, procuraram os dele. Angie ria. Rindo com ela, Pecos tirou as luvas e todas as outras peças de roupa.

Em segundos estava inteiramente nu; puxou-a para si e enterrou o rosto em seus cabelos. Um relâmpago iluminou o quarto, enquanto a chuva e o vento atingiam seus corpos abraçados.

De encontro ao rosto corado de Angie, ele apenas disse:

— Quero fazer amor com você.

Mais uma vez, beijou-a no pescoço, na boca, nos seios macios e arredondados, lindos e tentadores. Ouviu-a gemer, implorante, e não a fez esperar mais. Envolveu um dos mamilos com a boca, sendo recompensado com suspiros de aprovação. De repente, Pecos ergueu a cabeça e perguntou, num tom carregado de paixão:

— Posso levá-la para a cama, doçura?

Angie assentiu, com os olhos límpidos de desejo. Pela primeira vez, ele a chamou pelo verdadeiro nome.

— Angie! Minha Angie!

— Com adoração, fitou os olhos verde-esmeralda, brilhantes de felicidade, enquanto a levava para a cama.

A tempestade havia piorado, e pequenos granizos pipocavam no chão de pedra da varanda. Chovia e ventava muito lá fora. Mas tudo passou despercebido, quando Angie deitou-se de costas e estendeu os braços para Pecos. Ele a cobriu com o corpo, começando uma tempestuosa noite de amor. A primeira e violenta posse terminou mal começou. Num estado de excitação tão grande que exigia a satisfação imediata, 'eles se amaram num verdadeiro frenesi. E juntos experimentaram os primeiros espasmos do clímax sexual, gemendo de satisfação.

Mas isso foi só o começo.

A tempestade aumentou, com o vento do deserto atingindo proporções assustadoras. Os relâmpagos se dividiam no céu, iluminando o quarto, enquanto soavam trovões ensurdecedores.

Os amantes acompanharam a natureza em suas manifestações de amor. A

paixão crescia como a tormenta. Ambos queriam que o parceiro tivesse o máximo prazer e sentiam mais satisfação em dar do que em receber, como acontece com dois seres humanos que se amam realmente.

Angie, ainda ingênua em coisas de amor, queria que Pecos atingisse o prazer maior mergulhado em seu corpo. Pecos era um amante terno e atencioso, dando e recebendo muito, mas agora, pela primeira vez, tinha mais prazer em conduzir uma mulher ao êxtase do que em alcançá-la. Aquela moça frágil e confiante pertencia somente a ele e a ninguém mais, o que o enchia de uma satisfação que jamais conhecera. Nada no mundo se comparava ao prazer que sentia vendo-a gemer com suas carícias, completamente tomada pela paixão. Ele também estava totalmente apaixonado. Ao longo daquela tempestuosa noite de verão, Angie e Pecos se beijaram, acariciaram, uniram-se, cochilando e voltando a acordar, para de novo acariciar, beijar e amar.

A tempestade no deserto seria esquecida, mas a tempestade de paixão que os unia jamais deixaria de ser lembrada.

Nem Angie nem Pecos perceberam que seu amor produzira uma nova e preciosa vida. Nenhum deles desconfiou que, anos mais tarde, contemplando o filho bonito e sadio, trocariam sorrisos cheios de subentendidos, lembrando-se da noite gloriosa que o trouxera ao mundo.

Aquela noite tempestuosa e apaixonada fora um daqueles momentos raros na vida de uma pessoa, para jamais ser esquecidos.

- Feliz? — perguntou Pecos, num tom que era uma carícia.
- Humhum — ela murmurou. — Você me ama?
- Para sempre — prometeu ele, enquanto mais uma vez se uniam na volúpia deliciosa do amor.

Lá fora, a tempestade continuava a cair sobre o deserto.